

Organização:
Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto
Beleni Saléte Grandó

BRINCAR, JOGAR, VIVER

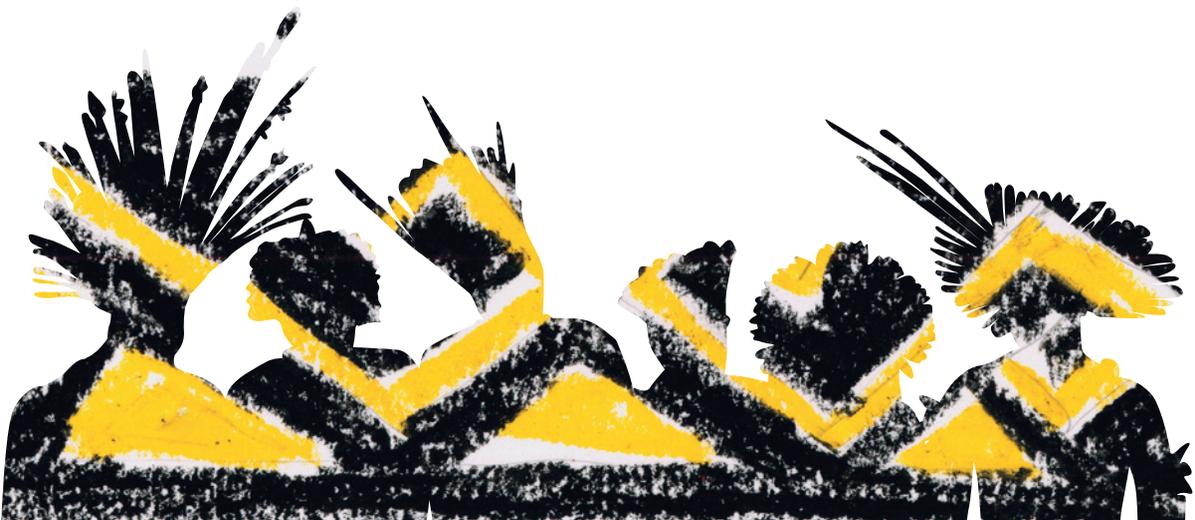
IX JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS





Organização do livro:
Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto
Beleni Saléte Grandó

BRINCAR, JOGAR, VIVER: **IX JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS**



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Esporte

Orlando Silva de Jesus Júnior

Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer

Rejane Penna Rodrigues

Secretário Nacional de Esporte Educacional

Julio Cesar Monzu Filgueira

Diretora do Departamento de Políticas Sociais de Esporte e de Lazer

Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer

Cláudia Regina Bonalume

Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte

Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer

Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

Coordenadora Geral de Eventos e Suprimentos

Secretaria Nacional de Esporte Educacional

Sílvia Regina de Pinho Bortoli

Assessoria de Comunicação

Carla Belizária Ferreira Viana

Anita Campos

Aldo Dias (Fotógrafo)

Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer SNDEL

SAN Qd. 03 • Lt. A • 1º Andar • Salas 1291, 1250 e 1268

Edifício Núcleo dos Transportes • DNIT

CEP 70040-902 • Brasília-DF

Fones: (61) 3429-6872/6835/6824

Organização do livro:
Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto
Beleni Saléte Grandó

BRINCAR, JOGAR, VIVER: IX JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS



Cuiabá/MT | 2009

Equipe responsável pelas entrevistas:

Adriana Karla Santos Wanderley;
Alexsandra de S. Pereira;
Ana Rochele;
Aracele Firmino;
Arthur José Medeiros de Almeida;
Beleni Saléte Grando;
Carla Juliana Silva;
Cícero Adriano Melo Figueiredo;
Débora Alice Machado;
Janine Furtunato;
Joicele Moreira;
Josuel Salvador de Arruda;
Juliana Cecília Juliane Suelen Gonçalves Rabelo Galvão;
Julian Alexandre de Araújo;
Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto;
Maria Leonilde da Silva Gomes;
Manuela Pedrosa Almeida;
Mariana Lins de Oliveira;
Patrícia Raffi Rodrigues;
Renata C. S. Lucena Borges;
Rúbia Rebeca Botelho Santos;
Sérgio Gomes Pena Santos;
Maria do Socorro Pereira de Souza;
Virgínia Limeira.

Equipe responsável pela transcrição das entrevistas e sistematização dos dados:

SNEDEL/Ministério do Esporte:
Leandro Casarin Dalmas;
Débora Alice Machado da Silva;
Andréia Meneses Silva Lopes;
Muriel de Carvalho Plautz.
COEDUC/Universidade do Estado de Mato Grosso:
Beleni Saléte Grando;
Neide da Silva Campos;
Claudio Ademir Casares da Fonseca;
Ronaldo Henrique Santana;
Eva Batista dos Santos Silva;
Maria Rita Silva Pereira;
Bruna Maria de Oliveira;
Elcione Trojan de Aguiar;
Arthur José Medeiros de Almeida (UnB).

Revisão de Textos:
Maristela Guimarães (Unemat)
Irene Baleroni Cajal (Editora Entrelinhas)

Ilustrações:
Claudio Casares

Design Gráfico:
Imara Pizzato Quadros

P659

Pinto, Leila Mirtes Santos Magalhães (org.).
Brincar, Jogar, Viver: IX Jogos dos Povos Indígenas./
Leila Mirtes Santos Magalhães, Beleni Saléte Grando (orgs.).
Cuiabá: Central de Texto, 2009.

ISBN: 978-85-88696-73-0

1.Povos Indígenas. 2.Jogos. 3.Viver Indígena. I.Grando,
Beleni Saléte (org.). II.Título

CDU 796 (=1-82)

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Coordenação Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Chefe de Arte Helton Bastos
Diagramação Ronado Guarim Tâques



Prefácio

Apresentar os Jogos dos Povos Indígenas brasileiros como parte de um contexto sociocultural no Século XXI é um desafio complexo. Ao mesmo tempo, é uma honra apresentar estes Jogos como um desdobramento do art. 217 da Constituição Federal de 1988, segundo o qual o esporte, em suas diferentes manifestações, é direito de todo cidadão e cidadã brasileiros. Direito que gera dever do Estado em fomentar práticas esportivas formais e não-formais, com estruturas relacionadas às especificidades de seus aspectos culturais.

Nesse sentido, o Ministério do Esporte, por meio da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer (SNDEL), vem se empenhando, nos últimos anos, em construir e implementar uma política pública diferenciada de esporte e lazer, não PARA os indígenas, mas COM os mesmos.

O resgate, a valorização e a difusão da cultura indígena são elementos necessários à preservação dos conhecimentos e das manifestações culturais advindas das mais de 220 etnias que vivem nas diferentes regiões do nosso País. São valores, ritos cotidianos que se apresentam no universo cultural das sociedades indígenas e que se manifestam em suas danças, cantos, pinturas corporais e em seus jogos esportivos que valorizam o lúdico, o brincar e a expressão de sentimentos como a alegria, essenciais para a qualidade de vida do ser humano e sua convivência social.

No Encontro propiciado pelos Jogos em novembro do ano de 2007 em Pernambuco, as semelhanças e identidades das diversas etnias chamaram nossa atenção: sua forma de ver e entender o mundo e a natureza (muita vezes tão diferente da maneira de ver dos não-índios), a simplicidade do dia-a-dia, a beleza e o colorido das pinturas, adereços e artesanato, a convivência com os “parentes” que moram longe...

Tudo isso faz com que os Jogos transcendam a sua própria realização enquanto atividade física e esportiva. A importância dos mesmos está para além da demonstração de força, habilidade, velocidade, destreza, cumprimento de regras, mas, sim, na cooperação, no respeito e na alegria dos participantes. Isso contagiou a todos os que tiveram o privilégio de estar acompanhando os jogos seja na condição de organizador, voluntário, pesquisador de Universidades brasileiras, representante de instituições governamentais, imprensa e público, que não se constituiu só de brasileiros, mas também com pessoas de outros pa-

íses como a Espanha, Itália, Estados Unidos e outros. Todos tiveram a oportunidade de conhecer e aprender mais sobre os indígenas brasileiros.

Acreditamos que o registro desta experiência histórica neste livro um é marco emblemático, dada a escassez de documentação e produção de conhecimentos sobre os Jogos dos Povos Indígenas, manifestação já tradicional em nosso País. Além disso, é pouco comum a publicação de avaliações das práticas destes jogos com registros na íntegra de “falas” de um grande número de indígenas participantes do evento, já que muitas vezes os registros realizados sobre os indígenas são feitos mais pela voz de indigenistas, políticos, historiadores, antropólogos e outros pesquisadores que falam como seus representantes.

Na presente obra, colocamo-nos abertos a ouvir e dar voz a todos que puderam expressar seus testemunhos e relatar um pouco do processo da construção da IX Edição dos Jogos dos Povos Indígenas. Isso porque a realização dos IX Jogos dos Povos Indígenas é uma das iniciativas de garantia do direito de promoção das manifestações esportivas entre os diferentes povos indígenas brasileiros, valorizando o universo cultural deste grupo social, bem como um passo importante na formulação e implementação de políticas públicas específicas para a garantia do acesso aos direitos sociais pelas populações historicamente excluídas dos mesmos, em nosso País.

Para isso, contamos com os melhores parceiros que poderíamos desejar: os irmãos Marcos e Carlos Terena, bem como o Comitê Intertribal. Estamos convencidos de que a base da política de esporte e lazer indígena, cujo processo estamos construindo, reside na confiança mútua adquirida de forma lenta e segura desde 2007. Precisamos valorizar o tempo e a história, buscando o equilíbrio, sem afetar aquilo que somos, reconhecendo a necessidade de aperfeiçoar e qualificar esta relação. Trabalhando firmemente neste propósito, aproveitamos as infinitas possibilidades de reajustes e aprimoramentos nas ações que fazem parte desta caminhada. Indígenas ou não-indígenas, somos, antes de mais nada, brasileiros. Nossas diferenças são, na verdade, nossa riqueza cultural e jamais inviabilizarão a convivência fraterna, o diálogo e o respeito que temos um pelo outro.

Assim, é com muita alegria que convidamos você leitor e leitora a rever conosco esse momento histórico tão significativo para as nossas políticas públicas brasileiras, cujo sucesso também foi alcançado graças ao trabalho coletivo realizado pelo Governo Federal (Ministério do Esporte, FUNAI/Ministério da Justiça, FUNASA/Ministério da Saúde, SECAD/Ministério da Educação e SID/Ministério da Cultura) junto com o Governo do Estado de Pernambuco e as Prefeituras de Olinda e de Recife.

Uma boa leitura a todos!

Rejane Penna Rodrigues
Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer
Ministério do Esporte



Apresentação

As comunidades indígenas brasileiras abrigam populações desprovidas de acesso a políticas públicas de esporte e lazer que devem ser garantidas a todas elas. Seus territórios estão intimamente relacionados às suas identidades, melhor dizendo, são espaços onde se dão as manifestações culturais do grupo, onde se encontram valiosas tradições e onde acontece a transmissão intergeracional de seu patrimônio material e imaterial. Conhecimento que se manifesta por meio de jogos, danças, cantos, rituais, produção artesanal, relação familiar, dentre tantas outras formas de manifestações.

Porém, por questões históricas, todo esse patrimônio não é suficientemente conhecido e reconhecido como uma das nossas maiores riquezas. Ao mesmo tempo, o país pouco sabe das especificidades das demandas e necessidades dos indígenas no que tange ao esporte e ao lazer.

Essas duas razões, principalmente, mobilizaram o Comitê Intertribal a criar e realizar os Jogos Nacionais dos Povos Indígenas desde sua primeira edição realizada em Goiânia, no ano de 1996. Motivos que fizeram com que os IX Jogos, centro das discussões do presente livro, fossem promovidos considerando como seu principal objetivo “resgatar e valorizar os jogos esportivos indígenas, promovendo congraçamento e intercâmbio entre as etnias participantes, fortalecimento da identidade cultural desses povos e confraternização digna e respeitosa dos índios com a sociedade não indígena.”

Ao longo desta história, o Ministério do Esporte, numa relação institucional com a FUNAI/Ministério da Justiça, por diversas vezes foi apoiador destes Jogos, entendendo sua relevância sem, contudo, considerar essa experiência como um marco para a discussão de uma política de esporte e lazer deste Ministério, que incluía os indígenas como seus autores e beneficiários.

Com esse sentimento, em 2007 o apoio do Ministério do Esporte aos IX Jogos Nacionais dos Povos Indígenas foi diferente. Em 19 de julho daquele ano, em reunião realizada no Rio de Janeiro com a participação dos Secretários Nacionais, Júlio Filgueira e Rejane Penna Rodrigues, além dos representantes do Estado de Pernambuco, Nelson Pereira (Secretário de Esporte) e George Braga, iniciaram-se discussões governamentais mais amplas com vista a definir um apoio institucionalizado aos Jogos com maior envolvimento do Governo Federal.

Naquela ocasião, o Ministério do Esporte definiu que o apoio aos Jogos, até então coordenado pela sua Secretaria Nacional de Esporte Educacional/SNEED, passaria no ano de 2008, a ser de responsabilidade da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer/SNDEL. Nessa transição, ficou acordado que, no ano de 2007, os encaminhamentos de organização e coordenação geral do evento, por parte do Governo Federal, já seriam da SNDEL, enquanto os encaminhamentos legais referentes ao gerenciamento orçamentário da ação ainda seriam pela SNEED.

Ao assumir essa responsabilidade, a SNDEL assumiu também o planejamento integrado com a SNEED e todos os parceiros envolvidos nos Jogos, especialmente o Comitê Intertribal, idealizador do evento. A ideia não foi apenas somar os esforços institucionais e organizacionais demandados pelos Jogos. Era preciso, sobretudo, conhecer as necessidades específicas desta realização, aprender sobre elas trabalhando com os indígenas e os apoiadores. Certamente o sucesso deste desafio dependia desta integração e da capacidade de os atores envolvidos, especialmente os que compunham as instâncias de coordenação, entenderem a proposta dos Jogos, se identificarem com ela e dialogarem muito, com muita abertura para ouvir e falar, como já mencionado pela Secretária Rejane no seu Prefácio.

Por isso, adotamos o modelo de Comissões conforme a natureza das atividades implicadas na ação, contemplando-as de forma descentralizada, diversificada e com o envolvimento, em todas as subcomissões, do Comitê Intertribal junto com os representantes das três instâncias governamentais apoiadoras: Governo Federal, Estado de Pernambuco e os Municípios de Olinda e Recife, onde os Jogos iriam se realizar.

A publicação da Portaria Ministerial n. 152, de 31 de julho de 2007, no Diário Oficial da União, criou a Comissão Organizadora dos IX Jogos Nacionais Indígenas, deflagrando várias reuniões em Brasília e Recife que passaram a tratar do planejamento, da execução e da avaliação da IX edição dos Jogos (transporte, alojamento, alimentação, infraestrutura/arena/campos, programação etc.).

No âmbito desta organização, foi constituída uma Subcomissão de Documentação e Avaliação, sob a coordenação do Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte/SNDEL e do Comitê Intertribal. Um de seus objetivos foi envolver os representantes institucionais implicados em observações e debates realizados ao longo de todo processo, por meio de reuniões periódicas de avaliação, com vista à qualificação do processo. Um segundo objetivo foi realizar entrevistas com os idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas, participantes indígenas e gestores apoiadores, buscando analisar o vivido e levantar subsídios para a implementação da Política Nacional de Esporte, considerando o atendimento das populações indígenas.

A gravação, degravação e organização dos dados registrados em todos esses momentos permitiram-nos não somente registrar a memória do processo de construção dos IX Jogos, como também analisar, especialmente, quatro aspectos essenciais destacados pelos organizadores e gestores: (1) viver da gestão compartilhada, (2) avaliação das relações, (3)

aspectos relevantes para a organização dos Jogos e (4) possibilidades criadas em todo o seu processo aspectos que orientaram a sistematização e organização dos dados coletados.

Nesse processo, foram muito marcantes as falas dos indígenas, homens e mulheres, com os quais dialogamos. Eles nos fizeram lembrar de muitos brasileiros com suas alegrias, sonhos, problemas diários e vontade de fazer algo para superar as dificuldades e valorizar suas identidades e práticas culturais. O conhecer mais sobre essas histórias, cujos extratos de falas estão registrados neste livro, aproximou-nos dos territórios indígenas e de parte da nossa história cotidiana que pouco ou nada conhecíamos.

As expectativas dos indígenas tornaram-se vivas para todos os representantes institucionais participantes desta avaliação, revelando um desejo de todos em reconstruir uma realidade, como se tivéssemos entrado de novo no cotidiano de muitos excluídos em nosso país. No entanto, dessa vez, não estávamos entrando na realidade indígena como meros curiosos, mas, sobretudo, como aprendizes e cidadãos corresponsáveis pela reconstrução desta história.

Para dar vida a este registro, organizamos o livro em partes que permitem leituras independentes e inter-relacionadas, aliando pesquisas documentais com falas na íntegra.

Nesta primeira parte, as apresentações colocadas apontam para fatores que gestaram o nascer desta produção. Na segunda parte, nosso diálogo é com os indígenas idealizadores dos Jogos e participantes dos IX Jogos. Parte de texto onde também conhecemos um pouco mais sobre: que jogos são esses? Que práticas corporais são vividas? Que etnias participaram deste evento em Pernambuco? O que os indígenas têm para nos contar sobre a participação de cada etnia? A terceira parte reúne avaliações desta IX edição dos Jogos Nacionais Indígenas realizada pelos participantes da organização do evento: indígenas, atachês, gestores, pesquisadores e público. Na quarta e última parte do livro, sintetizamos a avaliação dos pesquisadores da SNDEL e da Universidade do Estado de Mato Grosso, convidada a integrar a realização desta avaliação e a publicação desta obra.

Este trabalho somente foi possível dado o empenho de todos os pesquisadores/colaboradores participantes da Subcomissão de Avaliação e Documentação, que trataram de forma competente, cuidadosa e sensível tanto o levantamento de dados como sua transcrição e organização.

Esperamos que esta obra possa ajudar na leitura, compreensão e valorização das práticas indígenas, das revelações de seus territórios, do conjunto de suas heranças, limites a serem superados e possibilidades vividas, revelando construções sociais e culturais do povo brasileiro a serem cada vez mais valorizadas por todos.

Esta publicação também tem o sentido de contribuir com a ampliação de ações sistêmicas de esporte e lazer indígenas e a continuidade da realização dos Jogos dos Povos Indígenas como parte de uma política nacional que trata a questão indígena sempre com seriedade e respeito, revitalizando o seu patrimônio cultural.

Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte, Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer Ministério do Esporte, Representante do Ministério do Esporte na Coordenação da Comissão de Documentação e Avaliação dos IX Jogos Nacionais dos Povos Indígenas

Sumário

PARTE I

IX jogos dos povos indígenas: um brincar, jogar e viver indígena 15

1. O brincar, jogar e viver indígena:
os jogos para o comitê intertribal memória e ciência indígena 17
 2. Brincar, jogar e viver indígena: a memória do sonho realizado 20
 3. IX jogos dos povos indígenas: registro da memória 24
 - 3.1. A Cerimônia de Abertura 25
 - 3.2. O Fórum Social Indígena 25
 - 3.3. O Congresso Técnico 32
 - 3.4. As Práticas Corporais 33
 - 3.5. Atividades Competitivas 34
 - 3.6. Comissões de organização do IX jogos dos povos indígenas 2007 42
 4. Os povos indígenas participantes do IX jogos 44
- Referências bibliográficas 53

PARTE II

Avaliação do IX jogos dos povos indígenas 55

1. Ecos de um processo vivido na avaliação do IX jogos dos povos indígenas 57
2. As vozes indígenas 63
 - 2.1. Atividades e jogos tradicionais que ocorrem na aldeia 64
 - 2.2. Esportes preferidos na aldeia e como aprenderam 67
 - 2.3. Atividades para alegrar a aldeia 71
 - 2.4. Atividades preferidas dos homens, das mulheres, crianças e velhos 77
 - 2.5. Atividades do dia-a-dia 81
 - 2.6. Jogos com relação à natureza 83
 - 2.7. Importância das atividades para a saúde 85
 - 2.8. Transmissão da cultura 87
 - 2.9. Período em que acontecem as atividades na aldeia 92
 - 2.10. A importância dos jogos 94
 - 2.11. Onde acontecem as atividades 101
 - 2.12. Os conflitos e suas soluções 103

- 2.13. A seleção dos atletas 107
- 2.14. A preparação para os jogos 114
- 2.15. As regras dos jogos 119
- 2.16. O que se aprende com outras etnias 125
- 2.17. A participação nos jogos 128
- 2.18. A convivência com outros índios 131
- 2.19. O que poderia melhorar nos jogos 143
- 2.20. Avaliação dos jogos 152
- 2.21. As acomodações e alojamentos 158
- 2.22. Sugestões para os governantes 162
- 2.23. O que vai mudar na aldeia depois dos jogos 175
- 3. **As vozes dos organizadores 182**
 - 3.1. O viver da gestão compartilhada 183
 - 3.2. Avaliando as relações 185
 - 3.3. Aspectos relevantes para a organização dos jogos 187
 - 3.4. As possibilidades criadas 190
- 4. **As vozes dos voluntários 195**
 - 4.1. O trabalho voluntário do atachê 195
 - 4.2. A importância política, cultural e social dos jogos 198
 - 4.3. Dificuldades enfrentadas 201
 - 4.4. Superar dificuldades para planejar os jogos 204
 - 4.5. A experiência do trabalho com os indígenas 207
- 5. **As vozes dos participantes 211**
 - 5.1. A voz do pesquisador 211
 - 5.2. A voz do estudante 213
 - 5.3. A voz do público 216

PARTE III

IX jogos dos povos indígenas: avaliação institucional 225

- 1. O viver da gestão compartilhada 227
- 2. Avaliando relações 230
- 3. Aspectos relevantes para a organização dos jogos 232
- 4. As possibilidades criadas 239
- 5. Avaliação do IX jogos dos povos indígenas:
exercitando a síntese das discussões realizadas 246

PARTE I

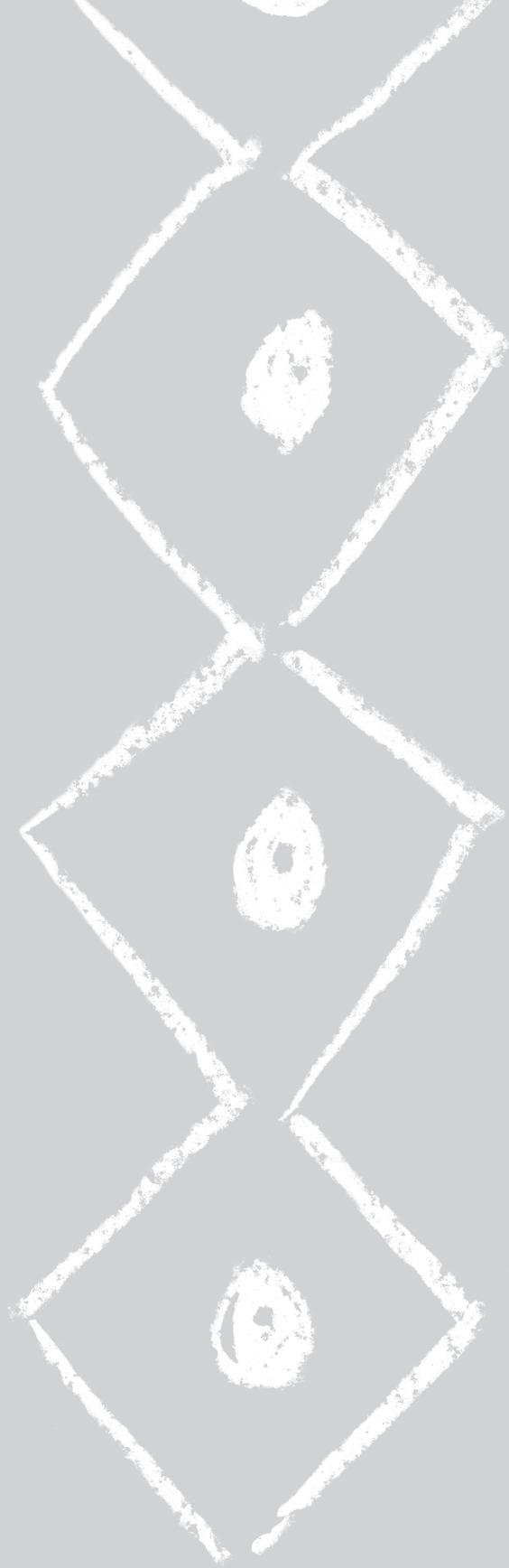
IX jogos dos povos indígenas: um brincar, jogar e viver indígena



“O importante não é ganhar, mas celebrar”.

Carlos Justino Terena

Idealizador dos Jogos Indígenas



1. O brincar, jogar e viver indígena: os jogos para o comitê intertribal memória e ciência indígena¹

Marcos Terena²

Quando se fala de índio, todo mundo pensa que os índios estão lá na Amazônia somente. Na verdade, estão todos perto de vocês, vizinhos, compartilhando esse território que um dia foi 100% indígena e que hoje temos que compartilhar com brancos, no sentido daqueles que não são índios. É interessante como no Brasil há várias origens: alemã, italiana, que hoje nos ensinam a cultivar hábitos tradicionais que fazem parte da cultura brasileira, fazem parte do nosso dia-a-dia cultural.

No Brasil, segundo os dados atuais da FUNAI Fundação Nacional do Índio, são mais de 460 mil indígenas que vivem no Brasil, sendo que se consideram mais de sessenta grupos não identificados, entre os quais os que não estabelecem contato com o não-índio e os que reivindicam reconhecimento étnico. Podemos então afirmar que são mais de 230 povos indígenas, mas que não podemos mais afirmar que não existiam indígenas no Rio Grande do Norte e no Piauí, pois hoje sabemos que grupos étnicos que historicamente foram calados para sobreviver, reclamam por direitos e reconhecimento.

Os índios brasileiros têm direito reconhecido de 11% do território brasileiro. Então nós temos terras indígenas muito extensas na Amazônia, temos os Yanomami, por exemplo, com 9 milhões de hectares. Em contrapartida, na região Sul, temos muitos problemas fundiários. Quem demarcou a terra, nos anos 50 e 60 do século XX, achava que os índios iam desaparecer ou se misturar, enfim, iam virar homens brancos, como chamamos. No entanto, aconteceu uma coisa diferente, os índios se organizaram, e, apesar de todo processo colonizador, não perderam a língua, não perderam os cantos, não perderam o referencial de sobrevivência tradicional e étnico. O ritual, a cantoria, a maneira de se expressar, as cores, os artesanatos, essas maravilhas permaneceram, então, quem pensou que o índio desapareceria no ano 2000 se enganou, ele não desapareceu, estamos nos organizando cada vez mais.

1 Texto tem por referência a publicação de Marcos Terena, sob o título: O esporte como resgate de identidade e cultura. Publicado na obra: *Cultura Corporal Indígena*. Org. Maria Beatriz Rocha Ferreira...[et al.] Guarapuava: Ed. UNICENTRO, 2003.(pág. 15-24). Texto retirado desta publicação organizada a partir do II Colóquio das Práticas Corporais Indígenas, realizado em 2003, em Guarapuava-PR, com a participação de Marcos Terena.

2 Idealizador dos Jogos dos Povos Indígenas junto com seu irmão Carlos Justino Terena.

Na questão dos Jogos Indígenas, quero dizer para vocês que foram 100% indígenas. Fomos nos “Jogos Escolares Brasileiros”, os famosos JEBS, para falar com o Ministro da Educação, para trazermos o índio e mostrar como ele é um bom arqueiro, para mostrar como atira flecha sem “doping”, sem anabolizante, deixa a gente atirar a flecha; isso aconteceu em São Paulo.

Na abertura dos Jogos Escolares, quando o índio flecheiro desceu na linha para fazer a demonstração, eu mesmo não conhecia esse índio, ele disse: “Pode por aqui mais de 50 metros”. Então, ele acertou uma melancia (alvo). Trouxeram uma fruta menor até chegar à maçã. Foi uma maneira de quebrar o conceito de esporte. Porque ele estava usando um arco tradicional, estava utilizando uma metodologia tradicional, mas com o objetivo que não era tradicional, porque lá na aldeia aquele índio não faz aquilo como esporte. Ele faz para acertar uma ave, uma anta, um peixe no meio do rio, que é mais difícil de acertar porque envolve a questão da ótica. Nós, a partir daquele momento, começamos a trabalhar esse conceito de Jogos dos Povos Indígenas.

Começamos com o Pelé, quando ele era Ministro do Esporte: “Pelé será que dá pra gente fazer uma Olimpíada?”. Queríamos usar a expressão “Olimpíadas”, juntando 30 povos dos 230 do Brasil. A primeira experiência foi na cidade de Anhanguera em Goiânia, lá aprendemos muita coisa com os próprios parentes indígenas. Cantamos o Hino Nacional um pedaço em português, para que todos cantassem, e outro em kaingang, foi uma índia de Londrina, uma professora bilíngue.

Então vem a entrada das equipes e cada equipe vem fazendo sua canção, vem fazendo sua cantoria, vem mostrando seu lado lúdico, suas pinturas, porque o objetivo é que os índios que participam dos Jogos Indígenas venham como competidores e também para resgatar a sua língua, sua identidade, como um pouco daquela nação e também para resgatar as suas cores, a sua identidade de povo indígena. A gente não se preocupa com o detalhe da idade, o mais velho vem também para fazer uma demonstração, para a sociedade não indígena, do significado de ser índio.

Quando falamos da “performance Indígena”, sabemos que os índios jogam. Por exemplo, os Kaiowa, do Mato Grosso do Sul, têm um índice de suicídio entre adolescentes muito grande, procuramos mostrar para aquela gurizadinha que tinha outra alternativa além do suicídio. Hoje, as meninas Kaiowa são campeãs de futebol feminino.

Na última vez (Jogos de Campo Grande), acho que foram 39 povos indígenas e, toda vez que fazemos esse evento, procuramos fazer num local onde tenha rio, tenha mata, onde a gente sabe que aquele índio precisa entender que ele está indo para a cidade não para ganhar de outro parente.

Antigamente, dizia “índio” e todo mundo achava que índio era tudo igual. Cada um tem sua forma de vida, forma de comer, de se vestir, e creio que os organizadores souberam abordar bem essa coisa de “expressão corporal” que define bem um índio do outro.

Nós temos nosso código de vida, de identidade, de sobrevivência. Dizem que quando “descobriram” a gente, nos separaram do povo brasileiro por dizerem que éramos incapazes

zes, “fiquem aí nas suas reservas, fiquem cantando, dançando, caçando, pescando e nós vamos cuidar de vocês”. Hoje, nós resolvemos que isso foi uma fórmula de anular nossa maneira de ser, um quarto, um parêntese, que hoje finalmente sempre foi indígena. Perdemos 5 milhões de índios, mais de mil línguas desapareceram, então, não abrimos mão do direito de sermos ‘povos indígenas’, de termos nossas terras demarcadas e agora o direito de sermos gente, iguais no processo brasileiro em todas as instâncias. Índio não significa perda de tempo, índio também tem deveres e direitos.

O importante é que aprendamos a nos respeitar mutuamente como nós somos: de origem polonesa, de origem alemã, italiana, indígena, negra, mas que é o retrato do Brasil que a gente pode contemplar muito bem. Para isso, a gente não vai conseguir fazer sozinho, é preciso que vocês sejam nossos aliados, grandes homens e grandes mulheres; o fato de termos nascido indígenas não significa discriminação, preconceito, mas o direito de lutarmos por objetivos comuns. Com o esporte, o velho esporte, nós vamos desobstruir o preconceito, a discriminação e valorizar o direito e a realidade de sermos índios brasileiros, acima de tudo, mas povos irmãos, mesmo com as diferenças.



2. Brincar, jogar e viver indígena: a memória do sonho realizado

Carlos Justino Terena³

Os povos indígenas do Brasil vivem competindo pela sobrevivência com os animais, pássaros e peixes, andando e percorrendo grandes distâncias nas matas e nos rios em busca de alimento, sempre mantendo uma íntima relação com os elementos da natureza. Quando um indígena nasce, dá seu primeiro mergulho no rio ou no lago. Depois, passa por várias etapas de iniciação até chegar à fase adulta, obedecendo aos ritos culturais de sua etnia. As manifestações culturais e práticas corporais sempre estarão ligadas aos elementos que compõem a ordem natural da sustentabilidade em seu ecossistema.

O lançar da flecha certa no Hipipi, o mergulho corporal no jogo do Jikunahati, o ajoelhar da disputa no Huka Huka, o cortar, carregar e correr com o tronco do buriti do Wuiede, o bater das bordunas no Ronkrân, o emitir dos sons das taquaras para o ritual do Kohixoti Kypahi, os movimentos e gestos corporais do Kuarup, compõem uma rica diversidade ritualística, que pode ser caracterizada como esporte e prática cultural.

Os Jogos dos Povos Indígenas surgiram das reivindicações das comunidades indígenas pela formulação de políticas públicas socioculturais e esportivas. Cobravam ações efetivas do governo e da sociedade civil organizada para a valorização e divulgação das manifestações de sua cultura, como a preparação de seus enfeites, plumários, desenhos, pinturas corporais, danças, cantos, instrumentos musicais e esportes tradicionais. A ideia não era somente mostrar esses elementos a toda sociedade, mas também aproximar as mais de 200 etnias indígenas existentes no Brasil.

O primeiro encontro para a prática esportiva em comum de que se tem notícia aconteceu no dia 19 de abril de 1979, Dia do Índio. Uma seleção indígena de futebol foi formada para uma partida amistosa contra a equipe de um centro universitário de Brasília. Participaram estudantes indígenas das etnias Karajá, Terena, Bakairi, Xavante e Tuxá, que formaram equipe Kurumim. Ela passou a jogar em vários estados brasileiros, inclusive no Estádio Maracanã, no Rio de Janeiro.

3 Carlos Justino Terena nasceu na Aldeia Terena, em Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul e foi, quando jovem, destaque como goleiro de futebol de salão. Sua paixão por futebol motivou a criação dos Jogos dos Povos Indígenas junto com seu irmão Marcos Terena, sendo fundadores do Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena.

Até então, um trabalho para o desenvolvimento desportivo com indígenas nunca havia sido feito. Em 1985, numa articulação de líderes indígenas junto ao então Ministério da Educação e Cultura, acertou-se a participação oficial das comunidades nos XIV Jogos Escolares Brasileiros, em São Paulo.

A partir daí, essas lideranças indígenas começaram a procurar os órgãos federais, estaduais e municipais na busca de recursos para a realização dos Jogos dos Povos Indígenas. Esses Jogos viriam a contrapor o esporte de alto rendimento e trariam o congraçamento como o mais importante princípio. A ideia nasceu a partir da percepção de que não importava a etnia, a língua, a linha política e o local de onde vinham o esporte e o lazer quebravam barreiras e preconceitos e propunham a celebração.

A concepção dos Jogos também partiu do desejo dessa população de chamar a atenção da sociedade para a aplicação do direito ao esporte, em suas diferentes manifestações, previsto no Art. 217 da Constituição Federal de 1988. Esse direito gera o dever do Estado em fomentar práticas esportivas formais e não formais, cujas estruturas estejam relacionadas com os aspectos culturais, lúdicos e históricos do povo brasileiro. Em 1996, com a criação do então Ministério do Esporte, os Jogos passaram a ter a contribuição do Governo Federal, por meio da determinação de uma programação orçamentária para atender à demanda da comunidade indígena. Então nós, os irmãos Terena (Marcos e Carlos) e outro rapaz que não está mais aqui, criamos a situação dos Jogos.

Em outubro daquele ano, foi realizada em Goiânia (GO) a primeira edição dos Jogos dos Povos Indígenas. A competição reuniu mais de 500 atletas, representando 24 etnias. Toda a linha de ação, desde a concepção do espaço físico (Aldeia Olímpica), sua estrutura, até a definição das modalidades, ficou sob a coordenação de lideranças indígenas, entre elas o Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena.

Os Jogos dos Povos Indígenas foram a demanda de maior continuidade e abrangência de participação indígena, com apoio do Ministério do Esporte e de outros órgãos governamentais ao longo de sua história. Foram realizados Jogos dos Povos Indígenas nas cidades de Goiânia/GO (1996), Guairá/PR (1999), Marabá/PA (2000), Campo Grande/MS (2001), Marapani/PA (2002), Palmas/TO (2003), Porto Seguro/BA (2004) e Fortaleza /CE (2005). A sua nona edição aconteceu em Pernambuco, nas cidades de Recife e Olinda, IX Jogos dos Povos Indígenas, em 2007. O lema daquele evento foi “O importante não é ganhar, mas celebrar”.

Em cada fase de realização dos Jogos, o Comitê Intertribal agrega novos aliados que voluntariamente se reúnem para contribuir com a organização do evento, são técnicos, assessores, pesquisadores, indígenas ou não indígenas que vão constituindo as equipes com experiência para a realização do evento.

Os Jogos Indígenas seguem os princípios das tradições transmitidas oralmente e atualizadas de geração em geração. Os participantes não têm o objetivo de ganhar. Valorizam, sobretudo, a oportunidade de comemorar, sendo que a primeira atividade nos jogos é de caráter espiritual. Os pajés são os primeiros a entrar na arena para agradecer ao Grande Criador e pedir forças para afastar qualquer carga negativa.

Todos os participantes ganham troféus e medalhas, não existe pódio e cada equipe participante tem sua própria forma de festejar o ganhar e o perder nas competições promovidas no Evento.

Buscamos nesta abordagem de evento esportivo indígena, um saber que garante uma melhor relação entre a participação e a competição esportiva. Um exemplo é a matemática usada para a contagem de pontos das etnias que participam do arco e flecha cujo alvo é um peixe desenhado marcado por pontuação, cujo objetivo é garantir numa relação de probabilidade, não haver empates, ao mesmo tempo em que o indígena que quer acertar o maior número, os quarenta pontos do olho do peixe, se errar, terá menor pontuação do que outro que busque outras partes do peixe, com três lances poderá ter pontuação boa.

Algumas curiosidades expressam bem essa diversidade dos povos indígenas. Uma situação ocorrida no I Jogos, em Goiânia (1996), durante uma partida de futebol em que a jogada ficou confusa e a disputa da bola se deu dentro da área, a bola bateu em cima da linha do gol e ficou aquela dúvida se entrou ou não. O atleta atacante gesticulava para o juiz, pois não falava o português, questionou que a bola poderia ter ultrapassado a linha do gol. Imediatamente, o goleiro adversário, com a bola na mão (em jogo), chamou o atleta e colocou a bola em cima da linha e soltou, mostrando onde ela havia quicado; o atacante ficou olhando e acenando com a cabeça dizendo sim, e se afastou, correndo para o centro do campo. O atleta atacante poderia ter chutado a bola e feito o gol, pois estava em jogo, mas isso não foi feito.

Em Guaiá, durante os II Jogos (1999), participaram cinco atletas Matis, do Amazonas. Foi a primeira vez que saíram de suas aldeias para uma cidade grande. Na época, eles tinham apenas 19 anos de contato com o não índio. Todos os outros povos cuidavam deles como os filhos mais novos. Eles resolveram participar da prova de canoagem, mas as canoas feitas artesanalmente se diferenciavam um pouco umas das outras. Um sorteio é realizado a cada prova e o coordenador Carlos Terena sugeriu aos participantes que não houvesse sorteio para os Matis, e que eles escolhessem a canoa que melhor lhes conviesse. Não houve qualquer resistência a esse privilégio e os Matis participaram pela primeira vez dos jogos.

Em Marabá, após a realização dos III Jogos (2000), o chefe da delegação do povo Xavante, Adriano Tsererawau, procurou o coordenador dos jogos dizendo que os xavante haviam sido campeões três vezes e decidiram não mais vencer para dar oportunidade a outra etnia. Assim, os atletas bons de bola não mais participariam, somente os mais velhos. Assim foi feito, e os xavante não foram mais os campeões no futebol. Com isso, demonstraram que ganhar não é o mais importante.

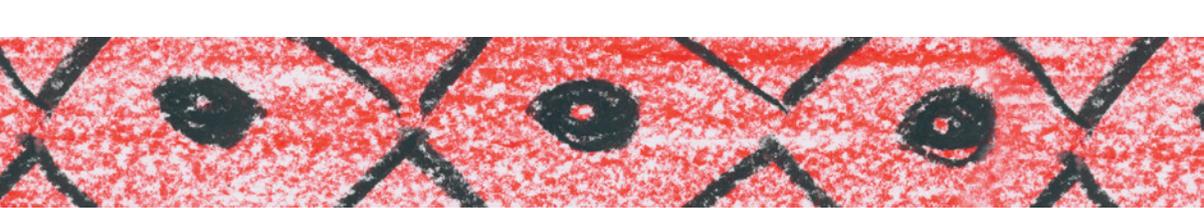
Nos IV Jogos realizados em Palmas (2003), durante a prova final de arco e flecha, três atletas ficaram empatados em segundo lugar, com o mesmo número de pontos. O que fazer? Imediatamente, no centro da arena, o coordenador perguntou aos atletas, que responderam em uníssono, descontraidamente: “Não precisamos disputar nada aqui, todos nós somos irmãos, deixa isso pra lá!”. Uma atitude bem diferente do que ocorre em competições dos “brancos”.

O futebol é um esporte que tem trazido problemas nos Jogos, sendo avaliado constantemente por nós sobre o seu papel no evento. Para amenizar os problemas da competição com o futebol, no IX Jogos dos Povos Indígenas, optamos por não ter o futebol de campo, mas o futebol de areia exatamente para comprimi-lo enquanto um esporte de contato corporal e de competitividade entre os “parentes” (pessoas de outra etnia indígena). O futebol tem trazido uma série de conseqüências negativas, em virtude das diferenças que a competição esportiva promove entre os participantes, principalmente porque o futebol é uma prática esportiva presente nas aldeias que estão em maior contato com os não-indígenas, seja no contato direto ou via televisão, sendo uma prática que envolve muito os jovens, homens e mulheres, cujos valores específicos de sua cultura e identidade étnica ainda não estão consolidados.

No processo de construção das parcerias para realizar os Jogos Indígenas, são avaliadas as situações e vamos ajustando e melhorando a organização do evento, ajustando os jogos e as atividades culturais tradicionais, os convidados, sempre conversando com as lideranças e com outros parceiros.

Então buscamos a parceria com o Ministério, mas não só com o Ministério, porque hoje há uma equipe de profissionais trabalhando nisso. Todos podem contribuir com seu trabalho, o trabalho do antropólogo, o trabalho do sociólogo. Uma menina faz nutrição indígena, ela até vê como é essa parte que ninguém conhece, temos professores de educação física, temos jornalistas, temos advogados, tem que trabalhar junto.

Sabemos como fazer isso e queremos o acompanhamento técnico onde há necessidade, por exemplo, no acompanhamento técnico da prestação de contas e as vezes, um estudo mais diagnosticado da saúde indígena para os atletas terem um desempenho melhor de acordo com o esporte que ele pratica, canoagem, natação, e outros. Nestes aspectos, estamos abertos a parceiros, e com isso acreditamos poder reduzir as despesas para melhor aperfeiçoar o uso dos recursos e atender melhor as etnias que participam dos Jogos, com alojamento, com alimentação, transportes e outras necessidades.



3. IX jogos dos povos indígenas: registro da memória

Arthur José Medeiros de Almeida⁴

A realização da IX edição desse evento cultural, ocorrida no Estado de Pernambuco, entre os dias 23 de novembro e 1º de dezembro de 2007, obedecendo ao calendário lunar indígena, teve como pano de fundo a valorização da identidade de cada povo e a conscientização da sociedade nacional sobre os direitos dos povos indígenas em relação a sua terra e seu desenvolvimento físico, espiritual, sociocultural e econômico.

A ONU está convencida de que o controle por esses povos dos acontecimentos que lhes dizem respeito reforça suas instituições e promove seu desenvolvimento. Nesse ínterim, elaborou a “Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas” e afirma em seu Artigo 31:

Os povos indígenas têm o direito a manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais, suas expressões culturais tradicionais e as manifestações das suas ciências, tecnologias e culturas, compreendidos os recursos humanos e genéticos, as sementes, os medicamentos, o conhecimento das propriedades da fauna e da flora, as tradições orais, as literaturas, os desenhos, os esportes e os jogos tradicionais e as artes visuais e interpretativas (ONU. Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, 2007: 21) (Grifos meus).

Almejando a confraternização entre as diferentes etnias, por meio das quais os povos indígenas brasileiros assumem uma postura proativa em relação à divulgação e ao usufruto de seus direitos, os Jogos dos Povos Indígenas são considerados um dos maiores encontros esportivos e culturais das Américas, na medida em que visa promover o desenvolvimento do patrimônio cultural desses povos, por meio do esporte e das práticas corporais tradicionais.

⁴ Arthur José de Medeiros de Almeida é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. Sua contribuição neste texto respalda-se na pesquisa realizada durante os IX Jogos dos Povos Indígenas. Esta pesquisa subsidiou a dissertação de mestrado: *Esporte e Cultura: esportivização das práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas*, apresentada em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, na Universidade de Brasília, sob orientação de Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna e co-orientação de Beleni Saléte Grando.



3.1. A CERIMÔNIA DE ABERTURA

A abertura oficial foi realizada no final da tarde do dia 24 de novembro, na arena montada na Praia do Bairro Novo, em Olinda. Nesse local, foram dispostas três arquibancadas e construída uma oca para preparação das etnias, antes da entrada na arena. No lado externo da arena, ao sul, salas com computadores conectados à internet permitiram à imprensa enviar registros num curto espaço de tempo; salas de reuniões possibilitaram aos organizadores tomarem decisões no local das atividades e o posto médico serviu para atendimento das pessoas envolvidas nas práticas corporais. No lado norte da arena, foi construída a feira de artesanato com estruturas adequadas para sua exposição, local que possibilitou um contato mais próximo entre indígenas e as pessoas de Pernambuco.

A cerimônia de abertura contou com a presença de grande público, do qual faziam parte indígenas e não indígenas, entre eles representantes de órgãos oficiais, a exemplo do Ministro do Esporte, do Secretário Nacional de Esporte Educacional e da Secretária Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, ambos do Ministério do Esporte. Compareceram ainda o Secretário Nacional de Identidade e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura, o representante da Funai e a Prefeita de Olinda.

Enquanto as etnias aguardavam o momento de sua entrada, enfileiradas no lado externo da arena, uma representante dos povos indígenas de Pernambuco, iniciando o cerimonial, trouxe a tocha com o “fogo sagrado” e a repassou para um “guerreiro”. Ele percorreu a área das competições e demonstrações acendendo outras tochas e, em seguida, se dirigiu até a pira, dando início a IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas. Em seguida, os povos indígenas entraram no espaço da arena, um de cada vez, segurando uma placa que identificava sua etnia. Demonstrando sua cultura por meio das expressões trazidas em seus corpos, os indígenas percorreram a arena, ao mesmo tempo em que o locutor oficial do evento apresentava informações de cada povo. O pronunciamento do Ministro do Esporte abriu oficialmente os Jogos dos Povos Indígenas 2007.



3.2. O FÓRUM SOCIAL INDÍGENA

No transcorrer dos IX Jogos dos Povos Indígenas, questões políticas e sociais foram assunto de discussão no Fórum Social Indígena. As temáticas debatidas têm ocupado um importante espaço nos âmbitos político e acadêmico, entre elas: a questão dos direitos indígenas nos documentos da Organização das Nações Unidas, saúde; afirmação da identidade; meio ambiente, saberes tradicionais no mundo contemporâneo; juventude indígena

e demarcação das terras indígenas no Brasil. As abordagens acerca dos direitos indígenas vêm recebendo a contribuição de pesquisadores das Ciências Sociais, Ciência Política e da Educação, dentre outras. Esse fato demonstra o grau de importância que a temática tem em relação à definição de políticas públicas na esfera federal.

A luta pela conquista dos direitos dos povos indígenas foi iniciada no Brasil por volta da metade dos anos 70 do século XX, a partir da estruturação das organizações indígenas que contou com o apoio de organizações não governamentais. O Governo Federal reconheceu esses direitos na Constituição Federal do Brasil que entende no Artigo 231 do capítulo VII, que “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988).

A Constituição Federal é um marco de mudança na relação entre o Estado e as sociedades indígenas no Brasil, pois, após sua promulgação, passa a ser reconhecida a diversidade sociocultural desses povos, tendo o Estado o dever de proteger suas manifestações culturais e suas práticas e saberes tradicionais. Observa-se, por seu turno, de acordo com o Art. 6º que “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988). Portanto, os direitos sociais devem ser assegurados de maneira igualitária, por parte do poder público, a todos os grupos étnicos que compõem a sociedade brasileira, demonstrando estar em conformidade com a Declaração das Nações Unidas sobre o Direito dos Povos Indígenas, documento elaborado pela Organização das Nações Unidas no qual se afirma que “os povos indígenas são iguais a todos os demais povos e que reconhece ao mesmo tempo o direito de todos os povos a serem diferentes” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2007).

Telles (1999), ao tratar do significado dos direitos sociais, esclarece que este assume a extensão de percepção do que é ou possa vir a ser uma sociedade com maior equidade. Isto quer dizer que, por meio dos direitos sociais, os indivíduos têm a condição de buscar minimizar a desigualdade social, de um contexto de exclusão e injustiças de todas as ordens. Na contemporaneidade, essas desigualdades são acentuadas quando se referem a aspectos como gênero e etnias, dentre outros.

Na temporalidade própria dos conflitos pelos quais as diferenças de classe, gênero, etnia, raça ou origem se metamorfoseiam nas figuras políticas da alteridade sujeitos que se fazem ver e reconhecer nos direitos reivindicados, se pronunciam sobre o justo e o injusto e, nesses termos, re-elaboram (sic) suas condições de existência como questões pertinentes à vida em sociedade (TELLES, 1999, p. 177).

Com essa compreensão, torna-se necessária a criação de políticas públicas que atendam às demandas dos povos indígenas pelos seus direitos. Pois, segundo nos apresenta

Secchi (2006), “atualmente elas [as sociedades indígenas] encontram nas políticas públicas as principais fontes de recursos externos, em especial para atender às demandas de educação escolar, saúde e economia” (SECCHI, 2006, p. 188. Grifos meus).

De acordo com os documentos citados, as políticas públicas devem considerar o direito à diferença e proporcionar a participação ativa, isto é, o protagonismo indígena em seus diferentes momentos. As políticas públicas direcionadas às sociedades indígenas devem ser elaboradas, executadas, desenvolvidas e avaliadas com a participação qualificada de todos os segmentos, principalmente das pessoas às quais os projetos e as ações se destinam. Ampliar o protagonismo indígena em relação a essas ações proporciona a comunidade o direito de direcionarem seu destino. Neste sentido, o Fórum Social Indígena é um tempo/espaço proporcionado pelos organizadores do evento como um momento em que o protagonismo indígena é fomentado, tendo em vista a possibilidade de indígenas de diferentes etnias e faixas etárias se posicionarem diante de um público composto de indígenas e não indígenas interessados em pautar os direitos desses povos.

A concepção de Estado Moderno como propulsor de políticas públicas se apoia na base jurídica, isto é, o Estado Moderno é o Estado de Direito. O Estado, investido no status de governo, tem o papel de estabelecer políticas públicas para atender às demandas sociais, entendendo governo como “as várias formas possíveis de organização da esfera pública” (ARENDR, 2000 p. 212 apud SUASSUNA et al, 2007). Com esse entendimento, pode-se identificar a política pública como um espaço compartilhado por diferentes atores, cada um com interesses específicos, sendo uma instância essencial para o exercício da cidadania indígena.

Para tanto, compreende-se que as políticas públicas a serem oportunizadas aos povos indígenas no Brasil devem respeitar sua autonomia, isto é, o direito que esses povos têm de participar ativamente das decisões e da avaliação em processo que dizem respeito às ações implementadas em suas comunidades. Por conseguinte, cria-se a expectativa de garantir aos indígenas o debate que lhes permita ter acesso às informações para que, a partir de então, os interesses desses povos possam surgir de escolhas conscientes, com base na reivindicação de seus direitos sociais. Com efeito, o fato de os sujeitos se posicionarem em relação aos seus direitos os legitima socialmente e demonstra que participam do espaço público. A ideia da construção dos discursos é parte de um processo de interação ou de ação entre os sujeitos, sendo um mecanismo para exercer sua cidadania. Destaca-se, portanto, nesse contexto, o Fórum Social Indígena como momento de negociação e da manutenção do diálogo entre os atores sociais da esfera pública, intelectuais e indígenas demarcando-se como espaço para o debate a respeito de políticas públicas em diversas áreas.

Neste sentido, as atividades do Fórum Social Indígena foram iniciadas na manhã do dia 25 de novembro. Sob a coordenação do Dr. **Wilson Matos da Silva**, advogado indígena criminalista do ITC, a Mesa intitulada: **Esporte Tradicional Indígena, autoestima e afirmação étnica** teve como conferencista o Prof. Dr. **Manolo Hernandez**, da Universidade Politécnica de Madri/Espanha, que palestrou acerca do ócio através da história.

Em sua perspectiva, o jogo é base da cultura dos povos estando intrinsecamente relacionado ao culto e aos rituais que transmitem as crenças das diversas etnias. Apresentando o percurso histórico do jogo nas sociedades ocidentais, demonstrou que na Grécia o jogo mantinha relação com o sagrado. Avançando no tempo, em Roma o jogo tornou-se um meio de controle na política do “Pão e Circo” se constituindo em grandes instâncias esportivas como os “jogos gladiatórios” que prendiam a atenção de um grande número de pessoas. Na Idade Média o ócio se refugiou nos mosteiros enquanto outras atividades se desenvolviam na sociedade da época. E após as duas grandes revoluções em que surgiu a crise do espírito tradicional, desenvolveu-se o jogo esportivo, entendido como aquele que contém uma estrutura regulamentada e que prospera até os dias atuais.

O ócio praticado ou contemplativo aparece no âmbito das sociedades contemporâneas como lazer, um direito humano básico e, no Brasil, um direito social. Nessa direção, a Prof^{te} **Rejane Penna Rodrigues**, Secretária Nacional do Desenvolvimento do Esporte e do Lazer do Ministério do Esporte, apresentou a Política Nacional do Esporte em que é garantida a todos os cidadãos brasileiros, entre eles os indígenas, a prática do esporte e do lazer, numa perspectiva de democratização e universalização dessas práticas sociais.

Ainda no primeiro dia, a Mesa 2 destacou a temática: **Identidade Cultural, Resgate e Autonomia Indígena: perspectivas**. Abrindo os trabalhos dessa seção, o Dr. **Sergio Mamberte**, Secretário Nacional da Diversidade e da Identidade Cultural do Ministério da Cultura, após saudar a todos em nome do Ministro da Cultura, abordou a questão do reconhecimento do Estado ao protagonismo das nações indígenas e à garantia de seus direitos republicados como cidadão plenos do Brasil. Destacou que, como os primeiros habitantes deste território, os indígenas contribuíram com seus saberes ancestrais para a formação da cultura do país. Em seguida, o líder indígena **Geremias Xavante** do Mato Grosso, em sua língua própria, agradeceu aos participantes do encontro e enfatizou a proposta do Governo Lula em preservar as culturas indígenas que, em sua concepção, estão se perdendo em um mundo globalizado. Demonstrou a importância do Governo Federal em relação à sobrevivência em todos os sentidos e, principalmente, à educação da juventude indígena para que essas sociedades mantenham suas especificidades culturais.

O segundo dia do Fórum contou com a participação de um dos idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas, **Marcos Terena**, do ITC e do Memorial dos Povos Indígenas. A Mesa coordenada por **Cristiane Pankararú** teve com tema: **Água é Vida e as Mudanças Climáticas**. Naquela oportunidade, observou-se o valor que o patrimônio natural tem para os povos indígenas no que concerne a sua cultura. Nas palavras do palestrante, remetendo-se ao Artigo 97 da Carta de la Terra, “as tradições não podem separar-se da terra, do território e da ciência”. A água, nessa visão, é um direito sagrado dos indígenas que deve ser preservado para a própria sobrevivência desses povos.

Na sequência, a Mesa 2 apresentou a temática: **A ONU e os Direitos dos Povos Indígenas: metas do milênio**, na qual **Tatiana Ujacow**, mestre em direito e escritora indigenista, identificou os princípios legais que norteiam as ações direcionadas aos povos

indígenas a partir da Constituição da República Federativa do Brasil, do Direito Consuetudinário, da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho e das Metas do Milênio da ONU. **Wilson Matos da Silva**, advogado indígena, lembrou que no Brasil existem mais de 200 etnias indígenas e que cada uma tem reconhecido o direito consuetudinário, sendo “o conjunto de normas, usos e costumes que, transmitidos de geração em geração, são exercidos por autoridades e instituições próprias dos povos indígenas em seus territórios e constituem sistemas jurídicos reconhecidos, aceitos e respeitados por uma coletividade”.

O terceiro dia de atividades do Fórum Social Indígena teve como problemática a ser debatida na primeira mesa: **Conhecimentos Indígenas, Histórias e Modernidade**, sob a coordenação de **Maria Auxiliadora Lopes Bakoromugo** do Conselho Nacional da Mulher Indígena (CONAMI). O primeiro a palestrar naquela manhã foi o líder indígena **Alexandre Pankararu** que apresentou ao público o sítio criado na internet: www.indio-online.org.br; cujo objetivo é levar a nova tecnologia ao conhecimento dos indígenas brasileiros. Segundo o líder, essa iniciativa é inovadora no sentido de transmitir saberes que tragam melhorias nas condições de vida de diferentes comunidades indígenas no país por meio da internet. Além de disponibilizar conhecimentos do mundo dos não índios sem sair do seu local, é uma importante ferramenta para mostrar ao mundo o modo ser de cada povo indígena do Brasil. Para ele, a partir do direito à informação, os indígenas passam a conhecer seus demais direitos.

O antropólogo Dr. **Marcondes Secundino**, da Fundação Joaquim Nabuco (MEC), reforçou que a utilização de tecnologias como a internet não caracteriza a perda da identidade indígena, porém essa ferramenta deve ser utilizada com consciência para se tornar um espaço de inserção dos povos indígenas para publicar suas experiências e seus projetos, valorizar sua cultura e afirmar sua identidade. Tal iniciativa em conjunto com estudos acadêmicos vem reforçar a relação dos indígenas e do Estado na luta por seus direitos.

Telmo Makuxi, do Conselho Nacional de Educação Indígena e do Conselho de Professores Indígenas da Amazônia, abordou a questão da reivindicação dos povos indígenas pelo direito a uma educação diferenciada garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Em sua ótica, esse direito não vem sendo respeitado ou, ainda, não vem sendo desenvolvido da maneira como deveria ser. Com essa perspectiva, apresentou os princípios elaborados pelo Conselho dos Professores Indígenas da Amazônia como uma conquista daqueles povos. Segundo Telmo Makuxi, os direitos dos povos indígenas que estão nos documentos oficiais não vêm sendo respeitados no que se refere à educação, saúde e às terras por uma falta de articulação e união dos povos indígenas para reivindicá-los.

A Mesa seguinte tratou das **Realidades e Tradições Indígenas de Pernambuco**, tendo como palestrante o Professor Dr. **João Pacheco de Oliveira** do Museu Nacional-UFRJ. Seus comentários foram no sentido de demonstrar que os índios do nordeste são desconsiderados e que tem trabalhado para que esses povos sejam reconhecidos. Os dados apresentados estimam a população indígena de Pernambuco em aproximadamente

35.000 indivíduos divididos em 10 etnias. Afirmou que a idealização e execução dos Jogos dos Povos Indígenas é uma iniciativa inédita no que tange a ações culturais para os povos indígenas, baseando-se na ideia de que, por meio da interação proporcionada pelo evento, as nações passem a se conhecer mais e se respeitar mais por meio do esporte.

Como se pode observar em estudos com os Tikuna do Amazonas, com o futebol assimilado e recriado por esse povo, essa prática passou a ter a função de interação entre as gerações na aldeia, entre aldeias e, também, entre os não indígenas que visitavam as aldeias para jogar, diminuindo relações de preconceito e violências vividas por esses povos. Segundo o professor, o esporte nas comunidades indígenas se integra à totalidade de sua cultura, faz parte dos valores, da moral e do prestígio das pessoas. Nesta direção, os eventos esportivos devem servir também para a troca de experiências e possibilitar a construção de um plano comum que vise a superar todas as dificuldades enfrentadas pelos povos indígenas.

A representante da Funai na ocasião, **Salete Miranda**, ressaltou a importância do diálogo entre os povos e discursou acerca do pouco reconhecimento do Estado em relação aos povos indígenas do Nordeste, apresentando pouca iniciativa na elaboração de políticas públicas. Enfatizou o grande desafio que a instituição irá enfrentar, qual seja: tornar-se um órgão articulador e promotor de políticas públicas para os povos indígenas. De acordo com seus argumentos, a Funai atravessou diferentes governos passando por processos de mudança que recaíram sobre a instituição, gerando uma baixa capacidade administrativa no Brasil. As ações descentralizadas apresentam resultados poucos significativos em relação às demandas dos povos e o trabalho da atual gestão tem sido o da inversão da lógica de uma máquina pública pouco eficiente e assistencialista.

Cristiane Pankararu discutiu a questão da identidade para a sobrevivência dos povos indígenas do Nordeste, que, apesar de viverem em lugares de não índios, não perderam sua cultura e sua tradição, pois, quando os rituais são realizados, eles voltam às aldeias para participar. Em sua visão, os indígenas do Nordeste não estão trabalhando no resgate, por que resgate remete à perda e, segundo Cristiane Pankararu, eles não perderam a sua cultura. Estão sim retomando o que lhes é de direito, lutando para o que está escrito nos documentos seja realmente alcançado na prática.

No dia 28 de novembro de 2007, último dia do Fórum Social Indígena, foi realizada a Mesa: **Conferência Livre de Juventude: desafios da juventude indígena** sob a coordenação de **João Felipe Terena**, do Conselho Nacional de Juventude. Participaram daquele encontro: **Tauã Terena**, estudante indígena que comentou sobre as dificuldades encontradas por ele na relação com estudantes não índios em sua instituição. Nessa perspectiva, **Marciano Guarani** apresentou os resultados encontrados pelo Projeto Apoio aos Estudantes Indígenas na UEL-PR, em que estudantes indígenas recém-chegados à universidade recebem, dos estudantes indígenas com mais tempo nesse meio, todo o auxílio necessário para realizarem os cursos de graduação.

Na sequência, a nutricionista **Samira Terena Xavante**, responsável pelo acompanhamento de saúde e alimentação e integrante do ITC, destacou como os conhecimentos

adquiridos na universidade vêm contribuindo para sua atuação junto aos indígenas e especificamente durante os Jogos dos Povos Indígenas. Encerrando os trabalhos dessa mesa, que contou exclusivamente com indígenas, no intuito de reforçar o protagonismo da juventude indígena no que se refere às ações direcionadas a essa parcela dos grupos étnicos, **Mariká Kuikuro** demonstrou como foi realizado o projeto Documenta Kuikuro do Vídeo nas Aldeias. A partir de sua fala, foi notada a importância de os próprios indígenas divulgarem sua cultura, sem que haja o intermédio de um não índio.

Fechando os trabalhos dessa atividade dentro da IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas, ocorreu a Mesa: **Esporte, Tradição e Lazer**, coordenada pela Dra. **Leila Mirtes Magalhães Pinto**, Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia-SNDEL/ME, que ressaltou a participação do Governo Federal nas iniciativas referentes aos povos indígenas, o que reforçou uma tendência de mudança na relação do Estado com as comunidades indígenas. Destacou que, a partir daquela edição, o Ministério do Esporte, por meio de sua Secretaria de Desenvolvimento de Esporte e Lazer, iniciaria a construção de uma política de atendimento nesta área a mais de 200 etnias. Trata-se de uma política nacional que nunca existiu no campo do esporte e que precisa, num primeiro momento, ouvir, conhecer e valorizar as várias iniciativas que esses grupos já vêm desenvolvendo ou projetando. Essa foi a função da Comissão de Avaliação dentro do evento.

Naquela oportunidade, a Professora Dra. **Joelma Parente Alencar**, da UEPA, abordou, a partir de sua tese de doutorado que teve como objeto de estudo os Jogos dos Povos Indígenas, o tema esportivização dos jogos indígenas. Fazendo uma retrospectiva histórica, iniciou reforçando o lema dos Jogos que vem desde sua primeira edição em Goiânia: “O importante é celebrar e não competir”. Em seguida, apontou as mudanças ocorridas na trajetória dos Jogos. Segundo a professora, nos primeiros Jogos, observavam-se muito mais manifestadas as práticas tradicionais indígenas e, no decorrer do tempo, tem-se percebido uma predominância do esporte, prática corporal não indígena na programação do evento. Por outro lado, os Jogos dos Povos Indígenas são um espaço de resistência à dominação de outras culturas, por ser um momento de reafirmação de sua identidade étnica. Neste contexto, a esportivização dos jogos indígenas se dá na medida em que há uma supervalorização do esporte e as práticas corporais tradicionais vêm sendo deixadas em segundo plano. Portanto, questiona-se: o que os povos indígenas querem? O que está acontecendo em relação às práticas corporais tradicionais?

A Professora Dra. **Beleni Salette Grandó**, da Unemat, como pesquisadora do COE-DUC/Unemat, buscou compreender a relação intercultural que ocorre a partir das práticas corporais. Em seu estudo, percebeu que o futebol aparece como um instrumento de interação dos indígenas com a sociedade envolvente. Ressaltou que o corpo é a centralidade da pessoa indígena e que constitui sua identidade. Com o exemplo do arco-e-flecha demonstrou, por meio da diferença de instrumentos e técnicas, que cada povo é diferente. Neste sentido, o corpo é educado para que as pessoas se identifiquem com seu grupo e se diferenciem de outros. Cada cultura expressa também nos corpos a forma de o grupo se

relacionar com o mundo, de pensar e de agir que se estabelecem em espaços de fronteira, isto é, um espaço de contato com o outro e, neste momento, é possível se identificar e se distinguir enquanto pertencente a uma etnia.

Portanto, as práticas corporais apresentadas nos Jogos dos Povos Indígenas fortalecem a identidade, todavia, devem ser as práticas corporais tradicionais, pois são elas que possibilitam se identificarem com o seu povo. O futebol, nessa compreensão, não diferencia, mas sim iguala. Não se tem um Bororo ou um Rikbaktsa, mas um jogador de futebol como tanto outros que possuem movimentos padronizados, metodologicamente apreendidos. Neste sentido, o jogo com o sentido de competição gera tensões e conflitos dentro da aldeia, seja um jogo entre indígenas ou com não indígenas. Por outro lado, assimilado com sentidos particulares, o futebol praticado na aldeia pode permitir a interação geracional que reforça o respeito ao ancião. Tudo depende de como cada povo irá se apropriar do jogo que carrega em seu conjunto os valores de sua etnia e não do esporte competitivo, aquele em que se joga contra o outro. Pois, em sua compreensão, o esporte é uma forma de integração como aconteceu com a escola. “Mudam-se as técnicas e mudam-se os pensamentos”.

Por fim, **Carlos Terena** (ITC), um dos idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas, comentou que a ideia de realizar este conagraçamento entre as etnias surgiu de uma visão que teve em sua aldeia no Pantanal. Sobre sua trajetória esportiva, afirmou que sempre foi um futebolista participando de eventos como o JEB's, portanto teve experiências em *jogos* de não índios antes de realizar a primeira edição dos Jogos dos Povos Indígenas em Goiânia (1996). Naquela oportunidade, ao reunirem as lideranças indígenas para construir a programação do evento, todos afirmavam que queriam jogar futebol. Em sua concepção, o futebol do não índio hoje produz muitos efeitos negativos entre as pessoas. Com o pensamento de retirar o futebol deste evento, afirmou que se foi dando menos visibilidade ao futebol, pois acredita que o espaço do futebol indígena seja outro, como a idealização da “I Taça das Nações Indígenas de Futebol”. Dando prosseguimento, comentou sobre as dificuldades encontradas para a realização de um evento dessa magnitude em um país de tamanha grandeza e diversidade cultural. Disse esperar para as próximas edições que as especificidades indígenas sejam mais valorizadas, mas, na sua observação em todos estes anos, uma coisa é louvável: “Nós como povos indígenas, estamos crescendo culturalmente”.



3.3. O CONGRESSO TÉCNICO

A fim de proporcionar aos indígenas o direito de controlar seus patrimônios culturais, foi realizado o congresso técnico que, estudado em edições anteriores por Vinha e Rocha Ferreira (2005), teve como objetivo promover uma discussão e tomar decisões sobre as “modalidades esportivas” a serem praticadas. As autoras chegaram à conclusão de que o

intuito era definir e retificar os *regulamentos* finais dos jogos, além de estabelecer “normas comuns” para as práticas corporais, considerando as diferentes organizações indígenas.

A realização do congresso técnico seguiu as normas do Regulamento Geral dos Jogos dos Povos Indígenas que determina que essa jornada seja realizada um dia antes da abertura oficial do evento. Dirigido por um orientador indígena e pelo diretor da comissão técnica, cada etnia delega um representante para a realização dos trabalhos. Naquela oportunidade, foram apresentados os componentes da comissão técnica e os documentos que regem os Jogos: Regulamento Geral, Histórico dos Jogos e as Orientações Específicas das Modalidades. Este último com a finalidade de orientar as “atividades competitivas”.



3.4. AS PRÁTICAS CORPORAIS

DEMONSTRAÇÃO DAS PRÁTICAS TRADICIONAIS

As práticas corporais tradicionais começaram a ser realizadas no dia 25 de novembro de 2007, na arena de Olinda. As práticas corporais em que não há condições de normatização, por serem restritas a determinados grupos, desenvolveram-se sob forma de demonstração. A organização possibilitou que “Todos os povos que possuem em sua cultura atividades esportivas tradicionais ou mesmo outras, desconhecidas pela comissão organizadora, poderão realizar suas apresentações”.

Dentre as práticas corporais tradicionais demonstradas, destacam-se as lutas corporais, atividades que são essenciais para a “fabricação do corpo” (VIVEIROS DE CASTRO, 1987) e, por conseguinte, da identidade da pessoa indígena. A *Uka-Uka* é praticada pelos povos habitantes do Parque Nacional do Xingu e pelos Bakairi de Mato Grosso. O *Iwo*, pelos Xavante que estão espalhados por todo o Estado do Mato Grosso. O *Idjassú* é característico do povo Karajá da Ilha do Bananal e a *Aipenkuit* é exercitada entre os homens do povo Gavião Kyikatejê do Estado do Pará. Cada qual possui suas peculiaridades; entretanto, de modo geral, têm como função preparar o indígena para combates que exigem maior capacidade de destreza e força física. Essas práticas corporais consistem basicamente em uma disputa entre dois lutadores que têm como objetivo desequilibrar e derrubar o oponente encostando suas costas no solo. Apesar de requerer um vigor físico, não se percebeu qualquer tipo de violência entre seus adeptos.

Tihimore é um jogo de arremesso com bola de marmelo, praticado pelas mulheres do Povo Paresi Haliti, estado do Mato Grosso, bem como o *Xikunahaty*, conhecido como futebol de cabeça jogado pelos homens dessa etnia. Nesse jogo, o objetivo é passar a bola para o campo adversário em uma tentativa, usando apenas a cabeça, marcando ponto aquele que não cometer erros. Essa prática, segundo um indígena dessa etnia, em declaração feita

para o documentário dos *IX Jogos dos Povos Indígenas*, possui estreita relação com o mito de origem desse povo no qual um ser superior orientou como o povo que saíra da fenda de uma pedra deveria viver e, em seguida, reuniu todos para jogar com a bola produzida do látex de Mangaba (Discurso da Liderança Pareci, Referência Documentário, 2008).

Katukaywa é uma prática corporal similar ao jogo de futebol, porém só é permitido, com o joelho, o contato intencional com a bola. Este jogo é praticado pelos indígenas habitantes do Parque Nacional do Xingu, estado do Mato Grosso, que nessa edição foram representados pela etnia Kuikuro. *Jãmparti* (Iãmparti) é uma corrida de tora que possui mais de 100 quilos, é comprida e carregada por dois atletas. Esporte tradicional realizado pelo povo Gavião Kyikatêjê-PA, tal como o *Kaiipy* (Kaipâ), exercício com arco e flecha, praticado pelo mesmo povo.

A “peteca”, brinquedo que está presente em diversas culturas indígenas, foi apresentada em um jogo, do qual participaram além de indígenas de grande parte das etnias, voluntários, organizadores e o público. Após ser lançada para o alto, todos deveriam se empenhar para não deixar a peteca cair no solo. Aquele que o grupo identificar como responsável por esse fato sofre um tipo de punição que consiste em todos os participantes desferirem leves sopapos em quem cometeu o erro. Todas essas práticas corporais que foram demonstradas nos Jogos dos Povos Indígenas são realizadas conforme sua tradição, não sendo inseridos nelas elementos de esporte que alterem sua estrutura.

Durante todo o evento, as danças típicas de cada etnia foram apresentadas ao público em dois momentos distintos: no intervalo das competições que ocorriam na Arena, montada na Praia do Bairro Novo em Olinda, e no final de cada dia do evento, no Ginásio de Esporte Geraldo Magalhães em Recife.



3.5. ATIVIDADES COMPETITIVAS

ARCO-E-FLECHA

As atividades passíveis de “normatização” foram realizadas de maneira competitiva. Na IX edição dos Jogos Indígenas, a prática que envolve o arco e a flecha foi realizada somente por homens e seguiu a lógica do tiro com flecha praticado nos eventos esportivos.

Dois indígenas de cada etnia, com sua pintura corporal e seus adornos e instrumentos (arco e flecha) específicos, entraram na área de competição. Todos tinham o direito a três “tiros” em um alvo de 2 metros de altura por 4 metros de largura, no qual havia o desenho de um peixe. Diferentes partes do peixe apresentavam pontuação, no espectro de 1 ponto a 40 pontos. O valor mais alto encontrava-se no olho da figura. A distância de 30 metros do arqueiro para o alvo foi demarcada por um cone, não havendo tempo estipulado para

a concretização das flechadas após a autorização do “árbitro”. No contexto da regulamentação, o sistema de eliminatórias foi utilizado. Os doze atiradores que obtiveram maior pontuação, depois de somadas as três tentativas, avançaram para a etapa seguinte, na qual tiveram direito a mais três tiros. Dessa forma, foram definidos os primeiros colocados (Referência, Diário de Campo, Recife, 2007).

O arco e a flecha são instrumentos que fazem parte da cultura de diversas etnias indígenas. Durante muitos anos, seu uso tinha como objetivo prover alimentos por meio da caça e dar proteção às sociedades, sendo utilizados como armas em conflitos com outros povos. As técnicas necessárias ao seu uso são aprendidas nessas sociedades por meio de jogos e brincadeiras que desenvolvem habilidades específicas desde a infância. Após o contato com o não índio e a assimilação de uma série de comportamentos dessa outra cultura, algumas etnias mantêm o uso desse instrumento com outros sentidos, enquanto outras não têm mais o costume de “flechar”.

Normas:

1. Cada delegação indígena deverá inscrever no máximo 02 (dois) atletas, sendo essa modalidade uma prova individual.
2. Cada competidor terá o direito a 03 (três) tiros, e deverá trazer o seu próprio equipamento (arcos e flechas). Caso haja algum problema no equipamento, o atleta poderá substituí-lo ou solicitar tempo para reparo.
3. O alvo é o desenho de um peixe e a distância será de aproximadamente 30 metros.
4. A contagem de pontos será a soma de acertos em cada área do alvo, as quais terão pontuação previamente definidas pela Comissão Técnica.
5. Haverá uma primeira fase eliminatória que classificará, para a segunda fase, somente os 12 (doze) atletas com as melhores pontuações.
6. Na segunda fase, inicia-se uma nova contagem de pontos, que definirá o primeiro, segundo e terceiro colocados.

ARREMESSO DE LANÇA

No arremesso de lança, a “padronização” do instrumento se fez necessária para garantir que o vencedor fosse conhecido por seu desempenho, isto é, “pela maior distância arremessada” (Orientação Específicas das Modalidades, 2007). Segundo o diretor técnico dos Jogos dos Povos Indígenas, “há muita diferença no material das lanças”, o que impedia a igualdade de condições. Sendo assim, as lanças foram produzidas pelo povo Terena de Mato Grosso do Sul e a competição seguiu os mesmos princípios do arco e flecha, sendo considerado para registro do resultado o arremesso mais distante de cada participante, após a tentativa de três lançamentos.

Normas:

1. Cada delegação indígena deverá inscrever 01 (um) atleta, que terá o direito de realizar 03 (três) arremessos.

2. A contagem de pontos, que definirá o primeiro, segundo e terceiro colocados, será pela maior distância arremessada.
3. Haverá apenas uma fase nesta prova.
4. As lanças serão fornecidas pela Comissão Técnica e serão permitidos testes de reconhecimento das lanças.

CANOAGEM

A manhã do dia 29 de novembro de 2007 foi reservada para as atividades no meio aquático. Na Praia do Bairro Novo, ao lado da arena, foram realizadas as competições de canoagem e natação. Na canoagem, participaram dois indígenas do sexo masculino de cada etnia. Com seus remos próprios, ou cedidos por outros indígenas, eles se posicionavam atrás de duas canoas. A confecção das canoas foi de responsabilidade do povo Rikbaktsa, também conhecido como canoeiros, devido à habilidade no uso desse equipamento, que lhes provém alimento e lhes proporciona deslocamento pela região que habitam, noroeste de Mato Grosso.

Ao sinal sonoro, os dois indígenas corriam em direção a uma dessas canoas e a colocavam no mar. Em seguida, remavam ultrapassando boias que demarcavam um percurso triangular de aproximadamente 300 metros. O percurso foi demarcado por duas boias, com a presença de profissionais do corpo de bombeiros que utilizavam jet ski para prestar socorro, em caso de emergência. A cada “bateria”, os indígenas menos habilidosos na utilização das canoas eram eliminados, até restarem apenas duas etnias que disputavam a final. Notou-se uma diversidade de técnicas corporais utilizadas pelos indígenas, assim como indígenas que não conseguiam remar, possivelmente devido ao fato de não terem uma familiaridade com o mar, ou por terem uma relação diferenciada com a água (Referência, Diário de Campo, Recife, 2007).

Normas:

1. Cada delegação indígena deverá inscrever uma dupla de atletas.
2. A prova será na praia de Bairro Novo, Olinda, sem ondas, cuja distância e percurso, a serem definidos pela Comissão Técnica, serão divulgados no Congresso Técnico.
3. Será permitido aos competidores o reconhecimento prévio do percurso e das canoas.
4. Haverá sorteio das canoas, entre as equipes, em todas as baterias.
5. Participarão da fase final, quando serão definidos os primeiros, segundos e terceiros colocados, apenas o primeiro colocado de cada bateria, as quais serão compostas por um número de equipes correspondentes ao número de canoas disponíveis no evento.
6. O vencedor será identificado pela arbitragem a partir da passagem da ponta da proa da canoa, na linha demarcatória.

NATAÇÃO/TRAVESSIA

A natação foi configurada de maneira similar à prática esportiva do *triatlon*. Primeiramente os homens participantes da “prova” aguardavam o sinal sonoro lado a lado na praia, de onde saíam correndo em direção ao mar e tinham que contornar uma boia, percorrendo aproximadamente 100 metros. Quatro indígenas por etnia poderiam participar das provas que foram disputadas em “bateria” única. A categoria feminina seguiu o mesmo procedimento em relação à largada e à distância da disputa masculina, sendo declarado vencedor o indivíduo que saísse primeiro da água.

Normas:

1. Cada delegação indígena poderá inscrever, no máximo, duas equipes, uma feminina e uma masculina, compostas de 2 (dois) atletas, sendo essa modalidade uma prova individual.
2. Haverá duas largadas, uma para a prova masculina e outra para a feminina.
3. O chefe da delegação deverá observar que o atleta participante terá que estar devidamente preparado para realizar essa prova, assumindo toda a responsabilidade pela escolha.
4. A prova ocorrerá na praia de Bairro Novo, Olinda, estilo livre, havendo um reconhecimento prévio para os atletas que assim o desejarem.

CORRIDAS

As corridas entre os indígenas no Brasil são praticadas com ou sem instrumentos, sendo muito valorizadas por eles. São ensinadas dos mais velhos aos mais novos e transmitem a noção de elo entre os mundos físico e espiritual, posto que fazem parte da cosmologia das sociedades indígenas. As capacidades por elas exigidas, como velocidade e resistência, estão relacionadas com mitos de diversas culturas, nas quais os dons são recebidos pelas pessoas indígenas como forma de sobrevivência e adaptação ao meio ambiente. Na IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas as corridas foram disputadas competitivamente em três “modalidades”.

Corrida de 100 metros

Na Corrida de “100 Metros Rasos”, dois atletas de cada etnia se colocam um ao lado do outro, nas duas “categorias” (masculina e feminina), não havendo “séries” eliminatórias. No espaço da arena, sobre o solo arenoso, foi delimitado o percurso, que os participantes deveriam transpor, após o sinal, no menor tempo possível, para, desse modo, ser reconhecido o indígena mais veloz.

Normas:

1. Cada delegação indígena poderá inscrever no máximo duas equipes, uma masculina e feminina, compostas por 02(dois) atletas.

2. O número de séries eliminatórias será definido no Congresso Técnico, de acordo com o número de atletas inscritos.
3. Classificar-se-ão para as séries subsequentes somente os primeiros colocados.

Corrida de Fundo

Seguindo essa lógica de possibilitar ao público manter um contato mais próximo com os competidores, torna-se profícuo observar a similaridade da “Corrida de Fundo” realizada nesta edição do evento com a maratona que possui todo um simbolismo dentro das olimpíadas. Foi o que aconteceu em Recife. Sem um número determinado de “atletas” inscritos por etnia, eles deveriam percorrer um trajeto de aproximadamente 3000 mil metros pelas ruas adjacentes ao ginásio Geraldão⁵.

Em mais um dia ensolarado, as pessoas paravam para olhar os indígenas correrem sobre o asfalto, calçados ou não, demonstrando capacidade de velocidade e resistência. Ao final, no ginásio de esportes, os vencedores foram recebidos com entusiasmo pelos espectadores e organizadores do evento. Assim como ocorre com a prova mais tradicional nos Jogos Olímpicos, a “Corrida de Fundo” foi realizada no último dia dos Jogos, fechando as atividades competitivas.

Normas:

1. Não há limite de inscrição de atletas para essa prova que será de aproximadamente 3000 (três mil) metros, sendo essa modalidade uma prova individual masculina e feminina.
2. Haverá duas largadas, a primeira será da prova feminina e após 15 minutos a largada da prova masculina.
3. O percurso será definido pela Comissão Técnica e divulgado no Congresso Técnico.
4. Será permitido aos competidores o reconhecimento do percurso antes da prova.

Corrida de Tora

Nesta edição dos Jogos dos Povos Indígenas, houve uma importante mudança. Após oito edições desse evento nacional, a corrida de toras foi realizada tanto de maneira demonstrativa, quanto competitiva, em que “outras comunidades que [quiseram] participar desta nova modalidade, tipicamente indígena, [puderam] competir neste evento” (Orientações Específicas das Modalidades, 2007). De acordo com o organizador do evento, em declaração para o documentário *IX Jogos dos Povos Indígenas*, existem hoje seis etnias que praticam a corrida de toras em território brasileiro, a saber: Xerente, Gavião, Xavante, Kanela, Krikati e Krahô. Destas, as duas últimas não estiveram presentes ao evento (Discurso do Idealizador, Referência Documentário, 2008).

5 Como é conhecido o Ginásio Geraldo Magalhães.

Nas demonstrações, cada etnia corre com a tora que é tradicional de sua cultura, expressando suas especificidades. Ressalta-se que a corrida de toras varia muito de uma sociedade para outra. Os Gavião Kyikatejê do Pará, antes de iniciarem a corrida (denominada *Jãmparti*), colocam duas toras de aproximadamente 3 metros de altura, apoiadas na areia sobre extremidade de diâmetro maior, ornamentada com algodão, visto que essa tora apresenta uma diferença de diâmetro entre as extremidades. Os corredores, de mãos dadas, se posicionam ao redor das toras cantando e dançando, como preparação para atividade. Entre os Gavião, as toras são erguidas com a ajuda de todos os participantes e conduzidas por dois indígenas de cada vez, que as carregam nos ombros com a extremidade de maior diâmetro à frente. Para a passagem da tora a outra dupla, há uma pequena pausa até que esteja segura por outros dois índios.

Os Kanela, tanto homens quanto mulheres, correm com toras de aproximadamente 1 metro de comprimento por 30 centímetros de diâmetro. A tora é conduzida individualmente com grande velocidade, com acompanhamento de outros indígenas, que auxiliam o corredor equilibrando-a. A passagem é dinâmica, e o condutor da tora realiza um giro colocando-a sobre o ombro do companheiro.

Ressalta-se, contudo, que, pela primeira vez, a corrida de toras foi realizada de maneira competitiva dentro dos Jogos dos Povos Indígenas, sofrendo um processo de regulamentação. O regulamento dos jogos indígenas determinou que cada etnia que quisesse participar dessa competição deveria inscrever uma equipe masculina com quinze integrantes. A “prova” foi disputada na arena, onde foi montado um percurso retangular demarcado por cones. Voluntários fiscalizavam o cumprimento do trajeto.

Crendo em uma imparcialidade, foi feito um sorteio das toras entre duas equipes que as carregaram durante a corrida. O instrumento dessa prática a tora foi “padronizado”, sendo eleita a tora da etnia Xavante, a fim de proporcionar a “igualdade” de condições aos “competidores”. A tora confeccionada por esta etnia tem aproximadamente 80 cm de altura por 50 cm de diâmetro, sendo de madeira de Buriti, árvore típica da região em que habitam no Centro-Oeste brasileiro. O vencedor é o grupo que percorre 2 voltas do trajeto no menor tempo. Tendo em conta que os Xavantes apresentam maior habilidade para manipular este tipo de tora, essa igualdade se fez relativa.

Todos os povos, além daqueles que já praticam tradicionalmente esta atividade em sua cultura, podem participar, pois essa é a primeira atividade original indígena que está se transformando, historicamente, em um esporte oficial neste evento.

Normas:

1. A competição será dirigida e observada por, pelo menos, cinco “juízes” neutros, não indígenas;
2. Cada etnia deverá formar uma equipe com 12 atletas corredores e mais três reservas;
3. As toras que serão usadas nesta prova deverão ser preparadas pela comissão organizadora.
4. A largada e chegada da corrida serão em frente à oca como é a tradição indígena.

5. Os competidores terão que dar 02(duas) voltas na pista, dentro da arena.
6. Caso haja empate na segunda largada, haverá a terceira largada. Os chefes de cada equipe serão chamados para um outro sorteio (par/ímpar ou cara/coroa).
7. A escolha da tora com que cada equipe irá correr será feita por sorteio.
8. A largada será sempre entre duas etnias (equipes), escolhidas num sorteio prévio.
9. Será utilizado o sistema de eliminatória simples em todas as fases, até chegar a um ganhador maior.

FUTEBOL MASCULINO E FEMININO

No dia 24 de novembro de 2007 teve início, no Campo da Torre, o torneio de futebol. O futebol é o único esporte praticado nos Jogos dos Povos Indígenas, no entanto, agrega um grande número de indígenas. Nesta edição, os jogos de futebol foram realizados simultaneamente ao Fórum Social Indígena, causando um esvaziamento dessa atividade política. Tanto os jogos da “categoria” masculina quanto os da feminina ocorreram sobre a areia, o que desagradou algumas etnias que costumam jogar nas suas aldeias em campo de terra batida. Os jogos eram compostos de dois tempos de quinze minutos, cada equipe com seis jogadores descalços, sendo as substituições livres. O sistema adotado foi o de eliminatória simples; caso o jogo terminasse empatado, as equipes disputavam a permanência no torneio por meio de cobranças alternadas de pênaltis, num total de cinco ou mais, se necessário.

O primeiro jogo do torneio foi entre as etnias Xikrin e Karajá. O preparativo para o jogo seguiu o ritual do futebol profissional com conversas iniciais (preleções), aquecimento e alongamentos. O público e a mídia procuraram o melhor local para verem a partida, enquanto as equipes masculinas aguardavam o início da disputa uniformizadas e dispostas em campo, sem uma orientação tática definida. Dois juízes não índios conduziram o jogo que se iniciou com muita disposição por parte dos jogadores de ambas as equipes.

À medida que se passavam os jogos, notava-se que os comportamentos eram similares, sem fugir das especificidades de cada cultura, ou seja, o elemento cultural da sociedade nacional o futebol foi apropriado pelas diferentes sociedades indígenas e adaptado à diversidade cultural das sociedades tradicionais. Por outro lado, algumas condutas desenvolvidas na sociedade envolvente foram reproduzidas no contexto desses jogos.

Normas:

1. Cada equipe indígena poderá inscrever no máximo 18 (dezoito) atletas.
2. As partidas de futebol serão regidas pela Instrução Geral dos Jogos e pelas regras em vigência na Confederação Brasileira de Futebol, exceto o tempo de jogo que será de 40 (quarenta) minutos, divididos em dois tempos de 20(vinte) minutos cada, com 05(cinco) minutos de intervalo para descanso.
3. Quando houver empate numa partida e houver necessidade de definir um vencedor, serão adotados os seguintes critérios:

- 3.1. Não haverá prorrogação. Após 05(cinco) minutos de intervalo, cada equipe cobrará uma série de 05(cinco) tiros livres da marca do pênalti por atletas diferentes.
- 3.2. Persistindo ainda o empate, cada equipe cobrará alternadamente um tiro livre da marca do pênalti, por atletas diferentes, até se definir o vencedor.
4. A ordem de execução dos tiros será sorteada pelo árbitro.

CABO DE FORÇA

Outra atividade que criava expectativa entre homens e mulheres indígenas foi o cabo de força. Entende-se o cabo de força como um jogo popular que, assimilado pelos indígenas, tem o sentido de reconhecimento dos mais fortes. Nas culturas indígenas, assume a identidade de “guerreiro”, possuindo, desse modo, determinado prestígio social. Inicialmente, o jogo popular é entendido como uma prática corporal “que marca uma sociedade ou grupo social, sendo repassado intra e intergerações e cuja origem pode estar em um ou diversos povos, embora seja disseminado e praticado em diferentes sociedades” (ROCHA FERREIRA et al, 2005, apud VINHA & ROCHA FERREIRA, 2005: 5-6).

Doze indígenas, sendo dois reservas, compuseram as equipes masculina e feminina que, antes da disputa, se prepararam com cantos e danças, em rituais próprios, dentro da oca construída na arena. Entraram no espaço da disputa por “bateria” duas equipes masculinas e duas femininas, que concorreram para vencer e, desse modo, permaneceram até o fim da competição. Foram três minutos de força intensa para tentar fazer com que a fita, que marcava o centro da corda, ficasse no seu campo após esse tempo. A força aplicada pelos indígenas para vencer o oponente era tamanha que chegava a causar lesões musculares. Ao final, viam-se rostos cansados dos dois lados, uns felizes com a vitória; outros, frustrados, porém comemoraram juntos, demonstrando respeito pelo esforço do adversário.

Normas:

1. Cada delegação indígena poderá inscrever no máximo duas equipes, uma masculina e outra feminina, compostas de 10 (dez) atletas e dois reservas.
2. Haverá sorteio para compor as chaves de acordo com o número de equipes inscritas.
3. Será utilizado o sistema de eliminatória simples em todas as fases, até chegar a um ganhador maior.



3.6. COMISSÕES DE ORGANIZAÇÃO DO IX JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS 2007

1. COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO

COMPOSIÇÃO: 04 representantes do Ministério do Esporte, 02 do Governo do Estado de Pernambuco, 01 da FUNAI, 01 da Prefeitura de Recife, 01 da Prefeitura de Olinda, 01 do Ministério da Justiça, 01 do Ministério da Educação e 05 lideranças indígenas.

COORDENAÇÃO: Ministério do Esporte.

2. COMISSÃO DE TRANSPORTE, ALIMENTAÇÃO, RECEPÇÃO E HOSPEDAGEM

COMPOSIÇÃO: 01 representante do Ministério do Esporte, 01 do Comitê Intertribal, 01 do Governo do Estado de Pernambuco, 01 da FUNAI, 01 da Prefeitura de Recife e 01 da Prefeitura de Olinda.

COORDENAÇÃO: Governo do Estado de Pernambuco.

3. COMISSÃO DE INFRAESTRUTURA

COMPOSIÇÃO: 01 representante do Ministério do Esporte, 01 do Comitê Intertribal, 01 do Governo do Estado de Pernambuco, 01 da FUNAI, 01 da Prefeitura de Recife e 01 da Prefeitura de Olinda, 01 da FUNASA, 01 do Ministério da Justiça.

COORDENAÇÃO: Governo do Estado de Pernambuco.

4. COMISSÃO DE PROGRAMAÇÃO

COMPOSIÇÃO: 01 representante do Ministério do Esporte, 01 do Comitê Intertribal, 01 do Governo do Estado de Pernambuco, 01 da FUNAI, 01 da Prefeitura de Recife e 01 da Prefeitura de Olinda, 01 do Ministério da Educação e 01 do Ministério da Cultura.

COORDENAÇÃO: Comitê Intertribal e Ministério do Esporte.

5. COMUNICAÇÃO, MARKETING E CERIMONIAL

COMPOSIÇÃO: 01 representante do Ministério do Esporte, 01 do Comitê Intertribal, 01 do Governo do Estado de Pernambuco, 01 da Prefeitura de Recife e 01 da Prefeitura de Olinda.

COORDENAÇÃO: Comitê Intertribal e Ministério do Esporte.

6. DOCUMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO

COMPOSIÇÃO: 01 representante do Ministério do Esporte, 01 do Comitê Intertribal, 01 do Governo do Estado de Pernambuco, 01 do Ministério da Educação, 01 do Ministério da Justiça, 01 da FUNAI e 01 do Ministério da Cultura.

COORDENAÇÃO: Comitê Intertribal e Ministério do Esporte.



4. Os povos indígenas participantes do IX jogos

Beleni Saléte Grandó⁶

Nesta parte do livro, apresentamos de forma sucinta os vinte e seis povos indígenas que participaram dos IX Jogos dos Povos Indígenas. A apresentação não expressa a riqueza da cultura e da organização social de cada povo, assim como os problemas enfrentados por eles nas relações historicamente estabelecidas com a sociedade brasileira nesses últimos 500 anos. Cada povo tem um tempo diferente de contato e de mediações com os não indígenas e esses contatos interferem nas suas organizações sociais e nas transformações culturais e econômicas, diretamente relacionadas com o processo de reconhecimento de seus territórios tradicionais e do direito à terra onde viveram e vivem atualmente. A relação com a terra é para todos os povos indígenas vital, pois nela se constituíram como um povo específico, com uma cultura e identidade diretamente relacionadas com o local onde viveram seus ancestrais e de onde tiram todos os elementos necessários para se compreenderem como povo.

Os textos das entrevistas com os indígenas que participaram dos Jogos, transcritas em trechos organizados por perguntas, apresentadas neste capítulo, trazem dados que expressam as influências dessas relações com o não indígena, sejam elas seculares, como ocorreu com as etnias da Bahia e Pernambuco, sejam elas mais recentes, como ocorreu com os povos do Pará e alguns de Mato Grosso. A relação de contato se dá, principalmente, pelo avanço das fronteiras agrícolas e de exploração da terra, marcada pelo conflito de diferentes formas de se relacionar com o ambiente e nele produzir vida. Essas relações entre brasileiros indígenas e não indígenas influenciam diretamente na sobrevivência física e cultural dos povos indígenas do Brasil e, embora camufladas pela cultura etnocêntrica e autoritária, marcam a história da vida nas cidades brasileiras.

Seus territórios, portanto, não são todos oficialmente destinados às comunidades que neles vivem; muitos grupos étnicos enfrentam sérios problemas com a invasão e desapropriação de seus territórios tradicionais, pautando-se os conflitos no jogo de interesse de exploração econômica particular sobre as terras ocupadas por indígenas.

6 Texto de apresentação, seguido da apresentação de cada etnia participante desta edição dos Jogos dos Povos Indígenas, construída a partir de referências disponíveis em sites oficiais e literatura, com o auxílio de alguns colaboradores indígenas e não-indígenas, tendo por referência os dados reunidos por Leandro Casarin Dalmas, sistematizados e elaborados pela Equipe do COEDUC/Unemat, as bolsistas Bruna Maria de Oliveira e Elcione Trojan de Aguiar, sob a coordenação de Beleni Saléte Grandó.

Os trechos que trazemos neste capítulo resultam do investimento feito pelos organizadores da nona edição dos Jogos dos Povos Indígenas, no sentido de apreendermos os diversos olhares sobre o evento, na perspectiva dos indígenas (jovens, adultos e anciões), do público que foi prestigiar os indígenas, dos voluntários e funcionários dos órgãos governamentais parceiros que trabalharam para que tudo ocorresse da melhor forma possível, dos que lá foram, como estudantes e pesquisadores, para se apropriar de uma realidade diferente como estratégia de formação humana.

Os participantes indígenas foram entrevistados sobre sua cultura e identidade étnica, os estudantes sobre sua busca de saberes, os voluntários atachés sobre a experiência do apoio aos grupos indígenas, o público na Arena sobre suas percepções sobre os povos indígenas.

Os indígenas das vinte e seis etnias participantes foram entrevistados a partir de sua função no grupo durante o evento, como mulher e homem atleta, como autoridade cultural e liderança indígena.

Assim, trazemos esta multiplicidade de vozes, organizadas a partir de perguntas que orientaram o processo de coleta de dados para avaliação dos IX Jogos dos Povos Indígenas, em Recife e Olinda, no estado de Pernambuco, em novembro de 2007.

Para melhor compreender a relação intercultural e interétnica presente nos Jogos Indígenas, recorreremos aos dados da FUNAI Fundação Nacional do Índio, que organiza as sociedades/etnias indígenas a partir da localização geográfica de seus territórios, distribuídos nos estados e regiões do país, conforme tabela abaixo.

Tabela Etnias participantes dos Jogos dos Povos Indígenas 2007

		Federação
1	Assurini	Pará
2	Atikum	Pernambuco
3	Bakairi	Mato Grosso
4	Bororo Boe	Mato Grosso
5	Gavião Parkatejê	Pará
6	Kambiwá	Pernambuco
7	Kanela Ramkokamekra	Maranhão
8	Kapinawá	Pernambuco
9	Karajá	Tocantins
10	Karitiana	Roraima
11	Kayapó	Pará
12	Kuikuro	Mato Grosso
13	Manoki	Mato Grosso
14	Pankará	Pernambuco
15	Pankararú	Pernambuco
16	Paresi Haliti	Mato Grosso
17	Pataxó	Bahia
18	Rikbaktsa	Mato Grosso

continua...

		Federação
19	Tapirapé	Mato Grosso
20	Tenharim	Amazonas
21	Terena	Mato Grosso do Sul
22	Umutina	Mato Grosso
23	Xavante	Mato Grosso
24	Xerente	Tocantins
25	Xikrin	Pará
26	Xokleng	Santa Catarina

Fonte: Documento de composição da subcomissão de avaliação e documentação dos IX Jogos dos Povos Indígenas do Ministério do Esporte, SNDEL, 2007.

ASSURINI-PA São da família linguística Tupi-Guarani, habitam terras já demarcadas no município de Baião, próximo a Tucuruí, na margem esquerda do rio Tocantins, no Pará, com uma população de aproximadamente 302 indígenas. Todos os anos realizam cerimônias como o MOROHARTOWA. Vivem da coleta de mel e açaí para o comércio de tucuruí e de criação de poucas cabeças de gado; no esporte, eles gostam de jogar futebol.

BOE-BORORO-MT Os Boe, que significa gente na própria língua, são os atuais Bororo Oriental, ou Orarimogodógue. Também receberam na literatura o nome de Coroados, devido o seu Pariko (grande e belíssima coroa de penas que usam) e Parudos. Já foram considerados a maior nação indígena da região central do Brasil, eram cerca de mais de dez mil pessoas, e tiveram sua complexa organização social e cultura difundida mundialmente na obra de Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*. Bravos guerreiros lutam há mais de três séculos com os não-indígenas por seus territórios e pelo direito à organização e cultura própria. Suas terras já demarcadas na região central do Planalto do Mato Grosso, desde Rondon, sofreram muitas invasões sendo suas antigas aldeias transformadas em cidades até recentemente. Com uma população superior a 2000 indivíduos, mantêm a língua Bororo do tronco linguístico Macro-Jê e têm total domínio da língua portuguesa, principalmente nas aldeias de Sangradouro e Meruri, onde vivem uma relação cotidiana com os missionários salesianos há mais de um século. Seus rituais são a festa do milho, furação de orelhas, lábios e funeral; no artesanato se destacam a confecção de plumagens, pintura corporal em argila, peculiar a esse grupo. A arte plumária Bororo é considerada a mais bela entre os ameríndios e está presente em muitos museus em todo mundo. O ancião Frederico Tugore, que teve um convívio com todas as aldeias bororo que já desapareceram deixou seu legado na obra Bakaru, uma espécie de código religioso, de comportamento, de normas educativas que contém explicações de fenômenos e mistérios, explica todos os fenômenos do universo cósmico e espiritual de seu povo. Persistentes e articulados com a sociedade, participam dos Jogos desde o primeiro, onde foram campeões, em 1996, em Goiânia-Go.

GAVIÃO-PA Essa etnia tem o dialeto da língua Timbira Oriental da família Macro-Jê. Subdivide-se em 3 subgrupos: Parkatêje, Kyikatêje e Akratikatêje. Atualmente todos estão reunidos na terra indígena de Mãe Maria, no município de Marabá, médio Tocantins, no Pará. Porém, também há os que habitam no Maranhão. Grandes atletas da etnia manejam arco e fecha e, entre os esportes, destacam-se na corrida de toras e em lutas

corporais. Na escola da aldeia, há ensino bilíngue. Vivem da caça, coleta, agricultura e criação de gado e aves.

KAMBIWÁ-PE Sua população se constitui de cerca de 2560 indivíduos distribuídos em 9 aldeias; possuem 2700 hectares de terra ocupada entre os municípios de Ibim, Inajá e Floresta; grupo indígena de filiação linguística não determinada. Desenvolvem a agricultura como forma de sobrevivência. A história desse povo é muito parecida com a de outros povos indígenas: foram expulsos das suas terras de origem por fazendeiros e até hoje lutam para reconquistar o direito de uso do seu território. O povo organiza-se através do cacique, que é responsável pelas articulações políticas; o pajé, o líder religioso; e os conselheiros que são representantes das famílias tradicionais de cada aldeamento.

KANELA RAMKOKAMEKRA-MA São aproximadamente 1200 que habitam a região de Barra do Corda no Maranhão. Autodenominam-se Apâniekra ou Kramkókamekra, pertencem ao dialeto linguístico Timbira. Sua cultura é preservada e mantém o relacionamento do indivíduo com a natureza e a sociedade. Tradicionalmente, os Kanela praticam corridas de toras, homens (100kg) e mulheres (80kg), por isso são considerados muitos velozes. Essa corrida surgiu como forma de treinar os Kanela para eventuais fugas durante perseguições. Na história dos Kanela, houve dois grandes fatos, o primeiro em 1931, do fazendeiro e seus rebanhos, e, em 1963, “transformação” de índios e branco.

KAPINAWA-PE Seu território atual é de direito pelo usufruto e se localiza no município de Buíque, em Pernambuco, sendo somente homologado em 1998. Em 2002, a Funai reconheceu 147 famílias Kapinawá “desaldeadas”, das quais 45 viviam no que foi definido como Parque Nacional do Catimbau.

KARAJÁ-MT; TO; PA Situados na região no Vale do Araguaia entre os estados de Goiás, Mato Grosso e Pará, principalmente no Parque Indígena da Ilha do Bananal, em Tocantins. São divididos em três subgrupos: karajá, javaé e xambioá, com origem linguística Macro-Jê. Nos séculos XVI e XVII, esse povo intensificou o contato com a população não índia, devido a exploração do ouro e expansão da pecuária, resultando em perda de cultura e muitas mortes. Atualmente são afetados pelos turistas que invadem a ilha e barcos pesqueiros depredando a natureza e poluindo os rios com os lixos por eles deixados em seus territórios. Sua cultura é profundamente ligada ao rio Araguaia, seus mitos e história, assim como a sobrevivência física dependem deste rio. Sua cultura é rica em cantos e festas, entre as quais a festa do Hetohoky (casa grande) que é permeada por danças e lutas corporais que oportunizam os jovens a demonstração de força e coragem. Outra festa importante para a aprendizagem é Aruanã, uma homenagem ao peixe da região que acreditam proteger todos Karajá. Os seus artesanatos e os adornos são considerados ricos, feitos de cabaças, palhas diferentes, penas, argila e madeira, além do uso do algodão e outros vegetais da região, demonstrando com a prática artesanal o domínio da natureza e a dependência dela para sua sobrevivência física e cultural.

KARITIANA-RO Vivem na Aldeia Karitiana e nas cidades de Porto Velho e Cacoal como agricultores, caçadores e pescadores. Pertencem ao tronco linguístico da família

Arikém, única língua ainda falada deste tronco, no entanto, é uma das dez línguas representativas do tronco linguístico Tupi. Em 2003 foram recenseados com 270 pessoas.

KAYAPÓ-PA Os Kayapó são classificados como etnia pertencente à matriz linguística Macro-Gê, habitam o sul do Pará e norte de Mato Grosso. Os bodoques são uma das práticas tradicionais dos homens, não tão frequentes atualmente. Suas pinturas são traçadas geometricamente e intrincadas, tornando belos homens, mulheres e crianças. Suas festas são expressões relevantes de sua cultura, envolvendo meses de preparação, com canções, danças e cerimônias ritualísticas.

KUIKURO-MT População de aproximadamente 510 pessoas, pertencem ao tronco linguístico Karib. Encontram-se no Parque Nacional do Xingu, em 3 aldeias. No Parque Nacional do Xingu, vivem quatro grupos linguísticos classificados: Tupi, composto pelas etnias Kamaiurá, Kaiabi, Aweti e Yudjá; Karib, pelas etnias Kuikuro, Kalapalo, Matipu, Nahukuá e Ikpeng; Aruak, pelas etnias Mehinaku, Waurá e Yawalapiti; e Gê, pelas etnias Suyá e Panará; e uma língua isolada não classificada, dos Trumai. Com isso, o povo Kuikuro vive permanentemente numa relação intercultural e interétnica riquíssima, sendo um representante dos “Povos do Xingu” muito admirado por todos os participantes dos Jogos dos Povos Indígenas. Têm participado da formação de professores e agentes de saúde, fortalecendo o diálogo qualificado com a sociedade não-índia e a produção de materiais didáticos que fortalecem a própria cultura e identidade. Eles vivem da agricultura, tecelagens, confecção de redes, cerâmicas e objetos de madeira. Praticam os elementos tradicionais como o Kuarup e o Yamarikumã. São lutadores de Huka-huka e praticam Katulaya, um jogo de bola jogado com os joelhos. Com a presença de anciões, encantaram os participantes indígenas e não-indígenas com sua cultura, alegre e pujante, socializada nas produções culturais e artísticas/artesanais apresentadas no evento, entre elas apresentaram também a produção de vídeo, resultado do Projeto Vídeo nas Aldeias do Ministério da Cultura.

KURA-BAKAIRI-MT A língua presente nessa etnia é o Bakairi, da família Karib. Os Kurâ – nossa memória, nossa gente, nosso povo, é a forma que se autodenominam os Bakairi que habitam atualmente as terras indígenas dos municípios de Nobres, Paranatinga e Planalto da Serra, em Mato Grosso. Com aproximadamente mil pessoas, organizam-se em onze aldeias e um grupo de menos de cem pessoas que vivem em cidades de Mato Grosso, onde estudam e trabalham em ações políticas indígenas, especialmente nas políticas educacionais e de saúde indígenas. Com muitos professores graduados e pós-graduados em nível de mestrado, organizam nas aldeias as escolas voltadas para as necessidades do povo. Mantêm as tradições com a prática dos rituais sagrados como o Kápa, Kwamby, Áriko e a festa do Yamuurikumã. Fortes e mais altos que muitas etnias, destacam-se no cabo de força durante os Jogos Indígenas. Além da força física, destacam-se pelas pinturas corporais e contos tradicionais.

MANOKI-MT Os Manoki, nome recentemente assumido por ser a sua língua, são reconhecidos na literatura por irantxe. Vivem em dois territórios no oeste de Mato Grosso, ambos situados no município de Brasnorte, onde possuem pouco mais de meia dúzia

de aldeias, com pouco mais de trezentas pessoas. Lutam atualmente por suas terras, pois a parte demarcada, envolta de fazendas de soja, deixou fora o território tradicional. Economicamente atrelam suas atividades às atividades culturais ritualizadas definidas pelos períodos de chuva e de seca. Já contam com professores e agentes de saúde qualificados e mantêm suas festas rituais que podem durar um mês cada. Ao participarem dos Jogos, marcam sua presença com as famílias completas com muitas crianças, todas muito ornamentadas acompanhando os pais e avós.

PANKARÁ-PE Como muitos indígenas que estão há mais tempo na relação permanente com o não índio, já perderam a língua específica, porém inserem no uso fluente do português palavras e metáforas do universo semântico falado na Serra do Arapuá, local onde viviam até final de 2002. Assumem no processo de reorganização social e étnica, no início de 2003, o etnônimo Pankará da Serra do Arapuá.

PANKARARU-PE Como os demais indígenas do Nordeste, os Pankararu sobreviveram ao longo período de contato e da ação integracionista missionária e governamental desde o período colonial, sendo desapropriados de sua língua e de muitos elementos fundamentais de sua cultura. Preservam o ritual Toré e seus cultos. Reivindicam seus direitos territoriais ainda hoje, pois que não foram respeitados no reconhecimento da Terra Pankararu. Em 1999, o processo de ampliação dessa terra foi iniciado, embora ainda não tenha sido concluído. Mantêm um site para comunicação virtual: <http://indiosonline.org.br>

PARESI-MT Pertencem à raiz linguística Arawak, vivem em Mato Grosso nas terras tradicionais que dividem as águas entre as bacias dos Rios Amazonas e Paraguai, na Chapada dos Parecis. Reivindicam a área conhecida como Ponte de Pedra ou Cidade de Pedra, por ser essa localidade o local do mito de origem dos parsi, portanto, fundamental para a própria história e cultura do povo. Suas terras compõem os municípios de Tangará da Serra, Diamantino, Campo Novo dos Parecis, Pontes e Lacerda, Comodoro e Sapezal, no Mato Grosso. Porém sofrem permanente invasão de seus territórios por madeireiros e fazendeiros em busca de lucro fácil e apropriação indevida. Há muitos professores e agentes de saúde qualificados, que assumem as responsabilidades de gestão da educação e da saúde nas aldeias, reforçando a língua e a cultura do povo. São sempre atuantes nos Jogos dos Povos Indígenas, com apresentações culturais e uma rica indumentária constituída de penas, vestes de algodão, pinturas corporais e instrumentos confeccionados para as competições indígenas. Entre seus jogos tradicionais está o Tihimore (as mulheres praticam este jogo de arremesso com bola de marmelo) e o Xikunahaty, (jogado por homens, com a cabeça, usando a bola de mangaba).

PATAXÓ-BA Língua de origem Macro-Jê; localizados na faixa da litorânea dos estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, sofreram com o contato dos portugueses e foram proibidos até de falarem sua própria língua e praticarem rituais. Por esse motivo, perderam um pouco de sua cultura tradicional permanecendo apenas alguns que falam a língua e a dança chamada Toré. Lutam pela preservação de sua cultura e suas terras; e em

função disso os pataxós perderam um de seus líderes Galdino Jesus do Santos, vítima de jovens de classe média alta, que lhe atearam fogo enquanto dormia.

RIKBAKTA-MT Rikbaktsa significa “os seres humanos”, rik é pessoa, gente, humano; BA é reforço; e tsa, os. Sua raiz linguística pertence à família Macro-Gê e são conhecidos como os canoeiros do vale do Rio Arinos (rios Sangue, Juruena, Japuira, Arinos e Posto Escondido). As águas violentas e com quedas fazem dos Rikbaktsa os grandes navegadores de Mato Grosso. Foram contatados em 1957, quando eram mais de mil e duzentos indivíduos e foram drasticamente reduzidos a cerca de duzentos, sendo a maioria dos sobreviventes crianças. Hoje somam aproximadamente mil pessoas, vivendo nos municípios de Brasnorte, Juara e Cotriguaçu, em Mato Grosso. Atualmente, como afirmaram os participantes do IX Jogos dos Povos Indígenas, vivem em três áreas indígenas e se organizam em 34 aldeias nelas distribuídas. Entre os professores, muitos são qualificados e exímios defensores das tradições, com uma inserção relevante nas questões políticas em defesa dos territórios e da manutenção dos costumes, longe dos não-indígenas. Os anciões são presença constante nos Jogos dos Povos Indígenas, pois são respeitados pelo povo em todas as circunstâncias das relações com a sociedade não-índia. São eles os responsáveis por fornecer as canoas para os Jogos dos Povos Indígenas, pois as canoas são de fácil adaptação para todos os indígenas. Os grandes ornamentos das orelhas lhes deram o apelido de “Orelhas de Pau”, mas a arte plumária de suas coroas é de uma riqueza e beleza que se destaca entre tantas outras que marcam as diversas identidades indígenas nos Jogos.

TAPIRAPÉ-MT Sua língua é de matriz Tupi-Guarani. É um grupo indígena originário do baixo curso dos rios Tocantins e Xingu, onde vivia até o século XVII. Chegaram à região marginal ao médio curso do Araguaia por volta da segunda metade do século XVIII. O povo Tapirapé vive atualmente ao norte de Mato Grosso na divisa do Pará, próximo ao Rio Araguaia, em dois territórios, o primeiro onde sobreviveram por anos com o apoio das Irmãs francesas quando foram reduzidos a 30 pessoas, entre mulheres e crianças, em Santa Terezinha, nas margens do rio Tapirapé. Outro é a Área Indígena Urubu Branco, uma conquista que veio com a Eco-92, que se situa entre os municípios de Santa Terezinha, Confresa e Porto Alegre do Norte. Como outras terras indígenas, sofrem permanentemente com a invasão de fazendeiros e posseiros (muitos a mando dos primeiros), que desmatam para explorar madeira e formar pastos. Neste território maior, também dividem espaço com os karajá. Exploram alternadamente o ambiente, segundo a época do ano se dedicam a atividades de agricultura caça, coleta e pesca, embora dependem principalmente do rio para sua sobrevivência. Seus rituais são: xepaanogawa, construção da takara, depois o ka’o, depois o Marakayja e termina com o ritual Tawa. O artesanato é atualmente sua mais importante e praticamente única atividade comercial, através da qual conseguem o dinheiro. Consiste basicamente na elaboração de artigos de cestaria, arcos e flechas, remos, lanças, cuias decoradas, bordunas, plumária e a belíssima “cara grande”.

TENHARIN-AM Os Tenharim vivem no sul da Amazônia e são conhecidos também como Kagwahiva, nome que levam pela língua falada que pertence à família Tupi-

Guarani. A estrutura familiar é patrilinear e exogâmica, sendo que casam sempre com o lado oposto ao do seu clã, com uma reciprocidade permanente. Constituem três grupos, o do rio Sepoti, o do rio Marmelos e o do Igarapé Preto.

TERENA-MS Sua língua é da família dos Aruak; contam com uma população bastante numerosa por manterem um contato intenso com a população regional, pelas condições ecológicas do planalto pré-pantaneiro brasileiro, o Pantanal Sul-mato-grossense, que faz divisa com a Bolívia. Aldeias Guaná resultam do interflúvio dos rios Miranda-Aquidauana-Taquari. Lutam para manter viva sua cultura; possuem características essencialmente chaquenhãs (de povos do Chaco). Praticam agricultura contínua em suas aldeias, sendo atividades principais a caça, a pesca e a coleta. Essas atividades têm ainda uma importância fundamental para a subsistência de muitos terena. Devido a luta permanente contra as frentes de expansão agrária e invasão de suas terras, no início da década de 1980, um grupo se organiza na periferia da cidade de Rondonópolis, em Mato Grosso (segundo o CIMI, no final da década seguinte em Mato Grosso eram aproximadamente 300 pessoas).

UMUTINA-MT Esse povo possui uma das mais tristes histórias de contato com não índios, no Brasil, de que se tem notícia; sua população foi grandemente dizimada pela guerra de extermínio. Eram também chamados de Barbados pelo costume de deixar a barba crescer e pintar o rosto para afugentar seus inimigos. Seus remanescentes vivem hoje integrados à sociedade nacional numa aldeia a 8 km de Barra dos Bugres (MT), entre os rios Paraguai e Bugre, numa área demarcada em 1989, onde foram delimitados com a presença de vários outros povos indígenas, o que acelerou o processo de eliminação da língua umutina e definindo a língua portuguesa como a língua “materna” para todos os que viviam na aldeia. Recentemente os professores qualificados em nível superior têm contribuído para a produção de materiais didáticos para o resgate da língua e para o registro da memória e da cultura umutina, na escola intercultural. A economia está baseada no plantio de roças, na pesca e na pecuária, embora seu território anualmente fique limitado pela invasão das águas pantaneiras, sendo a pesca vital para a sobrevivência desta comunidade, e também um dos grandes problemas na relação com os não indígenas exploradores desta realidade sócio-cultural específica. Do artesanato à dança, da prática do arco e flecha à educação indígena nas aldeias, os umutina lutam para preservar sua cultura e manter os valores tradicionais que os identificam.

XAVANTE-MT São cerca de 13 mil índios distribuídos em sete terras indígenas no estado de Mato Grosso, seis nos municípios de Água Boa, Paranatinga, Nova Xavantina, Barra do Garças, Campinápolis, Novo São Joaquim, Canarana, Ribeirão Cascalheira e General Carneiro, sendo que a área de Maraiwatsed, antiga fazenda Suya Missu (devolvida pelo Vaticano na Eco-92), localizada nos municípios de São Félix do Araguaia e Alto da Boa Vista, é permanentemente invadida por posseiros (desde que receberam de volta a terra, houve uma invasão sob orientação de fazendeiros e políticos da região), e de fazendeiros. Sua língua se origina da família Macro-jê e seus territórios atuais estão localizados

no centro do cerrado, nos rios Araguaia e Batovi e no rio das Mortes. Dessa região retiraram os alimentos e materiais necessários para a vida coletiva, como armas, instrumentos musicais e construção de casas. A tradicional organização social do Xavante continua intacta, embora haja algumas inovações. Dentro dos esportes tradicionais se destacam o Oi'ó, lutas com bastão (raiz) e entre os jovens e adultos (homens e mulheres) o Uiwede Mâpraba (corrida de toras de buriti), Wa'i (luta dos padrinhos e afilhados, parece luta greco-romana) ou Huka-huka, Sauri (Maratona dos padrinhos e madrinhas – 10km) e Noni (corrida de 500m). Nos Jogos Indígenas, Geremias Xavante é um dos líderes que atua conjuntamente com Marcos e Carlos Terena na organização do evento, sendo um importante mediador. O povo xavante é um povo político, prioritariamente os homens, e têm investido na formação de quadros que atuam em várias frentes pelo direito do povo e pelo direito indígena. São muitos os xavante com formação superior que atuam em políticas de educação e saúde, e também para a busca de alternativas ambientais que garantem a manutenção das tradições de caça, fundamentais para a formação dos jovens guerreiros, segundo a tradição de sua cultura.

XERENTE-TO Da família Jê é a língua falada pelos Xerente nas 33 aldeias do Território que se localiza em Tocantins, a 70km da capital Palmas. São aproximadamente 1.800 pessoas que vivem nas terras indígenas Xerente e Funil, a leste do rio Tocantins. No cerrado, tiram a caça e colhem alimentos e materiais necessários que são complementados pela agricultura de coivara.

XIKRIN-PA Da família linguística Jê, do tronco Macro-Jê, os Xikrin falam a língua Kayapó, ou Mebengokré. Vivem no estado do Pará em duas Terras Indígenas, a TI Cateté e TI Trincheira Bacajá. Têm sua cultura fortalecida por muitos saberes sobre a diversidade da fauna e flora de seus territórios; mantêm vivas suas tradições e principalmente a língua, sendo que a maioria não fala a língua portuguesa.

XOKLENG-SC Sua língua é Xokleng da família do Macro-Jê, conhecidos como Botocudos pelo costume de usarem botoque labial (tembetá). Habitam o noroeste de Florianópolis e o oeste de Blumenau, em quatro municípios catarinenses — José Boiteux, Victor Meirelles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis, formados por dois grupos: Waikomang e os Kañre. Eram nômades, habitavam todo vale litorâneo, a borda do planalto no sul e Mata Atlântica. A população é de aproximadamente 850 pessoas. Vivem da agricultura e artesanato. A língua Xokleng é falada pela maioria, numa forma explícita de resistência étnica. O coletivo ainda predomina sobre o individual; assim, eles continuam sendo mantenedores dos espaços da diferença cultural, o que lhes permite continuarem índios a reconhecer-se Povo Xokleng.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Arthur José de Medeiros de Almeida. *Esporte e Cultura: esportivização das práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas*. Dissertação de Mestrado apresentada em 2006, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, na Universidade de Brasília, sob orientação de Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna e co-orientação de Beleni Saléte Grando. Disponível em: www.boletimef.org

BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1988.

ONU. *Declaração das Nações Unidas sobre o Direito dos Povos indígenas*. Brasília: Senado Federal, 2007.

SECCHI, Darci. “Educação escolar para o protagonismo indígena”. In: RODRIGUES MULLER, M^a Lúcia & PAIXÃO, Lea P. (Orgs.). *Educação: diferenças e desigualdades*. Cuiabá: UFMT, p. 187-225, 2006.

SUASSUNA, Dulce; ALMEIDA, Arthur J.M.; FREIRE, Juliana O.; ROQUETE, Priscila C. “O Ministério do Esporte e a definição de políticas para o esporte e lazer”. In: SUASSUNA, Dulce e AZEVEDO, Aldo A. *Política e lazer: interfaces e perspectivas*. Brasília: Thesaurus, p. 13-42, 2007.

TELLES, Vera. *Direitos sociais: afinal do que se trata?* Belo Horizonte: UFMG, 1999.

VINHA, Marina; ROCHA FERREIRA, M^a Beatriz. “Evento Nacional: jogos dos povos indígenas, jogos tradicionais e processo de esportivização” In: *Anais do XXIII simpósio nacional de história: história e paz*. CD-Rom. Londrina: Editorial Mídia, 2005.

VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo. “A Fabricação do corpo na sociedade xinguaná”. In: Oliveira Filho, João Pacheco (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. São Paulo: Marco Zero. UFRJ, 1987.

PARTE II

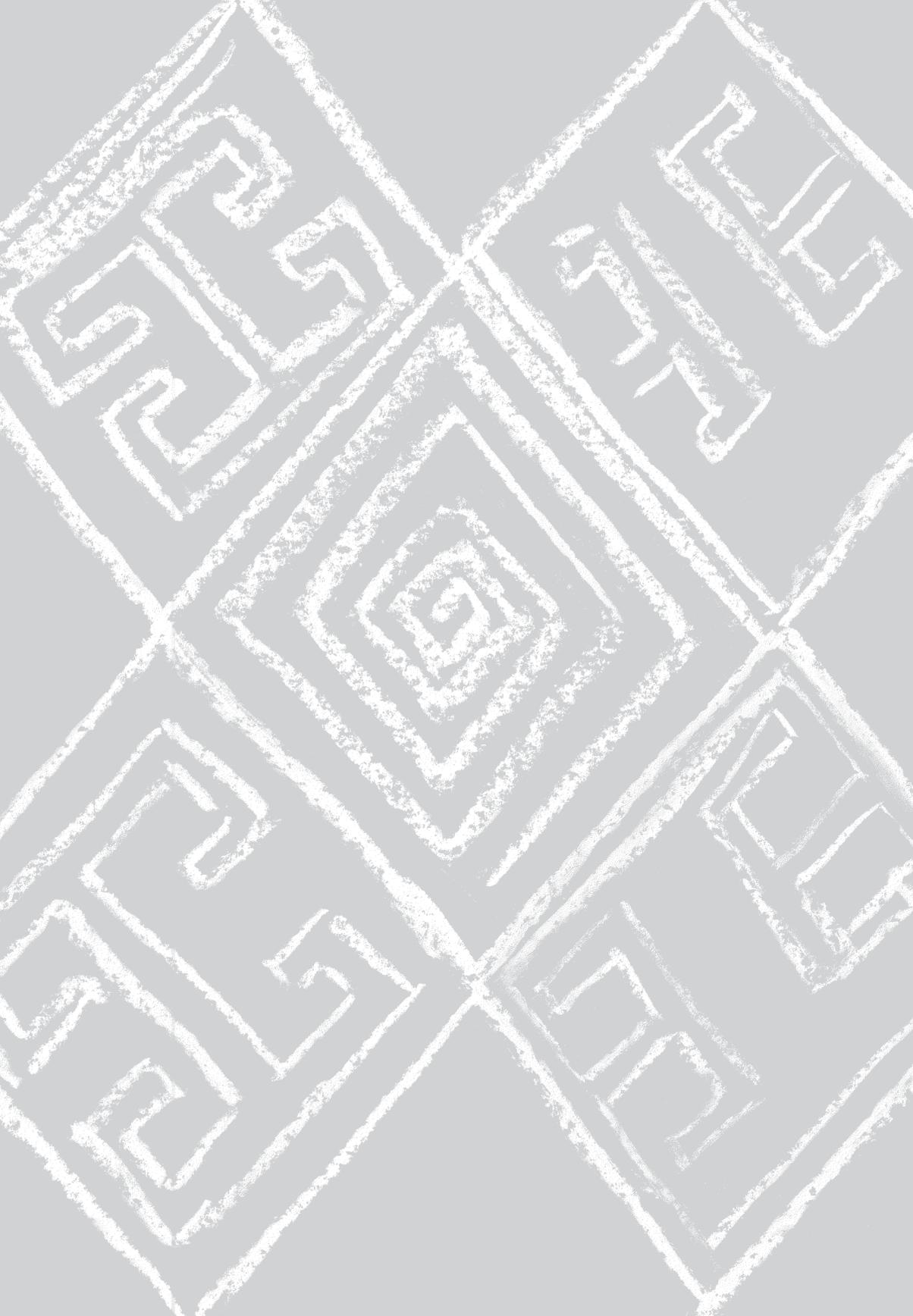
Avaliação do IX jogos dos povos indígenas



“[...] esses Jogos têm seu valor, não precisa dar mais valor a esses Jogos, esses Jogos em si acontecem sem o branco intervir, às vezes eu me sinto até um pouco meio intruso aqui, logo depois eu acordo... Não, não sou intruso nada, eu estou aqui pra celebrar junto com eles.”

Renato Freixelas

Coordenador da Equipe de Voluntários





1. Ecos de um processo vivido na avaliação do IX jogos dos povos indígenas

Beleni Saléte Grandó¹

A **Parte III** deste livro traz as vozes dos indígenas organizadores e participantes, dos não indígenas gestores e voluntários, dos pesquisadores, de estudantes e do público que participou, sob o título **IX Jogos dos Povos Indígenas: avaliação do evento**. Este evento foi realizado em Pernambuco, entre os dias 23 de novembro a 1º de dezembro de 2007, nas cidades de Recife e Olinda.

As entrevistas foram realizadas por uma Equipe de Avaliadores e Avaliadoras, com as vinte e seis etnias que participaram efetivamente do evento, com os indígenas que atuaram na organização e no Comitê Intertribal, gestores do evento, com o público e com os pesquisadores e estudantes presentes. Essa equipe foi composta por vinte e seis voluntários que trabalhavam em projetos de esporte e lazer no Ginásio Geraldão em Recife, três pesquisadores, sendo um da UnB, uma da Unemat, responsável pela assessoria no diálogo intercultural da Equipe com os indígenas, e uma da Universidade de Roma, e duas gestoras da SNDEL, responsáveis pela coordenação dos trabalhos de coleta de dados.

A relação com os indígenas foi um processo complexo para os “pesquisadores/avaliadores” considerando que a maioria deles eram mulheres e homens jovens que não conhecia a realidade indígena brasileira, muitos inclusive não tinham tido qualquer contato com população indígena no estado de Pernambuco. Nesse processo, a mediação intercultural foi viabilizada nos encontros com a assessoria durante as reuniões de trabalho da Equipe de Pesquisadores, que fez parte da rotina de acompanhamento do trabalho da avaliação, contribuindo para as relações de estranhamento e tentativas de compreensão do outro, presentes no processo de aproximação e registro de seus saberes e práticas específicas, durante as entrevistas.

Entre os conflitos desse estranhamento foram evidenciadas as nossas amarras culturais, os nossos pré-conceitos de índio genérico, de machismo e feminismo, de autoritarismo, oportunizando a descoberta de novas formas de ver e compreender os outros em suas especificidades, em suas contradições, limites e superações, nos conhecendo enquanto gru-

¹ Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, assessora da Comissão de Documentação e Avaliação dos IX Jogos dos Povos Indígenas, coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Corpo, Educação e Cultura COEDUC/Unemat, vinculado à Rede CEDES/Ministério do Esporte.

po e nos revelando como pesquisadoras e pesquisadores. A equipe de voluntários foi muito dedicada, superou todas as expectativas de um trabalho coletivo e está tão ansiosa pelo resultado desta publicação quanto esperamos estejam os nossos parceiros indígenas, que possibilitaram, de maneira fraterna, a produção deste registro e, assim, a sua publicação.

Nossa equipe do COEDUC Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura, da Universidade do Estado de Mato Grosso, composta por seis pesquisadores e duas bolsistas, organizou, juntamente com a Coordenação da Equipe de Avaliação, todos os dados e seis de nós ficamos responsáveis pela transcrição dos áudios. A dinâmica desse trabalho também foi um enorme aprendizado, assim como ocorreu com as bolsistas na leitura das transcrições, pois somos do interior do estado de Mato Grosso. Exceto um da UnB, somos mato-grossenses também com particularidades, homens e mulheres de diferentes idades e formação, que, ao ouvir as vozes indígenas e pernambucanas, tiveram mais o estranhamento com os entrevistadores do que com os entrevistados, já que, mesmo sem conhecer pessoalmente os indígenas entrevistados, temos presente sua diversidade e suas especificidades, pois muitos deles são cidadãos mato-grossenses como nós.

Assim, não trazemos uma produção comum neste trabalho, trazemos uma vivência que por agora buscamos transformar em experiência para o leitor e leitora, principalmente para dizer obrigada aos muitos indígenas pela oportunidade criada para todos nós, que, juntos, temos a oportunidade de trazer aqui suas vozes.

Com isso, nesta Parte III do livro, apresentamos as vozes indígenas organizadas por vinte e três perguntas que orientaram as entrevistas. Os textos indígenas foram organizados com o subtítulo: “**IX Jogos dos Povos Indígenas: a visão dos indígenas**”. As questões que trouxeram as falas indígenas, pontuadas pelas etnias a partir das especificidades e funções que cada entrevistado assumiu no grupo durante o evento foram: mulher atleta, homem atleta, mulher e/ou homem líder cultural (representante cultural e étnico), mulher e/ou homem líder indígena (liderança representante político).

As questões buscaram dados sobre quem são os indígenas participantes, como e onde vivem, quais aspectos da cultura específica são relevantes no cotidiano da aldeia e na relação com o evento seus jogos, suas danças, sua cultura e a relação com o esporte não indígena; a relação dos jogos com a saúde, com a natureza, com a organização da rotina da aldeia e das relações com os não indígenas. Também buscaram dados sobre os fatores que os indígenas consideram relevantes para a organização dos Jogos, as dificuldades enfrentadas, as sugestões para melhorar esta organização, entre outros elementos significativos para cada pessoa e cada povo/etnia.

Foram diagnosticadas em suas falas, a participação que cada etnia teve nas nove edições dos Jogos dos Povos Indígenas, quais as memórias sobre essas participações e quais são os aspectos que consideram relevantes desta participação para levar no retorno às aldeias.

A diversidade das experiências expressa nas falas a própria história de cada povo e a sua relação com os não indígenas, em diferentes tempos, trazem a história do Brasil que a maioria de nós não conhece. Mais do que uma avaliação dos Jogos dos Povos Indígenas,

este documento de avaliação nos traz as diversas histórias do Brasil que não estão nos livros, mas nas vozes silenciadas e marcadas pela exploração econômica e a submissão cultural e étnica que revela as faces de um país que se desconhece.

A leitura desta Parte do livro, dos textos indígenas, é uma oportunidade de pesquisa ímpar. Traz em seu bojo a complexidade de se pensar numa política única para os povos indígenas do Brasil, seja esta política voltada para a educação, para a saúde, para o esporte e o lazer, para a cultura, e, principalmente, para a demarcação de terras. Portanto, como ouvimos do nosso Presidente Luís Inácio Lula da Silva nestes anos de Governo Democrático, que busca atender aos brasileiros, homens e mulheres de todas as matrizes étnicas e culturais, mas principalmente com imensa diferença no acesso aos bens mais preciosos, a alimentação, a moradia, a saúde, a educação e a cultura: não podemos tratar diferentes como iguais, tratar diferentes em suas diferenças é tratá-los de forma igual em direito e reconhecê-los como cidadãos brasileiros.

Assim, este texto não fala de esporte e lazer, fala da vida coletiva de muitos brasileiros e brasileiras, que se diferem também em seus próprios grupos étnicos. São vozes de jovens, de adultos e de anciões, de mulheres e homens, de diferentes contextos históricos e sociais, muito particulares, que, em seu conjunto, nos trazem o retrato de um país de **gente alegre, solidária e esperançosa**. Podemos afirmar que os indígenas em sua diversidade trazem nas falas uma unidade que os não indígenas identificam como “identidade brasileira”, uma forma de ser que os povos estrangeiros reconhecem como nossa identidade nacional, ou seja, somos, mesmo sem termos memória ou consciência, a expressão da história e da cultura nativa deste grande território chamado Brasil.

Os jogos, as manifestações da cultura e da ludicidade indígenas, são uma riqueza à parte, suas pinturas corporais são sua arte, sua história e sua identidade. Durante os IX Jogos dos Povos Indígenas, os termos “esporte” e “lazer” adquiriram muitos outros sentidos, como expressam as falas que trazemos neste livro. Ao leitor e leitora, cabe ampliar suas referências para ouvir o outro, ou os muitos outros que estão presentes quando estes termos aparecem. Por isso, na Parte II, optamos por apresentar cada etnia, em uma breve contextualização de sua história e cultura, sempre marcada pela presença do não indígena, pelos processos de colonização que ainda perpassam nas relações com fazendeiros, com madeireiros, posseiros, garimpeiros, políticos e também nos espaços escolares, nos espaços comerciais, nos religiosos e nos de intercâmbio cultural e esportivo. A atenção às formas de pensar e às formas de cada pessoa se expressar nas entrevistas pode nos auxiliar a enxergar para além do trabalho aqui apresentado, pois nos auxiliará a nos perceber também colonizadores e preconceituosos, pois somos resultado também da nossa própria cultura, da nossa própria história de não índio, de colonizador.

Na sequência da Parte III do livro, organizamos as vozes dos responsáveis pela organização diária do evento, “**IX Jogos dos Povos Indígenas: avaliação dos organizadores**”. Neste grupo de pessoas, que chamamos de organizadores nessa fase do trabalho, está de fato um dos mentores do evento, Carlos Justino Terena, cuja avaliação tivemos o prazer

de ouvir e com quem também construímos possibilidades para a elaboração deste livro. Carlos Terena foi quem sonhou com o esporte para os indígenas, pois é, como ele mesmo se denomina, um apaixonado pelo esporte e pelo futebol, tendo sido um jovem terena que se destacou como goleiro de futebol de salão no velho Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Carlos é também, com seu irmão Marcos Terena, fundador do Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena (ITC). A partir de sua referência como organizador deste grandioso evento, trazemos seus relatos e avaliação cujo teor político e de memória enriquece a avaliação e nos dá elementos fundamentais para compreender a complexa rede de mediações interculturais que estes idealizadores fazem para dar conta de realizar um sonho que hoje é realidade para uma grande parcela de povos indígenas do país.

Com Carlos, trazemos também as falas de sua equipe de trabalho, são dois membros da família, a jovem Maiara Elluke, sua filha, e João Terena, seu jovem sobrinho, que segue os passos da família como articulador político da juventude indígena, na coordenação do fórum da juventude, como representante dos estudantes do país. Suas avaliações são particulares, pois já assumem na organização do evento pontos estratégicos da organização política do Comitê Intertribal. Também são pessoas importantes para nos ajudar a compreender a complexidade do trabalho desta instituição indígena pelas falas de duas parceiras de trabalho de Carlos e Marcos: Tainá Alencar, contratada pelo ITC que nos Jogos fica na organização da programação cultural, cuja articulação se estabelece com as lideranças indígenas para organizar os horários e dias de apresentações de cada etnia; Nelma Moraes, voluntária no trabalho de marketing do Evento, com o apoio do governo do estado de Tocantins, onde trabalha, para contribuir com a articulação da programação com a imprensa local. Sua preocupação também é garantir que as pessoas tenham acesso ao evento e ao contato com os indígenas participantes e agenda do Comitê com a imprensa.

Neste texto das falas dos organizadores, inserimos as avaliações de Alexandre Pankararu, líder indígena que atuou também na Comissão de Avaliação e na organização juntamente com a equipe de trabalho local, contribuindo para a articulação com os povos indígenas de Pernambuco, e o olhar do pataxó, Anapuará Muniz Pataxó (Eric Muniz), que trabalhou na Equipe de Imprensa, alimentando com notícias dos IX Jogos, diariamente, o site que coordena “Índios on-line”. Com esses interlocutores, trazemos a visão indígena sobre a organização do evento, a partir de cada função exercida por eles.

Para complementar essa visão da organização, reunimos alguns fragmentos das vozes dos pesquisadores/avaliadores durante a última reunião da Equipe de Avaliação, quando realizamos uma avaliação do que foi o trabalho de registro das entrevistas. Esta equipe esteve envolvida em várias ações e com isso, no registro da reunião, trazemos seus olhares sobre as relações que observamos durante o evento, com isso, vieram à tona conflitos e dificuldades dos indígenas e também das equipes de trabalho. Optamos por limitar suas falas, pois o objetivo é a avaliação dos que atuaram efetivamente na organização.

Na sequência, reunimos no subtítulo **“IX Jogos dos Povos Indígenas: a visão dos *atachês*”**, as vozes da experiência vivenciada pelos voluntários no trabalho de acompanha-

mento aos indígenas, organizados como “atachês”, assim como as falas dos dois responsáveis pelo trabalho que desenvolveram: Renato Freixelas, representando o Ministério do Esporte, com experiência acumulada na organização dos voluntários que trabalharam no acompanhamento das equipes participantes dos Jogos Pan-Americano, no Rio, acompanhou todo o trabalho de organização da estrutura do evento e na organização das equipes de trabalhos, compostas com voluntários sem experiência na realização dos eventos, juntamente com Genivaldo, da equipe de organização local, que atuou na coordenação do grupo. Estes dois coordenadores avaliam o trabalho realizado com os atachês, fazendo uma leitura do processo de organização e dos papéis relevantes que esses voluntários tiveram para as diversas etnias durante a estada em Pernambuco.

As falas dos atachês entrevistados revelam as relações que ocorrem durante a organização de um evento desta natureza, ao mesmo tempo em que apontam limites e dificuldades, mas também superações que as relações entre não indígenas voluntários e indígenas possibilitam durante o evento. A despedida destes dois segmentos, atachês e indígenas participantes, que conviveram muito próximos durante os IX Jogos dos Povos Indígenas, foi um espetáculo a parte. Demonstrações de carinho de uma amizade que se consolidou entre pessoas diferentes que se doaram nas trocas de saberes e práticas sociais muito além do exigido num evento esportivo e cultural do qual estamos acostumados a participar. Foram aprendizagens que marcaram todos os que tiveram o privilégio de conviver na organização desta edição dos Jogos dos Povos Indígenas. Os traslados entre Recife e Olinda também foram acompanhados pelos atachês, mas estes fizeram muito mais do que acompanhar nos traslados e nos espaços exigidos pelo trabalho, vivenciaram uma aprendizagem intercultural revelada em suas avaliações, que temos o prazer de trazer ao leitor e leitora desta obra.

Por fim, o último texto, **IX Jogos dos Povos Indígenas: a visão dos participantes**, traz três grupos diferentes de participantes. O primeiro, “**A Visão dos Pesquisadores**” é composto pelo olhar estrangeiro: duas mulheres e um homem, de diferentes idades e com diferentes interesses, mas todos em processo de coletar dados para melhor compreender os indígenas e os Jogos dos Povos Indígenas. Suas vozes nos falam de suas motivações, da importância dos Jogos, das dificuldades observadas, da avaliação da experiência e participação no evento. Uma jovem estudante italiana, uma jovem já em trabalho, residente nos Estados Unidos, e um senhor, professor e pesquisador espanhol, convidado pelo Marcos Terena para participar do Fórum Social Indígena, realizado durante os Jogos, já relatado na Parte II deste livro.

No texto dos participantes, também se encontram os estudantes que estiveram no evento registrando e produzindo saberes. Suas vozes, “**A Visão dos Estudantes**”, nos informam seus interesses e aprendizagens, como avaliam a relevância dos Jogos e a organização do mesmo. No total, foram entrevistados quatro estudantes de jornalismo de Brasília e uma acadêmica de Educação Física de Recife.

O último texto dos participantes traz as vozes dos que estiveram na arena, espaço em que ocorreram as apresentações culturais e jogos tradicionais e adaptados para competi-

ções entre as etnias. “**A Visão do Público da Arena**” apresenta a avaliação também da organização, informando as formas de divulgação que os levaram até lá, suas motivações e aprendizagens, e traz sugestões para que este evento possa contar com melhor organização.

A Parte III do livro fecha a avaliação com os que aplaudiram os que abriram a avaliação, os povos indígenas participantes do IX Jogos dos Povos Indígenas. Também são eles, representantes do povo brasileiro que, em sua maioria, não conheciam seus patrícios, o povo nativo do qual muitos descendem. É o confronto do olhar sobre si mesmo a partir do outro.

Assim, esta parte do livro busca trazer a diversidade brasileira, inclusive quando traz as vozes dos estrangeiros, pois temos também no Brasil, espaços de interlocução e aprendizagens de muitas culturas vindas de outros continentes que qualificam esta diversidade ainda mais, mas são as vozes indígenas que evidenciam a relevância de se criar espaços de intercâmbios e de valorização das culturas e identidades indígenas. São espaços como este, sonhados por indígenas, realizados com o apoio do Governo brasileiro, nas mais diversas instituições e instâncias de gestão pública, que oportunizam os brasileiros se reconhecerem e se identificarem. A diversidade étnica e cultural, marcada nos corpos que “brincam, jogam e vivem”, nos transforma em único, o POVO BRASILEIRO: **gente alegre, solidária e esperançosa!**



2. As vozes indígenas

Os textos apresentados foram organizados a partir do conteúdo das entrevistas transcritas, seguindo a orientação do questionário avaliativo. Os entrevistadores voluntários trouxeram as falas dos indígenas sobre o IX Jogos dos Povos Indígenas, em diferentes dimensões, inclusive sobre a relação deste evento com o cotidiano das aldeias, das relações com os não indígenas, entre outras possibilidades que nos auxiliam na compreensão da diversidade étnica e cultural indígena existente no Brasil.

Os dados completos das entrevistas transcritas foram preservados e entregues à coordenação da Comissão de Avaliação do IX Jogos dos Povos Indígenas, pela Equipe de Pesquisadores do COEDUC/Unemat, em 2007. Cada fala apresentada traz dados que identificam os autores por etnia, sexo, iniciais do nome, seu papel no grupo (Atleta, Liderança Cultura, Cacique, Liderança Indígena, Liderança Esportiva e Cultural, conforme a pessoa se identificou na entrevista), e idade (quando a pessoa informou). Por exemplo: etnia manoki, sexo feminino, nome informado Ana Lima, atleta e com 20 anos, será identificada por Manoki/F/AL/Atleta/20. Quando o entrevistado se identificou como liderança, será marcado no nome a inicial dessa função social assumida no grupo, por exemplo: Alexandre Liderança Pankararu: Pankararu/L.A.

Os tópicos apresentados como subtemas resultam das questões orientadoras das entrevistas e visam a uma melhor compreensão do diálogo estabelecido pelos próprios indígenas. Buscamos evidenciar a relevância do protagonismo indígena sem retirar ou introduzir palavras ou expressões que interferissem nas formas de pensar e expressar dos indígenas, assim, somente extraímos das falas as marcas de hesitação, de dúvida em como responder ao entrevistador.

Optamos por não trabalhar com a lógica da pesquisa científica com apresentação de dados para posterior análise e discussão, por acreditarmos que este trabalho potencializa o diálogo intercultural entre os protagonistas indígenas e os não indígenas que realizaram os IX Jogos, assim como potencializará a aproximação de leigos e pesquisadores com as diversas formas de ser indígena no Brasil.

Neste sentido, neste trabalho, não serão feitas análises de dados apoiadas em algum suporte teórico, pois se trata de tornar públicos os saberes e as práticas, os sentidos e os significados para os jovens e adultos que participaram como atletas, para os adultos homens e mulheres que participaram como liderança e autoridade cultural de seu povo, a fim de garantir as apresentações das danças, das lutas, dos jogos, das corridas, dos cantos e rituais adaptados para o evento, que identificaram cada uma das 26 etnias participantes.



2.1. ATIVIDADES E JOGOS TRADICIONAIS QUE OCORREM NA ALDEIA

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 A gente tem um bocado de tipo de dança que eu não posso nem te dizer... Muita música... Tem a dança [...] da anta que é a catira... A “dança do poção”, a dança do mingau. [...] a dança do velho, da mãe tinta, que agora nós dancemos aquela noite e a dança [...] eu não posso nem dizer, muita dança..., da música que a gente tem.

Atikum/M/A.R/Atleta/19 É, tem o futebol, futsal e o arco e flecha [...] a gente pratica mais esses lá. As outras atividades só quando chove que tem peixe a gente sai pra pescá com a flecha.

Bakairi/F/A/Atleta/16 A gente desenvolve arco e flecha, é muito importante na nossa aldeia, são realizadas em momento especial, que é: o batizado do milho, da mandioca, sempre faz essa atividade.

Bororo/M/V.T/Atleta Flechada, corrida de tora, a gente diz de tora, mas é feita com outro tipo de talo de cana d’água da lagoa. Corrida, lutas corporais, natação. A gente pesca muito, mergulhando pega peixe. Carregar peso, ou seja, quando a gente vai pra caça ... carrega caça. Basicamente isso. [...] São realizadas, por exemplo, a flechada, a natação, tudo envolve com o período de funeral, onde a comunidade toda está unida numa aldeia só, onde tradicionalmente tem que pescar, caçar e isso envolve natação, peso, tudo isso, flechada. [...] A luta corporal acontece na aldeia, assim no final de tarde. Todos os anciões sentam em frente à casa grande, chama “baito” na nossa língua, aí começa a assobiar chamando todos os rapazes, aí todos vêm, aí começa a luta.

Gavião/M/J/Atleta/20 Tem a corrida de tora e nós gosta também é de futebol. Dentro da aldeia nós participa muito e acha que mais é a tora e os jogos de flecha. [...] Tinha a corrida de toras todos os dias, mas tem a tora grande que nós chama Kroapé, que é de mês em mês, ano em ano, nós praticamos com a tora grande, que é mais grande do que nós trouxemos. Agora corrida de toras é todos os dias e o arco e flecha também.

Kapinawa/M/R/Atleta Lá, a gente tem futebol, tem arco e flecha e temos também uma luta corporal que vem de cada um... Cada um se interessa, vem e começa a praticar. É um esporte diferente que a gente mesmo tem, que é uma ação em cima de uma árvore, quem domina o outro ou quem sai por último é o vencedor, então tem que tirar o outro da jogada na árvore, é uma luta corporal, tem também arremesso de lança e em breve estamos fazendo uma nova modalidade pra apresentar nos jogos que é um jogo com [...] lançamento de pedra com funda e também o lançamento de pedra com badoque, que é uma espécie de arco só que invés de flecha usa pedra. Bem interessante, uma coisa que a gente tem que resgatar como esses jogos indígenas é um resgate de culturas, de aspectos da nossa cultura, então a gente tem mais é que trazer mesmo pra mostrar pro mundo o que a gente tem o que os povos indígenas têm.

Kuikuro/F/M/Atleta/33 Tem muita cultura; o mais importante para nós é a festa. Não acontece todo dia, cada semana quando o dono da festa tem muita comida, aí ela pode alimentar e essa alimentação na aldeia é todo dia, não é a cada semana não, os homens pescam todo dia para não ter fome, todo dia, isso é importante para nós.

Kuikuro/M/J/Cacique/54 Festa [...] chama de Kuarup, quando a gente faz essa festa a gente coloca comida, tempero, o branco fica de olho, sempre pergunta para o povo lá de Brasília, não tem Kuarup dos índios do Xingu? Tem! “Eu posso ir lá?”. “Eu não posso autorizar, posso pagar a entrada?” Tem que falar com a liderança, quanto é [...] o estrangeiro. Eles passam nome, daí o cacique autoriza, aí eles pagam quando ele chega na aldeia, eles levam máquina, tiram foto como nós pinta, assim mesma coisa a gente pinta lá, quando o branco que vem sem pedir para ninguém para entrar na área, daí o índio fica difícil de receber eles, precisa emissão da FUNAI, assim que funciona hoje no Parque Nacional do Xingu. [...] Tem uma festa de mulher que chama Murikuma.

Kuikuro/M/T/Artista/22 Na minha aldeia é mais praticada a luta, mesmo Kaoka e a flecha também. Os rituais que nós temos o nosso costume [...]. As mulheres mesma coisa, elas faz festa delas mesmo. Os homens não podem participar com elas e toca flauta de taquara e elas dançam [...]. Quando tem a festa do KUARUP, essa luta é mais importante pra nós, quando o cacique [...] da aldeia morre, aí fica um ano. Aí a gente faz a festa pra ele, a festa chama KUARUP, aí acontece muitas coisas da festa, da luta, muitas coisas.

Manoki/F/L.A Os homens jogam bola de cabeça, as mulheres também brincam e dançam, arco e flecha, tem várias coisas... Tem vários dias... Porque muitos de nossos parentes moram longe, então a gente tem que estar encontrando com eles para fazer essa festa.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 Dentro da cultura tem que ter tudo, o futebol, o toré, a dança de coco, a ciranda, vários outros modos de danças, tudo faz parte da cultura.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena [...] na nossa tribo a gente tem [...] a dança dos guerreiros, dos batigancho; a gente tinha a dança do guerreiro, dos guerreiros a defesa de uma criança que nós chamamos, brincadeira tradicionalidade do ritual do menino do Rancho. A gente tem o nosso ritual de ano em ano que é os rastubibas. Rastubibas que dizer muitos pássaros [...] a interpretação de muitos animais no cantar, na linguagem. E a gente tem Fechamento do Embú, a gente, 1ª coisa, a gente encontra a fruta dentro do mato, o 1º embú a gente leva [...] pra índio mais velho, o Pajé ou o Cacique, ou uma índia mais velha, aquele Embu. Aí nós faz comunicação com todos os guerreiros e guerreiras, de um modo geral o Povo Pankararu pra fazê aquele flechamento do embú dentro da tribo. E também o Puxa Cipó que é um ritual também que a gente tem, aqui eles falam cabo de guerra, mas na nossa tribo é uma tradicionalidade mesmo o ritual, que você puxa onde o sol nasce e puxa pra onde o sol se põe, pra onde a lua também sai que é o poente ... Então a gente tem esses, parte desse ritual sagrado dentro da nossa tribo.

Tapirapé/M/G/Atleta A festa tem certo período [...], porque não vai ter alimento pra própria festa, sempre depende de determinadas coisas. Por exemplo, temos uma festa

chamada cara grande, quando estamos realizando esta cara grande nós temos que matar certas coisas certas plantas, frutos que a gente precisa [...], então a festa depende disso também, das coisas.

Tenharim/M/L/Cacique Lá ... é o seguinte. Lá só a tradicionalmente dos Tenharim, são festas culturais que todo ano [...] a época dela é mês de junho e o processo de realização são 30 dia ..., de fazê o processo de farinha, de caça, de pesca. Então é um processo longo, [...] a realização é sempre dia 15 de julho, que todo mundo tá dançando, fazendo dança cultural. É fazendo tipo um evento assim de alimentação, assando carne, servindo pra outras pessoas, outros povos ... Este é o período de Festa Tradicional lá [...]. Caça, pesca, é, moagem de castanha [...] além disso, nós temos também a cerimônia das moças que formam... Que completa 12, 13 anos..., aí nós temos cerimônia fora dessa cultura tradicional que é a das danças cultural. Todo ano, isso daí é diariamente, a gente tá usando isso daí porque vai depende muito das moças que vão se formando, porque o material que é usado na cultura [é] o jenipapo, com a babaçu, esses são materiais pra fazer pintura [...] nos corpo das pessoas, das moças na festa, esses são materiais que a gente usa na cultura.

Tenharim/M/V/Atleta/20 O nosso esportivo maior é [...] a caça onde a gente pratica, né! Usa também o arco e flecha pra caça!

Umutina/M/V/Liderança Cultural [...] as atividades tradicionais que o Umutina tem [...] é o arco e flecha..., competição de arco e flecha [...] corrida também é uma das atividades que a gente vem praticando dentro da nossa cultura e acho que é só isso [...], às vez, futebol que tudo brasileiro gosta, né?

Xavante/M/P – Liderança Indígena São realizadas várias competições como: corrida de tora, lutas que servem como treinamento, lançamento de flecha, dança da chuva, dança do sol, dança da menina moça, danças tradicionais, dança do homem que as mulheres não podem participar e os rituais. Mas, hoje, poucos índios que participam dos rituais, deixando o povo muito triste e preocupados com nossa cultura.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 Adança é muito importante, eu vou falar da dança de rapaz, a dança da mandioca, a dança da caça, dança da pesca, vários tipos de dança que nós usamos que dá certo, todo tipo de bicho do mato nós usa, tem festa do jabuti, várias coisas aí.

Xikrin/M/R/Atleta/26/Atleta/26 O mais importante é a festa do Aruanã, que é a mais importante, a gente vai à luta, a gente chama de Bô, o branco chama de aruanã, a dança do Aruanã que a gente faz a luta corporal que a gente faz no Aruanã. [...] A gente ganha a vitória, se a gente ganha, a gente faz festa, a festa da mandioca, a festa dos homens, a festa das mulheres, a festa dos jovens que a gente faz lá na aldeia. [...] A gente comemora muito, mas quando a gente ganha dentro da aldeia que a gente mora, a gente dança a dança da mandioca, chama de korokariô.

Xokleng/F/V.K/Liderança Indígena/36 Tem vários tipos de danças, tem dança do casal, dança do ritual mesmo do próprio Xokleng, às vezes tem dança para abençoar o povo, para chamar os espíritos para dar força. Em relação à caça [...], tem vários tipos [...], tem espírito do leão, aí a gente faz essa dança para chamar esses espíritos para proteger.



2.2. ESPORTES PREFERIDOS NA ALDEIA E COMO APRENDERAM

Assurini/M/S/Liderança Artística O futebol, a gente aprendemo porque nós tinha um projeto de Esporte Para Todos, foi lá pra aldeia e nós começamos já a ter o ritmo de jogar bola e nós começamos a aprender a jogar bola [...]. Eu aprendi com meu pai e com a minha mãe, eles faziam e eu ficava perto deles e eu fui olhando para eles fazendo, aí eu fui aprender, aí eu fui fazendo.

Assurini/M/W/Atleta Nós aprendemos a jogar futebol [...] cacique fazia aquelas bolinha de saquinho, a gente não tinha bola lá na aldeia, aí ele ficava fazendo bolinha de saco até nós fomos jogando bola, nós fomos acostumando.

Atikum/M/J.F/Atleta Na minha aldeia [...] o esporte mais praticado é o futebol, é sempre, e alguma corrida só que é difícil mesmo, não participo não, só o futebol e corrida mesmo. [...] a gente começou sem saber, mas a gente tentando vai até desenvolver a praticar o futebol.

Bakairi/F/D.K/40 (s/id) Na minha etnia, é mais praticado esporte na aldeia, futebol. [...] flecha, cabo de força e luta, luta corporal. [...] Quando ela acontece, é brincadeira, é diversão do povo Bakairi. Num tem época certa, nem dia nem mês, só qualquer hora e qualquer lugar é feito. [...] Vendo os mais adultos jogando... aí, a criança já nasce vendo, porque aldeia, a gente aprende assim, vendo televisão.

Bororo/F/E/Atleta Futebol, vôlei, futebol de areia também. Tem a quadra e várias outras. O futebol acontece todos os finais de semana. A caçada e a pesca é mais no ritual indígena. Por causa da missão Salesiana que entrou na nossa aldeia, aí entrou lá e começou a ensinar nós [futebol].

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural Aí, daquela época pra frente, eles desenvolveram o esporte, o futebol primeiramente, né. Primeiro o futebol até hoje, tem vôlei agora. Tem aquele brinquedo, tem sinuca, pimbolim, pingue-pongue e outros mais joguinhos que eles praticam também. [...] Jogamos bastante futebol. Mais é futebol. [...] nunca tiveram assim, contato agressivo verbal, nem [...] assim, fisicamente. Não tanto como o esporte, como o futebol.

Bororo/M/V.T/Atleta Futebol era desde que eu era criança [...] já praticavam futebol, mas temos tradicionalmente [...] também brincadeira com relação ao futebol, mas não assim da maneira como é praticado. É um pouco mais diferenciado, onde a gente utiliza mais o látex da mangaba. Aí vai embolando desde pequenininho, aí vai aumentando, aumentando até criar uma bola mesmo. Aí ali a gente... com mão, com cabeça... Com o pé a gente aprendeu já agora com os... a civilização branca. Mas antes de mim já... nascer, meus pais já praticavam o esporte, o futebol em si. [...] Sim, acontece na aldeia. Tudo... isso acontece mais nos finais de semana, sábado, domingo. E que também é..., assim, nesses período agora, nesses momentos, hoje em dia a gente participa muito de torneios na

cidade, campeonatos. Inclusive temos times amadores já. Já participou de campeonatos, foram campeões ano passado. Este ano não tiveram êxito, mas chegaram até as semifinais.

Gavião/F/D/Atleta/26 Ah, assim com os brancos que vão visitar a aldeia, aí vão falando, vai ensinando, a gente vai aprendendo, com isso a gente aprende a jogar futebol, vôlei e não deixa de praticar nossa cultura que é o mais importante.

Gavião/F/K/Atleta Futebol tem o [...] campo oficial mesmo pra poder brincar nosso futebol e tem a quadra também, que nós treina, joga futebol, futsal também. [...] Isso já vem com o nosso pessoal mesmo, os mais velhos.

Gavião/M/J.K/Liderança Indígena Nós montamos um projeto lá na aldeia que fala de educação dentro do campo [...] Nós estamos preparando [os...] que já praticaram, já pararam de praticar. Isso não quer dizer que eles não gostam. É porque não dão conta mais de jogar e aí ficam ensinando e assim vai... Eu creio que é paixão nacional mesmo... Na aldeia mesmo, o pessoal gosta é de jogar bola todo final de semana.

Gavião/M/J/Atleta/20 Tem a corrida de tora e nós gosta também é de futebol, dentro da aldeia nós participa muito e acha que mais é a tora e os jogos de flecha. [...] Porque nós vem desde criança vendo nossos pais, nossos avós participando e a gente vai junto agora tem nossos filhos, tem os filhos e eles começaram a ver desde pequeno e vão logo começa a participar também junto com a gente.

Kanela/F/F/Atleta Futebol. Eu aprendi através das colegas na cidade, eu estudo e então através da Educação física, o professor de educação física me ensinou a jogar futebol e eu aprendi a jogar bola através das minhas colegas.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Eu, quando fiquei na escola, eu fiquei sem saber... Uma pessoa que ficou envolvida, uma pessoa branca que ficou lá no meio de nós, começou a falar sobre vários esportes, então como nós somos um povo esportista, nós acabamos completando com futebol.

Kapinawá/F/L/Atleta Bom [...] tem o esporte... tem jogo de futebol. As meninas estão começando a praticar vôlei também. Tem os rituais, o Toré, o samba de coco e as tradições que a gente tem lá na aldeia. Por enquanto tem mais outras que são essas. [...] A gente aprendeu através dos meninos que começaram, né, e eles repassaram pra gente, resolveram fazer um time feminino e foi ensinando pra gente e a gente conseguiu aprender e a jogar.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 [...] mas o futebol a gente aprendemos com os jucuiños mais velhos. Incentivaram a gente desde pequeno [...] os mais velhos sempre incentivaram gente: Vamo brincar uma bolinha? Vamos brincar uma bolinha? E gostamos da brincadeira e estamos aí.

Kapinawá/M/R/Atleta O futebol a gente praticava já com nossos pais... Juntava todo pessoal lá num terreiro, num terreiro grande que a gente tinha na frente da casa e a gente fala: “Vamo bate bola, vamo bate bola” e a gente começava... Só fazendo levantamento de bola, brincava de bobo, um tinha que pegar a bola, corrê atrás da bola em círculo assim com todo... e a gente foi passando e aprendendo a dar o dible e passa a bola pra

o próximo [...] dominá e foi assim que surgiu, depois começou a assistir os jogos a gente tava assistindo, foi a evolução da televisão lá, a gente começou a assistir os jogos futebol. O Brasil jogando, a gente tava com interesse mais ainda. Aí vamo trabalhar no campo. Coloca a trave, a gente queria saber a regra do jogo e hoje não, a gente sabe da regra do jogo, a gente assiste os jogos que tem, que é televisionado e vê o que a arbitragem, que o árbitro faz. Quando ele fala assim, quando ele dá uma coisa errada, comete uma falta, assim, uma falta que não aconteceu, a gente fica reclamando com a televisão.

Kuikuro/F/M/Atleta/33 A gente começou na época do Orlando, nesta época do ano que a gente começou, foi ele que levou a bola, ele ficou ensinando como que joga, ficou ensinando os índios, ficou ensinando as regras do jogo, quanto tempo tem, quando tem barreiras, assim que a gente ficou aprendendo o futebol, a gente tá gostando muito da cultura de vocês, futebol, natação.

Kuikuro/M/J/Cacique/54 Isso mesmo, primeiro, homem branco é diretor do parque, o primeiro que comecei a falar, não deixava índio estudar, aí fica 4 anos, daí entra outro, esse que ensinou futebol, todo mundo aprovou, vamos jogar! Minha casa hoje não tem nem televisão, esse que estraga a cultura do índio, 4 horas tem filme, todo mundo vai lá, eu sou contra, eu sofro muito com a minha esposa, minha família, imagina a senhora 6 h da tarde, novela tá passando, minha casa não televisão até hoje ainda, isso muda a cultura do índio. [...] Acontece o futebol, nós sabemos fazer a bolinha, esse futebol do campo, todo mundo, filho nosso que sabe jogar, esse que tá dando problema, quebrando a perna, os pés. Dois anos atrás quebrou a perna do meu sobrinho, tem que ficar tratando, hoje tá bem, tá andando bem também, esse que tem muito pessoal machucando, todos nossos filhos joga futebol, adora futebol, gosta mesmo, assim que funciona hoje no Xingu.

Kuikuro/M/T/Artista/22 Os mais velhos, eles contam pra nós que foi o Orlando Vilas Boas que levou a bola pra eles aprender com esporte, como é que é o futebol, como que atleta [...] foi ele que ensinou povo do Xingu, Orlando Vilas Boas.

Manoki/M/J.M.A/Atleta Lá tem futebol, tem um jogo que a gente joga (não lembro o nome), que vêm as pessoas de fora, só não vale “quebrar”, se bater no braço é ponto para o outro. Nós faz muita festa, muito artesanato, as mulheres fazem, os homens também.

Manoki/M/O No início, foi na época dos jesuítas, na missão [...] os nossos pais, nossos avós conheceram futebol, mas veio dos jesuítas que a gente conheceu o futebol.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 É o toré, futebol e puxação de corda que a gente faz também. Coloca as crianças, a turma puxando para um lado, outros para o outro e o que ganhar aí ganha uma lembrança.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultural/38 Lá é o futebol que os rapazes gostam muito de praticar futebol final de semana, as moças também gosta de futebol.

Pankará/M/G.P/Atleta Futebol a gente aprendeu desde criança com a televisão em casa, a tecnologia muito avançada, desde criança tem televisão em casa. E vôlei é difícil jogar. A gente faz atletismo com as crianças, corrida de 100m, essas coisas.

Pankararu/F/I/Atleta Lá, os jogos mais praticados é o futebol de campo, dentro os homens e as mulheres, tem tradicional [...] o arco e flecha que é praticado uma vez por ano. Danças também [...] o toré, o menino do Rancho, tem o Flechamento do embú [...] Agora futebol, porque nós tem vontade de jogar, os meninos sempre de antes praticavam o esporte, e nós porque [...] tem vontade [...] aprendemos praticando, treinando.

Pankararu/M/G/Liderança Indígena [...] apesar da gente hoje, índio nordestino pernambucano não tem mais as características, não tem a língua, mas a gente tem muito forte a nossa tradição. A gente tem a praia, tem o menino do Rancho, tem a corrida do embú, tem o toré, então essas são manifestações que a gente tem mais forte no nosso povo. Ah, a gente tem muito contato com o não índio, ele tá numa área que é [...] onde aconteceu a invasão do Brasil, aí as cidades são muito próxima, aí tem a questão que abriram muitas estradas no tempo de Lampião, o governo..., pra pegá Lampião. E muitas estradas cortavam a aldeia, aí tem muita ligação com as cidades, são as 3 cidades que a gente tá na área: Septolândia, Kakaratu e Jatobá. Aí, no futebol, conseqüentemente a televisão aí tá tudo associado, a gente lida com tudo que diz respeito ao não índio; a gente tem tudo lá na aldeia, internet, telefone, carro, celular, mas além disso a gente tem nossa cultura e nossa tradição.

Pataxó/F/S/Atleta É eu treinei, eu treino desde criança, desde os 10 anos que eu jogo futebol, e hoje a gente foi campeã, primeira vez campeã Pataxó dos Jogos Indígenas.

Pataxó/M/T/Atleta O jogo do futebol a gente aprendeu mais na televisão [...] assisti mais seleção brasileira [...] eu lembro mais quando eu era mais pequeno, eu lembro mais da seleção brasileira, aí a gente foi gostando do futebol

Tapirapé/M/A/Atleta [...] eu gosto de futebol eu assisto na televisão [mas] antes também não tinha a televisão, então os branco criaram lá um campinho pra eles e foram lá treinar, então assim que [...] eles aprenderam [os tapirapé] com esse pessoal, tava assistindo o jogo, até quando eu cresci, tava jogando também.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 [...] eu aprendi porque... é, vendo os brancos jogar... vindo pela televisão também. Eu vi esse jogo que a gente nunca participava..., então a gente vai vendo e também muitas vezes a gente vai lá na cidade ver esse jogo de futebol... E aí a gente vai aprendendo, vem praticar dentro da aldeia mesmo [...], jogando, praticando e até com isso que a gente conseguiu praticar [...] O futebol é coisa que lá na aldeia todo mundo gosta, é o preferido das pessoas das aldeias.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Os jogos [...] da nossa tradição só arco e flecha e lança, mas a gente pratica lá o futebol. Principalmente o futebol. O futebol, eu cresci já conhecia, e o voleibol [...] foi introduzido nas escolas das aldeias pelos professores [...] é, educação física. Então os professores têm ensinado regras do voleibol e de futebol também.

Terena/M/T/Atleta/16 Na parte de esporte é... natação, futebol e a caça também. O povo de lá caça pra caramba [...]. Bom, na aldeia, né, desde pequeno eu gostava muito de futebol e fui praticando, fui praticando, aí hoje eu estou aqui. Faço parte do time da etnia Terena.

Umutina/M/J/Atleta [...] nos esportes [...] faz lá é corrida [...] tem vez que lá existe cabo de guerra. [...] esse aí é a primeira vez..., segunda vez que to jogando lança tamém e nós não treina muito lança também lá não. [...] fim de semana é direto [...] nós joga futebol lá. Tem algum que mora lá na cidade e já sabe como é que é as regras e aí só passa pra nós lá já ensinando.

Xavante/M/P/Liderança Indígena Temos como exemplo o futebol [...], o jovem aprendeu pelos jogos da TV principalmente na copa do mundo. Daí, realizamos copas municipais, regionais e as nacionais indígenas, onde já estamos a nona edição.

Xikrin/M/R/Atleta/26 A educação física, as crianças estão treinando. [o treinador] é branco, foi a prefeitura que contratou para a gente lá na aldeia [as atividade que ele está ensinando] é o futebol mesmo.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Na minha aldeia o mais praticado é o futebol, corrida como cabo de guerra que tivemos ontem, arco e flecha que tivemos ontem, canoagem. Mais é prática de futebol, isso nós praticamos... Temos vários tipos de danças. Na escola, praticamente eu aprendi a jogar bola, vôlei, futsal, essas coisas, tudo eu aprendi na escola.



2.3. ATIVIDADES PARA ALEGRAR A ALDEIA

Assurini/F/N/Atleta/29 [...] dança, futebol, jogamos bola, puxa corda e arco e fecha [...] Lá a gente joga bola, a gente faz artesanatos, pulseira, colar, brinco, travessa, [...] faz paiote tudo isso... Também um tipo de dança, importante, mas não pode apresentar [...] dança muito legal... A dança “Tabó”, [...] a dança do jacaré, que traz o jacaré vivo, é muito bom aquela dança, não pode mostrar, por que o pajé disse que não pode [...].

Assurini/M/W/Atleta Nós temos o futebol, puxa o cabo de guerra, arco e flecha, corrida, essas coisas a gente tem. [...] A gente dança porque, como a gente todo fim de semana faz brincadeira lá com o cabo de guerra, contra nossos parentes mesmo. Aí a gente faz as danças lá, quando outra etnia ganha, aí pra comemorar a vitória.

Atikum/M/A.G.O/Liderança Indígena/60 Nós temos o terreiro de nós dançá, nós temos [...] de nós brincá, porque o toré, o ritual e no terreno que nós temos o terreiro de nós dançá e o trabalho é na casa de oração [...] sábado; ritual que é no terreiro. Tem o campo de nós brincá a flecha. Lá tem o toré, tem o trabaio que é a mesa. E o jogo de futebol também que fazem direto [...] nós não temos recurso que nem os outros têm, mais dança direto, quarta e sábado. [...] Nossa tradição é essa.

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 [...] é ritual e flecha; somente essas coisas mesmo, vassoura... Mas não tinha a participação principalmente com flecha, a gente tinha mais os antepassados [...] Aí eles tinha o treinamento de flecha de carreiras [...] Carreira também tem devido o futebol, aí a criançada corre [...] Mas os mais [velho] não partici-

pava, agora com essa vinda da gente vim até em Recife, [...] a gente pode, as lideranças, chegar lá, fazer reunião com seus filhos, com as famílias, com os parentes e então montá um time numa escola pra que cada vez aprender mais. As famílias pra que o dia que tiver uma festa indígena tão marcante que é, a gente já está preparado.

Atikum/M/J.F.L (s/id) É realmente o que mais tem lá é dança do índio que chama toré [...] Aí é naquela comemoração mesmo, juntam as comunidades, formam as brincadeiras com o esporte é no campo mesmo que tem lá..., junta a tribo toda, faz com várias apresentações como a dança do toré, tem dança popular mesmo, tem forró, várias apresentações.

Bakairi/F/A/Atleta/16 [...] a gente tinha uma dança que é muito sagrada pra nós que é a dança da máscara, aí todo mundo dança, os mais velhos dança. Até porque os mais velhos de agora em diante estão ficando mais velhos e daí pra dançar, cansa e aí as gurizadas e os mais novos dançam muito.

Bakairi/F/D.K/40 Pra alegrar a comunidade, a gente se reúne, faz jogos, assim como mini jogos dos solos [...] marca o dia da semana como festa de 19 de abril, semana do índio, a gente prática [...] na aldeia.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural Isso sempre acontece na parte do torneio de futebol ou quando faz tipo gincana. Isso é uma coisa muito boa fazer gincana, tem vários tipos de jogos... Até envolve nossos jogos, cultura no meio também. [...] Atividade nossa, acho que é o esporte, tem corrida, tem mais um tipo de corrida conhecida como Caité, é aquela rodona [...], essa traz alegria pra todo mundo. Ali a gente derruba o outro, deita noutro, o outro cai. Na hora ali, a gente acha graça, mas na hora que chegou na frente da aldeia, deixou as coisas lá, depois de tudo celebrado, terminado, aí quem vem o pessoal começa a rir, começa a achar graça de quem caiu.

Bororo/M/V.T/Atleta As danças culturais [...] Temos uma dança que se chama tchuri, esta é uma dança de alegria... Quando temos visitas ou então quando estamos mesmo um pouco tristes na comunidade, na aldeia, a gente se reúne e escolhe uma pessoa pra poder puxar a cantoria, o desfile e pronto, vem todo mundo, rapazes, moças, crianças, enfim, vira uma alegria! Muito bom!

Gavião/F/D/Atleta/26 Corrida de tora, corrida de varinha, só isso. [...] Tempo de brincadeira, é por temporada aí quando tem uma brincadeira levam um mês, dois mês, até 3 mês a brincadeira, aí todos os dias.

Gavião/M/A/Artista/35 A corrida de tora, fazer a caça das peles só. Flecha, faz arco e flecha e tece aquelas cordas. [...] mais nessa parte de artesanato.

Kambiwá/M/G.F.N/ (s/id) A gente gosta muito do forró, sempre um aniversário, batizado até mesmo o ritual que a gente faz [...] O toré com toda comunidade, fica ali todo mundo junto [...] e o forró também, é o que faz alegrar muito.

Kanela/F/F/Atleta Eu tenho maior orgulho de praticar [...] dança do beiju, da laranja e outras mais. Tem várias danças. Corrida de tora, corrida de flecha e outras mais.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Nós participa sempre [...] A cultura indígena mesmo como corrida de tora, dança como cantador, como maracá, dança do pátio e as-

sim as crianças também pratica. Eu acho que isso faz uma satisfação para o povo, porque sempre nós estamos com alegria através das danças, através da música, cânticos e assim, nós pratica pra não ficar triste. Bom, nós temos o líder poderoso que reúne e faz as atividades culturais e aí nós começa. Acontece ali no centro do pátio [...].

Kapinawá/M/I/Atleta/20 [...] tem a semana dos povos indígenas, é, tem uns rituais que a gente faz sempre que a comunidade se reúne, aí a gente faz o ritual. Pra se divertir? A gente [...] se for festa lá, é forró!

Kapinawá/M/R/Atleta [...] a diversão vem do Toré, vem em samba de coco [...] Vem em todo tipo de dança que existe no nosso povo. A gente, sempre que tem aniversário de um parente nosso, quando somos convidados, a gente vai lá e dança o forrozinho que todo pernambucano dança e também não deixamos de participar com o ritual [...], sempre está presente em tudo que a gente faz, que a força vem da natureza.

Kuikuro/M/J/Cacique/54 A gente também combina, vai outras aldeias, faz olimpíadas, todo mundo vai pra lá, fica uma semana jogando, eu fico lá cuidando da minha roça, trabalhando, meu filho vai, outro vai, fica lá com os povo lá, tem um técnico, assim que funciona. [...] Tem várias atividades, como a festa do particular que eu falei como o Kuarup, segunda festa chama Juarí. Essas são festa para os parentes, filhos de tia, filhos de tio, tem brincadeiras nas festas, nessas festas tem brincadeiras onde apresenta os peixes na nossa língua [...] tem uma que chama Tauaratauanã, tem muita festa, é bastante, como o branco tem muita festa, o carnaval [...], isso é geral [...] Tem uma festa particular, fura todas as orelhas das crianças, chama furação de orelhas, tem uma festa que tem brincadeira para crianças, tem muita coisa, tem a festa dos macacos, tem a festa do sapo, tem a festa dos tamanduá, tem uma festa do cheiro do pequi, tem a festa dos peixes, assim que funciona na aldeia.

Kuikuro/M/T/Liderança Cultural Na aldeia, convida pra fazer olimpíadas, tipo [...] com pessoal, tipo natação, corrida, cabo de guerra, o futebol e as mulheres também a mesma coisa e elas participam, tudo festa! Esses que eles faz! Os jogos tradicionais mesmo assim, não é igual daqui [...] é como a festa de lá [...] não é do branco não, tem que sê diferente, pouco diferente aqui [...]. É diferente, tem que usar roupa, lá não tem que tê. Normalmente como a gente fica na aldeia mesmo. [...] As mulheres se pintam, as crianças se pintam, é a festa mesmo, quando acontece a festa mesmo eles ficam todo dia alegre, se um fica triste aí tudo fica, é pra festa [...] eles fica alegre [...].

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 [...] Primeiro lugar é a dança que sempre ocorre quase todo dia na minha aldeia, e futebol também [...] Caça, pesca, mais pesca!

Manoki/M/J.M.A/Atleta Danças tradicionais mesmo.

Manoki/M/O A corrida de toco, a dança, a pintura, as refeições tradicionais, rituais tradicionais e espirituais também, isso a gente faz na aldeia.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 As atividades é o Toré, os rituais, os encontros das professoras, dos núcleos, a outra atividade também é o futebol nas escolas. O futebol, as modalidades mais é o arremesso de lança.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultural/Atleta/38 [...] são praticadas final de semana, os jovens gostam mais de se reunirem, até as mulheres gostam de pegar uma bolinha e ficar brincando. É mais também quando tem algum encontro do padroeiro das etnias, quando tem mais os encontrões, o pessoal gosta de dançar o Toré, muito bem organizado. [...] Com certeza o ritual, o toré, deixa todo mundo feliz, bem leve, tem também o encontro dos jovens que também é muito bom.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 Tudo isso acontece de jogos, a nossa brincadeira que é a nossa cultura é o Toré, como se diz, é o fortalecimento nosso, da nossa cultura de nossos antepassados, isso já vem de nossos antepassados, de bisavô, tataravô [...] Nós temos os rituais nas festas e também os nossos segredos, que ninguém pode participar, nem todo mundo pode participar de nossos encontros.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena Nas atividades esportivas [...] de um modo geral a gente tem o futebol, tem o futebol de salão [...] também de canoa e assim por diante. [...] a criança a gente leva pra assistir o futebol, pra ver na televisão [...], ele tem aquela empolgação [...].

Pataxó/F/S/Atleta [...] quando a gente ocupa uma área de terra, então a gente faz muita apresentação, faz muito rituais pra que Tupã possa proteger a gente e pra que a gente possa ganhar essa terra, que nem na aldeia Coroa Vermelha, onde eu moro na minha aldeia, nós tamo brigando por uma terra de fazendeiro [...], mas nós tamo lutando por isso e isso nós vai conseguir.

Pataxó/M/T/Atleta É cabo de guerra, é zarabatana, arremesso do Itacapi e várias coisas, arco e flecha [...], corrida de tora, é corrida de maracá também que a gente inventou, também é muito bom, eu gosto muito dela. [...] sempre a gente manda os convites pra aldeia Pataxó, que na Bahia tem 21 aldeias Pataxó, aí a gente convida, eles vão, compete entre si, somente pra incentivarem também, que não é acostumado assim, meio perdida a cultura e cada vez mais eles vem participar e fica muito alegre de estar com a gente. [...] Sempre, sempre todo sábado, a gente tem o centro lá na nossa aldeia, todo final de semana a gente ensaia, todo mundo participa, dança o Lauê faz [...] peixe na patioba [...] e sempre final de semana todo mundo alegre.

Tapirapé/F/I/Liderança Cultural/30 Pra brincar tem uma festa que a gente faz, é pra brincar mesmo os rapais brincam com as moçadas [...]. É um tipo assim corrida [...]. Os homens correm e as meninas têm que correr atrás pra pegar, quem pegar é vencedor [...].

Tapirapé/M/A/Atleta É... pra nós é importante, é porque temos que demonstrar a nossa cultura também porque cada vez o meu povo também tão...tão quase perdendo a nossa cultura, né, nós tem que é mostrar tudo que a gente tem, né, como a gente tão vindo apresentar alguma coisa nós temo muito... muito tipo de dança e muito tipo de música também que nós temo e nós temo que aprender a ensinar as pessoas que não estão, é.

Tapirapé/M/G/Atleta Na aldeia, eu fico pescando assim, caçando dando aula [...] na área indígena, somos seiscentos aproximadamente e cinco aldeias, nas outras aldeias

indígenas [...] índios Tapirapé e Karajá, lá são quatro aldeias, tem aldeias Tapirapé, aldeias Karajá, tem aldeias, assim, mestiço Karajá misturada com Tapirapé e quando realizamos uma festa [...] tá acontecendo futebol, a dança, essas coisa todas, essas aldeias são juntadas numa aldeia que se chama Urubu Branco, que é o centro da aldeia. [...] aldeia maior que tem aproximadamente duzentos e cinquenta pessoas, lá tem campo de futebol [...] como se diz a quadra, [...] onde podemos jogar outros esportes também vôlei, aí, quando acontece essas festas são convidados, assim, os outros povos, às vezes até os Karajá lá da Ilha do Bananal participa lá... Longe assim!

Tenharim/M/L/Liderança Indígena [...] futebol, tem também essa caçador, lá. [...] Arco e flecha, [...] pescaria, tudo isso aí usa diariamente, então isso aí é o que mais a gente usa mesmo. [...] Voleibol, é como eu tava falando, as meninas hoje tão se preparando, jogando voleibol com os professores, que ensinam. Mostra como que é, estão aprendendo a jogar hoje. [...] Os velhos, eles gostam de tá cantando, tá é homenageando, na hora de demonstração, na hora da festa, no final, né! Então, eles vivem cantando, como os parentes que tá aí cantando. Qualquer evento eles tão mostrando, cantando, homenageando aquelas pessoas que tão fazendo evento. Então, esses são os... Agora o que a gente não tem mais é pajé! Pajé lá no Tenharim não tem não, morreram tudo, né!

Tenharim/M/V/Liderança Esportiva [...] dança cultural. Maior tradição do povo Tenharim e também a gente pratica também esporte, masculino e feminino.

Terena/F/S/Atleta/17 É a festa do índio, 19 de abril, é uma festa. Celebração, comemoração dos povos indígenas... Por que nós costumamos dizer que não somente no dia 19 de abril que é comemorado o dia do índio, mas sim como todo dia a gente comemora o dia do índio. E é assim, é feita uma festa onde quem é responsável por isso é o cacique da aldeia, que é responsável por organizar tudo e daí apresenta, nesta festa apresenta as mulheres. Elas começam a dançar a dança, a Dança do Tipo Trenó e os meninos, os homens, masculino dança a Dança da Ema, a Dança do Bachucal que representa vitória [...], quando chegaram da guerra, da vez que foram dançar. E nesta festa também, quando a gente faz o 19 de abril, o dia do índio, a gente, assim, coloca nossas comidas típicas. Assim, passa o dia inteiro, quando é a noite, a gente encerra a festa. Não é só na parte de manhã, não é só na parte da tarde, é o dia inteiro com essa comemoração.

Terena/M/E/Artista/35 [...] Pra alegrar a comunidade, é quando todos se unem pra fazer caça, aí todos vão caçar, aí as mulheres ficam na aldeia, depois as pessoas ficam esperando a caça e, quando chega a caça, faz aquela festa. É todo mundo une, fica junto. Tem danças, futebol, cabo de guerra, tem canoagem. A gente faz tipo campeonatos, quem é melhor, né!

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 É esporte, futebol e a nossa dança. [...] quando a gente pratica a dança é como se fosse uma festa que todo mundo se alegra com isso. [...] as outras atividade é prática com arco e flecha que as crianças aprendem e com a lança. A caça também as crianças aprendem desde pequeno. [...] a dança, nós temos a dança da emá, dos homens que ela é uma dança de preparação pra guerra [...]. A dança das

mulheres já é de vitória depois de uma batalha contra o inimigo. A dança das mulheres é de festividade. [...] quando a gente recebe alguma pessoa importante na aldeia, a gente recebe com festa.

Terena/M/T/Atleta/16 Na parte de esporte é natação, futebol e a caça também, o povo de lá caça pra caramba, entendeu. [...] festa sempre faz, mas assim, a festa grande na aldeia mesmo é na semana do índio. O pessoal faz um festona na semana do índio.

Umutina/M/J/Atleta Faz desfile cultural assim [risos] de índio, assim, tá bom lá, animado lá.

Xavante/M/A As danças e as cantigas para alegrar a aldeia.

Xavante/M/P/Liderança Indígena Para alegrar a aldeia, cantos dia e noite, sempre com nossos antepassados.

Xikrin/M/K/Liderança Esportiva/33 Todo mundo fica só jogando bola mesmo.

Xikrin/M/R/Atleta/26 A gente joga alguns esportes mais antigamente, o Peikran também, a pintura também que a gente pinta para a dança das mulheres e a dança dos homens. [...] É a peteca, a gente chama de peikran, na nossa língua a gente chama de peikran, mas na língua do branco chama de peteca. [...] na minha aldeia eu aprendi com o branco que o branco ensinou o futebol, eu adoro futebol, mas o vôlei eu adoro também, eu jogo futebol e vôlei também, eu jogo bastante. Quando a gente [...] vai lá participar na aldeia deles, quando a gente vai lá, eles falam no rádio, a gente vai pintar, passar urucum na cara, raspar a cabeça, a gente fica alegre.

Xokleng/F/L/Liderança Indígena/21 A dança, os jogos, ontem nós fizemos a dança, o cabo de guerra.

Xokleng/F/V.K/Liderança Indígena/22 Futebol, vôlei, são mais praticados, [...] a dança geralmente são feita assim, dia da pacificação, dia do índio, 19 de abril, são vários tipos de esportes que eles praticam [...] principalmente nos dias festivos e de comemoração, acontece de ocorrer as atividades de esporte e as atividades culturais.

Xokleng/M/K.V.C/Cacique/27 Futebol, futebol de areia, natação, canoagem, cabo de guerra, tradicional mesmo é só o futebol. Em dias tradicionais nosso, de cultura e também no dia 19 que é o dia do índio e no dia 22 de setembro, que foi a fundação da nossa aldeia, aliás, foi pacificada pelos brancos, então no dia 22 de setembro é comemorado, com os jogos dos brancos também, os jogos dos índios são a Piteka [...], que é enchida e lavada, que é jogado também, tem a luta corporal que é o mesmo. [...] São as atividades tradicionais que são significantes, que lembram os antepassados, que nós por exemplo, estamos quase extintos por causa das terras, os bugreiros mataram muitos índios lá, então quando a gente faz a dança cultural eles ficam emocionados.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 São os jogos, futebol, futsal, até arco e flecha, todo esse tipo que está acontecendo, nós praticamos tudo lá, então é por causa disso que nós pedimos para fazer essa disputa, porque se nós não tivéssemos treinando ou praticado nós não ia praticar [...].



2.4. ATIVIDADES PREFERIDAS DOS HOMENS, DAS MULHERES, CRIANÇAS E VELHOS

Assurini/F/N/Atleta/29 Os Homens gostam de pescar, jogar bola, flechada, puxar corda. Eles fazem também artesanato para eles.

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 Os homens gostam de fazer flecha, borduna, arco, panela. Tudo isso assim eles faz. Mas agora nós [mulher] faz aquelas coisas de artesanato que eu te falei, colar, capacete, aquele canetinha de barro, também as mulher fazem, brinco, os braceletes. A gente pesca também pra fazer abano, panerinho. Tudo a gente que faz lá pra vender também.

Assurini/M/S/Liderança Artística Os homens gostam mais de fazer puxar o cabo de guerra, lança, flechar e puxar cabo de guerra. As mulheres gostam mais de jogar bola, puxar cabo de guerra também.

Assurini/M/T/Liderança Indígena Os homens, mais lá trabalham, eles pescam, gostam de pescar bastante, caçar, alguns têm sua própria roça mesmo [...] Bastante, todos gostam de jogar futebol. Das crianças e dos adolescentes, eu acho que a coisa que eles gostam mais de fazer é a dança, entendeu. Porque, quando tem, a gente vê todas aquelas crianças dançando, quando é só para o adulto dançar, elas dançam também, então eu acho que a coisa que eles gostam mais de fazer é isto, é dançar.

Assurini/M/W/Atleta A mulher é mais acostumada a fazer artesanato.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 As mulheres, elas gostam de praticar esses jogos [...] o arco e flecha, como você falou, ou futebol ou a dança. Na verdade, se divide, mais de tudo um pouco, elas participam, tanto do futebol, também do ritual, [...] de tudo participa em pouco.

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 Ah, pelos homens, é a flecha (risos). É, pelo menos os mais velhos [...] os mais jovens é o futebol, mas, o mais velhos acha mais importante a flecha. Ah, as mulheres, as atividades que elas gostam mais de fazer, elas brincam também, jogam voleibol, elas brinca futebol também, dão pulo mortal. [as crianças] Gostam mais de futebol também.

Bororo/F/E/Atleta Futebol. [tanto homem quanto mulher].

Gavião/M/J.K/Liderança Indígena Dos homens, o que eles mais gostam de joga é futebol e a corrida de toras. As mulheres também.

Gavião/M/J/Atleta/20 As crianças faz tudo que a gente faz..., elas querem fazer flecha, corrida de tora, sempre que a gente faz uma corrida. Assim, em volta da aldeia, disputando sempre eles tão no meio. A gente arruma uma brincadeira, incentivando eles a participar da nossa cultura, em tudo eles vão.

Kambiwá/M/G.F.N (s/id) Os anciões, os idosos, sempre estão presentes, ajudam sempre a manter o toré, não deixa devastar floresta!

Kanela/M/A.K/Atleta Os homens gostam de fazer corrida de tora, dançar e jogar bola também.

Kapinawá/F/L/Atleta Assim, pelos mais novos [...] Gostam muito de praticá o futebol, já os mais velhos, [...] mais o artesanato, eles procura incentivar mais.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 Mulhé [...] todas gostam de futebol. Os velhos gostam de uma outra coisa [...] do tempo deles. A gente não, hoje o tempo tá muito modernizado e a gente gosta de coisas novas, sempre coisas novas, mas sem perder a nossa cultura.

Kapinawá/M/R/Atleta As crianças gostam mais de participar dos rituais... Os momentos de fortalecimento que reúne todo mundo junto e vamos fazer nossas orações, fazer nossos rituais, gosta mais disso, mais já os adolescentes de 15 a 20 poucos anos gostam mais do futebol mesmo. Eles nem se interessam por outra cultura, só tem uma coisa que eu tô passando, futebol ele vai e é a mesma coisa que é nota. A gente vai participa, começa a treina o que é nosso mesmo. Coisa que faz parte da nossa [cultura], que fizeram parte antigamente e hoje a gente num pratica e vai passar a praticar. Mais pra poder competir mesmo em todas modalidades em todos os jogos que a gente for. Como a gente vive da caça lá e da agricultura, precisa mesmo treinar e voltar ao que era antes, deixa o estilingue prá lá, pega o badoque, a funda, né? O arco e a flecha e partir mesmo pra briga. Tem uma turma, meus alunos todos atiram com flecha. Tem criança com 6 anos que atira com flecha e olha lá! Que ele faz medo, não tem quem queira fica na frente.

Kuikuro/F/M/Atleta/33 Tem muitas coisas que acontecem na aldeia, as festas das mulheres, dos homens, a dos homens que trabalham na roça e as mulheres que ralam mandioca e também a gente tá pegando a cultura não índio, como futebol [...], a gente tá gostando muito e isso pra nós é muito importante também, vocês tem a coisa boa e nós temos a coisa boa também.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Então, homem gosta de fazer primeiro lugar a tradicional luta Uka Uka. É uma luta tradicional dos povos indígenas do Xingu e a partir de 2 horas da tarde a luta começa, até duas e meia, três horas acaba e depois aí vem os jogos de futebol e depois o descanso. O mais praticado é futebol. As crianças mesma coisa, as crianças, primeiro lugar, ele tem atividade tradicional. No esporte, eles usam arco e flecha, eles pegam, eles [os mais velhos] chamam, eles reúnem, quando as crianças pra eles vem a tal lugar, pra eles apostá acerta no alvo, as coisas lá pra eles ficarem bem de pontaria, segundo lugar gostam de futebol também e brincar no rio assim imitando bichos, tudo atividades de crianças.

Kuikuro/M/T/Artista/22 A atividade dos homens pra esporte [...] Todo dia acontece futebol, todo dia sem parar, ninguém fica sem jogo, ninguém fica sem jogar, mas mesmo tão gostando futebol mesmo (...) no Xingu as mulheres gostam de futebol, mesma coisa os homens, futebol mesmo! As crianças gostam da mesma coisa [...] e eles querem ficar como atletismo [atleta]e eles gostam! Mais velhos não gosta de futebol porque o quando eles era jovem eles não jogavam, eles praticava mais a luta, luta tradicional mesmo, aí não gostam, eles ficam brigando com a gente joga. – “esses não é nosso costume” – “a gente tem que [...] dança, tem que fazer a festa” – fica falando pra gente.

Manoki/F/L.A. Os homens jogam bola de cabeça, as mulheres também brincam e dançam, arco e flecha, tem várias coisa [...] tem vários dias [...] porque muitos de nossos

parentes moram longe, então a gente tem que estar encontrando com eles para fazer essa festa [...] Mulher não joga o futebol de cabeça, só os homens. O homem gosta de fazer caçada, de pescar, fazer artesanato, faz borduna, “crocoti” [...]. As mulheres gostam de cortar lenha, vai para roças, vai buscar jenipapo também, trazer mandioca para fazer farinha. A mulher gosta de brincar também na festa, a festa da mandioca a gente dança todinho, até as crianças dançam também.

Pankará/G.P/Atleta Acho que a atividade é o futebol pelos homens, também pelas mulheres, eu acho que as crianças também gostam muito de futebol e atletismo, correr, nadar. Lá, a gente joga futebol no barro mesmo. Acho que é até por falta de ajuda do governo que falta a ajuda para gente construir campos melhores, não campo grande, mas um pouco melhor.

Pankararu/F/I/Atleta [...] os homens não dão espaço pra gente jogar, aí só apoia a gente quando tem campeonato, aí que a gente ganha (risos), agora pra gente treinar eles não deixa.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena É o futebol de campo, tem também as mulheres, elas joga futebol de quadra. [...] as Pankararu elas gostam muito. É o masculino não se fala [...] não se fala que é toda modalidade que eles gostam de fazer. Que eles sempre gosta de praticá o esporte porque é uma cultura do não índio, mas nós estamos socializando dentro do nosso povo, porque a gente vivencia a cultura Pankararu, a gente vê, às vez, as imagem do Pankararu de outro povo de Pernambuco, penso que só é aquela parte daquele toré, mas não, o povo Pankararu ele tem uma diversidade de várias parte tradicional de danças indígenas na própria sua linguagem, a gente tem uma interpretação.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena [...] futebol não tem nem como discutir. Entre as mulheres e os homens, o futebol! Natação, que a gente vem de uma região de praia, então a natação é muito mais fácil pra gente. Mas [...] uma brincadeira que a gente faz muito é a corrida com maracá e, às vezes, o cabo de guerra. Mas futebol ganha, ganha fácil. [As crianças] praticam.

Rikbaktsa/F/L/Atleta É... as mulheres preparam assim comida, e os homem já vai, assim, fazendo as outras coisas, assim como pegá lenha, esses outros tipo de trabalho.

Tapirapé/M/A/Atleta Futebol, as mulheres gostam, elas jogam todo dia o futebol e o futsal, todo dia, ela não gosta, mais é do vôlei, voleibol [risos].

Tapirapé/M/G/Atleta Por exemplo, as atividades culturais são divididas em duas formas atividades dos homens e das mulheres. As mulheres realizam suas atividades próprias e os homens fazem suas atividades próprias. Por exemplo, as mulheres não podem caçar, nem pescar, que os homens pescam e caçam e os homens não podem cuidar da sua casa, lavar roupa, fazer a comida, aí, as mulheres têm o direito de fazer. [...] mas a festa é realizada da seguinte forma, também as mulheres têm suas danças próprias e os homens também e as pinturas também, as pinturas na festa tem as fases das pessoas, também tem adultos, idosos, jovens, crianças cada dessas pessoas tem sua cultura própria pra realizar, pra tá dançando na festa [...] As crianças só os meninos. [...] Nessa casa, as mulheres não

podem entrar [...] é um ritual, não é permitido [...], não pode chegar perto dessa casa, porque aqueles espírito não gosta e pras mulheres é inimigos das mulheres se aparecer assim pertinho da, daquela casa pode acontecer uma coisa ruim com ela, pode sair até sozinho lá, porque a que lê espírito não gosta mesmo da mulher.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 [...] As mulheres também gosta de futebol e futsal; e os homem também é futsal, e a gente joga muito pouco é vôlei [...] E a criança mais gosta porque todo dia ele pratica na aldeia, futebol vai jogando, vai praticando dentro da aldeia [...] fica dia amanhecer [...] vai chamar criança [...] e a tarde também vai praticando, então isso também vai aprendendo as crianças. [...] Os mais velhos gostam de fazer, é de trabalhar na roça [...], o que mais eles se preocupa pela cultura, cultura é o que a gente, muita juventude estão querendo deixar, a cultura tapirapé também, então isso é os mais velhos, mais se preocupa, pela alimentação, é tradicional [...] trazendo essas coisas pra roça mesmo.

Tenharim/M/L/Cacique Dos homens, são cabo de guerra, com certeza... Agora, das meninas, é futebol mesmo.

Terena/M/E/Artista/35 [...] futebol, [as mulheres] sendo futebol também. Criança [...] artesanato. Eles desde pequenos já... Futebol também. Eles participam de uma dança que só os mais velhos fazem, chama orrarra. Orrarra ele é bem respeitado quando vai na direção que as pessoas estão. As pessoas têm que trazer comida pra ele levar pra sua casa. Por que esse Orrarra, ninguém conhece ele... Até ele chega lá ninguém sabe quem é, da onde que é. [...] Tinta, pena de ema... Procuram cobrir o corpo todo, folhagem.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Dos homens, a atividade é caça e pesca, inclusive eu mesmo gosto de pescar bastante e futebol no esporte. As mulheres, o artesanato e também as jovens mulheres praticam o futebol.

Xavante/M/A As mulheres ficam com coisas de mulheres, artesanato, tarefas mais leves, os homens a caça, a busca de alimentos e outros.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 ... dançar [...] São muitas as atividades das mulheres e dos homens. Criança também dança com nós, os jovens também, os velhos também, foi eles que ensinaram para nós.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 A mais preferida para nós é o futebol, tanto masculino quanto feminino, e vôlei, isso é mais praticado. As preferidas são só corrida de tora, arco e flecha, essas coisas, porque praticamente eles não pratica futebol. Futebol, vôlei, handebol, essas coisas [...] principalmente futebol e bolinhas de gude. Os jovens principalmente futebol, os mais velhos preferem o arco e flecha e natação.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/36 Dos homens é o futebol; as danças incluem homem e mulher também; das crianças [...] mais danças, mas participam de tudo, de jogos, mas o dele [dos outros indígenas] é mais melhor, se participam de corrida de tora o deles é mais pequeno, vão crescendo nesse ritmo. Para os jovens, [xokleng] mais é futebol. Para os mais velhos, mais é dança, lança e arco e flecha.



2.5. ATIVIDADES DO DIA-A-DIA

Assurini/M/T/Liderança Indígena Os velhos gostam de ficar lá cantando, que a gente tem uma casa que chama Tucaça. Tem a Tucaça, tem a Tekatawa. Então, na Tekatawa, os velhos sempre vai lá para cantar, pra contar história, entendeu?! Eles gostam mais de fazer é isto. E são muito cobrados, tanto os jovens quanto os adolescentes para ir pra tekatawa, aprender a falar a língua, a cantar e a escutar as histórias que eles ficam contando.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 As atividades praticadas pelos homens na aldeia, geralmente é o trabalho dia a dia, porque os homens vai pra roça e a mulher fica na lida em casa, sempre no serviço em casa preparando a comida, enquanto isso, o homem vai plantar o milho, o feijão, o algodão, a mamona, outras coisas que é dá notícias... Caçar, pescar.

Atikum/M/A.R/Atleta/19 Todo dia a gente pratica esporte. Futebol, mais futebol. As outras atividades só quando chove que tem peixe a gente sai pra pescar com a flecha. As dança, ah, todo o povo se reúne pra dançar [...].

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 Porque a gente se envolve muito com a roça, trabalhando de roça. Não faz a bodurna, nem vale a pena, a gente não vai poder fazer isso, que vai demora, né? E isso é tempo, que a gente tá perdendo da nossa tradição, né!

Bakairi/F/A/Atleta/16 [...] os mais velhos faz artesanato, aí as atividades das crianças, que são menores ainda, é os mais velhos que ensinam a dançar, fazer artesanato. Os jovens ficam divididos das crianças também, tece redes lá mesmo, os jovens são preparados prá caça, preparar as pinturas.

Bororo/F/E/Atleta Quando a gente mata a onça, eles [os mais velhos] têm que ficar em casa tirando o couro da onça pra fazer o molho. [...] a onça que morreu, tem que tirar a pele que é para poder secar.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural Os anciões, eles não praticam esses esportes, mas eles gostam de ver os jovens correr. Por que na época deles, dos anciões, os jovens acordavam de manhã cedo e já saía correndo, tipo maratona, pra não deixar ficar fraco, pra não engordar muito. Os Bororo mesmo [referindo-se à tradição]. Quando acorda, escuta a seriema cantar detrás da aldeia, já manda os jovens correr atrás da seriema pra pegar ele na corrida. Não pra matar, mas pra medir carreira com ela, sempre, sempre!

Kambiwá/M/G.FN (s/id) [...] é o Toré a gente tem uma cultura muito forte [...] sempre dançando em lua cheia, promessa que o nosso povo faz a caça, porque a maior parte da nossa atividade, lá a seca é enorme, vive de caça, do artesanato mesmo, caça somente pra fazer colar de bodurna, qualquer tipo de artesanato [...] e os jogos também, a gente depende muito desses jogos porque é o único elemento que a gente tem na aldeia de esportes, e é a educação que a gente sempre mantém ela de capricho.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Exatamente, hoje em dia todos nós fica envolvido com a questão da agricultura, todos trabalha pra poder sobreviver e ai, nós fica envolvido. Antigamente era só dança, a cultura fazemos, mas, hoje em dia, nós temos o tempo certo pra trabalhar, se não ninguém vai viver.

Kapinawá/M/R/Atleta [...] os professores de arte, eles são responsáveis pela arte em geral desde o artesanato, a dança, a música como o samba de coco, a tuaré que são os rituais. Também tem o samba de toré que é um samba, mais diferente, um samba de coco. O samba de coco da gente não é igual ao de Arco verde, que tem é um samba diferente, uma coisa feita só com maracá, entendeu? É feito só com maracá e é pisado no chão, a gente ao pisar com calçado no chão, a gente pisa descalço o som do pé da gente que faz o efeito da dança e servia pra pilá o chão da casa [...].

Kuikuro/M/J/Cacique/54 Há caça, há fartura, há comida e tudo nós temos também, minha casa não falta nada, tem fartura, porque tem família grande, a gente trabalha, [...] a gente faz artesanato [...], muito homem branco que gosta e das coisas dos índios, ele fala comigo “Jakalo, faz esses bancos pra mim, faz rede escolar, barco”, quando a gente faz na aldeia e tem que mandar depois dá problema, é muito longe, a gente faz, é assim que funciona, comida, tempero, tem tudo [...].

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Então! Primeiro lugar é a dança que sempre ocorre quase todo dia na minha aldeia, e futebol também. Caça, pesca, mais pesca. A gente não vive em caça não, porque a gente não gosta de carne vermelha, por isso que é mais praticada mais mesmo é a pesca. Porque todo dia a gente vai pescar [...] pra gente sobreviver!

Pankararu/M/G/Liderança Indígena [...] eles [os homens] jogam muito futebol [...], as mulheres gostam muito de assistir televisão, gosta novela muito, as crianças também tem esse incentivo também, porque hoje tem na questão que é educação diferenciada que é pra todos os povos do Brasil, onde a gente já trabalha a questão da tradição, ensinando a criança na sala de aula como é, contando história dos antepassados hoje já tem sala de aula que antes não tinha.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 Trabalha assim de mutirão, fazendo a roça. O artesanato que eu faz é colar, brinco [...] a gente faz, mas lá eu faço mais a pulseira também da miçanga, desenhar assim e faço rede também, rede de dormir.

Tapirapé/M/G/Atleta As mulheres joga direto futebol e, às vezes, a caçada e a pesca; coleta de frutos e tudo depende de determinado período, tem certo período pras frutas caírem... E a caçada e a coleta são os homens que fazem.

Tenharim/M/V/Atleta/20 Bataó. E o segundo, é a parte esportiva mesmo, futebol. A gente usa as duas culturas mesmo, né, tanto como a tradição, tanto como a parte tradição não índio.

Tenharim/M/L/Cacique Torra a semente bem, tira da casca do babaçu, quebra tudinho, tira só o caroço, aí vai torrar numa panela, ali ela fica bem pretinha e, começa a sair o óleo, aí vai lá, pega no pilão, pisa, pisa, pisa, até ela ficar assim. Aí [...] joga de novo na panela, ela começa a sair o óleo, aí vai separando o óleo, numa vasilha fica o óleo e a borra fica no fundo.

Tenharim/M/M/Atleta/26 A primeira atividade mais preferida da nossa cultura [...] nossa dança cultural, porque nós não esquece, porque nossa pintura, bem, é diferente, por isso que a gente tá aqui [...].

Terena/M/E/Artista/35 Os mais velhos ficam na aldeia para nos ensinar. Para nós saber o que nós devemos fazer e que nós não devemos fazer. Eles têm que tá orientando os mais novos, mais jovens, por que eles têm mais experiência do que nós, nós somos mais novos e nós... É muito bom ter os mais velhos no meio das aldeias.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Os velhos, eles já não, eles sempre estão na lavoura [...]. Porque apesar deles já estar com a idade, assim, bem avançada, mas eles continuam mexendo naquela roçinha lá, que a gente faz na aldeia. E também eles ensinam muito, contam historinhas para os netos, as crianças. Isso sempre.

Terena/M/T/Atleta/16 Bom, o povo lá da comunidade Terena sobrevive muito da caça. Então, acho que não só da caça, o povo Terena é muito agricultor [...].

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 Fazer física, treinar, se não treinar, não sabe jogar [...] treinar as danças também, para aprender com os velhos. [...] nós temos jogo, tem a tora, tem a peikran tem arco e flecha, não tinha nada do branco lá e nós costuma de jogar isso, depois vem aprender do branco, depois vai ensinar para os índios e vai aprendendo[...]. A bola, as crianças estão aprendendo a jogar também, antigamente as crianças não querem aprender nada, mas agora a dança a gente tem que ensinar para eles, tem que dançar, eles ficam lá de olho, vendo a gente jogando, os mais velhos, e vai olhando, olhando e, quando crescer, vai aprender a jogar de novo.

Xikrin/M/K/Liderança Indígena/33 É futebol mesmo, todas as crianças, mulheres e homens.

Xikrin/M/R/Atleta/26 Futebol, vôlei, arco e flecha, quem ganhar vai dançar sozinho [...]. [as mulheres] dançam também, tem esportes mais ou menos que elas jogam, o futebol de campo que elas gostam mais o outro futebol não.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 Das crianças, é aquela pelada, que eles vão aprendendo. Dos mais velho, é aquelas apostas que eles vão fazendo no arco e flecha, canoagem.



2.6. JOGOS COM RELAÇÃO À NATUREZA

Bakairi/F/A/Atleta/16 Existe [relação] porque, quando nós não fazemos essas coisas dentro da aldeia, a gente prepara um grupo que vai lá na mata. Tem uma mata lá bem reservada, aí fica todo mundo reunido, cantando lá, fazendo atividade.

Bororo/M/V.T/Atleta Eu vejo que é de extrema importância, uma interfere na outra! Se a gente não preservar a natureza, como já é de nossa natureza, alguns esportes também

serão deficientes; pode acontecer de perder algumas dessas práticas, desses esportes. Mas, para que isso não aconteça, primeiro a gente preserva a natureza, como a gente sempre é aconselhado pelos mais velhos e temos uma convicção do esporte, de que isso não vai terminar. [...] temos a crença que é a nossa mãe terra, é a nossa mãe, ela tem como obrigação de nos cuidar também, até porque nós estamos cuidando dela. Isso é importante!

Kuikuro/M/J/Cacique/54 Eu não posso acabar minha cultura, ela tem que funcionar, tá acabando com a natureza [acaba com ela].

Manoki/F/L.A (s/id) Não é só a natureza! Porque se desmata tudo a nossa natureza, onde que a gente vai caçar, fazer as festas, dançar, principalmente nossos rios, que se desmatarem seca tudo.

Manoki/M/O (s/id) [...] a gente tem muita música dos animais que a gente canta, talvez nunca deixa de morrer. A água também, nós pedimos para nunca deixar a água acabar.

Pataxó/F/S/Atleta É, eu preservo... Eu preservo muito a natureza, que hoje nem todo mundo preserva a natureza, mas nós tem que preservar a natureza, pra que ela possa sobreviver e dar vida também pro povo brasileiro.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Tem, a gente tem o hábito de sempre que a gente vai fazer uma atividade, tá pedindo permissão. Até quando a gente vai caçar tem que pedir permissão, se a gente vai fazer uma atividade esportiva, também. É meio que pedir licença no ambiente que você está entrando, pra poder não fazer uma coisa de qualquer jeito. É o que os mais velhos ensinam. Então, a gente procura fazer com os jovens, aprender com os mais velhos e tentar manter isso, não tentar mudar o que já existe.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 A dança tradicional realmente faz parte da natureza [...], a gente tem uma cultura que nós chamamos é matirum, é o trabalho pela comunidade que é ligado pela natureza [...] a pessoa fica assim meio doente... Todos nós participamos dessa dança para que a pessoa fica sempre sadia, então, isso também tem a ver com a natureza [...], também nós tiramos remédio tradicional, nós tiramos alimentação tradicional, todo isso tem ver a cultura indígena, a cultura Tapirapé.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Ah, sim, tem [uma relação], porque a gente usa na nossa cultura, nossa tradição, a gente tira da natureza. Os colares, a gente depende de sementes, de árvores, casca de árvores. Pintura, a gente precisa de frutos ou de casca de árvores também, então, tudo que a gente usa na nossa tradição, na nossa dança, a gente precisa da natureza. A gente tem uma relação muito forte.

Xavante/M/P/Liderança Indígena A natureza faz parte da nossa cultura pra fazer arco, pra fazer a tora, escolha dos passarinhos da pena mais feroz, rápido, valente, a água essencial na nossa vida. Não desperdiçar faz parte da nossa cultura, para usar precisamos antes celebrar.



2.7. IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES PARA A SAÚDE

Atikum/M/A.R/Atleta/19 O jovem, ele se envolve com esporte, não tem como se envolver com outras coisas errado.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural É muito importante, por causa da batida [...] do cardíaco [...] da batida do pulso. Tem que ter [...] cem por cento de batida, se você ficar muito parado demais, engorda também. Sem praticar esporte, fica fraco, e mesmo seguindo a regra dos nossos velhos também.

Bororo/M/V.T/Atleta Com certeza, ajuda bastante, conciliando as duas partes, só tende a nos favorecer. A saúde, o bem estar, até a própria... O ânimo da comunidade, dos rapazes, das moças. Enfim, eu não vejo nenhum motivo delas nos prejudicar, desde que seja praticada com consciência, isso é essencial, isso é importante.

Gavião/F/K/Atleta Jogos... muito fortalece o pessoal, tem mais saúde, tem mais energia e tem mais resistência no corpo. Porque, se passa muito tempo parado, eles adoecem.

Kambiwá/M/G.F.N Eu acho que ela traz saúde, porque enquanto você está praticando esporte, você está com pensamentos só nos esportes... Enquanto você está com o pensamento no alcoolismo, que lá na nossa aldeia é grande, e quando vocês estão numa atividade dessas, vocês estão fora do alcoolismo.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Exatamente, é como num jogo de futebol que você quebra a perna e vai no médico, fica doente tem que ser examinado, tudo nós ficamos nessa base também.

Kapinawa/M/R/Atleta É como a participação nos jogos e qualquer tipo de modalidade esportiva, você se concentra só naquela atividade que você vai fazer, isso deixa você com mais inteligência, mais força de pensamento, mais fé... Então, é bom pra pessoa, pro atleta. Ao fazer um esforço físico, como corrida e as lutas corporais, corrida de tora, musculança, arco e flecha, todas essas modalidades, ela vai dá mais força física. Você tem que comer, você volta a comer bastante a tomar mais líquido, dá mais sede, dá mais fome, então, por quê? Gastou, você perde mais energia, aí você come, descansa e volta mais forte, Entendeu? Mais disposição, pega no serviço com mais jeito, então é muito importante a participação da gente no futebol. E o que eu falo é o seguinte: Que ninguém desista, vá sempre, procure as escolas que tenha educação física e procure se engajar, não só educação física como a arte também, a arte direta das aldeias, aquela que a gente faz. A gente faz de cabeça, a gente usa a nossa criatividade prá fazer coisas que você não aprendeu com outro e sim saiu de você. Eu vou fazer isso e dá certo, eu já vou ensinar pros outros... Então, isso é inteligência! O esporte deixa a gente mais inteligente, mais rápido, mais rápido no andar, nos serviços, nas atividades. Na saúde, sente com mais saúde energia e disposição.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 Essas modalidades é que a gente pode tirar esses jovens do caminho das drogas, da prostituição.

Pankará/G.P/Atleta A importância é a cultural, porque traz saúde para todos aqueles que participam dessas modalidades [que] acontecem semanais principalmente quando tem os rituais. Desde criança, através dos professores, os pais em casa e os mais velhos [ensinam as práticas corporais tradicionais].

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 [...] Eu acredito que causa saúde para aqueles que jogam, até para aqueles que ganham, porque eles ficam muito alegre. Pode causar também alegria e fazer que doença cardíaca... É o tratamento perfeito.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena [...], porque a gente, as atividades da parte do esporte, ela está socializando a cultura indígena, porque no que você canta, no que você dança diversas, nas diversas ritual que você tá dançando, que você tá cantando... Que você pratica o futebol, ele tá ajudando no seu preparo físico, ele tá ajudando na parte do seu corpo, na parte de sua mente, tá entendendo? E ajuda a crescer a desenvolver! Penso eu que ajuda muito, essa parte da gente, o nosso ritual, que quando você dança você canta, que você faz qualquer parte de movimento corporal dentro do ritual e você tem a parte do esporte, ele ta socializando a cultura e você ali é uma parte que fortalece você.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Problema, eu acho que nenhum esporte está muito direcionado a questão da saúde. Eu achei muito engraçado que tem algumas equipes aqui que conseguem fazer aquecimento antes dos jogos... Eu tava brincando com meu grupo que a gente não faz isso, a gente já entra direto para jogar. Você vê que há um cuidado com a preparação física, eu acho que se tem uma coisa que levou muito prejuízo para as comunidades, foi a televisão. Essa coisa de você ter um modismo de tentar seguir um padrão que não é nosso, que nem é brasileiro, é tudo copiado. Eu acho que no esporte a gente não tem este lado negativo em relação à saúde, mas a televisão traz uma porrada de coisas que não agrada ninguém.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 Eu acho que é bom fazer a física, pra o nosso corpo ficar... bem saudável...

Tapirapé/M/A/Atleta É, ele pode ajudar também. O esporte também é saúde pra nós, dá alegria nas pessoas. Fica feliz, então, eu acho que mais dá [saúde], mas pode dá problema também!

Tapirapé/M/G/Atleta Por exemplo, aconteceu [...] de algumas pessoas [indígenas], acho que foram três que são jovem e no jogo quebraram as pernas, o braço e não podem mais trabalhar, e isso é o problema que a brincadeira causa. O futebol, por exemplo, quebrou a perna e o braço ao mesmo tempo e aí não vai poder mais jogar flecha que faz parte da nossa saúde também e quebrou a perna não vai poder mais caçar a distância longa. Esse é o caso do futebol, mas ajuda perder, assim, as calorias que se não fica gordo... Porque as gorduras aumentam e a pressão alta nas nossas aldeias é um problema sério também.

Tenharim/M/L/Cacique O que era Pajé, ele sempre nos ensinou: quem faz movimento no corpo, sempre tem preparo no corpo, tanto pra trabalho, como também fazer qualquer tipo de evento! Vamos supor, uma corrida [...], sempre tem que ter preparo, né? Porque, às vez, o cacique diz assim: Ó, tem um lugar que tem que levar tal coisa assim, aí

quem pode levar? Aí na hora aparece um: Não, eu vou lá! Ele pega aquele ali é tim, tim, tim, e vai lá, já volta, já tá entregue, já vem trazer notícia também: Ó, tal hora a pessoa vai tá aqui então, faz bem, né, pra saúde, como pra tudo.

Terena/M/E/Artista/35 [...] é bom pra saúde, fortalecimento do nosso corpo, porque quando nós fazemos, praticamos algumas atividades, nós, as crianças e os jovens, ficam mais forte!

Xavante/M/P/Liderança Indígena Já tem os jogos aqui, o esforço mais, valorizar a saúde, conhecer outros povos e outras culturas, isso também melhora nossa saúde.

Xokleng/F/L/Liderança Indígena/21 Tudo para não ficar doente, isso é muito importante.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 A importância é que serve para a saúde das pessoas. Para nós também é muito importante praticar esporte.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 A importância nossa é praticar para até mesmo reforçar o nosso corpo, criar mais músculos, criar mais força.



2.8. TRANSMISSÃO DA CULTURA

Assurini/F/N/Atleta/29 Os homens vai ensinando desde pequeno quando é criança. É, com os homens..., olhando, com os homens jovens, como os homens fecha, nós aprende com os homens [...], aí nós aprende também a puxar corda também, a gente aprende com eles.

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 Nós senta, conversa com elas, aí tem o meu cacique, aí ele diz a música, aí a gente senta perto dele e vai aprendendo e vai ensinando a outras, os mais novas que não sabe, aí elas vão aprendendo, um bocado já sabe. Aí já essas que vão crescendo, acho que, quando ela completa doze anos, aí começa a aprender a música para cantar também a língua. Se a gente não ensinar, elas não aprendem.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 [...] começa das crianças, fica de pai pra filho, fica pra neto, fica tudo né! Os mais velhos vai morrendo, mas nos vamos ficando aí... Como foi que aprendemos, foi vendo os outros dos mais velhos, nas escolas ensinando. [...] São índios! As professoras desde meu tempo que começou a aldeia, a gente tivemos aquelas professoras que ensinavam as crianças a jogar [futebol]. [...] Na aldeia, essa tradição ela assim, ela é passada de pai pra filho desde criança, desde criança que é o toré, é o toré no caso. Os jogos é uma tradição que vem passando de pai pra filho, quando, quando a criança ela cresce, ela já cresce vendo o, o pai o irmão o tio vendo praticando futebol e o toré e aí é que ela começa a aprender a jogar o futebol.

Atikum/M/A.R/Atleta/19 Aprendi com os mais velhos [...] eu vendo eles fazendo, aí também comecei a fazer! Acho que na escola com os colegas, sei lá...

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 [...] a parte dos jogos, a gente aprende com a professora [...] os professores mais antigo, já incentivam o jogo de bola pra despertar o menino, pra dá uma instrução a ele [...] fazer correira, levava aos açudes pra nadar também, tudo isso foi as atividades que foi aprendido com os mais velhos, né!

Bakairi/F/D.K/40 Criança aprende vendo, vendo e fazendo... Ah! Vendo, vendo os mais adultos jogando, aí a criança já nasce já vendo, porque nós não somos índios assim, como era antigamente. Nós temos também tecnologia na nossa aldeia, então a gente aprende assim, vendo televisão.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural Nomeação das crianças, danças no meio do pátio, depois festa de milho, depois vem a caça e pesca, tudo envolvendo também com a escola... A escola que dá total apoio pra nós, como parte da cultura, caça, pesca, dança, linguagem. [...] Antes era pai para o filho, mas agora, hoje, é a escola que tá incentivando para que os alunos aprendam e manter ela [a cultura]. Também os professores, nós temos professores Bororo lá, todos são Bororo e apoio dos missionários também [em Meruri].

Bororo/M/V.T/Atleta Geralmente [...] quando é criança, é oral, aí na casa, a gente [põe] a [criança] sentadinha... Os mais velhos sentam com a gente e começa a falar, contar história... Tirando o exemplo de si mesmo, passando pra gente, como o é que a gente tem que fazer. Depois, assim, quando vai caçar e pescar a gente acompanha eles, aí onde eles mostram como é que tem que ser feito, tudo isso!

Gavião/F/D/Atleta/26 São os mais velhos na aldeia que ensina tudo que eles aprenderam, como os pais eles repassam pra nós. Aí o que aprende nós repassa pros nossos filhos.

Gavião/F/K/Atleta São transmitidas pelo cacique da nossa aldeia, por nossos pais também, que incentiva nós pra tá participando da cultura, também a fala nossa língua, toda atividades que tem assim dentro da nossa cultura.

Gavião/M/A/Atleta/35 Ah, isso a gente aprende sempre com mais velho, mais velho que já passou nesse todo, esse, depois ele se cansou [...], tradicionais tem que aprende com ele. Tem um, eu fui lá, tem branco, ele foi meu professor que lidera, que eu sinto falta dele ainda. Eu considero assim, como se fosse um professor meu, né... Porque foi ele que me ensinou desde pequeno quando eu tava com 10 anos, aprendi com ele [...] É americano, que teve lá na aldeia ensinar a gente.

Gavião/M/J/Atleta/20 Porque nós vem desde criança vendo nossos pais, nossos avós participando e a gente vai junto e agora tem nossos filhos, tem os filhos e eles começam a ver desde pequeno e vão logo começar a participar também junto com a gente.

Kambiwá/M/G.F.N (s/id) Ela é transmitida de pai pra filho. Como isso aí vem dos nossos antepassados, a gente pode deixar ela sempre viva e dá continuidade. Os professores dá... Eu mesmo como professor, e eu sempre levo pra sala de aula... Por isso que foi mudado, foi tirado o professor branco e colocado o professor índio, aí ele passa sua cultura pras crianças, né! O futebol e vôlei, a gente aprendeu feito o branco... O branco

a gente se mistura com ele. Aí eu fui aonde saiu e a gente já pegou e é o que mais diverte as crianças e os jogos...

Kapinawá/F/L/Atleta Geralmente vem assim dos mais velhos, os mais velhos tenta repassar pros mais novos e assim a gente vai aprender, com esforço e dedicação até a gente aprende.

Kuikuro/F/K/Atleta/32 Tava nova, 14 anos, tinha minha mãe que ensinou o canto. Aí eu gostei muito do canto, por isso eu tô assim, eu sou cantora agora [...], eu peguei a vida de vocês, do branco, aí peguei o jogo, eu gosto do jogo, participo aqui no jogo, é a tradição.

Kuikuro/F/M/Atleta/33 A gente ensina as crianças desde pequeno, como eu era criança eu aprendi com nossos costumes mesmo, com o canto das mulheres e eu sou cantora, eu tenho muito a música, a música que nós temos e isso que eu estou passando, para minha filha para ela ficar como eu, para não perder a cultura que nós temos e eu acho que as mulheres ficam ensinando suas filhas e os homens ensinam os filhos também, para pescar, na roça, para construir casa, para não ficar relaxando na aldeia, todos nós tem que trabalhar, como vocês também, e não pode ficar sem trabalho na aldeia, eu tenho muita preocupação com os jovens para não perder a cultura que temos agora.

Kuikuro/M/J/Cacique/54 Isso daí da cultura é muito importante para nós, muitos índios no Brasil está perdendo muito a cultura e não tem mais força. Sempre vemos amigos dizendo: “Jakalo, não pode perder sua cultura”, não tem mais, aí você vai ficar muito fraco, branco não vai acreditar em você, vai ficar sensibilizado. O governo não vai nem olhar você mais, por isso que nós, quando a gente tem a família, cacique, a gente comemora, a gente faz a festa deles, a gente chama de Kuarup [...].

Kuikuro/M/T/Artista/22 Mais jovens aprende com nossas coisas, com o pai deles. A mamãe das meninas fica ensinando as filhas delas e o filho deles e pra ele aprende como faz artesanato, como faz com trabalho na roça; como é que pesca, como é que a dança, como é luta e o principalmente, os velhos que ficam ensinando os jovens, pra não perder cultura! E pra não pegar a cultura dos povos e tem que ter nossa mesmo. Os jovens e não jovens têm que aprender. Os velhos fica ensinando todo dia e agora nós temos escolas e as crianças já estão estudando lá com a língua. A língua Kari, mesmo a língua tradicional. Nós temos com português também, com língua também e outras também, muita coisa pra aprender.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 É realizado em rituais, festas e na escola também; na hora do recreio, é realizado quase todos os dias. Incentiva mais as crianças a participar da aula.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultural/38 Lá é assim: Tem os mais velhos, os pajés, as lideranças, aí eles encontram com as crianças para repassarem o que eles sabem para eles, aí vão passando de um para o outro. Desde criança, a gente vê na televisão e aprende, nadar a gente vai num açude e aprende a nadar e a gente vai. Na aldeia eles sempre fazem essas atividades no campo, nas escolas acontecem também, os professores sempre repas-

sam para os alunos, tem também de mês em mês, 2 ou 3 vezes no ano, aqueles jovens vão para aldeias e cada aldeia tem aqueles jogadores.

Pankará/G.P/Atleta Desde criança, através dos professores, os pais em casa e os mais velhos.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 Essas atividades, eu não sei lhe dizer, porque a gente tem aquele gosto, fé viva que vem lá de cima.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Apesar que hoje existir uma preocupação de fazer um trabalho fotográfico e de filmagem também, a gente tem pesquisado; a gente tem feito um trabalho de pesquisa com um grupo de professores no resgate da língua. Então, a partir daí, nós conseguimos identificar alguns outros valores, que não seria só a língua como uma preocupação maior, mas aí conseguimos resgatar alguma coisa do lado religioso, esportivo, questão de alguns costumes que estavam ficando de lado, acabavam não praticando, porque tem uma vivência muito maior com a cultura não indígena. A gente tem feito também um trabalho neste sentido. Agora que a gente tá fazendo um trabalho de resgate de reestruturação da língua e todos os professores são jovens. Então, a gente não tem em sala de aula nenhum idoso ministrando aula da língua. No nosso grupo mesmo, tem professores. Pessoas no máximo com 25 anos, por aí. Mas que já fazem um trabalho na questão da língua. E a gente agora tá começando [...] ano que vem, a gente quer tentar levar para a sala de aula crianças menores mesmo! Quanto mais jovens se poderem tá começando a falar melhor. Porque a língua a gente fez uma readaptação, recriamos, na verdade recriamos a língua. É uma língua que a gente tinha como extinta, então pegamos algumas palavras que eram muito soltas, porque tinha na aldeia no máximo 10 pessoas que ainda conseguiam ter um diálogo na língua. Aí nós pegamos as palavras refizemos toda uma estrutura e tá funcionando assim. Tanto que as músicas seguem esse padrão. A gente já consegue já [...] entre eles já tem muitos que falam entre eles na língua. A língua é essencial. Você tem que manter algo. É que nem eu falei na questão da pesquisa. Quando a gente começou a pesquisar a língua, nós vimos que alguns outros valores estavam atrelados à língua, religião, uma série de coisas. Se você tira a língua de um povo, é a mesma coisa que tirar a alma dele. E tentar assim, como tem comunidades que perderam, tentar fazer um trabalho de reestruturação. Falar assim: poxa, qual é o seu tronco linguístico, como é que a gente vai entender para refazer isso, né. Por que quando você consegue fazer este trabalho a autoestima muda. O próprio grupo começa a se sentir mais forte. A gente mesmo nos primeiros eventos aqui, a gente vinha com um timezinho e tal. Agora não, todo ano a gente vem com um ar diferente, com músicas diferentes, a gente fala que é nossa música. Que é legal isso você poder fazer, antes a gente só cantava todas as músicas em português, misturava português com Pataxó e tal. Agora não, a maioria... tanto que eu falo pros meninos: bora cantar em português não, bora pegar todos na língua e vamos cantar, isso é legal. Aí quando a gente faz isso, a gente já começa a ser olhado diferente. E para a gente é bom, a autoestima sobe, muito legal.

Pataxó/M/T/Atleta As atividades tradicionais eu aprendi através de meus pais. [...] sempre eles participaram, aí crescendo, vendo ali a gente, vai só cada vez mais gostando mais.

Rikbaktsa/F/L/Atleta Foi assim, passado pelos mais velhos, foi assim passado pelas pessoas e assim, além delas terem passado pelas outras pessoas, elas estão passando pra gente. Aí, a gente vai passando pras outras crianças que vem vindo, pra poder aprender tudo o que os mais velhos ensinaram pra gente. [...] É, tem alguma diferente: o que homem passa é que o pai passa pro filho, pra filha é o que a mãe passa e que não são passadas assim todas igual.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 A gente vai aprendendo desde criança, acompanhando nossos pais, vendo as coisas que eles fazem e assim por diante.

Tapirapé/M/G/Atleta Takara, que é a casa dos homens, é lá que também é a casa das religiões, e lá que as crianças concentram, os pais, os velhos, vão transmitir as coisas, assim... Ensinando certas coisas. É uma casa que a gente considera uma casa que serve para incentivar as pessoas, porque lá qualquer pessoa não entra. As mulheres não entram, só os homens tratam da religião lá! Então acontece dessa forma que a gente trabalha lá, ensinando as crianças desde pequeno pra que não possa esquecer a cultura própria... Então o tema das nossas atividades são essas. E algumas vezes, a gente trabalha da cultura não indígena, porque isso é como se fala uma educação intercultural e bilíngue, tratar uma educação bilíngue ensinar as crianças da cultura própria da língua própria e da cultura de não indígena... Os brancos. A língua materna é uma língua que pertence à família tupi-guarani, as crianças normalmente começam falar a segunda língua, que é a língua portuguesa, na medida em que vai frequentar o ensino de quarta à oitava, porque da primeira à terceira série, continua a língua materna, falar, escrever. E quando entra na quarta série, aí vai pegar vai ser ensinado em português e Tapirapé...

Tenharim/M/L/Cacique Ó, a gente aprende, eu herdei de minha posição, né, do meu conhecimento, eu aprendi isso com meu pai, e meus avós, eles são um dos maiores guerreiros, então meu pai pescava muito, meu avô muito mais, né, então vai passando, por exemplo, e hoje a gente tá passando pros filhos, assim sucessivamente pra frente, flechar o peixe, ele acha bonito, aí ele já que fazer do mesmo jeito, aí você vai, já que é esportivo, como também pra querer alimentar, né, você começa a ensina ele, pequenininho, dois aninhos, um aninho, a partir do que é, começa, entende, que também num foga pra não ofender o lado dos outros, né, tem que ensinar num local que não tenha, é assim a gente vai ensinando, eles tão fazendo. Isso é uma nova, uma nova conhecimento pra nós, voleibol eu não tinha. Eles aprenderam através de um professor branco que no começo ensinava, né! Vindo nós tudo competindo com ele, depois levava pra aldeia e hoje a gente vê que é uma grande competição, uma grande competição! A criança é... atividade que nós, como pai, passa diariamente. É que são tradicional, por exemplo: a dança, que começa demonstrar desde hoje que, como deve fazer, como que se forma, como que se organiza. Acho que começa a participar disso daí, né! Mostrando pra eles que são criança, ensina desde pequenininho quando chega lá na frente, eles já são capazes de dizer: Nossa, isso aqui

meu pai realiza! Isso aqui o meu tio. Isso aqui os adultos já realizam. Vamos motivando eles, na língua, na dança cultural, conhecimento de como organiza, quais são os preparos que deve fazer pra organizar uma festa!

Tenharim/M/M/Atleta/26 Olha, desde infância que eu vinha conhecendo a cultura nosso povo Tenharim que meu avô, que era cacique, grande guerreiro do povo Tenharim, que ensina a gente como flechar, como competir, a ser atleta, pra que a gente não deixar a seleção extra, né! Por isso que a gente na infância deve ficar aprendendo avaliar o esporte.

Terena/M/T/Atleta/16 Bom, acho que a partir de quando a gente vai crescendo, né, a gente vê o pai, vê a mãe, vê o avô, vê tio, então a gente já cresce com a cultura já.

Xavante/M/P/Liderança Indígena A mãe orienta a menina e o pai, o menino. Quando ocorre a primeira menstruação, a menina fica trancada em um quarto, recebe orientação, e só tem contato com a mãe ou com a avó por 30 dias ou mais seja necessário. Também quando ocorre à dança da menina moça, festa esta que é motivo de grande festa e toda aldeia comemora. Na celebração dos casamentos, também é motivo de festa, que tem todo um ritual de preparação para o homem, que sai em busca de caça só retornando com muita caça e daí é marcado o casamento. Que para o homem pode ter várias esposas, bastando poder sustentar as esposas e ter um bom caráter. Ser um bom genro entre outras qualidades, é o pai da noiva é quem escolhe o marido da filha.

Xikrin/M/K/Liderança Indígena/33 É o mais velho, chama o aposentado, é o guerreiro que ensina a regra, os jovens já acostumou a aprender a regra do branco e ele ensina para nós. Desde pequeno que nosso avô explica para gente que não pode esquecer da nossa cultura e a gente aprende com a nossa cultura e a gente se reúne com os nossos guerreiros e aprende como fazer a nossa pampa e a dança, não pode esquecer.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/22 Aprende principalmente nas escolas, em eventos, nas famílias que praticam e assim por diante.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 Eu, pelo menos eu, aprendi com meus avôs, então eu vou passar para trás também.



2.9. PERÍODO EM QUE ACONTECEM AS ATIVIDADES NA ALDEIA

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 Sempre acontece no mês de junho né, ali sempre tem os encontros indígenas, mas agora mesmo a gente tá se deslocando daqui pra segunda-feira, tá chegando em Jatobá também, com esporte indígena também. Só que é menos, né? Não é o encontro do Brasil inteiro, mas agora veio de muito longe, até de Santa Catarina tem indígena! Lá não é só esse povo, é só povo de Pernambuco.

Gavião/M/J.K/Liderança Indígena Corrida de tora que é nosso esporte favorito e jogo de flecha. [...] A corrida de tora [...] ela é corrido praticamente quase todo dia mes-

mo, só que no período que tá chovendo, o pessoal gosta muito. [...] O jogo de flecha é cultura mesmo, praticado todo dia mesmo. [...] Não tem data, não tem hora, é qualquer hora, se o tempo tiver bom, o pessoal joga.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 Acontece mais na aldeia, às vezes acontecem em aldeias diferentes e a gente está até pensando agora que, a partir de janeiro, em dividir as escolas em 5 núcleos, porque cada núcleo tem uma coordenadora, temos a coordenadora geral, vamos combinar com os professores, os professores de arte também e a partir de janeiro a gente vai dividir, cada mês a gente vai fazer esses jogos e essas modalidades para incentivar mais as crianças e os jovens.

Pankararu/F/I/Atleta Primeiramente a gente pratica na escola, com 13 anos eu participei dos jogos escolares, regionais pernambucanos que é aqui em Recife, né, claro. E lá também ni... ni Pankararu e o ano passado que foi meu 1º jogo é regional, em Pernambuco, com os outros índios. Nos seus terreiros, no terreiro que pratica Umbus sempre é nele e do menino do Rancho sempre quem escolhe são os pais e as atividades esportivas no campo, correndo na quadra, lá tem quadra esportiva também e em outros lugares.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena Os atletas corre mais de 5 mil metros, né, temos é, que o jogo futebol e agora a gente vai ter o campeonato indígena o JORCIPE [...] conseguimos encaixar os povos indígenas de Pernambuco, 10 povos, vai acontecer agora, dia 04, lá em Jatobá. A gente vai acolher lá dentro de nossa tribo, pra dormir, tomar seu banho, almoçar, é embora que o jogo é na cidade de Jatobá, estado, é cidade de Pernambuco.

Pataxó/F/S/Atleta É a gente tem os dias pra ter, os meses e assim tem no sábado, que é lá no museu indígena... Que a gente faz apresentações indígenas também, tem Reserva da Jaqueira, também que são todos os dias. Mas quando a gente tá pra vim pros jogos, a gente organiza primeiro e treina pra poder tá aqui e competir.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Na comunidade, alguns dias específicos, não são todos os dias não. Só algumas modalidades que são mais comuns que é futebol, natação, o pessoal faz quase todo dia. Agora no geral, tem alguns dias específicos da semana, tem o treinamento para arco e flecha, corrida. Os jogos foi o que proporcionou a gente ter feito uma releitura da cultura Pataxó. Foi o que deu um avanço muito grande, tanto na parte de estética, das pinturas, fizemos uma releitura disso também. Depois temos um trabalho, uma preocupação maior também no resgate da língua. Então, os jogos que deu um incentivo maior para a comunidade, para a gente estar reorganizando isso. Hoje a minha aldeia, a gente realiza há nove anos uns jogos internos, aí isso acontece na minha aldeia e a gente tá tentando levar agora para a aldeia mãe, para que ela possa fazer também e tentar fazer um revezamento entre as aldeias, para que haja um maior entendimento dos que são os jogos na verdade e a integração até entre a gente mesmo. Já que minha comunidade por ser mais urbana a gente tem um costume diferente. Se você vê o pessoal que tá comigo, que é de Barra Velha, que a gente fala que é aldeia mãe, se comporta de uma forma, que é de Guaxum, é de outro. Então, o mesmo povo, mas com modo diferente de agir e, com os jogos, a gente consegue fazer a integração.

Pataxó/M/T/Atleta Sempre a gente manda os convites pra aldeia Pataxó que na Bahia tem 21 aldeias Pataxó. Aí, a gente convida, eles vão, compete entre si, somente pra... pra eles incentivarem também, que não é acostumado assim, meio perdida a cultura e cada vez mais eles vem participar e fica muito alegre de estar com a gente.

Tenharim/M/V/Atleta/20 Essa festa, ela tem duas coisas que foi repassada. Uma que foi ensinada dentro de casa, menino de 5 a 10 anos, até 4 anos, já são ensinados, são repassados também as tradições e também no decorrer da festa, toda criança participa. Onde ele vê na prática mesmo, como é que acontece, né, e essa festa tem duração de 10 a 15 dias de festa.

Terena/F/S/Atleta/17 É uma festa, né! Celebração, comemoração dos povos indígenas. Po que nós costumamos dizer que não somente no dia 19 de abril que é comemorado o dia do índio, né, mas sim como todo dia a gente comemora o dia do índio. E é assim, é feita uma festa onde quem é responsável por isso é o cacique da aldeia, que é responsável por organizar tudo e daí apresenta, nesta festa, apresenta as mulheres. Elas começam a dançar a dança, a Dança do Tipo Treno e os meninos, os homens, masculino dança a Dança da Ema, a Dança do Bachucal que representa vitória, né, quando chegaram da guerra, da vez que foram dançar. E nesta festa também, quando a gente faz o 19 de abril, o dia do índio, a gente, assim, coloca nossas comidas típicas. Assim passa o dia inteiro, quando é a noite, a gente encerra a festa, não é só na parte de manhã, não é só na parte da tarde, é o dia inteiro com essa comemoração.

Xavante/M/P/ Liderança Indígena Sempre acontece festa toda noite, o jovem celebra os cantos alegrando o povo da aldeia, onde também acontecem as danças que é obrigatório o povo participar, corrida de tora nos finais de semana ou dias festivos, nosso povo também celebra a dança da chuva e a dança do sol, conforme o tempo, as fases da lua também é bastante respeitadas pelos nosso povo.



2.10. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS

Assurini/F/N/Atleta/29 O importante mais é mostrar as pinturas, a importância é mais nossa pintura, mostrar como é bonito. É a dança, é puxar corda, jogar bola, isto é importante.

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 Eu acho bastante importante é os jogos pra nós, né, que a gente vê os parente, a gente fica satisfeito com os parente, né, unidos. Como eu gosto de viajar e vê os parente, a gente não fala a mesma língua, mas a gente vamo conversando devagar e vai aprendendo com eles também, né.

Assurini/M/S/Liderança Artística Para a comunidade, eu acho bom pra ninguém perder seu costume, sua dança e sua cultura.

Assurini/M/T/Liderança Indígena Olha estes jogos indígenas, ela trouxe muitas vantagens principalmente para minha comunidade, entendeu? Que lá hoje a gente pratica o esporte, tanto o futebol, quanto lança, cabo de guerra e outras modalidades, né, isso é um incentivo para que...os atletas, o próprio pessoal da comunidade mesmo, pratique mais, principalmente a nossa dança, a língua nossa mesmo, ter o resgate das coisas que nós tava perdendo, bem dizer já tava adormecido, começou a praticar, né. O pontapé inicial mesmo dessa nossa conquista, mais com o esporte, com dança e tudo, foi um projeto implantado pelo Governo do Estado, que não sei se você já ouviu falar do Esporte para Todos. Então, ele foi implantado na comunidade, me parece que foi dois anos lá...mas esqueci o ano que ele foi implantado, então daí que começou a ter o resgate de alguma coisa que foi perdido, e nós começamos a nos organizar, hoje este jogo, tanto como esse como o que foi criado pelo governo e implantado lá dentro da aldeia, ela também, hoje já é 2 anos que a gente faz os jogos. Ele serve como um exemplo, como um espelho para as crianças quando a gente faz uma reunião com as crianças que não querem aprender, que não querem, porque sempre tem umas que são rebelde, né, então o que a gente faz.. Reúne a gente, sempre mostra quem vai pros jogos, como a gente coloca ele como um espelho. Ou vai pros jogos porque sabe flechar, sabe cantar, sabe dançar, né, então este sabe se pintar. Então, essas pessoas servem como um exemplo dentro de nossa comunidade. Gente criou esta lei, de quem começar a ingerir bebida alcoólica não participa dos jogos internos, nem dos jogos nacionais, entendeu? Então isto ajudou foi muito a gente a acabar, o que tem lá é bem pouco, não tem como era. Era muita gente que ingeria bebida alcoólica, agora, graças a Deus, muita gente que estão aqui são pessoas que saíram deste vício, né, e como se vê até hoje, não teve ninguém, eu já vi etnia aqui fazendo esse tipo de coisa que é uma coisa que, acho que não devia nem ter falado isto, né, mas, graças a Deus, aqui em nossa etnia nunca mais aconteceu esse tipo de coisa. Viajou todo tempo e nós não teve esse problema de bebida alcoólica, graças a Deus. Não é para ganhar o cabo de guerra, ganhar o arco e flecha, ganhar o futebol, o principal objetivo nosso é fazer apresentação cultural e mostrar o que a gente tem de artesanato, de pintura, a gente vem mostrar isto.

Assurini/M/W/Atleta É importante pra mostrar a cultura nossa pros branco e pro branco também conhecer a gente.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 Da vitória e de ver a irmandade nossa todinha, os índios de todo Nordeste, ah! Isso é uma bondade, um prazer que nós tá tudo [...] de ter vindo da gente tá tudo brincando... Com certeza é a irmandade junta, né.

Atikum/M/A.R/Atleta/19 A importância? Bom, esses jogos têm uma importância muito grande, porque a gente conheceu várias pessoas, vários outros parentes e também ouvimos várias palestras também, que ajudou muito a gente poder tá repassando para outros parentes que ficaram, como questão das doenças e os planos do governo do estado e essas coisas.

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 Ah, pra mim, foi uma grande importância, porque coisa que nós nunca tinha visto, nós vimos agora né, no estado de Pernambuco,

nós encontremos com tudo os parentes que nós já tinha encontrado com os parentes, mas lá na parte sul, Goiás, Brasília, Porto Seguro, nesse meio de mundo lá longe, Alagoas, Sergipe, tudo a gente tinha participado lá longe, agora aqui mesmo, por perto foi a primeira que nós encontramos foi nessas atividades que mais eu gostei, fiquei gostando dos nossos encontros indígenas no nosso lugar, nossa casa Pernambuco.

Atikum/M/J.F/Atleta Ela é significativa na vida de cada pessoa, né, realmente a gente fica mais conhecimento como os atletas, são pessoas bacanas, só isso.

Bakairi/F/D.K/40 É bom conhecer outras pessoas, outro estado, como aqui, tem muita coisa que a gente não tem lá na aldeia. Esses jogos têm oportunidade de mostrar vários lugares para jovem, que não conhece, mar, por exemplo, isso é novidade pra nós porque lá nós não temos, estamos muito longe do mar.

Bororo/F/E/Atleta Para mostrar, né, o que nós sabemos, o que nós temos. Nós não podemos perder o esporte, tanto quanto o esporte a dança. Pra mim não tem problema, assim a gente conhece várias outras etnias que a gente não conhece.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural A importância deles é não deixar acabar, porque a gente tem que manter a nossa tradição, ela não pode acabar, porque ela prova que a gente pode ser índio, ela prova que a gente tem cultura, ela prova que a gente não inventa cultura. Então, ela é importante pra manter todas as culturas, todas tradições, todas danças, cantos, linguagem, tem que manter elas. É um documento pra nós mesmos que somos índios. A importância deles é que reúne todas etnias, reúne todas etnias e faz cada etnia buscar amizade uns aos outros, apesar que muitos, alguém ainda não entende que forma de amizade, a maioria, creio que entende aqui, acredita nas coisas que fazem. Eles têm que [...] eles pelo que entendi, para o Marcos Terena, ele conseguiu estes jogos. A ideia dele é fazer os índios ter mais amizade, mais força política. A importância dele mesmo é a política que sempre fazem, que é discussão. Estão aqui pra reunir todos os povos do Brasil, povos indígenas brasileiro, pra poder não deixar o não índio tomar conta do nosso povo. Isso com a minha vista é o importante, de tudo. Esporte não indígena, ela situa duas coisas pra mim, ela faz amizade, ao mesmo tempo que eu vejo, ela é um pouco agressiva também. Até mesmo o futebol é um jogo mesmo que a gente tem relação com o outro, a gente se bate, chuta a perna do outro sem querer, às vezes, o adversário não aceita, quer dar troco. Aí acaba, vai indo assim. A diferença disso aí é essa aí. Agora o esporte natureza que é nosso mesmo, corrida de, por exemplo, corrida de tora não é nosso, mas vou jogar um exemplo nela. Tanto corrida de tora é muito difícil ver os índios brigarem. É difícil mesmo. Eles correm, passa do outro.

Bororo/M/V.T/Atleta Eu acho importante do seguinte modo, por causa que a pessoa em si, ela já se sente importante, né, ela se sente importante, por causa que os jogos, ela tem um nome, o próprio nome já diz, jogos olímpicos, isso...são os melhores que participam, né. E se ele chega aqui e é campeão, isso já é de uma grandeza muito importante pra gente, dentre várias etnias, a gente for campeão, isso é muito gratificante, então isso faz com que a gente se sinta mais realizado, quando treinamos [...] e conseguimos, então

cada pessoa, cada componente, ela se sente mais feliz, mais alegre, meio que foi concretizado o que a gente imaginava, o que a gente sempre pensou, nos treinos, na convivência, conversando, tudo isso.

Gavião/F/D/Atleta/26 Pra eles se interessar mais pela cultura e, com isso, nós jovens estamos valorizando mais, é, é a nossa cultura e isso incentiva, né, se há mais orgulho de ser índio.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Isso exatamente, essa questão toda que nós estamos, nós ficamos preocupados também porque muitos da sociedade de vocês estão chegando, aproximando mais e, principalmente, área ficando pouco e, aí, o envolvimento bem grande, por isso que nós pensa muito pra que nós não perde essa cultura bonita. Todos nós gostamos, porque eu acho que esse projeto foi feito pra ajudar a contribuir para que a cultura possa ser mais assim, levado pra frente, portanto eu acho importante esse projeto.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 Eu creio que seja uma experiência que todo povo possa dividir com a gente, né, a tá com responsabilidade com a gente e a gente com eles também. Acho que quem convive com a gente aprende um pouco também, a gente também vai aprender um pouco deles.

Kuikuro/F/K/Atleta/32 [...] encontrar essa pessoas, nossos parentes, como estamos aqui primeira vez, participando deste movimento, eu gostei muito. Vem com meu povo ver nosso parente, eu gostei muito.

Kuikuro/M/J/Cacique/54 Esse jogo não é a cultura nossa, isso a gente pegou pouco tempo, o branco briga, briga pelo dinheiro, por isso eles brigam, brigam no campo, batendo no outro, batendo no juiz, nós índios não têm isso não, a gente veio aqui para mostrar nossa cultura, nossa cultura para o homem branco, para mostrar nossa cultura para os parentes que perderam a cultura há muito tempo, antigamente era assim.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Com aqui os parentes, Gavião, Rikbtasa (Rikbaktsa? Verificar) outras etnias, estão me conhecendo bem, agora ficam com amizade comigo, a gente troca as nossa ideias é tem perguntas que a gente faz como vocês faz, vocês falam ainda a língua de vocês. Daqui eu levo muita coisa comigo, vamos dizer na sacola (risos,) eu levo o que eu aprendi aqui, e o que eu vi aqui eu levo pra aqueles que estão na aldeia, por isso que é importante pra mim a apresentação da dança, da culinária, do canto, para os homens brancos, isso é importante pra eles conhecerem essa, a nossa cultura porque tem muitos povos brasileiros, né, que falam que índio não trabalha, eles só gostam, desse jeito que eles falam por isso que os jogos indígenas, damos a oportunidade de mostrar tudo isso pra eles, pra eles respeitarem os povos indígenas não só meu povo, todo mundo [...]. É bom conhecer a cultura da outra etnia, não é a cultura, o jeito deles, ficar com amizade com eles, a gente troca ideias [...].

Kuikuro/M/T/Artista/22 Eu mesmo tou achando muito bom, porque eles, a gente, fica trocando ideias com eles, conversando com as mulheres e conhecendo elas e eles, e esse pra mim é muito bom, porque a gente discutindo com eles, eles fica perguntando pra gente como é que vocês faz na aldeia, a gente fica trocando muitas coisas com eles...

Manoki/F/L.A (s/id) Estou achando bom, porque a gente não conhecer eles e a gente vai conhecendo várias coisas que eles têm, um vai aprendendo com o outro.

Manoki/M/J.M.A/Atleta Eu acho que o mais importante é nossa cultura na comunidade, eu acho muito bom, porque antigamente a gente não sabia e hoje nós joga assim.

Manoki/M/O (s/id) Eu acho que esses jogos indígenas é bastante importante para as comunidades indígena que têm pouca cultura, que está deixando de viver essa cultura, pois é o exemplo para o pessoal, acho que é um evento para a sociedade porque reforça o reconhecimento da cultura indígena, todo mundo aqui se encontra, conhece outros parentes e assim por diante, fica conhecendo outras etnias, bastante culturas, então para nós é bastante importante esses jogos indígenas.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 A importância dos jogos é que todos vêm, participam, ficam todos alegres, unidos.

Pankará/G.P/Atleta Para os que participam é um momento gostoso de integração com outros povos que você não conhece e os que não participam ficam a desejar com certeza. É importante participar desses jogos, a gente está divulgando nosso povo, nossa terra, nosso estado.

Pankararu/F/I/Atleta A importância, assim como, além de conhecer assim as outras etnias aqui do Brasil, fazer as amizades, mostrar que índio também corre e sabe, gosta de jogar.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena É a gente tá, é a importância que também a gente tem, a importância a corrida de 100 metros que a gente teve uma ganhadora Pankararu né, ela ganhou em 1º lugar. Apesar que a gente tamo junto aqui nessa competição, mas todos são ganhador, isso não tem aquilo parte de competir, eu ganhei, eu sou o campeão, né, porque dentro de nossa tribo, a gente não tem essa. Essa parte da modalidade do guerreiro, do guerreiro, é os jogos escolar indígenas a gente parte da nossa aldeia, e a medalha é a medalha Pankararu indígena, que a gente faz, a gente faz da madeira de angico.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena Somos povos indígenas e tem que respeitar um ao outro, como nós respeita outro ser humano, como o negro, como o branco. No futebol, geralmente a gente faz o possível para que ninguém se machuque um ao outro.

Pankararu/M/G/Liderança Indígena É muito importante pros atletas que estão aqui tendo, ganhando experiência, e o pessoal que ficaram na aldeia fica na expectativa, como foi quando a gente chegar lá no nosso povo, todo mundo vai querer saber como que foi o jogo tal, se alguém ganha, mas, cá pra gente, é assim, não tem importância se a gente for vencedor, não a importância da gente é participar.

Pataxó/F/S/Atleta Eu aprendo assim que a primeira.... eu... a primeira vez que eu fui, participei dos jogos, eu aprendi a valorizar minha cultura mais ainda do que eu valorizo, e isso é muito importante pra mim e para o meu povo, que o povo Pataxó foi um povo, que o povo Pataxó foi um povo muito massacrado no Brasil. Então o povo tem muito preconceito, não índio tem muito preconceito com o povo Pataxó, mas não por isso a gente vai abaixar a cabeça, a gente tem que levantar, erguer a cabeça e pisar pé firme que a gente vamos pra frente.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena A importância, primeiro, é esse intercâmbio com outras comunidades, conhecer outros líderes, ver quais são os desafios comuns que nos afligem, mostrar nossos avanços, o que nós precisamos que melhorar, trazer alguns jovens, agora na nossa comitiva, a maioria nunca participaram dos jogos, então ficam naquela ansiedade de participar. É meio que uma olimpíada, todo mundo quer ir e tal, a gente fica sentido, porque a gente não consegue trazer todo mundo, mas a gente consegue trazer aqueles que melhor se empenham dentro da comunidade. Nós estamos com sete aldeias no grupo, assim é uma coisa que... enfim, acho que esse intercâmbio mesmo, de poder celebrar com outros povos, acho que essa integração, o resultado dos jogos seria isso. A importância é assim, aqueles que não participaram e gostaria de tá participando, né, mas a gente tá aqui apresentando eles também, o masculino e o feminino também que são as Jocanas e o Escapesim. Se ganhou ou perdeu, vamos voltar com a mesma alegria que nós chegamos na arena. Vamos voltar, vamos tentar mostrar que a gente não está aqui só pra comemorar, dançando quando a gente ganha, mas, quando a gente perde, também a gente tem que tá mostrando que a gente tá firme, não levar o sentimento de perda, né. Cada comunidade tem o seu líder, tem a maneira de se organizar. A nossa, nós conseguimos montar um sistema de conselho, onde tem os líderes mais velhos, os chefes de famílias, tem jovens que são liderança que também dão opinião, as mulheres, aí tem representantes de setores, no caso, a pessoa que é responsável pelo artesanato, ela fala, da agricultura, da pesca, do ecoturismo. Então, todo mundo se envolve e no Brasil a gente tem a única guarda indígena do Brasil.

Rikbaktsa/M/G/Atleta/22 Os jogos, acho que a gente tem que mostrar a cultura da gente, porque tem muitas vez, vamos supor, [...] , lá o índio só vive pelado, só vive na mata, o índio não tem aquilo, tem aquilo, aquilo a gente tenta mostrar o que a gente tem, o que eles pensa é uma ilusão, vamos supor assim, que não, não é a realidade que tem muitas professoras que falam que acontecem isso por falta de conhecimento, de realidade [...], então passa isso, mostrar o que realmente a gente é. [...] Pra mim tá sendo muito legal por causa que eu sei lá, é porque tem pessoa que não conversa, é, tem vergonha, é que é tímido na hora, aí não consegue fazer muita amizade, sair, fica quietinho no canto, na minha parte, eu gosto de conversar, gosto de brincar, gosto de ter mais amizade, conhecer mais as pessoas, tá sendo muito bom pra mim, essa relação de conhecer os outros povos [...].

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Nós queremos aprender é a cultura outro etnia é pra que, pra que nós levar o conhecimento de outro etnia pras aldeias, isso também faz muito bem e também a gente faz intercâmbio, né, como a gente fala, é pra levar é o conhecimento diferente pra nossas aldeias, isso faz parte da interculturalidade, então a gente vê que muitas culturas diferentes nós precisamos aprender essa corrida de tora, nunca a gente participava, então, isso é isso, a gente, é, precisamos praticar essa essa peça, né, eu acho muito importante saber porque as crianças também conhecer é a cultura, a outra cultura diferente.

Tenharim/M/L/Cacique [...] primeira vez a gente tá participando e a gente tá anciã, porque isso não somente vai incentivar mais, mais sempre melhora de mostrar pras outras

etnias que é nosso vizinho, que é outra etnia mais próximo. E ele não tem quase contato com o branco, né, então a gente tem contato sim, mais na língua quase não tem como entender na língua dele, então que dizer e eles têm essa modalidade muito importante de mostrar pra eles que hoje o governo tá dando, demonstrativo, né, de apoio pra que o povo indígena compete com outro povo indígena. Cada dia quero mais aprender, mais praticar, então é um incentivo, busco o espírito da pessoa e o espírito da pessoa tá mais concentrado hoje, então por isso é que eu vejo que a tendência é buscar mais e praticar mais.

Tenharim/M/M/Atleta/26 É importante pra nós, pra conhecer a cultura do outro etnia que estão várias regiões, né, depende cada estado que vem pra participar, então tanto pra mim é muito importante, a gente leva o conhecimento de outra cultura, pra fortalecimento da nossa identidade que a gente tá com nossos povos indígenas do Brasil. Tão jogando lá, festa muito importante pra nós, eu tô muito contente por ter participado disso daí, tô muito contente mesmo! Com certeza que nós, Povo Tenharim, vamos levar muita novidade pra eles, que nós temos...

Tenharim/M/V/Atleta/20 Bom, tem muito fundamento, é, eu acho que o encontro ela tem que dá continuidade, com recurso maior pra ver a etnia das suas aldeias, né, pra que as culturas sejam divulgadas e sejam respeitados também dentro da lei, da Constituição.

Terena/F/S/Atleta/17 Que é bom fazer jogos, regatando nossa cultura. Na verdade, como o tema diz assim: o importante não é competir, mas sim celebrar. Então, eu acho que é uma forma de divertir. A gente não pensa assim, quem é o melhor, porque todos são iguais, né.

Terena/M/E/Artista/35 A importância da atividade é para não perder a cultura, né, porque hoje em dia, algumas etnias, totalmente fora já da sua cultura, perdendo a sua língua, o seu idioma, mas hoje estão procurando resgatar para que eles possam tá nos moldes a sua cultura, igual a tribo Terena, né. A importância dos jogos para os participantes são conhecer as outras etnias, conhecer a sua cultura, conhecer como eles vivem, porque muitas outras etnias estão passando uma situação difícil, né, contra os fazendeiros, muitos estão sendo acabado, né, os brancos são... procuram eliminar algumas etnias, mas através desse encontro, nós procuramos procurar saber para nós possamos estudar um meio para que possamos ajudar as etnias.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Ah, eu acho muito legal, porque é uma forma também até de eu estar incentivando a preservação da cultura. Eu tenho meu menino que tá aqui, ele deu uma palestra aí ontem, ele tem 16 anos, desde quando ele participa dos jogos e hoje ele tem orgulho, porque a gente percebe também em certas comunidades tem jovens que se afastam um pouquinho, se distanciam, perdem os costumes, as danças, perdem um pouquinho o idioma. Então eu avalio, assim que, é uma forma também através dos jogos a gente tá assegurando cada vez mais forte a nossa cultura. [...] A gente percebe que faz bem pra eles, principalmente por que a maioria deles é estudante e os estudantes, a gente lá como líder, a gente diz o seguinte: que a gente só leva pros jogos quem tiver bem de nota na escola e praticar o esporte, então isso só tem ajudado.

Terena/M/T/Atleta/16 Bom, eu acho que o que vale mais nos jogos indígenas é você se inteirar com as outras etnias. Por que você tá interagindo, é um outro tipo de cultura, você troca ideias. Então eu acho que isso... eu aprendo com uma outra etnia, ele aprende comigo. Eu acho isso é o mais importante, a gente tá interagindo entre as etnias.

Umutina/M/J/Atleta A importância de tudo é a divulgação da cultura que você já vem tendo [...].

Umutina/M/V/Liderança Cultural Assim até é o objetivo da delegação está aqui neste evento é assim, não é só por esporte, o esporte é uma das partes que podem contribuir no nosso desenvolvimento, mas a parte principal é a parte cultural, né, de tá divulgando de tá valorizando a parte cultural mesmo, o foco principal a dança, a língua, entendeu que nós tamo aqui exercitando e assim integrando toda etnia, né.

Xavante/M/P/Liderança Indígena Acho importante não deixar essas tradições passar ou se perder, gosto de ver a cultura valorizada e a prática faz melhorar a saúde e anima o espírito do povo Xavante [...] Ver a realidade do jogo e transmitir, retransmitir, outros valores, outras culturas.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Para mim foi importante, para todos nós, porque, assim, a gente está divulgando a nossa cultura, porque como eu te falei, nós somos esquecidos, mas agora eu acho que todos os governantes, os que estão representando o governo estão sabendo que lá no Sul também tem índio, isso para mim foi importante, tanto nós aqui quanto os que ficaram.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 A importância é que a gente veio mostrar a nossa cultura mídia, mostrar que nós também temos capacidade não só para outros povos indígenas, mas também para os brancos e a gente vai retornar todos esses ensinamentos lá na aldeia.



2.11. ONDE ACONTECEM AS ATIVIDADES

Assurini/F/N/Atleta/29 Jogamos na nossa aldeia mesmo. Tem o campo lá, a gente joga lá mesmo, lá na aldeia mesmo. É não, é de gramado, é assim de terra.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 Nós temos o terreiro de nós dançar, nós temos [...] de nós brincar, porque o toré, o ritual e no terreno que nós temos o terreiro de nós dançar e o trabalho é na casa de oração que nós [...] sábado, né, ritual que é no terreiro. No campo, nós temos campo do nós. Tem o campo de nós brincar a flecha. É dentro da aldeia, no posto mesmo.

Bakairi/F/D.K/40 Sim, lá no local da aldeia mesmo, acontece competição de campeonato, são vários times, né, jovens, eles marcam o dia sábado e domingo, é praticado lá o esporte.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural Tem campo de futebol, tem a escola mesmo, num prédio de lá, nós temos casas central, pode ser ali também, aproveitamos o prédio de lá pra realizar os nossos jogos.

Gavião/F/K/Atleta Futebol tem o campo próprio mesmo, campo oficial mesmo da... pra poder brincar nosso futebol e tem a quadra também, que nós treina, joga futebol, futsal também. Não, agora a cultura ela é no próprio pátio já separado pra nossa cultura, só pra isso mesmo.

Gavião/M/J.K/Liderança Indígena A gente tem um pátio lá, que chamamos de acampamento, né, afastado um pouquinho da aldeia, então no centro da aldeia temos o pátio onde acontece dança, apresentação.

Kambiwá/M/G.F.N Acontece, a gente joga uma aldeia contra, agora os torés é feito cada um na sua aldeia. Quando a gente comemora todo junto, aí tem o sagrado que a gente junta todos Kambiwá, aí fica todo mundo junto.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Bom, nós temos o líder poderoso que reúne e faz as atividades culturais e aí nós começa, acontece ali no centro do pátio, num sei se você já ouviu falar que nos temos o pátio mesmo.

Kapinawá/F/L/Atleta Por enquanto mesmo, a gente lá na nossa aldeia, tem três times de futebol feminino e ocorre entre a gente mesmo, a gente vamos [...] tentando, um dia que a gente tiver oportunidade pra jogar contra as outras etnias das outras aldeias.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Então, é como atualmente, né, no Parque Indígena do Xingu, é, lá chama posto Leonardo, onde sempre ocorre os torneios indígenas do Xingu, começou em 91, não 91 não, 99 começou esse torneio. No posto Leonardo no Parque Indígena do Xingu, aí nós participamos agora este ano vai ter, assim, que começo e vôlei a gente não pratica, tô falando, e tem também, todo evento que ocorre lá em posto Leonardo, todo mundo se reúne, lá junta cada povo, reúne lá, pra gente competir esses esportes, então tem também o ano que vem, em 2008, vai ter 2º jogos tradicionais do Indígena do Xingu, nós vai competir lá primeiro no futebol, arco e flecha que nem olimpíadas indígenas aqui, mesma coisa.

Kuikuro-M/T/Artista/22 Acontece esporte cada aldeia, né, tem entre eles, fica jogando a bola é o tipo campeonato, torneio. Geralmente fica lá no Posto Leonardo, lá onde Orlando Vilas Boas ficava e construiu uma casa alvenaria lá, posto né, Posto da FUNAI, eles fazem torneio lá, lá todo mundo junto, né, convida, pra fazer olimpíadas, tipo (...) com pessoal.

Manoki/M/J.M.A/Atleta O local mesmo é na aldeia, tem uma quadra, bola boa, as apresentações tradicionais acontecem bem no centro da aldeia mesmo.

Pankararu/F/I/Atleta Nos seus terreiros, no ... no terreiro que pratica Umbus, sempre é nele e do menino do Rancho, sempre quem escolhe são os pais e as atividades esportivas no campo, correndo na quadra, lá tem quadra esportiva também e em outros lugares.

Pataxó /F/S/Atleta Tem os lugares, tem os lugares reservados como é na reserva da Jaqueira que acontece as danças, os cânticos, nós copia as músicas e no museu indígena também.

Rikbaktsa/M/G/Atleta/22 Lá, nós, a gente, agora pra falar a verdade, tá bem pertinho do não índio, ali que tem gente, que tem fazenda, então a gente [...] vai ter esporte, por exemplo, sempre vai ter, tem torneio, a gente fala torneio assim, disputa.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 Tem aldeia, assim, a nossa aldeia é circulada, né, e atrás dessa aldeia tem um campo de futebol a gente joga lá, ei nesse ano construíram um, um campo assim, como que chama daquela pequena assim, só de... quadra, né, aí a gente começamo né, jogando nessa quadra, mais só que eu tenho medo de cair, assim, é mais perigoso do que o chão né, o cimento é duro[risos].

Tapirapé/M/G/Atleta Aqui onde nós estamos agora é um centro, é um ginásio de esportes aqui tem futebol de salão, aqui tem natação, aqui tem aula de dança, aqui tem ginástica olímpica que são aulas de saltos, enfim.

Tenharim/M/L/Cacique Na aldeia mesmo, na aldeia mesmo. No pátio da aldeia, a gente tem um pátio grande que é pra se sentirem à vontade, ao lado da escola mesmo.

Terena/M/E/Artista/35 Tem, tem o campo, lá tem o local apropriado para o futebol, jogar vôlei, cabo de guerra, pra natação, né, canoagem.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Acho que todas as aldeias hoje têm um campinho de futebol, de salão, de voleibol também, sempre tem um local apropriado.

Xavante/M/P/Liderança Indígena Acontecem na aldeia, a arrumação do chão, campo limpo de terra batida é a técnica disputada na aldeia, que serve de apoio para os Campeonatos Municipais e para os Regionais até chegar aos Nacionais.

Xikrin/M/R/Atleta/26 É na aldeia mesmo, na aldeia tem o campo de futebol e a quadra de vôlei também, a quadra de vôlei é de areia mesmo. A gente marca para jogar lá na minha aldeia, mas o mesmo xikrin que a gente encontra lá, chama o time de fora, os kaiapó que a gente joga contra eles.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 A gente tem o lugar próprio, é o ginásio de esporte.



2.12. OS CONFLITOS E SUAS SOLUÇÕES

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 A gente se reúne, as lideranças, o chefe de posto, cacique, pajé e resolve aquele problema, pra não ir a conhecimento de justiça que é o que mais a gente debate é a justiça dentro de nossas aldeias, polícia, quando é uma coisa por motivo que é preciso a polícia entrar, tudo bem, a gente dá razão, agora com as coisas que a gente vê as vezes com a pessoa lá do “fulano fez isso ou aquele outro” sem que a polícia entra e judia, maltrata, muito povo que num é suficiente, às vezes, homem de bem sofre por, sofre sem necessidade, né.

Bororo/F/E/Atleta Os anciões orientam os jovens, pra fazer isso, aquilo.

Bororo/M/V.T/Atleta Há um tempo atrás, na época dos meus pais, quando meu pai praticava futebol era normal... era comum acontecer conflito, brigas, né. Mas hoje em dia, os novos rapaz estão mais conscientes. Mas, eu digo assim, né, mas não é sempre assim, mais é com outra equipe, do outro lado, outro clube. Branco, por exemplo, da própria etnia ou de outra etnia mesmo, por exemplo, Xavante, isso acontecia normal, era comum acontecer isso. Ninguém queria perder, então aconteça do povo entrar em conflito, das duas partes, das duas etnias. Mas, hoje em dia, isso não acontece mais não. Isso a tendência é acabar [...] aí os mais velhos aconselham a gente, né. Pra deixar, não reagir da mesma forma que nossos adversários agiram. Por que isso não é... eles falam que não é bonito, né. E realmente isso não é da gente fazer

Kambiwá/M/G.F.N Quando acontece algum problema que uma pessoa não consegue combater, ajunta, faz reunião, chama cacique, pajé, as lideranças mais velha, né, pra aconselhar, pra num acontecer mais conflito.

Kanela/F/F/Atleta É resolvido através da autoridade que dividiram a aldeia, que são autoridades, eles comandam e desmandam a aldeia e aí eles resolvem.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Bom, nós temos o cacique, ele chama as pessoas em confronto, aí ele chama, se reúne pra pergunta, aqueles que estão em conflito.

Kapinawá/F/L/Atleta A gente resolve através de, pelo cacique, pela liderança a gente faz, eles fazem reunião debatem o que vai fazer, o que ele vai fazer e aí o que tiver que ser feito eles fazem.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 A gente resolve conversando porque ninguém vai dar pancada nos outros, né, resolve conversando e até que chega um acordo. E da mesma forma, com reuniões, conversa com o pajé, chefe de posto, faz a reunião na comunidade e resolve o problema.

Kapinawá/M/R/Atleta A gente senta, chama as lideranças, o cacique, o pajé e, se é uma questão de comunidade, a gente tem que convocar essas pessoas de cargo, chefe de posto, aí a gente tem o conselho, tem vários conselhos e esse pessoal do conselho é quem chega e dá a palavra deles, né, que faz ali, que mostra como é, como é realmente o caminho que tem, que deve ser tomado, sabendo que somos todos de uma comunidade, precisamos nos unir muito mais ainda do que somos, prá que não haja briga e quando tem uma questão de: “Vamos à luta!” todo mundo fala uma língua só e parte pra briga mesmo, assim, principalmente na questão de território, território e educação, saúde, são os três pontos que a gente mais estão mexendo, né. A gente sempre está discordando com isso, então a gente sempre procura acalmar as comunidades que estão em conflito, pra que não haja esse desentendimento, porque fica difícil a gente ganhar uma luta, né,... dessa forma que a gente combate a violência lá na comunidade com problemas internos.

Manoki/M/O (s/id) O cacique está sempre à frente da comunidade para resolver este conflito.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 É mais fora da aldeia, dentro da aldeia é tudo organizado, somos irmãos, nós dentro da aldeia somos unidos. É resolvido através das lideranças, é resolvido através dos caciques, dos índios, o Pajé, convida as lideranças e entre os mais velhos consegue resolver o caso.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultural/38 Acho que não, se acontece é alguma conversinha mal resolvida, porque são irmãos, são um povo só, não devem ter isso, agora quando vão lá fora, vai o branco, junta a família do branco, cacique é liderança, faz aquela reunião e acaba tudo bem.

Pankará/G.P/Atleta Dentro da aldeia se acontecer desentendimento resolve na aldeia, agora fora, quando a gente leva o time para jogar com os brancos, acontecem umas dificuldades, mas todo mundo se conhece e resolve dentro do campo mesmo.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 A gente resolve no conselho, na reunião dos mais velhos, a gente reúne com eles, aí pronto, acabou a questão.

Rikbaktsa/M/G/Atleta/22 Pra falar verdade, cada aldeia tem uma comunidade, comunidade, né, e em cada comunidade tem um cacique, tem várias aldeias que resolvem, assim, entre tapas quase, aí tem outras aldeias não que já senta reúne a comunidade, conversa, pessoal apoia, dá ideia, que não pode acontecer, que nunca deve acontecer, a gente trabalha mais com isso, tem professor que tá no meio, né, que fala assim, que não pode isso, que não nunca pode acontecer, a gente resolve lá dentro da aldeia mesmo.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 É coisa ruim, nós temos um problema, assim, na nossa reserva, né, no norte tem um fazendeiro que quer tomar conta da nossa terra, mesmo que seja mesmo que a nossa área é demarcada, mologada registrada, né, e até agora existe essa briga lá da área. A gente discute pra tá defendendo o nosso direito e muitas vezes fazendeiro faz um papel contra nós e a gente tem que responder também, contando tudo nossos direitos por que lá nossa reserva, tem, eu acho que tem, dezesseis anos que a gente mudaram de outra área, né, morando naquela área porque a nossa bisavó, tataravô ficou morando lá, né, e a gente já tomamo essa terra, a gente tá lutando continuamo ainda lutando pela terra.

Tapirapé/M/A/Atleta Todos se reúne pra não acontecer alguma coisa errada, né, na aldeia, então por isso é que temo que reunir mais ainda né, por causa da bebida também, né, da bebida, a gente dá muito conselho pra mais jovem. Antes, antes quando eu estudava na cidade também, eu ficava na cidade mesmo, assim eu não bebia nenhum, nenhum pinga, então por isso a comunidade lá dos jovens, tão entendendo ainda o bom caminho que nós tamo fazendo lá, que ninguém bebe lá, não tem bêbado ninguém tá vendendo a bebida na aldeia.

Tapirapé/M/G/Atleta O problema quase nada não acontece, né, é quando uma coisa, assim, principalmente assim, quando as moças e os rapazes levantam uma coisa de casamento, tem vez que acontece que o pai do rapaz num vai querer que o filho case com aquela moça e tem vez que o pai ou a mãe da moça não quer que a moça casa com aquele rapaz e aquela coisa levanta, aquela grande problema, uma coisa polêmica na al-

deia, e aí si divide, lá eu falo divisão assim, não gostar de outro mais, né. Resolve assim, né, na reunião, a gente põe a pauta lá, pra discutir uma coisa, por exemplo, quando falo, falo não temos o problema e assim problema familiar. Mas problema sério na nossa área, lá, é a invasão, né, invasão área indígenas e desde que pensamos de retomar essa área indígena dos brancos. Porque a área indígena dos brancos já foi em mão de um fazendeiro lá, aí depois de trinta, vinte e cinco, cinquenta ano depois, recuperam esta área e lutando pra demarcação da terra indígena pra esse problema todo os posseiros, madeireiros e os garimpeiros, conseguimos retirar todas essas pessoas, aí quando conseguimos todos essa, esse problema, aí tiramos os invasores aconteceu o seguinte que, que foi polêmico na aldeia que, até quase que aconteceu e levou a comunidade matar os outros quase que levou os caciques os mais velhos, né, e tentou praticar uma coisa que não devia, uns invasores lá, os garimpeiros, assim, e examinar a área onde tiveram o ouro, essa coisa que a gente não podia ter feito isso, né, entrou com aquelas pessoas escondido isso que até mesmo isso denunciemos porque foi uma coisa seria e até hoje aquela pessoa não esqueceu daquela área, tem vez que ele vai escondido por lá por onde as pessoas entraram com ele e tá em perigo lá, a área lá esse problema maior. Quem sabe um dia vai tá entrando com mais pessoas invadindo mesmo a área, temos um lugar lá, é um lugar sagrado pra nossa cultura e tem aquela, os minérios lá e com certeza aquelas pessoas que foram levadas pelos antigos caciques põem em risco aquela comunidade. É esse o problema da comunidade lá.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Conversam e resolvem. É conversam, né, porque a gente, é, vai falando, conversam muito, vai dialogando, vai trocando novo ideia, então isso a gente vai, vai resolvendo com isso, dessa forma que a gente tamo vivendo dentro da aldeia.

Umutina/M/J/Atleta Não (...) nós não briga lá não, nós tudo é alegria, só se brigar, se brigar assim, a gente conversa com eles e ele desculpa na hora lá.

Xavante/M/P/Liderança Indígena Existe um pacificador, e todos devem obediência.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 Entre o índio e o branco sim, mas entre índio com índio não, é porque acontecem campeonatos, acontece às vezes pelo preconceito, sempre acontece isso, tem preconceito, lá as aldeias pertencem a dois municípios e um deles tem bastante preconceito, até o prefeito, então às vezes acontece isso.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 Pelo menos nós lá, da nossa reserva, não acontece isso, só uma vez aconteceu fora da reserva, índio contra branco, a gente estava disputando o campeonato, aí eles viram que estava perdendo e começaram a enfrentar os índios com arma, a própria polícia militar começaram a enfrentar os índios com arma, o que, que deu... os índios começaram a bater na polícia, daí a polícia se apuraram e começaram a atirar para cima, na verdade acontece mais fora do que dentro, porque nós estamos fazendo uma arrematação de terra lá, então, é aí que o povo fica mais esquentado com isso, né. São resolvidos, por exemplo, se fosse lá fora, seria resolvido pelo justiça, porque se a gente botar a mão, jamais a gente vai ganhar, porque tem justiça, se a justiça não

protege, nós temos uma lei, e nós podemos ir até no congresso, nos ministérios pedindo apoio, segurança para nós, não adianta nós ficarmos lá na reserva sem segurança.



2.13. A SELEÇÃO DOS ATLETAS

Assurini/F/N/Atleta/29 Foi assim, foi é um deles e mais um que ficou lá, são três que mandam, aí eles tiram, os homens escolhem qual que vem e qual não vem e as mulheres a mesma coisa, qual que vem e qual que não vem.

Assurini/M/T/Liderança Indígena A gente, como tem estes jogos de intercâmbio cultural, ao mesmo tempo a gente faz a seletiva dos atletas nosso. Então o que a gente faz, a gente tem o campeonato, bem dizer, que é dos jogos intercâmbio cultural, a gente aproveita e tira os melhores atletas, entendeu. São todas as modalidades, são cabo de guerra, arco e flecha, corrida de cem metros cinco mil, o futebol é masculino e feminino e o arco e flecha também é masculino e feminino.

Assurini/M/W/Atleta Os caciques que escolheu atleta, como no treino assim, porque o convite foi só pra 40, aí ele foi tirando. Às vez, o resto queria vim, aí não dava para eles vim, aí cacique ia tirando.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 A norma da casa que a gente foi informado que viram 7, né. Sete atletas pra participar dos jogos, só que quando chegou aqui teve uma pequena mudança, como são norma, como eram normas que teriam que se dividir 2 em 2 pra montar um time, né, a gente, Pernambuco no caso, como era poucas vagas pra Pernambuco no caso eram 50. Outra pessoa complementa: Era duas vagas pra cada etnia pra formar o time de Pernambuco. Duas vagas no caso. Isso, isso! As etnias foram montadas em Pernambuco, mesmo porque e a gente assim, tem essa união e fazer essa montagem, foi assim que a gente fez e o a montagem completa e veio todo mundo lá, todo meio tranquilo. [...] a coordenação chegou, nós sentamos e juntos e decidi.

Bakairi/F/A/Atleta/16 A seleção dos atletas é... a gente... saiu divisão já na competição aqui mesmo, a gente fica de um pouco de férias lá da aldeia porque tem muito trabalho pra gente fazer aí, só dividiu aqui.

Bororo/F/E/Atleta Foi escolhido... praticamente nós temos oito aldeias. Nós temos doze aldeias, e foi escolhido de cada aldeia quatro, que dizer mais de... eu acho que uns seis lá da aldeia nossa mesmo, e algumas das outras aldeias pra participar.

Bororo/M/V.T/Atleta A seleção, ela foi feita pelo nosso coordenador, o Paulinho. Ele é o nosso líder e está coordenando toda essa viagem. Ele selecionou as pessoas mais aptas, mais comportadas também pra tá participando desse evento. Os atletas que estão são não os melhores, mas fisicamente mais preparados pra tá competindo, né. Sim, tivemos umas preliminares, né, pra poder ficar nessa seleção. Natação, velocidade, cem metros,

resistência, o próprio de futebol, enfim, fizemos uma seleção. O coordenador fez uma seleção com a gente, era... todo mundo queria vir, na verdade, toda a comunidade queria tá participando, mas foi feita esta seleção. A partir dessa seleção, é que foi indicado, nós, quer dizer eu, né, pra estar vindo nesse evento.

Gavião/F/D/Atleta/26 As lideranças que escolhem assim, reúne eles conversam entre si, e aí eles elegem as pessoas pra vim.

Gavião/M/A/Atleta/35 A liderança. Nesses jogos eram pra vim só os melhores dos melhores, mas só que não foi possível, por causa da reunião que tem, vai te agora também, estão participando dos jogos também na aldeia. Aí, só escalaram os aprendiz, né! Os que tão aprendendo. Tão fazendo bonito, tão ganhando.

Gavião/M/J/Atleta/20 Eles manda o convite, eles falam lá, que tem uma paioça dentro da aldeia, aí eles chamam quem quer vim, mas só que eles coloca aquelas pessoas que vem pra participar, pra competir e sempre dão nome, mas nunca eles colocam uma pessoa que não jeito de fazer nada, porque eles querem uma pessoa que vem pra participar das coisas, porque aqui mesmo nós viemos pra mostrar nossa cultura e nós tem que fazer.

Kambiwá/M/G.F.N (s/id) Isso é uma coisa que eu nem vou entrar em detalhes, porque num foi nem um nem dois que escolheu, foi nós, fomos todos juntos, era pra ter sentado e pensado melhor, né, a gente aí e colocamos aí deu tudo errado e deveria melhorar mais, né, se nós tivesse sentado antes de escalar equipe aí pros jogos. Eu achava que era a gente antes de ir escalá a equipe cada um sentar e ver qual é os atletas preparados pra aquela e portanto a gente num fez isso. (...) na prova pra gente preparar melhor. Aconteceu que desde o ano passado a gente foi, que teve jogos indígenas dos povos do estado de Pernambuco, aí já ficou um pessoal da coordenação de cada povo e eu fui um deles, Kambiwá, aí liga o caminho que tinha essa reunião, aí eu vim, passei 2 dias de reunião na secretaria, aí com esses patrocínios que vinham e foi isso que aconteceu aí, tudo e eu liguei pro meu povo e cada liderança da aldeia escolheu seus atletas pra participar.

Kanela/F/F/Atleta Então...a gente joga bola na aldeia e os homens que jogam bola eles observam a gente, então a gente tem dois técnicos que é o Silvério e o filho dele, o Marinaldo, então eles mesmo que selecionam a gente pra vim pra participar.

Kanela/M/A.K/Atleta Foi nosso chefe, né, nosso chefe que escolheu, eu tava assim, jogando mais encostado e aí ele me escolheu, todos os jogos, todos os jogos.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Eu como delegação, eu convoquei primeira pessoa como, como chefe, comecei a conhecer os jogadores e jogadoras, então, assim a contribuição dos jogadores melhorou muito para que eu possa tentar levar a seleção, então eu acho melhorou muito. Primeiro a gente cria um campeonato pra avaliar a questão dos atletas, aquele que estiver bom, que participa mais em treino, chegar mais cedo, chega mais rápido, que participa mais, então essa pessoa tem a vantagem de ficar na seleção.

Kapinawa/F/L/Atleta A gente incentivou, a gente treinou por causa que, principalmente o futebol masculino e feminino treinou todo fim de semana aos sábados e domingos e a gente, a gente, como ia ter a corrida dos 100 metros, como ia ter a lança o arco e flecha,

tudo isso a gente incentivou. A gente dizia: “ Oh gente a gente vai tirar tal dia pra gente ver isso aí , quem pode ir, quem pode não ir”. Então foi o que a gente fez, a gente foi lá, treinou os que se saíram melhor vieram, né, da parte das meninas houve outras que não puderam vir por causa que tinha aula, a que jogava mais, corria mais, já da parte feminina eu fui a escolhida, foi feito um debate, reuniões, foi feita três reuniões pra decidir quem é que iria vim, se o Cacique, se o Pajé, se o Conselho Tribal, se eles aceitavam, se concordavam e eles concordaram, assinaram o documento e eu vim, vim representando a etnia Kapinawá da parte feminina e vieram outros, os meninos representando a parte masculina.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 A gente foi escolhido porque meu irmão veio a uma reunião aqui, dos jogos indígenas da Jorcipe veio aqui e aí foi selecionado as pessoas pra vim de cada etnia, e estamos aqui.

Kuikuro/F/K/Atleta/32 Bom, como técnico vê a gente, aí ele escolheu, por isso nós tamos aqui, pra participar desses jogos aqui. Ontem a gente perdeu a luta, eu senti muito, quase que eu chorei. Ontem eu perdi. Um atleta ficou lá, como escolheu o técnico, o técnico errou também, como Bonde ficou lá, ele não veio, ficou fraco agora.

Kuikuro/M/J/Cacique Nós viemos, eu trouxe artistas, tudo que é índio eu encontrei na aldeia, eu escolhi na aldeia, até a menina que está aqui foi eu que contratei para trabalhar para mim na viagem, aí tem uma pessoa para cuidar da gente, ele que cuida na viagem, ele que paga as comidas, eu que peguei dinheiro, daí passa pro outro menino para cuidar, assim que funciona hoje.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Então, primeira coisa, né, chegou uma notícia pra nós, novidade que o Carlos mandou, falou que o Jacaré, quando o Jacaré chegou da cidade, falou é, contou pra todo mundo, chamou todo mundo pra ele relatar, então tem o técnico de futebol, ó tá tendo jogos indígenas lá em Recife, vocês escolhe os time pra gente leva. É... 18 time que você vai levar, aí pra lá até 25, 19 até 25, eu vou levar os mais velhos que sabe cantar, as mulheres também, pedi 15 mulheres pra escolher, então eu entrei, né, nessa coordenação de viagem eu e o técnico de futebol e tem outro rapaz também, nós temos que jogar futebol pra eles escolherem, aí eu mesmo, né, ah, todo mundo me acha que eu sou melhor, aí me escolheram, aí depois meu tio escolheu os cantores aquelas pessoas que quer vim, aí ele escolheu todo. Ah, e depois ficou assim, aí depois de eu escolher a nossa atividade, né, do esporte, começamos praticar, treinar bastante pra vim aqui, assim que foi feito, assim que nós escolhemos. Temos 3 rapazes eu e mais 2 rapazes que nós escolhemos essa seleção do Kuikuro.

Kuikuro-M/T/Artista/22 Antes de vim pra cá, né, eles fica treinando, como é que joga, tem que jogar bem, tem que passar a bola bem, tem que ter que dominar bem a bola e a gente fica vendo eles e anotação no caderno, o que ficou vem o que erra, o que ficou bom, a gente fica. Quem que faz, quem num fez, a gente fica escolhendo na aldeia, aí a gente fica anotando cada pessoa que joga bem.

Manoki/M/O (s/id) A gente veio mesmo para mostrar nossa cultura, tudo... aí não foi feita aquela seleção dos nossos jogadores, atletas, vieram mais para apresentar nossas

danças, pessoal aqui está jogando, mas nossa seleção mesmo ficou para trás, a gente saiu mesmo para fazer isso, não para competir mesmo.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 A seleção foi feita pelo professor de artes, porque era para vir poucas pessoas, aí veio 18 pessoas da etnia da gente, era para dar uma chance para a gente para mais pessoas virem, daí deu pouca gente para vir. Os atletas teve poucas instruções, pouco tempo.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultural/38 A seleção foi feita bem rápida, porque a gente foi convidado de última hora, deveria ser chamado há umas 2 semanas para a gente se preparar, preparar os atletas que sabem jogar, mas vieram avisar em cima da hora, a preparação dos atletas foi pouca coisa.

Pankará/G.P/Atleta A seleção foi feita por mim e outras pessoas na comunidade, a gente soube quase de última hora, então foi uma seleção bem rápida, não foi muito bem estruturada. Os atletas tiveram uma preparação rápida, quase sem tempo mesmo, mas a gente estamos aí.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 Foi feita por eles mesmos, aqueles que têm aquela força de vontade.

Pankararu/F/I/Atleta A escolha [...] ele era o técnico, ele sabia que agente ia corrê, ele sempre acompanhô, ele sempre acompanho uma menina, porque lá na escola Pankararu ensina, porque eu não estudo lá na escola, eu estudo lá na escola de branco, mas também na aldeia tem escola de branco, aí como tem uma menina que também, que ela faz resistência ele vem acompanhando ela, treinando, ela só participa como dos povos indígenas se dos outros jogos que tem lá na cidade. Aí ele vem acompanhando a gente, aí ele chama a gente, ele treina a gente duas vez por semana e aí.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena [...] como bem a gente tem o povo Pankararu tem os 10 times, esses 10 times antes eles jogam, estão aqui 2 ganhador desses dois times, geralmente, é ele vai para o Jorcipe, vai participar do Jorcipe. Se a gente não consegue, mas que nós temos técnico (...) que dá a instrução e acredito que ele escolheu o melhor, o ganhador pra poder disputar com os outros povos do estado de Pernambuco, Kapinawá, é tocha, é tuchã, é Ripitá, é Pankará, é Xikuru, Fulniô, Apiku, Pankararu, então são os povos que participam que assim a gente vai indo.

Pankararu/M/G/Liderança Indígena Ó, a seleção dos atletas praticamente foi feita o ano passado, porque lá no nosso povo, a gente tem o nosso povo já tem os jogos indígenas de Pankararu e, de lá, a gente tira os atletas pra os jogos indígenas de Pernambuco que aconteceu ano passado. Esses jovens que foram pra Pernambuco e ganharam lá, os melhores, eles foram selecionados pra vim pro nacional que é a 1ª vez que os Pankararu participam, os Pankararu de Recife porque os Pankararu de São Paulo já participaram uma vez, mas Pankararu de Pernambuco é a 1ª vez que tá tendo a oportunidade de tá nos jogos indígenas nacionais, porque existe um, um grande preconceito contra a, é, a, os índios do Nordeste em participar, né, desses jogos principalmente até dos próprios indígenas que têm preconceito, que é o pior preconceito que tem os pró-

prios indígenas têm, preconceito com indígenas, né, porque não tem mais característica, não falam a língua.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena A maior dificuldade, aí no caso, a minha dificuldade como líder do grupo foi: eu não conseguia... eu não sabia quem eram os atletas que viriam, até por que não foi eu que escolhi o atleta, o próprio líder da aldeia quem definiu quem participaria mas, antes de... na viagem, alguns lugares que a gente parava pra almoçar, pra jantar, alguma coisa, eu me reunia para poder conversar e tentar colocar como seria nosso comportamento aqui, até por que todos estão entendendo que a gente não veio aqui competir, então, essa coisa tem que ficar muito clara para eles, tentar fugir um pouco desta competição, se vai ganhar, se não vai, paciência, isso aí é uma questão de mérito na hora ali, de quem consegue, algumas vezes sorte, a gente às vezes conta com isso e do atleta que melhor se preparou. Teve do nosso grupo, muitos ficaram muito tempo treinando, canoagem mesmo tem uns que tão há vários meses treinando, corrida, arco e flecha a gente deu azar, por que o rapaz que veio com o arco e flecha ele não trouxe o arco dele, ele pegou um arco emprestado e o arco fraco para jogar as flechas. Eu mesmo vou ficar com mais outro para poder definir quem vai para a natação, a gente vai ver como é que... se ele estiver mais preparado que eu, ele vai para a natação, se não... eu. Se a maré tiver cheia, eu vou, se tiver baixa, eu não gosto muito não.

Pataxó/M/T/Atleta [...] a gente escolhe sempre o que é melhor, os melhores da aldeia a gente escolhe pra tá participando das coisas que a gente sabe que pode tá ganhado, é igual no arremesso de Itacapi a gente saiu em primeiro no masculino e na corrida também. Sempre a gente só escolhe as pessoas assim que podem...

Rikbaktsa/M/G/Atleta/22 É assim, tem muitas vez que a gente prepara um torneio pra disputar entre as aldeias, inclusive teve um torneio antes de a gente vim pra cá, pra que a gente tinha a intenção de escolher os melhores, só que aí não teve ninguém... quase ninguém participou. E a gente fez assim, em cada aldeia a gente pegou três, quatro atletas que a gente conhecia, aí a gente foi pedindo a opinião dos outros pra tá ajudando, pra escolher os atletas, quem via que jogava mais, quem não podia jogar, quem tinha condições de participar, quem não, e com isso a gente fez uma seleção.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 Isso o técnico que escolhe, né, quem são os melhores e já vai anotando na lista o nome da pessoa até completar toda a lista, né.

Tapirapé/M/A/Atleta Essa aí, eu vejo, né, todas as aldeias, eu percebo se tem um atleta, um bom jogador como do feminino, né, eu chamo como pra selecionar. Eu vejo os jogos de uma pessoa lá que é bom pra jogar futebol, aí então a gente tem que escolher o que é melhor pra jogar, né, é isso que a gente que fazer também.

Tapirapé/M/G/Atleta Depende da escolha por exemplo: lá somos cinco aldeias, aí o chefe é da organização e uma pessoa ele que vai escolhendo os mais melhores das aldeias lá, por exemplo: eu sou da aldeia Uriatan da área indígena, eu sou única pessoa que vim de lá e tem muitas outras que são da aldeia Cunhantam que é outra aldeia que, mas da mesma aldeia, tem uns que veio da Ancaranhatam que é outras aldeias e tem outras que são de

ampinrantam que é outras aldeias, mas que é a mesma área e as outras são de Canpintam que é o centro da aldeia, uma aldeia maior onde se juntam, reunido pra tá si vai participar do evento ou não, pra que possam escolher outras pessoas, uns dos melhores lá também.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Essa seleção, é, essa foi escolhido pelos jogos indígenas, é a gente vai jogando entre nós mesmos, competindo quem são os melhores jogadores e o treinador que vai escolher, né, aquelas pessoas que joga melhor vai ser convocado, então isso que nós competimo dentro das aldeias e daí nós, nós viemos pra participar jogos indígenas, porque não é de qualquer jeito que nós viemos, nós foi convocado pro treinador, né, então a gente vem aí pra mostrar pra nosso, nosso só nossa modalidade quem são melhor as pessoas que vêm aqui participar desse jogo.

Tenharim/M/L/Cacique Bom, a seleção dos atletas é o seguinte. Bom, eu vejo assim, é que como é a primeira vez, né, então a pessoa não tá muito bem preparado, porque os xavantes eles já competindo antes, né, então você sabe que hoje o que mais importa pra nós é o comportamento dele, que eles tão contribuindo com interesse de música, então a nossa esperança é competir sempre, sempre vem e com comportamento deles, cada um deles bem animado, cada modalidade deles eles tão achando feliz, né, de participar com comportamento, saúde me faz alegre. Com certeza, então quem tá competindo contente.

Tenharim/M/V/Atleta/20 É, com relação a isso, a gente tivemos até antes de acontecer, antes de chefe informado, nós, a gente se reunimos lá, né, e a gente... eu fiquei à frente disso pra delegar e aonde eu cheguei em cada aldeia, dizendo que vai acontecer esse evento, como eu não tenho nenhuma noção como era esse evento, né, como que seria organizado, então apenas nós fizemos organizados assim, escolhemos os jogadores, a gente escolheu aquele que ia competir cabo de força, cabo de guerra que chama? E o arremesso, todas as modalidades que ia acontecer aqui, então nós tivemos... então a gente não tivemos aquela é, a gente selecionou assim 100%, né, porque como eu te falei, que a gente num sabia quase como que era o evento, então mais agora nós temos tendo a experiência e provavelmente no próximo ano a gente vai, vem com melhor competição.

Terena/F/S/Atleta/17 Bom, a seleção é feita na aldeia, a seleção é feita na aldeia e... lá é escolhido, porque assim, várias pessoas se candidatam pra vir pra os jogos, então é escolhido só as pessoas que estão mesmo interessados, são, estão interessadas mesmo. Que nem, vamos supor que os meninos, assim, a gente escolhe aqueles que sabem dançar mais melhor, das meninas é escolhida as meninas que sabem dançar mais melhor, que sabe competir a mais melhor, assim que é feita a seleção na aldeia e nós procuramos, assim, tá não trazendo sempre as mesmas pessoas, mas sim aquelas que nunca vem pra poder conhecer também, né!

Terena/M/E/Artista/35 Na aldeia são selecionados os atletas que vêm. Esses jogos é muito importante para os jovens que vivem na aldeia, né, porque eles querem conhecer a cidade, eles têm curiosidade de conhecer o que nós fazemos para que eles possam vir. Esses jovens que vêm participar têm que ter uma nota boa no colégio, têm que ter uma nota boa e o comportamento na aldeia, nós procuramos saber do cacique, como é o comportamento dele e são relacionados no meio dos jovens, né, e através disso, eles procura se esforçar

mais nos estudos. No comportamento também. Porque como nós estamos desenvolvido um pouco mais, a minha preocupação é deixar de lado a nossa cultura, né, deixar de lado a nossa cultura. Praticar as coisas que a cidade oferece pros jovens e levar para dentro da aldeia, nós não aceitamos, mas temos que viver na cidade também, nós não deixamos...

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Mas o que a gente selecionou foi vendo quem realmente é atleta, masculino e feminino, e principalmente estudante, porque a gente quer levar as duas coisas, sejam atletas, preserve a sua cultura e cresçam também nos estudos.

Terena/M/T/Atleta/16 Bom, lá na região do Mato Grosso do Sul, nós, Terena, somos mais de 22 mil índio, né. Então é assim, na região que o Joãozinho que é o coordenador geral, ele é do IPEI. Então ali na redondeza são sete aldeias, aí ali ele faz uma seletiva, faz um encontro, o povo dança, tudo e tal, participa do futebol, aí assim, à parte, porque tem muito ali da aldeia que não dançam, entendeu, então a pessoa que gosta de dançar, que gosta de participar tem mais oportunidade e nas outras aldeias ele deixa com o cacique. O cacique vê quem ele manda. Várias aldeias divididas em várias cidades. É Kidauna. Aí de Kidauna pra outra cidade são mais de sessenta quilômetros, que tem Miranda, tem aldeia também perto de Dois Irmãos do Buriti que fica mais distante de Kidauna. Dourados. Então a etnia Terena é espalhado no estado inteiro. Veio gente misturado.

Umutina/F/C/Associação de Mulheres Umutina Ah, a seleção dos atletas pra mim foi maior alegria, pelo jogo de futebol eles foram no final, não ganharam outros eventos assim como a canoagem, natação, é, não tiraram em 1º lugar em 2º, a lança que eu não tinha falado aquele hora, né, e o menino tiro em 3º lugar, pra mim eu fiquei muito agradecido só de nós tá aqui mesmo e com eles, pra eles, tá vendo movimento, né, porque eles tá batalhando mais do que eles fizeram, eu agradeço isso.

Umutina/M/J/Atleta Bom eu, é eu fui escolhido assim pra escola... é pela comunidade né. [atleta] De, é, arremesso de lança e arremesso de lança só, é, fui escolhido assim e a escola é que eu tô estudando, né, é julgado pelas notas, se eu era bom aluno, e se eu interessava pelas cultura e daí eles me escolheram pra mim vim.

Xavante/M/P/Liderança Indígena O chefe do time tira os melhores de cada equipe por modalidade até formar o time, essas vagas são divididas entre aldeias.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 Eu escolhi atleta, tem que jogar... puxar com o cabo de guerra... muita força...tem uns que joga bem [...]. Antes de acontecer o jogo, a gente tem que escolher quem tá jogando bem e tem que escrever o nome, daí vai fazer seleção e nós estamos aqui para jogar.

Xikrin/M/R/Atleta/26 Na minha aldeia, quem escolheu foi o professor, a ele sabe quem joga bem, a pessoa que joga bem na direita vai entrar como atletas, aldeia são os atletas mesmo vinha a participar dos jogos indígenas aqui em Recife.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/22 Foi feita pelo coordenador, pelo cacique, para cada modalidade [...] Ele como cabeça da equipe (refere-se ao Banhekan Vaskame) escolheu os atletas que achou que deveriam participar, que estava em condições, isso foi

feito lá. Tanto é que a nossa aldeia é composta de 7 aldeias, mas é só um grupo só, mas é só uma reserva, foi dividido a barragem e foi dividido nessas 7 aldeias e o que eu fiz, eu peguei um atleta de cada aldeia, um atleta para representar a sua aldeia, mas somos da mesma etnia.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 Ela foi feita não só comigo, mas com os professores, o diretor, o médico, para ver o estado dos atletas porque é uma viagem muito longa.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 Daí escolhe a pessoa mais forte, mais grande...



2.14. A PREPARAÇÃO PARA OS JOGOS

Assurini/F/N/Atleta/29 Teve um de lá que faz preparo, tudo pra nós poder ver se a gente vamos melhorar, ter mais vitória, mas nós não conseguimos, por que não dá para a gente.

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 Nós trouxemos de lá e para eles prepararem aqui, né, se arrumarem aqui, bem direitinho, assim como eu lhe disse que o cacique que sabe escolher a música e as coisas pra pintar o pessoal, né, aí já prepara de lá de dentro mesmo.

Assurini/M/S/Liderança Artística Lá nós treinava todo dia, todo dia treinando, cabo de guerra, jogava lança, puxava cabo de guerra e flechada também treinava, a gente treinava, todo dia a gente treinava e lá tem um campo grande daí a gente fica treinando. Faz um desenho lá e fica flechando, tem vezes que a gente fica puxando cabo de guerra. Pra vir já preparado já.

Assurini/M/T/Liderança Indígena [...] A gente sempre tira dois mês antes, são a gente mesmo que administra a preparação, a gente vê qual atleta que, no caso, o arco e flecha o melhor flechador que fez mais pontos geralmente ele vai sendo... ele tem uma frequência dele, de total de pontos que ele faz por dia, cada treino. Essas pessoas aí, um mês antes a gente seleciona ele, para ele ficar já preparando... Eles treinam todos os dias.

Atikum/M/J.F/Atleta Não, não teve preparação não porque mandaram avisar em cima da... do... não deu pra preparar ninguém.

Bakairi/F/A/Atleta/16 Existe varias preparações, cabo de guerra, cabo de força.

Bakairi/F/D.K/40 Sim, foi feita preparação só que no final, os jovens são estudantes, né, alguns vão formar este ano, então por isso eles não podem vim, né, o estudo da criança atrapalha a saída, por isso alguns desistiram.

Bororo/F/E/Atleta Hum hum, nós treinamos, né. Não todos juntos.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural Levanto de madrugada, fico buzi-
nando pito lá. Eles vêm, todo mundo fica junto, aí a gente faz eles correr mais ou menos

doze quilômetros todo dia. Aí vai pro futebol, fazer ginástica, tudo. Faço todo tipo de coisa com eles.

Bororo/M/V.T/Atleta Temos, temos treinamento sim, inclusive pra vir pra cá, depois que foi feita a seleção, todos os dias, três e meia, quatro horas da manhã, né, a gente treinávamos, aquecimento, alongamento, tudo isso. Faz uma preparação de maneira geral, né, aí pratica também o futebol e corridas, natação, tudo isso.

Gavião/F/D/Atleta/26 Mais é corrida de tora assim e futebol que joga lá frequentemente, corrida também e duas semanas antes que nós praticamos bastante.

Gavião/M/J/Atleta Eles, quando mandam o convite, um já sabe que é cabo de guerra, corrida de tora, lá tem uma quadra de areia e nós começamos a treino lá, nós puxamos os homens lá mais força, os homens puxam nós também, corrida de tora, corrida de sementes [...].

Kambiwá/M/G.FN (s/id) A preparação dos atletas foi feita lá mesmo, eu, eu, eu preparei eles, não sabia qual atividade que nós vinha participar, eles se prepararam. Agora eu posso falar porque cada um pode falar por seu povo.

Kanela/F/F/Atleta A nossa preparação é muito difícil porque tem muitas mulheres que gostariam de estar hoje no meu lugar aqui conhecendo o Recife. Então, assim, a nossa preparação assim, quando a gente quer alguma coisa, a gente tem que buscar, né, alguma coisa então eu lá e perguntei e eles me colocaram não foi porque eu pedi mas foi porque eu fui perguntar a eles e eles já sabiam, né, que eu joga bola e então eles me colocaram através do futebol.

Kanela/M/A.K/Atleta Quatro hora da manhã eu acordava e aí eu corria e ia me preparando.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 Lá a gente se prepara um pouco na lança, só na lança mesmo, porque foi muito rápido e ninguém teve tempo pra nada. Aqui a gente tá se preparando, só jogando futsal de vez em quando, aqui joga um futebol de salão, dá pra sair, a gente dorme muito.

Kapinawá/M/R/Atleta Se preparando na quadra, eu tô vendo todo mundo aquecido, na corrida do semestre agora, agora à tarde, a gente tá com dois atletas, eles já sabem o que tem que fazer, então, ele tá relaxado, na hora de, de...pra corrê, vai tá aquecido, bem alongado e, aí, parte pra cima. Vamos, vamos pra luta...vamos pra velocidade, né, assim então, cada vez, essa é a sua missão que tem que ser certo aqui. Ninguém vem paá brincar, apesar de que é uma diversão nossa, é uma festa nossa, mas ninguém tá brincando, todo mundo tá na luta, trabalhando, um trabalho que não se esforça tanto, né, mas tem que dá o máximo de si.

Kuikuro/F/K/Atleta/32 Bom, quando a gente vem pra cá, a gente tá treinando, treinando. Tinha... Tinha vovô, aí faleceu, assim a gente parou, eu fiquei luto né, tem que ficar... Como é que eu falo? Não pode mais jogar, com nossa luta, aí foi que a gente parou, foi por isso nosso perdeu aqui, não tem treino direto.

Kuikuro/M/J/Cacique/54 Treinam... Eu chamo tudo meu povo, daí eu falo quem vai comigo, daí chama o pessoal que organiza o povo, aquele que vai e entende o povo,

aquele guerreiro, aquele cantor, cantora, aquele que mexe com flecha, aquele que toca alguma coisa, aí fica escolhendo, quando tá bom, a gente manda mensagem.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Então aqueles que não foram escolhidos, né, aquele nosso time também, então a gente pra ele, ó você tem que treinar bastante, que da próxima vez que a gente leva vocês pra ele não ficar triste, a gente fala calma, faz com carinho nele, você é bom, você não pode ir, próxima vez você vai, assim falando pra ele. [...] Então, treinamos bastante antes de vim aqui, eu particularmente, né, treinei, corri, sempre tirava, né, uma hora e cinco minutos, duas horas e três minutos, corri assim na maratona e mandava quase todo dia na aldeia.

Kuikuro-M/T/Artista/22 Sim, a gente treina, né, o motivo é o mesmo, a gente treina a corrida e atletismo, que fica correndo, a gente não treina com cabo de guerra, a gente fica assim, as mulheres, também elas ficam treinando no futebol mesmo... É, como é que chama pra elas? Elas fica treinando, né... Tem os técnicos delas que fica escolhendo quem joga bem, quem joga ruim, assim. Eles têm que treinar muito né, pra eles vim pra cá e eles têm que treinar muito ainda pra eles participar desses jogos, e outros também que não foi treinando têm que vim pra cá, porque eles é o mestre do canto também, pra ele cantar aqui, pra gente, pra... Tem a festa, né, ele pode cantar pra gente, cacique também tem que vim, porque ele não foi treinado na aldeia, também ele tem que vir, porque ele cacique, né, ele fica coordenando as pessoas de cada grupo, cada etnia, ele pode vim pra cá, pra checar o povo dele.

Pankará/G.P/Atleta Acho que para melhorar... tem que melhorar a participação dos atletas, treinar mais e ver quais os resultados para a frente. Esses são os primeiros jogos nacionais que a gente participa, a gente já participou dos primeiros jogos em Pernambuco, que foi realizado em Duká, esse é o primeiro jogos nacionais que a gente participa.

Pankararu/F/I/Atleta Eu, eu treino com os meninos, com as meninas, assim, correndo com os meninos, com os meninos, ele bota pra mim treiná e ela, a outra ele bota pra dá a volta no campo lentamente, pra mim saí melhor deito no chão na hora que ele levanta pra correr.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena A gente pediu pra eles se preparar, tanto na parte de correr, na parte do futebol nós não quis, porque devido os Jorcipe que vai acontecer agora dia 04, a gente só trouxe a parte de, da corrida de 100 metros, dos 5 mil metros, aliás, a gente preparou eles, eles se prepararam [...] se é uma caminhada que você faz no dia, você já tá se preparando e assim por diante, né.

Pataxó/F/S/Atleta Foi...a gente treinou antes de vim pra cá, a gente treina tudo pra chegar aqui, mesmo que não ganha, mas o que a gente quer é saber que a gente tá participando, isso é muito importante também pra gente tá participando dos jogos.

Pataxó/M/T/Atleta A preparação, sempre a gente treina muito, aprende muito [...] novo, que a gente gosta sempre de muito de está renovando as [...] da gente pra chegar aqui e fazer uma coisa bonita pros parentes.

Rikbaktsa/F/L/Atleta É...tem assim, que a gente...é...prepara assim, preparo que a

gente treina assim, normalmente com as outras atletas, tipo assim, outras aldeias e a gente treina e na hora que chega o convite que é pra vim pros jogos, aí, às vez, a gente recebe tudo em cima da hora, assim depois 3 dias, 4 dias, 5 dias, aí faz uma seleção, pega porque várias aldeias, então pega dois ou um de cada aldeia pra poder vim participar. Ele, ele não treina assim direto, ele só treinou por causa dos jogos, treinou algumas meninas, mas nem todos treinou assim.

Rikbaktsa/M/G/Atleta/22 Preparava, inclusive na minha aldeia, eu preparava.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 É...a gente tem que treinar muito pra vir jogar aqui, né, e tem que, porque a gente não veio assim de uma aldeia só não. Pegamos assim, de cada aldeia fazer um time feminino, tem que jogar pra ter um pra conhecer o jogo da outra, né, tem aqui é que mais que eu digo.

Tapirapé/M/A/Atleta Pra mim é pra melhorar mais, nós temo que treinar as crianças desde 7 anos, 6 anos, assim quem é melhor separa pra eles já jogar separado, assim eles vão aprendendo mais ainda e vai, vai aprendendo mais ainda. O que que tá faltando pra aprender no futebol como que é a regra, então é isso que a gente precisa, tem um que é dá 1000m é muito longe pra chegar, então tem que fazer muito treinamento, né, pra ver se ele dá conta de chega na frente das outra.

Tapirapé/M/G/Atleta Tem preparação sim... E o próprio chefe qui traz eles pra cá, organiza o time, assim, pessoa que vai jogar futebol, vai participar do futebol são treinadores, assim, é, e no campo assim, treinando assim com os times reservas assim, e do cabo de guerra são treinados da mesma forma, divide as turmas e pra tá treinando lá, de natação também da mesma forma e da comida acho que não tem preparação, porque se acostumaram, né.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Quando, é, eles foram escolhidos, nós treinamos em cada aldeia, nós treinamos bastante e cada atleta treinava e ao mesmo tempo nós fizemos um [...] nós jogamos um com outro, não é convocado então isso a gente vem treinando antes da viagem pra nossa forma. Sim, é, acontece quando a gente faz um torneio, convida todas as aldeias, nós temo cinco aldeias pra convidar todas essas atleta, né, e os time que vão participar do torneio, nós jogamos entre nós mesmos, disputando é o jogo quem são o time melhor [...] lá da aldeia, nós praticamos é vôlei, futebol, futsal, porque futsal na aldeia também esta é um novo, é um novo esporte que a gente vai aprender também praticando dentro lá da aldeia, né

Tenharim/M/L/Cacique Bom, a preparação é o seguinte: quando a gente recebeu, né, esses convites, a gente foi ver qual é a modalidade que existe aqui, que ia ser competido. Aí, lá, todo sábado tem o dia pra fica treinando, né, a pessoa vai lá, faz um desenho lá em qualquer coisa, numa madeira, qualquer casa, casa de pau, e vai ficando flechando, né, pratica mesmo. Por exemplo, na bola também, agora a canoagem que vai competir ainda, aí a pessoa já tá o dia a dia pescando, às vez uma criança pra chegar mais primeiro, aí ele vai lá pá, pá, pá canoa, né. Então ali, né! Já começa a praticar, né! O [ticrim que] que mora na beira... O rio lá é grande, né!!! Começa ainda na canoa, remando, taí o remo ali

[...] pra lá e pra cá... e volta sozinho, aí começa a praticar sozinho desde pequenininho, aí já começa a nadar, pra lá e pra cá, aí todos eles fica no rio, né. Já sabe nadar.

Tenharim/M/M/Atleta/26 Olha a preparação da seleção que nos trouxe, nós fizemos reunião, nós escolhemos a pessoa de competência, que sabe competir, por isso que nós trouxe esse seleção pra competir esse evento que tá acontecendo aqui em Recife. Com relação a todo nós, tem atividade pra concorrer com relação à esporte.

Terena/M/E/Artista/35 Teve treino antes de nós vir, né, e esse grupo foram em várias aldeias para treinar os outros, as outras pessoas das outras aldeias. [...] Entre as aldeias.

Terena/F/S/Atleta/17 É, durante 30 dias, antes de nós vir, todo dia tem ensaio à noite. Ensaio, né, treino de futebol, as meninas, todos os dias e os meninos também à noite o ensaio da dança.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Primeiro é... futebol, por exemplo, é uma pena que aqui em Pernambuco não tem futebol de campo, lá a gente se preparou tanto pro futebol de campo, porque acho que o Brasil inteiro gosta de futebol, então os rapazes e as meninas a gente via mais pro lado do futebol por que eles gostam e o arco e flecha, aí quando a gente chegou aqui teve o futebol de areia que não é... a gente não tem muito a prática lá de futebol de areia, até mesmo porque não tem areia na nossa região. [...] Depois de selecionar eles, aí teve o treinamento, tem um técnico lá da aldeia mesmo que saía acompanhando cada modalidade vendo... porque a gente tem acompanhado os jovens, então a gente tenta melhorar a cada jogos que acontecem, então a gente procura selecionar melhor e os treinamentos, só que quando a gente chega no local, às vezes, é completamente diferente do que a gente treinava, mas o mais importante que a gente se prepara com muita intensidade e bem forte, é nossa cultura. Todo mundo se prepara com roupas, com o artesanato, com a pintura, a gente traz as tintas da aldeia, então o principal é isso, a gente passa... a gente vem viver até festa na aldeia porque todos querem ver a dança que a gente tá trazendo pros jogos.

Terena/M/T/Atleta/16 Não, treinamento a gente treinou com o pessoal da nossa região mesmo, porque esses de fora não tinha nem como, né. Através dos recursos financeiros não tinha como a gente tá levando, tá deslocando os atletas até a nossa região. Então a gente treinava, mas com o pessoal de lá, aí na hora de vir, a gente juntou com o pessoal.

Umutina/M/J/Atleta Assim, eu, eu corria no campo, é, assim jogava assim aquelas lança pra mim ver como que eu tava, esse aí que eu fazia.

Xavante/M/P/Liderança Indígena Existe preparação através de jogos aldeias, acontecendo união entre os jogadores, daí escolhe o time.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 Tem o treinamento, treinar, cabo de guerra também treinando [...] eu estou treinando o pessoal lá, eu sou o preparador, treinando meu time para ganhar esse jogo, nós ia ganhar esse jogo se fosse campo gramado, nós ia ganhar, mas nós não costuma de jogar na aldeia, só campo gramado.

Xikrin/M/K/Liderança Indígena/33 Eles estavam assim, tipo o branco, fazer física, treinando para se preparar, também assim, para o cabo de guerra o povo tá tudo prepara-

do, corrida de 100 metros, natação o povo está tudo preparado.

Xikrin/M/R/Atleta/26 Eu treinei também, a física, corri bastante para treinar, a gente começa fazer física 7:30h e termina 11:00 horas.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Antes de sair para cá a gente preparou e fez algumas práticas como futebol e corrida de tora, como está acontecendo aqui, a gente treinou, nós nos preparamos para vir. Nesse centro que ele falou, o ginásio, a gente se reuniu ali e treinamos antes de vir para cá.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/22 Avaliação, avaliação do coordenador e do próprio cacique.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 Foi feita todas no ginásio, se juntaram, treinaram e participaram.



2.15. AS REGRAS DOS JOGOS

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 Muita gente fala mesmo que é bonita. E a música que a gente vem de lá trazendo, né, porque todos jogos que nós vai, a gente leva cada música pra cantar nos jogos, quando nós viemos agora que já estamos aqui, nós trouxemos outras músicas, duas músicas que trazemos que o cacique tira lá pra nós e meu sogro que ele é capitão, o pai do meu marido, ele tira as músicas, foi ele que tirou estas músicas pra nós trazer pra cá, aí quando tiver outros jogos, ele vai tirar outras músicas de novo, é assim. [...] Aí passa lá pras meninas, aí elas vão cantando e vão aprendendo, aí elas vão levando pra frente, sempre eu canto pra elas. Não muda nada, tudo é igual. Tudo, tudo, graças a Deus, nós estamos bem de saúde aqui, não tá acontecendo nada, né.

Assurini/M/T/Liderança Indígena Do arco e flecha, eu não tenho nada a dizer não do arco e flecha, porque ali a gente usa o mesmo método, a gente coloca lá o alvo e a gente tem que acertar aquele alvo, o objetivo é acertar o alvo, então muita das vezes o que eu acho do arco e flecha é ainda errado, é que o arco e flecha, ele tá sendo realizado num local inadequado, entendeu? Porque a flecha ela tem a pena, é muito leve, então muito vento, ele tira muito a... a direção do alvo, então acho que o arco e flecha tá sendo praticado em um local inadequado, muito vento. [...] E isso depende muito também do tempo que vai ter o evento e da quantidade de participante né, enquanto isso, pra mim tá tudo bem, eu não tenho nada a reclamar. [...] Olha nosso grupo sempre foi assim, nosso grupo nunca teve problema no futebol, nunca foi de chegar aqui e ter brutalidade não, a gente só quer competir e mostrar o melhor que a gente sabe fazer, né, jogar o futebol, porque se a gente for querer violentar alguém, pegar alguém no campo ou machucar, a gente não tá mostrando nosso futebol, então a gente procura mostrar o que a gente aprendeu, o que o

professor nos ensinou.

Assurini/M/W/Atleta Não, a gente, como nossos parentes, é bom, porque joga sem machucar o outro, sem bater no outro.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 É... assim, como a gente pode erê, assim, é lá no peixe tem uma certa pontuação é no, no olho do peixe tem a pontuação mais alta, 40 pontos, é no lá na asa, isso assim é... por região, [...]o local onde você marcou, [...] seria o ponto a mais, valendo a mais de preferência era que fosse no olho do peixe [...]. Não, foi legal, eu acho que não tem que mudar, permanecer as normas como realmente eles tavam passando tudo direitinho, acredito que tem que permanecer [...].

Atikum/M/A.R/Atleta/19 Bom, só que assim, no atletismo teve na chegada, tem muitos atletas quando vai, chega e ali, como assim, acho que no olho mesmo humano não dá pra perceber, acho que deveria ter algum sistema capaz... é, capaz de ver quem realmente chegaria nas posições certas. Futebol a gente faz com bola, mas é assim quando tem, (risos) a gente se reúne e compra a bola, mas quando não tem, fica difícil praticar, às vezes passa muito tempo sem praticar por causa disso. [...] Ah, de vez em quando a gente joga junto, reúne, marca e joga. (A-A) Não, gente joga só com as aldeias que têm dentro da etnia, da nossa etnia, mas pra sair assim contra outras aldeias só no campeonato.

Bakairi/F/A/Atleta/16 Eu tenho impressão... acho bom, pra que não... porque tudo, todos índios fazem arremesso de lança, aí, quando chegam aqui, as organização fazem tudo diferente, aí todo mundo fica sabendo como tem que ser feito pra poder ficar treinando.

Bakairi/F/D.K/40 (s/id) Essa corrida de toras é, eu acho que... nem todos aguenta aquele peso, porque nem todas etnias é preparado para corrida de toras.

Bororo/F/E/Atleta Pra mim, dessa forma também tá certo, mas também se eles quiserem melhorar as formas também, pode melhorar.

Bororo/M/V.T/Atleta As regras, eu estava observando alguns... sempre há algum... há o que reclamar, assim, nunca a coisa é cem por cento, mas num bom sentido, eu vejo que... a regra, por exemplo, aqui nos jogos hoje, agora em dia, hoje em dia, eu não vejo muito erro não. Eu só acho que... a organização, né, ela devia, por exemplo, o tiro ao alvo de flechada, eu acho que ela é muito próximo, muito perto, devia ser aí uns cinquenta, cem metros, pra mostrar que realmente o povo indígena, ela tem essa prática, né, de aa flechando, até por causa que já de.. essa é uma arma, é a arma principal que nós temos. Quanto ao cabo de força, né, eu vi um pouco de falhas, as pessoas que estão organizando naquele momento da puxada ali, por exemplo, nós somos os Bororo e nós somos um pouco sacrificados neste sentido, nós não sabíamos que estava atrás, não sabiam como é que a pessoa ia autorizar lá, da hora da gente puxar, né, só sentimos só um peso indo pra frente e só firmamos neste sentido que foi, aí parou por causa que puxamos pra trás, aí parou naqueles vinte centímetros, aí, pronto, acabou, aí a gente tentou puxar de volta, aí eu não sei se tinha, a gente não sabia disso também que tinha um tempo, né, cronometrado, a gente nem sabia disso. Se fosse assim na regra, falasse assim: se demorar mais de um

minuto, por exemplo, um minuto e meio, bom, obviamente a gente ia caprichar mais, o tempo tá acabando, bora puxar, então neste dia eu achei vago esse... instruções do cabo de força, nesse sentido aí.

Gavião/F/D/Atleta/26 Agora, nós estamos muito feliz, porque a gente tá participando, porque pra nós não importa se nós vamos ganhar ou perder, o importante é a gente celebra com os nossos parentes que é mais importante.

Gavião/F/K/Atleta O futebol também é bom pra nós também, porque é um acontecimento que a gente tá tendo conhecer mais.

Gavião/M/A/Atleta/35 Comissão organizadora que decide, né, como que vai ser, por exemplo, lá no futebol de areia, tem coisa acontecendo ali né, que não vale no futebol de areia, toda falta, quando é falta, ela tem que ser lance livre direto, tem que por a barreira. [...] De acordo com a regra da televisão.

Gavião/M/J/Atleta/20 Bom, eu acho que tá bom essas regras, porque sempre foi assim, a gente já acostumou com de tarde também porque o sol é [...] \ á noite também e de dia também, já temo costume de pegá de dia e de noite, cultura. Lá nós jogamos, nós ganhamos, mas só que não sei o que foi que aconteceu, nós jogamos duas vezes porque a gente joga só uma, mas foi bom, né, nós ter participado, sempre é bom participar assim, não ter briga , não ter nada.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Nós avalia assim... Quando tem coisas boas, né, quando é ruim a gente diz que num tá valendo. Isso é nossa avaliação. Bom... nós temos agora dois jeito, como usamos roupas e usamos nossos artesanatos também, então, tem alguns, algumas coisas importante como futebol que é conhecido no Brasil inteiro e até mundialmente e aí a comunidade indígena também tá aí pensativo também, eles acham que se futebol pode acabar cultura indígena, que pode deixar corrida de tora, mas eu acho que nós, juventude, nós pensamos bastante bem pra que nenhuma coisa acabe o futebol, a corrida de tora e jogo de flecha. Tudo fica junto porque são coisas importantes pra nós.

Kapinawá/F/L/Atleta Não, eu achei muito legal! Foi bem planejado, foi bem feito, foi muito bonito também ter participado, não, não, não tenho nada a dizer contra. Foi tudo maravilhoso!

Kapinawá/M/R/Atleta Essas regras estão ok, eu não tenho como discutir, né, apesar de não foi criada por nós de Pernambuco, mas se foi criada por outros que não é de Pernambuco, a gente vai, como é de tradição deles esses jogos acontece, já é o nono jogos e a gente não pode mudar a regra desses jogo, o arco e flecha pode ser 200 metros. Bom é assim, a corrida de tora a gente não se inscreveu, nem se inscreveu tá em ... a gente teve uma experiência lá nos jogos indígenas que foi jogos indígenas de Pernambuco pra mexer só com o povo indígena de Pernambuco e não outros indígenas de fora. Lá sim, foi uma experiência que a gente pegou com a tora. “Vamos fazer uma corrida de tora?” vamos, mas num sei, mas era uma maderinha era tora, mas não era assim pesado. Até que um árbitro aqui do Recife, ele prometeu pra gente dar toda regra do jogo, dar o que vale da primeira, desde a primeira área até o meio de campo né, o que vale aí, porque até agora foi... foi no

campeonato do ano passado, em agosto do ano passado. Eu espero que este ano, no campeonato que vai acontecer agora de 4 a 9 de dezembro lá, que é o campeonato dos povos indígenas de Pernambuco, que a gente tá saindo daqui, domingo e na terça-feira já vai tá viajando, que já esteja com essa regra tudinho do jogo.

Kuikuro/F/K/Atleta/32 Bom, a gente tá, ela tá gostando aqui, como a gente tá jogando aqui na cidade, Olinda, como do lado, na praia, a gente não consegue pra jogar e lá na nossa aldeia é bem assim, pouco de terra mesmo, não tem praia não, a gente não consegue correr na praia, por isso nosso povo perdendo aqui, não aguenta pra jogar na areia.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Então, como já participamos, é o povo Kuikuru já participou 4 vez, agora é quarta, né, que estamos participando, acho que essa regra que tá agora desde que começou os jogos indígenas ali, que a regra primeiro jogo indígena foi criado não sei que ano, em Goiânia, aí tinha regra muito, né, eu acho que a gente tá seguindo até agora aquele regra que foi usado aquela época, e quando entrei aí aquele pessoal que participou tava me explicando não é só pra mim, pra todo mundo, aqui não só aqueles que não vieram ainda, explicou tudo, as regras, a gente entendeu, por isso que a gente tá seguindo mesma coisa, né, a gente passa limite, isso é normal pra mim. [...] Muito bom, né, futebol na competição, cabo de guerra e outras modalidade, tô achando muito bom, normal reclamar como todos reclamam, é normal pra mim, até agora eu não vi.

Kuikuro-M/T/Artista/22 Foi a mesma coisa daqui, né, foi tudo, quando acontece esses Jogos Povos Indígenas, fica tudo assim, na areia, aí fica pouquinho ruim assim, num fica bom, eles não consegue correr, é carregar aqueles coisa de tora, os outros fica caindo, não consegue levanta depois assim, não consigo. Eles tá tendo agora, né, corrida de 100 metros, tudo não vai conseguir correr tudo, outros fica correndo. Ó, as regras desses jogos... a gente fica perguntando pros outros. Organizadores das olimpíadas, como é a regra desse jogo, como que vai ser, assim o ponto, como que vai ser o ponto, como vai ficar esse, como é que a gente fica, perguntando quantos que a gente pode jogar, eles podem, fica explicando pra gente. Tem que jogar uma vez, se perde, fica fora! Quem que ganha, fica! Tem que jogar ainda! Aí, fica explicando pra gente isso. Pra gente fica aprendendo com outros, com outros povos indígena, né, porque nós, eles têm outros esportes deles, eles pratica, por exemplo, os xavantes têm corrida de tora, têm corrida, né. Assim 100 metros, 20 km, a gente temos isso na aldeia e só outros povos, tem isso também, a gente não tem isso, aí quando tem jogos olimpíadas, a gente fica vendo eles praticar isso, né, mostrando pros outros povos, aí a gente fica aprendendo com eles como é que faz isso, como é que isso aí, a gente pode fazer isso na aldeia também, porque a gente tá aprendendo com eles também.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultura/38 É bom, foi boa, pra quem pratica é bom demais, mas para que não tem experiência, ficou um pouco a desejar.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 Eu avalio que seja um jogo muito bom, uma versão indígena que deve importar muito na flecha e na lança, é muito importante de se apresentar na sua forma de índio.

Pataxó/F/S/Atleta A competição assim sempre que gente vê o povo Pataxó, sempre a gente só ganha no arremesso de Tacapi, não ganha no futebol, não ganha em mais nada, só que esse ano a gente perdeu todas e ganhou, quer dizer, ganhou na corrida, foi ontem masculino, ganhou na corrida e hoje as Pataxó ganhou no futebol feminino e é muito importante, a gente fica muito alegre por isso.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Em relação à pontuação, o critério? Normal, tá tranquilo. Eu acho que o atleta que tiver melhor preparado consegue levar vantagem. Então, o congresso técnico foi 4 porque houve atraso em várias saídas, né, então a questão mais a ser pensada, assim, de logística mas o critério se ele... aí depende muito da modalidade, acho que o arco e flecha é legal, essa coisa de você ter algumas pontuações específicas e aí leva o atleta o melhor se concentrar. Ontem mesmo no arco e flecha, eu tava observando o Rikbatsa, ele foi o único que parou, ele respirou muito antes de atirar, ele olhou para o alvo, ele foi muito objetivo no que ele queria, os outros não, meio que naquela ansiedade de querer jogar logo e não conseguiram muita coisa, ele não, ele foi um dos que mais... depois o pessoal do povo gavião também, a senhora e o senhor mais velho que fizeram a demonstração, você vê que eles pegam diferente no arco, eles olham o que tão fazendo, este critério que é engraçado, o cara sabe que ele tá ali para... que aquilo é muito objetivo na cabeça dele, então o congresso devia ter nisso, saber qual a modalidade que você poderia tá tendo esta coisa para facilitar, como é a questão da pontuação no arco e flecha, mais eu acho que tiraria algumas coisas pra disputa de finais. Futebol é bonito e tal, mas eu acho que tem algumas coisas que ainda ficam muito marcadas pelo futebol, se você perde este ano, o outro ano você quer a revanche não tem jeito, tem algumas coisas que você consegue mudar.

Pataxó/M/T/Atleta As regras são, as regras que eles faz são sempre boas, né... é muito difícil acertar assim no arco e flecha, assim no peixe, né. Sempre antes eles manda tipo uma folha, com, como se fala, umas coisas que os Pataxós pode participar, a gente sempre bota, a gente sempre, a gente sempre bota o que a gente sabe competir, que é o futebol, o arco e flecha, natação, corrida, só não tem muita coisa igual aqui, na tora...

Rikbatsa/F/L/Atleta Só mudou porque foi futebol de areia porque lá na aldeia a gente pratica, não é... E os minutos também são muito pouco só quinze minuto.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 É pra nós, na nossa cultura, é proibido usar arco e flecha, porque os homens que usa mais pra material aí. [...] Acho que eu concordo com a regra do futebol, porque a regra que tem e do outro povo que a gente tamo praticando porque arco e flecha já entra na nossa cultura, então fica essa diferença, né. [...] É assim como assim no campo maior, né, tem mais time, né. [...] Isso muito bom, porque jogar contra da mesma etnia seria muito ruim, jogar contra outra, né, contra outro povo.

Tapirapé/M/G/Atleta A regra é a mesma, né. Leva cartão, leva falta [...] Em jogar alguns dias, porque ganha expulso, aí não vai poder mais participar dos jogos que nem acontece aqui, nas aldeias tá acontecendo campeonato lá, é campeonato municipal e tem vez que o time lá joga na cidade e o time lá vem jogar na aldeia direto.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Eu concordo com a regra do futebol, porque é muitas vezes as pessoas tão querendo é brigar com uma outra pessoa por causa do bola, né, então eu concordo pra o juiz é controlar essa briguinha, né, regras das flechas, da corrida também, eu concordo com isso também.

Tenharim/M/M/Atleta/26 Olha, a regra... pra mim tão diferente regras dos outras etnias, nossa regras são diferentes, né, porque nós (...) as regras tão diferentes, igual do branco, porque primeiro lugar, nós nunca jogamos na praia, futebol de praia, futebol de salão, futebol de quadra. Nós joga mais no campo onde tem gramado, joga mais, inclusive nosso uniforme, a parte de chuteira, isso tudo aí, por isso que o único é que nós não trouxemos uniforme, jogo de camisa, né, a gente tá precisando muito de uniforme daquele do Recife, pra gente leva pra nossa comunidade, pra lembra que chegamos até Recife.

Tenharim/M/V/Atleta/20 Bom, na relação com os organizadores, é intermediário deles, pra nosso caso, é a gente, não tivemos participação como é que eles construíram a regra deles, não enviaram também. Eles mandaram assim um balde... mas o que tá acontecendo lá é de forma diferente, mas com relação a isso, a gente também tem lá na nossa região, a gente participa muito de encontro, então a gente tem experiência já qualquer evento onde tenha encontro dos povos indígenas. Não, esse jogo a gente já faz lá, agora aqui a gente trocamos mais experiência, né, cada etnia demonstrou o seu uso de esportivo. É, então aquilo ali trouxe uma noção pra nós, pra até mesmo nós possa chegar nas nossas aldeias. Resgatar alguma coisa que de repente tem na minha cultura lá que é esportivo, que ainda não veio pros jogos, isso quando a gente voltar, a gente vai tá sugerindo e buscando também.

Terena/M/E/Artista/35 Pra nós já é comum, né, é um esporte que eu acho que todas as tribos são mais, assim, mais praticados. Desde de pequeno, as crianças das aldeias eles têm também o sonho de um dia jogar em um time profissional, né, só que falta, falta incentivo, falta ajuda, porque tem bastante índios que joga bem e pra nós não tem muita diferença praticar esporte, futebol.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Eu acredito assim, tem algumas coisas que variam, por exemplo, que eu te falei aqui, na questão do futebol de areia, a gente veio preparado pro futebol de campo, aí chegou aqui não teve, acho que é por questão de estado, eu não sei como é que foi, mas a gente não participa de certas coisas, a gente não tem a participação.

Terena/M/T/Atleta/16 O pessoal já treina pra isso, desde os primeiros jogos já é assim, as regras, então o pessoal já segue as regras, né, então cada etnia já treina aquele tipo, já espera.

Xavante/M/P/ Liderança Indígena Algumas melhoraram, o cabo de guerra não é brincadeira, é coisa séria e existe um desgaste natural, não pode ser três tentativas seguidas porque cansa muito, e precisamos de um tempo para descansar e isso não é respeitado, prejudica a equipe, essa regra melhorou muito.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 [...] Não sei não, regra eu não sei não, já aprender arco e flecha nós aprende também, no jogo que a gente aprende já vem regra. Bom, eu estou com o meu povo aqui para jogar várias coisas que sempre nós jogamos de jogos, que tem futebol, tem cabo de guerra, tem canoagem, tem natação, tem corrida de 5.000m, tudo nós participamos direto, tem muito tempo, agora que tô trazendo meu povo para nós brincar aqui em Olinda, na canoagem, no cabo de guerra, nossa dança, a gente fica muito alegre.

Xikrin/M/R/Atleta/26 Acontece que a gente vai buscar, lá no mato que a gente vai trazer um pedaço, uma corda para fazer um arco.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/22 É bom porque a gente já veio ciente das regras, porque se não existir regras nada vai para a frente. O futebol não é surpresa para nós, porque lá é muito praticado, agora corrida de tora a gente tá aprendendo para a gente aprender também.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 Até que estava bom, eu não gostei que o vento segura muito a flecha, uns índios reclamaram muito entre eles, flecha quando soltava, não erguia ou abaixava, muito vento, caía fora.



2.16. O QUE SE APRENDE COM OUTRAS ETNIAS

Assurini/M/T/Liderança Indígena Olha, a gente sempre vê uma coisa assim diferente, como a corrida de tora, mas eu acho que nossa etnia não tem esse interesse de aprender a corrida de tora, tanto é que eles acham bonito ver a pessoa competir tudo, mas não leva a gente a pegar e levar para a aldeia essa corrida.

Atikum/M/J.F/Atleta Já no meu caso, acho que essa corrida aí eu não me [...] não, que é muito arriscado, a gente pode causar um ferimento, aquela tora caí em cima aquilo ali, tem que ter um treinamento muito especificado para praticar aquele esporte, no meu caso, eu não topo não.

Bororo/F/E/Atleta Eu acho bom, pra cada um ver que pode aprender, né. Deveria ter mais esportes pesado, o único esporte um pouco mais pesado que eu vi agora, que eu mais gosto que é corrida de resistência, né, que é o que eu posso participar. Até agora, desde quando eu participei desses jogos o que eu mais queria que tivesse pra mim é o vôlei... é vôlei, tivesse também ciclismo também, são esportes que eu gosto.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural Eu acharia legal ter outros esportes, acharia melhor outros esportes um pouco mais.

Bororo/M/V.T/Atleta A gente até poderia aprender, mas isso não é do nosso costume, a gente nunca teve essa educação, a gente nunca praticou isso, mas isso não quer dizer que a gente não possa aprender. Assim, cada coisa tem sua prática, não adianta nós ter força e resistência se nós não temos o modo de pegar na madeira, o modo de tá passando

pra o colega, tudo isso envolve também a prática, mas a gente pode aprender sim, desde que eles não achem ruim, eu não vejo problema nenhum, a gente aprender. Sim, integra sim, futebol, tem alguma que não está, por exemplo, o vôlei, o vôlei principalmente, é um dos esportes mais queridos do Brasil, primeiro o futebol, segundo é o vôlei. Eu acho que se... também se colocasse o vôlei, eu acho que a gente ficaria muito grato, né, por isso. Eu como indígena posso falar: eu gosto de vôlei também, eu sempre assisto na televisão a seleção brasileira de vôlei, é emocionante. Eu também não vejo se tivesse colocado nos jogos, nos jogos indígenas, eu ficaria muito grato por isso.

Gavião/M/A/Atleta/35 Aí tem que aprende os outros, né, os outros, futebol, tem basquete, tem vôlei, tem o futebol de salão.

Gavião/M/J/Atleta/20 Eu acho que sempre aprende alguma coisa nova e bem melhor, né, pra vida da gente se desenvolver mais com outras coisas, acho que é legal, saber outras coisas como o futebol, é bom.

Kapinawá/M/R/Atleta Não, pra mim é muito importante, a gente vai sim, a gente vai tentar, vai tentar, é que eles falaram pra gente aqui, lá na arena que as toras vão ficar em Pernambuco pra que os índios de Pernambuco possam treinar pra competir em outros jogos nacionais, né. A gente quer realmente fazer isso, é uma alta ideia, deixar essas toras ficarem aqui em Pernambuco. Agora como? Porque são 10 povos indígenas aqui em Pernambuco e são poucas toras. Como que a gente vai fazer isso? A não ser se o governo colocar num espaço aberto só pras comunidades indígenas, só pros atletas que vai participar dessa comunidade, aí seria uma ideia boa, quando por exemplo, numa cidade próxima que poderia tá acolhendo nos finais de semana os jogos, trazendo seria buíque, arco verde, uma cidade próximo aos outros povos, tinha que ser bem centralizado e um povo que pudesse receber esse pessoal pra treinar durante 2 anos, que o governo desse uma ajudinha assim, desse uma ajuda de custo pra passagem, alimentação pra que as pessoas não se desgastem tanto, os atletas, porque, por exemplo, essas toras chegassem, e aqui, e aqui em Recife, nenhum atleta vai vim em Recife pra treinar aqui em Recife por conta própria, num tem.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Essa corrida de tora não é cultura de nosso povo Kuikuru, é cultura de outras etnias, por isso que a gente não conhece, quando participamos assim pela primeira vez dos jogos indígenas vimos a tora, aí descobrimos o povo quer competir, não é todo mundo que compete. Então, a gente poderia, né, se todo mundo se interessasse ir, e a gente poderia treinar bastante lá pra competir aqui, como outro não quer, outro não gosta, outro fala “ah, aquilo não é cultura nossa”, é assim que eles falam, né, vamo, eles sempre falam, ‘vamos forçar a nossa cultura mesmo, não, não precisa pegar a cultura do outro’, assim que as pessoas falam.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultural/38 É muito bom, a gente aprendeu coisas novas, a gente vai levar para a etnia da gente, para as crianças e os jovens a gente começa a ensinar o arco e flecha, corrida de tora, a gente vai ensinar, passar para eles.

Pankará/G.P/Atleta Isso é de cada um, da experiência de cada pessoa.

Pataxó/F/S/Atleta É bom, a gente, inclusive, a gente tá com esse planejamento mesmo, tá arrumando uns capusos lá pra que eles possam tá treinando com a tora, que a gente não tem isso, só tem no casamento, né, quando o índio vai casar tem que levar a tora pra gente saber, pro nosso povo saber que ele vai, tipo assim, garantir a mulher, a Jocana que ele vai ter. Então, nós tamo com esse projeto assim de tá correndo, de tá fazendo ginásti... treinamento, pra que quando a gente tiver, hoje tiver outra oportunidade que a gente possa vim, e aí já tá treinado e quem sabe a gente não pode ganhar e ser campeão.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena É desleal para quem vai tentar a primeira vez, mas é motivador. O que é interessante, assim, a gente sabe que até algumas comunidades chegar ao nível de um Xavante, de um Kanela na corrida com tora vai demorar muito tempo, mas é motivador esta questão da prática, falar assim: não, não vamos tentar algo diferente, se é diferente, se há aceitação, beleza, mas aí também não levaria este critério para a competição, levaria também para uma questão de apresentação. Nosso caso mesmo, a gente identificou com os mais velhos que o casamento tradicional, o esposo teria que carregar um peso equivalente à noiva, que era uma pedra, aí nós adaptamos, aí hoje a gente faz a corrida com a tora, com a simbologia da pedra do casamento, tanto é que todo casamento nosso, tradicional, o caboclo tem que carregar a tora, tem que se virar.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 É uma novidade pra mim, né, porque é muito pesada aquela tora [risos], a tora, é eu fico assim, quando eu fico acompanhando o pessoal correndo com a tora, eu fico assim, eu fico como se fosse correndo sentido o peso da [risos] tora aí [risos].

Tenharim/M/M/Atleta/26 Com certeza a gente vem pra aprender e nós temos levado para os povos indígenas da nossa cultura e também tá levando nossa cultura para eles, né, e também nós estamos conhecendo essa localidade diferente que tá acontecendo no Recife. [...] A gente coloca as corridas pra passar depois de cada, né, só que é diferente, a gente desenha outros animais, pra quem acertar é campeão e aqui é tão diferente, a parte de hoje, o peixe desenhado, né, a distancia mesmo é de 30, 40 metros, e da flecha foi 30 metros, é muito diferente!

Terena/M/E/Artista/35 Tribo Terena não pratica corrida de tora, mas aqui nos jogos às vezes participamos, né, porque nós não temos aquele..aquele.. não temos prática pra carregar tora.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 É... em outros jogos, os jovens tentaram participar da corrida de tora, mas é completamente diferente do nosso, porque vamos supor, os Xerente, os Xavante, é uma atividade que eles usam na aldeia deles, é um esporte lá e pra nós, não é nossa prática dos Terena. A gente já tentou em outras oportunidades, levamos a tora pra nossa aldeia, pegamos dos Xavante, pegamos dos Kanela, nós levamos pra gente treinar na nossa aldeia, mas não é... nós não entrou naquele espírito de competição por que isso não faz parte da nossa cultura [...] Também, também porque tudo que a gente aprende é com os pais, como não é nosso, então a gente não entra no espírito do esporte.

Terena/M/T/Atleta/16 Isso é muito legal, você falando assim, porque tanto é que os jogos que teve em 2005, em Fortaleza, a gente não têm o costume, a nossa etnia não tem o costume de correr com a tora, entendeu, aí lá em Fortaleza, num encontro que a gente teve, igual a gente tá tendo aqui em Olinda, a gente teve a oportunidade de estar competindo com os Xavantes, com os Kanela, com os Xerentes, lógico que a gente, assim, não tem a habilidade que eles têm de correr com a tora, né, mas eu acho que isso foi bom e a cada vez que a gente vem, a gente troca experiência, a gente vai aprendendo um pouco da cultura deles e a gente passa um pouco da nossa cultura pra eles também. [...] Olha [a corrida de tora], não foi muito boa não, sabe, porque acho que não tenho o costume. A gente estava correndo e naquela época, há dois anos atrás, eu tinha 14 anos, jogar uma tora de 90 quilos nas costas é complicado, mas foi bom.

Xavante/M/P/Liderança Indígena O vôlei que nós ainda não temos equipe e que na volta iremos praticar bastante, para que no próximo podemos competir com igualdade de condições com os parentes, o basquete que não praticamos e que nos próximos jogos podemos, gostei do voleibol porque não tocamos a outra equipe, estamos sempre uma do lado e a outra do outro e isso acho que melhora o jogo.

Xikrin/M/R/Atleta/26 Tem, tem a peteca que a gente joga e o arco também que a gente treina bastante, quem vai aceitar e participar esse jogo aqui no Recife.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 Como eu acabei de falar, e a gente se adapta a diferentes pessoas, é interessante, é muito importante a gente aprender, por exemplo, esta luta corporal não praticamos muito, mas tem aldeias que praticam bastante e isto então é importante para nós.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/22 É muito bom, porque a gente não aprende tudo.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 Tem um jogo que pega uma bexiga e joga como se fosse uma peteca, e depois tem sinuca, tem todo um negócio de lazer...



2.17. A PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS

Assurini/F/N/Atleta/29 [...] foi muito bom, que teve mais pessoas apoiando a gente e dizendo pra gente ganhar e levar uma vitória pra nós e que agente está lutando para poder levar para mostrar para nosso povo lá, que estão lá rezando por nós, para gente ao menos tem que levar...

Bakairi/F/D.K/40 Olha, eu acho que... meu povo, participar dos jogos foi bom, né, porque aqui é competição, não pra ganha... acho que é isso.

Kanela/F/F/Atleta Ah... com certeza eu tô gostando muito, porque como eu falei da primeira vez que eu tô participando, as mulheres kanelense, estão participando dos jogos

dos povos indígenas e eu gostei muito, inclusive de conhecer outros parentes, conhecer outras culturas que estão vivos ainda, que estão vivos ainda porque se eu não tivesse aqui, com certeza assim, eu acreditava que sempre assim... de dizer pras colegas que a etnia minha e outras etnias estão perdendo vários valores, digamos porque hoje em dia os jovens que estudam e que moram na cidade, eles não têm mais assim interesse de aprender a cultura tradicional, então nós estamos vendo hoje através dos jogos, outros povos indígenas aqui no Pernambuco, então eu fico muito feliz que não só nós Kanelas mas outros vários etnias estão acreditando de reencontra novamente e de ver mais uma vez as nossas festas, porque nós somos felizes de nos conhece e reencontra.

Kapinawá/F/L/Atleta A importância é que assim, a gente vê no incentivo de ter assim “Ah! Eu vou, eu quero ganhar” a gente perde ou ganha, faz parte, pra gente é... a concorrência, a gente tá concorrendo ali, tá participando, a participação da gente e também a participação do público que tá assistindo que tá vendo todos os dias, de tá ali incentivando, ajudando, batendo palmas, pra dá força, dá energia positiva, é isso o incentivo.

Pataxó/F/S/Atleta Tem nós reúne, até então na minha aldeia hoje, tem muitos índios lá que não participa da cultura aqui [...] tipo assim, não participa e ao mesmo tempo não valoriza, porque eles não sabe o que é a cultura hoje pra gente, a importância que a cultura tem pro povo Pata... pro povo indígena hoje não mundo, né, então assim aquelas pessoas a gente tamo sempre falando, conversamos com ele, a gente que vi...,eu mesmo como viajo muito pra outros lugares, não só pros jogos, mas pra outro pra fazer, é pra apresentar meu povo e fazer palestras para as crianças sobre a cultura Pataxó, então assim, a gente sempre conversa com eles pra poder eles tá valorizando a cultura, pra que também a gente não tá, perder o contato, porque se a gente for só jogar pro outro lado, então a gente vai acabar deixando a cultura de lado e vai seguir, então a gente não quer isso, o que a gente quer é seguir a cultura sempre, valorizar também.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Bom, hoje o patchunukai que é uma luta que a gente não faz aqui, mas que a gente faz na aldeia. Tem o revezamento de corrida com tora, corrida com maracá que também a gente não fez aqui, arco e flecha, apesar da gente ter uma habilidade maior com armadilhas, mas também a gente pratica o arco e flecha, natação e canoagem. Mas não tem que ser no remo aqui e nosso tipo de canoa é diferente do que a que eles trouxeram. Eles remam de lado e agente rema atrás da canoa, então dá muito mais velocidade. Se houvesse esta prática a gente ganharia fácil. Então este contato com a natureza é muito mais direto

Pataxó/M/T/Atleta [...] meus pais sempre quando vão pros jogos, eles sempre fala que o público tá sempre presente com eles, assim como tá na arena muita gente, sempre quando os Pataxó entram na arena todo mundo aplaude, fica todo mundo alegre. [...] É sempre eles incentivam mais a gente, pra sempre tá fazendo a coisa mais melhor que a outra. Cada jogos [...] a gente vai querer só mais melhorar a nossa aparência pra eles e continuar sempre [...] Eu acho que [risos] precisa ter mais festa à noite, que não tem, sempre

eles falam, ah, “vai ter festa hoje”, sempre à noite, nunca, nunca... Sempre teve, mas eles deixam sempre pra um dia antes do encerramento. [...] muito na expectativa que vai ter, conhecer mais, mais os povos.

Rikbaktsa/F/L/Atleta Ah, elas ficam tristes porque muitas vez elas qué vim e aí as outras vem aí, não tem como trazer tudo assim de uma vez, aí cada jogos [...] É pra mim foi muito bom te vindo participar desse jogo, até porque assim a gente joga, a gente joga com os outros parentes, das outras etnias, pra mim foi muito bom.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 Eu acho bom porque pra mim é um bom conhecer outro lugar que nunca conheci e conhecer muitos parentes também e enfim conhecer a cultura da outra, né.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Na minha avaliação é participação da modalidade é... pra mim foi muito bom, né, pra que nós conhecer como falo, como falei é pra pra competir mesmo celebrar é tudo em rituais que nós trazemos aqui, pra nós estar passando pros nossos parentes, e ao mesmo tempo também, é que não é atleta pra ele também é muito importante pra que ele ficasse é torcendo pra nós, né, isso faz parte do nosso jogo, porque ele vai também torcendo vai falando pra que para que o nosso espírito é fazer uma um reforço de competição, né. É... a mesma coisa [com os não índios daqui] porque não tem a diferença, tudo nós viemos participar é o mesmo competição que está acontecendo aqui.

Tenharim/M/M/Atleta/26 Olha, a gente da participação Tenharim, tudo que é evento que tá tendo, acontecendo, nesse momento, a gente participa, a gente tá ali, pra defende nossa cultura, né. Infelizmente, a gente disputou com o pessoal do xavante, que é nosso preferido, disputa com ele na verdade a sorte é no sorteio, que teve, que aconteceu ontem, então essa parte aí, a gente Tenharim, a gente tá aqui pra competi e leva a vitória pra nossa população indígena, com certeza nosso parente que tá na aldeia tá assistindo, principalmente a família da gente que estão longe, a gente [...] é muito importante esses jogos dos Povos Indígenas aqui em Pernambuco e Recife.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 É muito importante por que a gente traz, como eu disse, né, jovens estudantes e pra que a gente não perca a nossa cultura. Porque hoje, através dos jogos, a gente procura também preservar a nossa cultura, nosso idioma, nossos costumes, nossas pinturas e assim de tudo isso mostrar também para os não índios como é que nós somos, que nós temos uma cultura diferente, mas isso não quer dizer que somos, assim é... diferentes do homem branco, somos iguais, apenas na cultura. Então através dos jogos, é uma oportunidade da gente tá demonstrando isso que nós somos iguais, mas somos diferentes apenas na cultura. Então são dois lados que eu vejo importante, nós, Terena, lá vemos importante, é de divulgar nossa cultura e de preservar, por isso os jogos faz isso com a gente.

Terena/M/T/Atleta/16 É... antes, assim que começou os jogos, é... o pensamento nosso, dos Terena lá, era montar uma seleção pra ganhar, pra ganhar. Só que depois, com o passar dos anos, passar dos jogos, a gente viu que o futebol é assim, mas como o Marcos Te-

rena diz: o importante é participar, né, não é competir e sim celebrar. Então, eu acho que a partir disso a gente falou: a gente traz um time bom só que mais voltado para a parte cultural.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 A dança. A dança é muito importante para os xikrin [...] Fica muito importante a festa mesmo, se nós ganhar ia ter a festa lá, ia cantar, ia dançar, ia pescar. Nós temos uma festa marcada, quando a gente chegar na aldeia com uns 3 ou 4 dias nós temos que ir para o mato, caçar, voltar e temos que dançar.

Xikrin/M/K/Liderança Indígena/33 Eu estava ...toda semana eu dizia assim, que eu passei como treinador, e arrumar uma pessoa para levar para Recife, agora nós estamos aqui, 2 dia e meio, eu acho assim, que a viagem é muito longa, chega por aqui cansativo, a gente chega por aqui, ninguém está esperando nós, quase nós fomos voltar no mesmo dia lá para aldeia.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 A participação deles até aqui está tudo bem, tudo ocorrendo bem, estão se habituando com os outros atletas indígenas, quando a gente estava vindo para cá, a gente selecionou conforme a modalidade.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/22 É muito importante, para incentivar, atletas novos, que são de menor ainda e mais para frente pode acontecer alguma coisa com o chefe, com o cacique.



2.18. A CONVIVÊNCIA COM OUTROS ÍNDIOS

Assurini/F/N/Atleta/29 Eu acho bom que eles ficam acompanhando e aprendendo que os índios fazem que a gente, elas não sabem, né, que o índio faz o que não faz, é isso. Eu acho muito bom ficar junto, a gente se vê mais, mais juntos com eles e aprendendo mais também o que fazem e eles aprendem mais também com a gente.

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 Aqui, foi um pouco diferente pra nós, aqui a gente tá vendo e eu acho melhor aqui também, principalmente que nós vai em todos os jogos e todos os jogos que nós vai é bom, é melhor, a gente vê os parente, conhece melhor, conversa com as meninas, porque estas meninas que nós trouxemos, elas tem muita vergonha de conversar com as outras, mas eu falo pra elas: “tudo é parente”, se chegar perto de ti e conversar, perguntar seu nome tem que dizer, não abaixa a cabeça que isso é uma vergonha pra gente, né, a gente pede pra vocês vê os parente, conhecer e falar com eles, a gente ensina elas todos dias, todas noites a gente senta com elas e conversa com elas. Tem uma aí que tem vergonha de cantar aqui, aí eu falei: “não vocês tem que cantar porque só pra ouvir minha voz não dá, tem que ouvir a de vocês também”.

Assurini/M/S/Liderança Artística É como que é, é porque a gente somos do Pará, né, aí estes que moram pra gente começar a conhecer outros parentes, ter contato com eles, porque a gente mora longe, aí é difícil a gente ter contato com eles, agora aqui não, já que

eles tão aqui a gente conversa, a gente conversa com eles. Com os não indígenas também tá bom, a gente tá achando legal as pessoas que estão trabalhando com a gente, sempre ajudando a gente aqui. [...] as pessoas são legais aqui, eles conversam com a gente, aí perguntam de onde nós somos, qual a etnia que nós somos, aí nós pergunta: nós somos do Pará, somos Assurini, aí eles falam: que legal, primeira vez que nós vimos os paraenses vir pra cá.

Assurini/M/T/Liderança Indígena Isso é uma parte também que eu acho uma parte boa, porque a gente passa a conhecer outras etnias, conhecer a dança, a cultura, os artesanatos, isso é muito bom pra nós, a gente vê também que isso ajuda, a gente tira foto, a gente grava um bocado de filme e a gente leva pra mostrar que tem outras etnias também e que a gente tem que manter a nossa, pra ter uma coisa diferente da outra. Eu acho que fica mais bonito ainda, a gente tem que... eu acho bom, acho que uma parte boa é esta de encontrar outras etnias e ver que elas também têm a cultura delas ainda, vamos dizer assim, bem mesmo é... É preservada. [a relação com as pessoas da cidade] independente talvez de estado, de local que a gente faça apresentação, eu acho que a gente não tem nada a reclamar, entendeu. [convivência é] Tranquila, eu... nossa etnia nunca teve problema com os não índio, né, nunca teve... muitas vezes a gente tem, mas um problema dentro da organização, tem evento que a gente foi que praticamente não dava pra gente ficar naquele local, por causa do dormitório que era inadequado, faltava água, entendeu, má organização mesmo da equipe, da organização do evento.

Assurini/M/W/Atleta A gente vê que é bom, a gente não tem raiva de ninguém, a gente conversa que é nosso parente, né. [...] Com não indígena é diferente já. Não, é porque a gente não sabe conversar com os branco. Não, assim, a gente não conhece eles, a gente não sabe se eles querem falar com a gente ou não, pra conversar aí... A gente tem medo um pouco, né. Porque a gente não sabe o que é que branco vai fazer com a gente.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 É, seria muito bom, a gente sempre, sempre é... o... jogos da região, todas as aldeias até assim passa conhecimento de aldeia pra aldeia, né? De aldeia pra aldeia, de sentar sempre junto participando de eventos, até porque as aldeias no geral, elas sempre elas têm assim um, um certo conhecimento, né, mas assim a gente sempre é buscando preferência no dia a dia, nós temos é por exemplo, a gente tá sempre junto a gente aprendo coisa nova, já leva pro nosso povo. Quando eles vêm, exige a nossa aldeia também tem novidade, já leva pra outro povo da etnia, no caso da outra aldeia é assim, é uma troca de conhecimento entre os povos, não só de Pernambuco, mas também esses outros parentes que tão vindo de fora já com fronteira com Bolívia esse pessoal que vieram gostaram também do nosso ritual, a gente também gostou do ritual deles, a gente aprendeu muito com a gente e assim foi uma troca de experiência e de conhecimento. [...] Quando a gente vai pra um encontro, assim como a gente foi agora, a gente se encontra é outro prazer ou a gente tá junto com eles. Foi tranquila, graças a Deus, não houve nada, não houve confusão, só a irmandade [...] chama a gente é irmão, né, porque [...] pra gente é um prazer e eles também. [a relação com as pessoas daqui foi] boa toda, gostamos demais.

Atikum/M/A.R/Atleta/19 Bom, a gente adquiriu muito conhecimento com as culturas deles, com tudo. [...] jeito deles viver lá, de se vestir, acho que, o idioma deles também, né?

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 Ah, bem, bem porque a união, a união normal, o cabra num vê uma dúvida, uma pequena dúvida não vê uma cara feia uns com os outros, só tratam tudo de bom parente pra aqui, parente pra acolá. Quando a gente e eles aparta assim, levando saudade pra casa, né? (E) Como é que acontece essa conversa, essa relação a sua convivência de você com as pessoas de Recife, daqui de Recife e de Olinda. (A-A) Não, eles têm tido um contato muito grande pra que entrasse em contato com os índios daqui de Olinda que tem, que tem um cacique lá. E ela se mostrou, né, se mostrou com o prefeito de Olinda tiveram um contato com a Funai, aí levaram nós até lá. (E) E com aquele público que fica esperando vocês lá na arena, como é que você faz essa relação com eles. (A-A) Não, eles é que pede uma relação com a gente e leva pra lá pra representar cada um grupo de uma coisa tem um encarregado e a gente entra em contato com eles pra que o cabra não se passe também lá, né. (A-A) Bem também, porque receberam a gente bem, trataram ótimo demais. Fazer o acompanhamento normalmente, muito ótimo mesmo. (E = entrevistador; A-A = etnia e inicial nome).

Atikum/M/J.F/Atleta É, outras etnias que a gente não tem totalmente aconchego com outros índios, aí agora a gente já conhece mais. É... convivência é... assim não 100% mais 95% mais ou menos, é dá pra a gente entender, né, e entende que eles são totalmente diferente da gente, a gente não anda totalmente como ele, vestido mais como dos índios mesmo, a gente anda totalmente diferente deles. Bom foi totalmente, foi boa que nessas [...] que a gente tava participando, as pessoas aplaudindo a gente, é tudo foi maravilhoso pra gente. Na arena, o pessoal todo tratavam a gente com o maior carinho.

Bakairi/F/A/A/16 Aquilo você é... muito bom, porque a gente conversa, eles falam da sua cultura, como que ela é. Os brancos ensinam como eles vivem aqui, eles falam das necessidades que tão passando aqui na cidade e também outras etnias falam como eles vivem lá.

Bororo/F/E/Atleta Nós temos muito contato com as pessoas daqui, aonde nós vamos tem pessoas né. São assim...conversam com a gente, não tem nojo da gente, mas têm alguns branco que sente nojo de índio e não conversam com a gente, passam longe, agora têm alguns que não, conversam também.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural Ah, é um pouco difícil dizer isso, porque cada um tem uma convivência diferente, né. A nossa mesmo, tem alguns que faz artesanato, tem uns que são funcionários e tem uns que fazem um pouquinho de lavoura, inclusive sobre isso também. Eu sou funcionário da FUNASA, trabalho pra FUNASA, sou agente indígena de saneamento, saneamento básico. Alguma coisa sai aí, algum conflito sai, porque isso sempre acontece no meio de um grupo, sempre tem um que tem que fazer uma bagunça, sempre tem um que tem que sair brigando. Isso nunca falta de uma pessoa, de uma pessoa assim, não fica assim cem por cento, pra poder sair a coisa perfeita.

É muito difícil. Ah, nós temos muita amizade com o pessoal não indígena, inclusive nosso município se chama Carneiro, ele fica próximo de 52 quilômetros, então ali de vez em quando a gente faz um amistoso de futebol.

Bororo/M/V.T/Atleta Eu acho muito legal, eu tô achando legal, tô achando muito bom. A gente tá conversando, a gente conversa com várias etnias, eles passam pra gente, com eles o que eles... como eles são, como que é a cultura deles, como que é a linguagem. Nós também passamos pra eles também, como que é a vivência da gente na comunidade, como é que os Bororo vivem, como é que se relacionam, é... a cultura, a língua, tudo isso. A gente faz uma comunicação. Eu acho que tá sendo muito bom. Eu estou achando muito bom. Até por causa que... lá na arena por exemplo, as pessoas chegam, ficam olhando, ficam meio que curioso, ou então meio amedrontado, admirados. Só que nunca chega assim, conversando com a gente. Eu, por exemplo, chegou uma... um menino chegou e falou pra mim, falou bem assim: ô índio, ô índio, eu falei oi. Ele falou assim: é verdade que... ela pensava que a gente, assim, era bem nervoso. Eu falei não, nós não somos nervosos não. Ficou olhando admirado, aí ele falou: você poderia arrumar um daquele pra mim, era um colar que tinha, né, aí eu falei: posso sim. Aí foi que dei uma pulseira pra ele. Ele ficou muito alegre, acho que ele se sentiu bem... bem feliz, saiu correndo, aí de repente veio um bocado de gente vindo pra cá, acho que era os pais dele, eu acho. Cumprimentaram eu e começaram a puxar conversa. Aí então, aquilo criou um clima, né, legal, e começaram a ficar bem à vontade e depois começaram a conversar, perguntar como que é na aldeia, como que é... se a gente vive como branco. Eu falei: totalmente como o branco não, mas a gente vive também do modo branco, também a gente vive... não pode esquecer também do nosso modo de viver, tudo isso. Foi que eu falo pra eles, ficaram muito alegres, com meu jeito de ser também. Os não índios, assim, de começo eles ficam um pouco mais, ficam um pouco meio cismado, eu acho, um pouco meio com medo de vir conversar. Tem aquela... como será que eu converso com índio, será que não, posso cumprimentar ou será que não, enfim, mas são das pessoas que ainda não... nunca tiveram contato, nunca chegou a conversar com índio. Eu tive inclusive conversando com umas amigas, as voluntárias, elas falaram pra mim hoje no almoço “pôxa, tivemos aqui uma reunião, falaram assim pra gente que era pra gente não abraçar o índio, não almoçar com o índio que vocês eram um pouco... eram muito quieto, que a gente não ia gostar, ia ficar nervoso”, eu falei “Não, não é bem assim não, vocês podem observar, podem ver que é totalmente diferente, a gente é comunicativo, a gente gosta de conversar, vocês podem chegar e conversar com a gente, eu, por exemplo, eu gosto muito de conversar, gosto muito de arrumar amizade, falar sobre minha cultura, minha língua, eu gosto disso”. Eu não vejo um lado diferente não, eu acho que todos nós somos iguais.

Gavião/F/D/Atleta/26 É muito bom porque além da gente conhecer as cultura deles, eles conhecem a nossa cultura e a gente faz uma interligação até mesmo assim, ao invés do próprio índio tá casando com branco, os índios se conhecem entre si, podem se casar sem se misturar, pra mim perde a cultura do índio se misturar com branco. A nossa

relação é muito boa, assim porque são pessoas [das cidades] assim alegres, pessoas que assim sabe acolher o povo, por um lado tão valorizando a cultura indígena, são pessoas muito educadas, são muito carinhosos também.

Gavião/F/K/Atleta Pra mim aqui é bom, nós encontra nossos parentes se envolvendo mais com conhecimento na fala deles, modo de fala, de conversar, toma mais conhecimento assim, principalmente tipo gente branca também com mais amizade, sabe levar as pessoas assim, mostrar o que acontece neste mundo, né, que tá acontecendo hoje esse desmatamento das terras, tá acontecendo muita coisa e prejudica muito também o nosso pessoal, por causa da reserva. Ah, foi muito bom [a relação com as pessoas]. Nosso pessoal tava ansioso pra vim conhecer principalmente a cidade também, conhecer a cidade, como é que era.

Gavião/M/A/Atleta/35 Bom que conhece os outros, né, conhece os outros, outras etnias, e todos somos iguais, mesmo sangue, parente.

Gavião/M/J/Atleta/20 Co-mu-ni-da-des indígenas, não é? E os brancos, aqui, por exemplo, como é que vocês avaliam? Eu, assim na minha opinião, nós, entre índios, nós sempre se sentimos bem, né, porque nós somos todos iguais, mais em termos de vocês aqui, eu, os brancos sempre recebemos a gente bem é quando a gente chegou, teve gente que recebeu, levou nós pra alojamento, eu acho que isso aí, né, é o principal da competição que é, porque se ninguém recebesse a gente, como é que a gente ia ficar, aí eu acho que essa parte aí do branco que eles faz muito melhor é bem educado com gente, muito legal. [...] Eu acho que primeiro trataram a gente bem, quando a gente chegou, teve gente pra receber, pra gente, a gente foi tomar banho, conversaram com a gente, como foi nossa viagem, colocaram que foi bem, eu acho que foram bem educados, bem legal, eu tô gostando do pessoa aqui de Recife.

Kambiwá/M/G.F.N Eu avalio que é bom, principalmente pra entender tudo junto porque ninguém é melhor que ninguém, isso é bom porque a cada dia a gente vai se acontecendo melhor, até mesmo porque a gente se aprofunda no conhecimento de cada cultura. Isso aí é bom porque a gente conhece mais e aí a gente dá mais valor. E cada dia que se passa a gente tamos convivendo e conhecendo mais, tendo mais acontecimento com as regras dos esportes.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Bom... é primeira vez de eu chegar no Recife eu gosto muito de estar aqui conhecendo vocês, são mesmo cidadãos brasileiros e respeito nós que estamos aqui de fora e aí nos estamos adorando ficar por aqui. Bom... eu acho que a convivência desde 1500 prá cá foi melhor, bem melhor, porque nós aprendemos a falar com vocês, nós sabemos escrever, nós sabemos falar português, então facilitou bastante a convivência entre pessoas não índio com índio.

Kapinawá/F/L/Atleta A convivência com outros índios é a mesma como se fosse na aldeia da gente, porque mesmo que a gente fosse dizer: “Ah! Eu não vou me junta a eles” mas a gente querendo ou não, a gente é da mesma parenteza, temos todos o mesmo sangue que corre nas veias de todos os índios, é porque a gente assim: um são de uma aldeia e outros são de outras, mas, pra gente, a gente é como se fosse um só, então essa é a im-

portância da gente e já os de fora, a gente procura incentivar, respeitar sem muito carinho mas nada de desclassificar por ele não se juntar com a gente.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 Ah, é uma relação ótima todo mundo conversou com a gente [...] tem dignidade e respeita a gente [...] também do jeito que eles são. [...] é certo que as pessoas num tá aqui só pra ganhar, mas a gente tem uma afinidade, perdeu porque os nossos atletas, eles não tem entrosamento com o outro. Foi feito um time Kapinawá, foi tirado e escolhido os jogadores melhor de cada etnia e formaram um time, aí não tinha introsamento [...]. Às vezes, incomoda, às vezes incomoda porque às vezes eles não quer uma opinião que a gente dê, eles querem uma opinião deles. [...] Os outros índios também. Sobre os brancos a gente sempre tem uma afinidade bem. Às vezes, tem um preconceito, né? Que é o que maus machuca a gente, mas isso é fora, à parte.

Kapinawá/M/R/Atleta De início, foi muito difícil, eu cheguei aqui e de início só tinha Pernambuco, tinha mais alguém de fora que eu não lembro mais, tinha, tinha não só Pernambuco, mas tinha outros indígenas aqui no Geraldão, mais aí eu vi todo mundo falando a sua língua. Puxa vida, mas como é que a gente vai se comunicar com esse povo? Mas depois que eu vi que eles também sofreram, a língua deles também foi invadida, não só aqui no Nordeste mas lá também eles tiveram sua cultura roubada, né, eles foram adquirindo no passar do tempo. Bom, eles falam português e falam a língua deles, mas quando a gente chega, nós do Nordeste, que não falamos a língua deles, chegamos e aí eles se comunicam em português, então isso facilitou a vida da gente porque se eles não falassem português... puxa gente, eles não iam se comunicar com ninguém aqui[...] só de Pernambuco aqui né, isso ia ser muito difícil aqui, mas não, tá ok, tá havendo diálogo tanto que eu tive conversando com umas meninas ali. Tá tudo bacana. Acontecendo aqui em Pernambuco, né, Recife, Olinda e com a participação das etnias de Pernambuco, isso nos faz feliz, feliz porque antes a gente era esquecido, a gente era um povo esquecido, vivia, vivia só da agricultura, só da caça e hoje não, a gente vive do salário que agora estudo, né, outros tão estudando, aprendendo agora estão ensinando e passando a ganhar um dinheiro extra fora da agricultura, né. O espaço da agricultura, ele parou, mas a gente tem que dividir nosso tempo pra agricultura, né, e pra o ensino, isso significa nós não tamo mais esquecido do mundo, só tem que valer, fazer valer o que tá no papel, o que é do nosso direito .Certo?

Kuikuro/M/J/Cacique/54 Quando eu tenho contato com os meus parentes que são de Pernambuco, meus parentes, eu fico muito feliz, eles têm muito problema, gente assassinando índio, a gente fica com pena, a gente se encontra aqui e, quando termina o evento aqui a gente fica com saudade deles, saudade, triste, nós tem uma câmera, nós fica tirando as fotos para mostrar na aldeia, mostrar pro pessoal que está lá na aldeia, eu considero muito e respeito meus parentes de longe, mas de longe, eu não tenho muito haver com eles. Quando a gente encontra aqui na cidade, a gente fica junto, troca ideia, anda com eles.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Então eu acho que aqui a maioria não gostam dos índios, né? Tamo sempre, como participei 3 vezes, na Olinda aqui Recife, eu acho que eles não

gostam muito de índio não, maioria não gosta de índio. Porque eles não enxergam, eles passam assim, eles não quer comprar, eles não quer ir na arena, encher a arena, lá em Pará eu acho que todo mundo gosta de índio, lá no Pará maioria gosta os índios. Lá em Maripani, eu participei quando entrei na arena, né, na abertura, tava cheio, cheio de pessoas, nunca vi isso, quase chorei quando fui em Porto Seguro. Tinham poucas pessoas na arena, isso faz os índios ficarem triste, aqui tá tendo a mesa coisa também, aqui as pessoas não encham a arquibancada não. Eu quero as pessoas encham a arquibancada pra ficar contente, feliz, como foi em Marapani.

Kuikuro-M/T/Artista/22 Contato com os brancos, pra mim isso... é... muito importante também, porque os branco têm que entender a cultura índio também. Como é que ele faz e tem muitos branco perguntando gente, como que vocês fica assim na aldeia? Como é que vocês comem? O que vocês comem? O que que vocês faz na aldeia? Tudo eles fica perguntando, muitas coisas pra gente, isso que eles têm entender isso, como é que a gente fica na aldeia. A gente pede pra eles respeitá, quem muito branco num tá respeitando a cultura indígena e eles fica criticando. Índio é assim, índio não entende nada, índio não faz nada, índio preguiçoso, índio quer terra, índio quer dinheiro, quer caminhão, eles fala muito. Nós temos filme, né, sobre... Que chama “Índio no Brasil”, que fala sobre índios. Tem entrevista com os branco, eles fica falando mal da gente, falando dos índios assim. Eu tô achando bom, porque a gente tem que mostra a nossa cultura aqui de Olinda, né? Eles nunca viram índios todo Brasil, aí nós viemos pra cá, né, todos os índios, do Xingu, do Pará, do outros índios que eles não conhece. A gente tem que mostrar a cultura pra eles, pra eles conhecer, aí eu acho que depois eles vão respeitar a cultura dos índios. Quando a gente anda aqui, no centro da cidade, eles fica gritando pra gente, eles tem que entender porque eu falo pra eles, acho que eles não têm educação mesmo. Eles são sem educação, eu falo pra eles que eles tão... Nós também tem que respeita vocês que são brancos, né? Eles têm que respeitar a gente também, isso que tô vendo agora, aqui em Olinda, sim.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena É muito bom, porque conhece a parte do ritual deles, dos instantes deles, do pisado deles, do modo deles se pintar, sua pintura corporal, das suas vestes, das suas vestes, de sua lanças, de suas borduras de seus colares, de seu [...] e eles vê também a parte como o Pankararu é a nossa parte do nosso ritual, também do conhecer, essa troca, de conhecer, de tá mais próximo do outro pra ter essa interação.

Pankararu/M/G/Liderança Indígena Acho que está sendo legal a troca de experiência, né, muitos aqui até do estado mesmo não sabem que, não sabem que no estado tem indígenas, não conhece a realidade do povo indígena de Pernambuco e do Nordeste, conhecem mais do Norte juntamente porque o governo, os governantes não divulgam, não colocam em sala de aula, em livro como é o indígena hoje de Pernambuco, do Nordeste, só o que aparece só indígena do Norte, cabelo liso que fala a língua e é importante a troca de experiência. A gente tá aqui com os índios do Norte, de todo o Brasil, a gente conhece, troca, conversa, a gente vê eles fazendo as tradições deles, apresentações a gente tem outra, mas tudo leva ao mesmo sentido, que é Deus, nesse sentido.

Pataxó/F/S/Atleta É uma convivência boa, assim, porque quando a gente sai, é, não lá onde na onde que eu moro, na cidade que eu moro, o povo de lá, o povo branco não valoriza muito os índios, mas quando a gente sai pra fora, o povo valoriza os índios mais ainda do que lá, então eles não sabe o valor que o índio tem. [...] Pra gente assim é muito importante, porque eles estão ali tão assistindo, eles com certeza eles vão falar pro povo, povo indígena tem muito respeito, tem muito carinho, porque todos os jogos que nós vamos, a gente levanta o público, somente o povo Pataxó, aonde que vai levanta a plateia.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Bom, aqui nosso contato com comunidades não indígenas é bem pouco, né, tá bem restrito e a organização fez uma coisa que eu acho bem interessante, que é um cuidado na nossa saída, pediram para o nosso grupo ninguém sair daqui sem... para não ter algum tipo de incidente. Agora entre os povos, eu acho que é particular, tem povo que por ser de um tronco linguístico, eu falo dessa forma, tem um perfil que não se encaixa com o outro, isso aí você teria que fazer uma leitura assim: quem é do tronco Tupi é mais tranquilo, quem é do Aruak é mais negociador, consegue ser mais... agora que é do Macro-Jê e Jê é mais sangue, é muito mais guerreiro. Nosso caso, somos Macro-Jê, o pessoal até fala: pó, vocês são muito calmo para ser Macro-Jê, mas quando topa com outro Macro-Jê dá uma confusão do caramba. Então é complicado esta vivência, mas em particular o que eu percebo aqui é que há uma procura muito grande de outras etnias pra... perguntando se a gente trouxe algum CD, com músicas nossas, né. E as nossas músicas são diferentes, são mais ritmadas, aí vira e mexe tem alguém cantando, aí a gente fala: não... bora se reunir a noite, a gente reúne, bora dançar, bora trocar esta experiência aí, bora ver quem aprende a música do outro. E tá tendo, hoje no almoço teve isso, foi legal, a gente chegou, os parentes pediram para a gente cantar uma música. Aqui é o seguinte, eu olho que deveria ter uma participação maior, no caso, com escolas. Ali a gente tava conversando com uns professores e eles pediram, perguntaram se a gente podia ir na escola fazer uma palestra para eles. Eu acho que seria um lado interessante também se em alguns momentos a gente ir nas escolas, lar de idosos, sabe ou comunidades quilombolas, algum envolvimento com a sociedade para mostrar, sabe, que não é um ser selvagem o índio. São diferentes maneiras de pensar, né, então quando a gente sai de lá de onde tá sendo o jogo, mesmo é muito engraçado, a nossa volta fica rodeado de pessoas fazendo perguntas, querendo... e fica esta vontade. Quando a gente tá na arena é só o que o narrador está dizendo, então as pessoas não levam muita informação. O que que vão saber do meu povo? Só que é da Bahia... ah os Pataxó da Bahia e tal. Acabou, então assim, como é que você tem uma participação maior dessas pessoas. Quer dizer, entender o que é um Pataxó, um Kayapó. Eu acho que levar isso pra sala de aula quebra até alguns mitos, as coisas erradas a respeito dos índios.

Pataxó/M/T/Atleta A cultura é sempre diferente uma das outras dos povos daqui, sempre a gente, sempre aprende muito com os outros, que a gente pode tá mais, acrescentando mais no diálogo das pessoas que a gente conhece, é difícil aprender assim as palavras assim com os outros, as palavras que, como assim agora mesmo, tem uns dois anos que a

gente começou meio que a língua, a língua do Patchorrã, os povos Pataxós, que a gente começou mais a falar, que a gente pode está comunicando com o outro. E aqui também a gente aprende muito com os outros, a gente também aprende alguma palavras deles, eles aprende algumas das nossas e aí só vai crescendo mais os diálogo entre as pessoas [...] É normal [a relação com o não índio], na nossa aldeia lá eles sempre tão lá, sempre tão junto da gente. Aqui também [...] mas aqui não tem muito contato com gente branca, só mesmo com os parentes mesmo, as etnias.

Rikbaktsa/F/L/Atleta Pra mim, tá sendo bom, porque a gente tá, a gente tá conhecendo as pessoas, que a gente nunca teve contato com as outras etnias e nem todas as etnias a gente se conhece, além dos jogos a gente se conhece. [...] Eu tô achando bom, porque as pessoas que elas chegam, que elas conversam, que elas não tem orgulho.

Tenharim/M/L/Cacique Também, também, ontem nós chegamos, estamos bem atendido e até hoje as pessoas tá junto conosco, isso é importante demais. Então nós achamos muito casa boa aqui. Eu tava até falando pra uma pessoa: Oh, a primeira vez que eu vim pra Pernambuco, a gente via só falar, né, que são pessoas muito popular, muito boa mesmo, então dá pra percebe que tem pessoas de coração de verdade mesmo, né, então o índio é assim. Eu vou falar, o índio é assim, quando percebe que tem pessoas de coração bom, aquele é amigo pra sempre, sempre em qualquer parte, independente da sua origem, porque eu conheci uma pernambucana que ela trabalha na Funai, ontem ela foi lá na arena comigo [...] Tem um Tenharim aqui? Ela disse, porque eu fui pegar um remédio ali na farmácia, né, aí a colega dela falou: Ó tem uma pessoa que você trabalhou em tal lugar assim e é Tenharim. Aí ela disse: Como é o nome dele? É o Leo! Ih! Eu conheci esse daí, eu passei 5 anos lá com ele, aí ela foi lá na arena, lá onde que eu tava, falou comigo [risos e emoção]. Ela falou como que você apareceu? Convite! Nós tá competindo aqui, então por isso que eu digo que a mesma coisa que ela recebeu aqui, lá foi recebida, então esse é colega de verdade, né, sempre, sempre e ela é uma pessoa de 40 e poucos anos e ela trabalha 5 anos na saúde indígena. Lá, como assistente social, então em qualquer parte do Brasil, o índio é amigo, é o mesmo amigo, é mesmo aquele carinho, quando ele conhece uma pessoa, em qualquer parte do Brasil, então isso eu achei muito boa o pessoal aqui de Pernambuco, né. Tudo pessoa aqui tá tranquilo desse daí.[...] O Tenharim é uma grande importância a convivência, né, porque encontramos, dialogamos, conhecendo outras etnias que não conhecia, por exemplo, os xavantes, eu tava vendo aqui os Nhambikuara, aí trocando experiência, trocando ideia de conhecimento, né, então convivendo pra nós até aqui é uma grande, boa convivência e tudo isso tá pegando bem tão dialogando com pessoal, se entrosando bem, isso pra nós é importante. [...] Tá muito bom! Tá muito ótima, pode ter certeza que isso a gente vai, sempre vai competir, talvez pode acontece em outro lugar, mas talvez pode acontecer no mesmo lugar, então cada ano que cada competição que vai ter mais contato com pessoa e conhecendo mais, então isso pra nós é uma grande importância, conhecer outras nações né, outras nações que o branco fala [...]. Então pra nós foi uma convivência muito boa, eu vinha até conversando ontem com uma moça que

tava conosco ontem, depois da arena, né, foi essa pergunta mesmo que ela: “O que que os Tenharim tão achando do nosso hospedamento?”. Aí falei: “Oh, foi uma ótima convivência, principalmente na recepção, foi muito boa e até hoje tá com nós”.

Tenharim/M/M/Atleta/26 Relação com outros povos indígenas é... A gente tá [...] pra conhecer, né, nós não tem preconceito, nós tudo povos indígena tá relacionando muito bom com outras etnias que estão aqui, porque não de todos estados que tá aqui? Pra esse evento aí, muito importante pra nós. A relação com não índio, isso aí desde infância vinha criando amizade, criando força, criando também pra trazer informação do Recife, de primeiro eu não conhecia, eu só conhecia a mata, né, mas hoje eu tô conhecendo Recife, muito legal pra mim. Muito lindo pra mim, né, isso aqui, muito obrigado essa parte.

Tenharim/M/V/Atleta/20 É, então aquilo ali trouxe uma noção pra nós pra até mesmo nós possa chegar nas nossas aldeias. Resgatar alguma coisa que de repente tem na minha cultura lá que é esportivo, que ainda não veio pros jogos, isso quando a gente volta, a gente vai tá sugerindo e buscando também. Com relação a isso, a gente não tem nenhum problema com isso, a gente com os parentes, acho que não tem nenhuma, assim, nenhuma parte sem comunicação diariamente, né, onde chega a gente tá conversando com os parentes, na hora do almoço e até mesmo no ônibus, também lá nos jogos também. Então isso ta correndo normal. Comunicação nossa, né.

Terena/F/S/Atleta/17 É, a gente conheceu outros tipos de esporte com as outras etnias que a gente não sabe, né, é muito bom aprender, que nem tanto assim eles ensinam a gente, mas a gente... o pouco que a gente sabe a gente passa pros parentes. Ah eu avalio bem, avalio bem, por causa que a gente tem se dado muito bem com as outras tribos. Os parentes cumprimentam a gente e é uma forma de... esses jogos foi muito bem ter existido porque é uma forma de a gente preservar nossa cultura, conhecer... porque se não existisse esses jogos não ia conhecer a cultura de outras tribos. A gente não ia saber, assim, o que eles gostam, o que eles não gostam, assim, o que eles... os costumes deles, as tradições de cada um, porque cada um tem sua tradições, né, comida típica, essas coisas. E através dos jogos, nós podemos conhecer melhor, esses povos. Bom, pelo meu ponto de vista, o que eu tenho visto aqui que a gente foi recepcionado super bem, não só aqui, mas como todos os jogos que a gente participa, a gente tem recebido um calor imenso de Recife, vocês recebem a gente muito bem, com todo carinho, com todo amor, porque tem cidades que às vezes não liga, né, mas é meio difícil a gente encontrar cidades assim, que... os atachês também são super legal, e eu tô achando muito bom esta cidade de Recife que foi escolhido pra isso, né.

Terena/M/E/Artista/35 Com outra etnias ou em relacionamento com os que não são índios? Não entendi a pergunta. Com outras etnias tá sendo bom, muito bom, cada um demonstra sua dança, muito diferente e a gente fica contente, né, que... é legal, é bom, muito bom. Agora na parte da... que não são índios, são os brancos, é... alguns ainda entendem, ainda sente no coração que os índios não são culpados. O que as pessoas muito falam, né. Eu já vi muita discriminação comigo, falando pra mim que o índio não gosta de trabalhar, que os índios só ficam à toa, mas nós enfrentamos discriminação

minação, mas nós procuramos não revidar, porque nós que somos índios procuramos respeitar aquelas pessoas que nós, assim, que nos maltratam, mesmo maltratando a nós, nós não maltrata essas pessoas, porque nós somos seres humanos, quem somos nós para maltratar os outros, né, isso não se deve fazer, isso... Tem que ser igual, todo mundo é ser humano. [em relação ao preconceito] senti, só que procurei não comentar com meus amigos, né. É...foi...eu ouvi, tem um amigo que ouviu um preconceito, uma coisa que tinham falado, coisa triste, né, mas a gente não comentou pra ninguém só entre nós pra não, pra não desanimar.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Ah, muito bom, porque o que que acontece aqui quando tá aqui nos jogos, a gente encontra as outras etnias, a gente faz a troca de artesanatos, inclusive eu já tô com outro colar que não é meu, troquei com outra etnia. A gente troca tudo é... experiência de outros jogos e já até prevendo os próximos, a gente já, assim, dá opinião para os coordenadores, no caso, o Marcos e o Carlos que é nosso líder maior, né. Então a gente troca de ideias entre nós e a gente retransmite para os coordenadores do evento, então pra nós é importantíssimo. [com os não índios] É muito assim, é... varia de uma região pra outra, né, porque a gente percebe que tem regiões que recebe bem a gente, os índios, mas a maioria recebeu bem até agora, porque, assim, na nossa região no Mato Grosso do Sul, eu não sei se é porque é muito forte o preconceito e também por causa da questão de terras, né, então o pessoal não vê a gente com bons olhos, mas quando a gente vai pros jogos, uma cidade grande igual aqui, a gente é bem recebido e isso é bom, por que faz com que os atletas que a gente traz que é jovem, ele volta pra sua aldeia, assim, bem motivado. Ele volta, assim, bem, tendo todo orgulho de ser índio. Então isso é bom quando tem essa relação boa com o pessoal não indígena. [a relação com as pessoas de Recife e Olinda] eu achei assim, até legal, mas a gente ficou, assim, distante porque a gente tá aqui alojado num local, eu não sei se foi proibido deles entrarem aqui e a gente sair também, mas a gente ficou meio distante, a gente só tem contato com nossos atachês que são as pessoas daqui e eu acho que eles são o espelho aí da cidade. Trataram a gente muito bem, receberam a gente e eu acho que através deles a gente pode dizer que tá sendo muito bom este relacionamento.

Terena/M/T/Atleta/16 Que nem eu falei, né, cada lugar que a gente vai é um povo diferente, somos todos brasileiros, mas nem todos pensam igual, então eu acho, eu venho aqui, vou estar voltando pra aldeia, aprendi muita coisa aqui e eu acho que eu repassei muita coisa para o pessoal aqui de Olinda, de Recife. Eu acho que isso que é o importante, a gente tá trocando ideias, então, acho que vou levar comigo o que eu aprendi aqui e espero que o que eu repassei pra eles...

Umutina/F/C/Associação de Mulheres Umutina Ah, eles tão gostando bastante do pessoal de Recife de Olinda, é eles tão muito contente de tão aqui, de tá aqui, né, nessa cidade que eles nem imaginaram de conhecer, eu também tô muito contente. Lá no nossa aldeia Umutina, é 8 etnias, tem Bororo, tem Nambikwara, tem Paresis, tem Kaiabi, tem Terena, tem Umutina nosso e tem branco que é casado com índio que mora na nossa

aldeia também e tem os Umutinas também, né. [Fim da fita 01: Juliana continuando a entrevista com a dona Arminda da etnia Umutina]. Temos os Yranches também, então, então é 9 etnias, pra mim eu considero 9 etnia, mas agradeço trabalho junto, nunca teve conflito com ninguém, né, assim nós vivemos na aldeia Umutina que recebe qualquer pessoas que vai, turista, qualquer pessoa porque nós sabe que vai ajudar comprando nosso artesanato, divulgando nosso trabalho com eles, então eu agradeço esse de coração [risos].

Xavante/M/A (s/id) Acho o povo de Olinda e de Recife muito humano, tem boa recepção por parte da população, só foi ruim na chegada que não sabia quem procurar, tivemos que esperar muito tempo pra poder se acomodar nos alojamentos.

Xavante/M/P/ Liderança Indígena Recife e Olinda são pessoas acolhedoras, nos recebeu muito bem, sempre nos respeitam muito, levo uma boa recordação do povo.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 O alojamento a gente tá bem, é boa...é...no alojamento nós tá bem... Jogando, tem muito tempo nós está jogando, nós está participando [...]Nos outro jogo, nós participamos também... [...] É importante para mim, eu não posso perguntar para os outros porque eles não são índio, tenho que perguntar as coisas boas para eles, não pode falar: “Vocês são assim!, vocês são brancos!” isso não pode falar não, tem que dizer só coisa boa. É muito importante também, nós tem que ver os outros, nós temos que aprender com eles, se for um outro jogo nós temos que aprender os dele e mostrar o nosso também, tem que esperar marcar outro jogo para poder mostrar o nosso também. [a relação com as pessoas de Recife e Olinda] Tá sendo bom, muito bom as pessoas daqui de Recife e Olinda, bom de mais para nós, eu acho que é muito bom para gente, muito importante.

Xikrin/M/K/Liderança Indígena/33 Eu tô gostando, eu to gostando da cidade aqui, eu gosto de praia. Eu acho bom, muito vento também, eu vi o mar, é bom fazer isso. Eu não participei ano passado dos jogos tradicionais, eu gostei, todo jogo é bom para nós, de encontrar de brincar, agora no encerramento todo mundo aqui fica chorando por causa dos outros.

Xikrin/M/R/Atleta/26 Essas etnias são nossos parentes, nós somos índios, eu conversei com todos aqui. É bom, a gente fica muito alegre, os jogos lá na arena que a gente está fazendo a apresentação da nossa cultura, o pessoal de Olinda, os índios também se acostumou com o pessoal de Olinda, muito barulho. Cada aldeia é diferente, na minha aldeia o cacique não deixa as mulheres falar português, só os homens que falam português, na etnia tem outros parentes, mulheres que falam a língua do branco. Os xavantes são diferentes, estão falando a língua dele, Kraõ, Kanela, tem Assurini, tem o Tapirapé, que fala a língua dele também.

Xokleng/F/L/Liderança Indígena/21 Nós ficamos bem, igual aos outros. (T – Líder e tradutor) Isso quer dizer que nós estamos se adaptando com todos os povos indígenas, como aconteceu ontem que a atleta saiu com o pé engessado, mas não levando isso em consideração, então para nós está tudo bom. (T) Pra nós tudo é bom, desde que a gente está participando, mesmo aquela atleta que machucou o pé, isso faz parte do jogo e ela machucou dentro do campo nas horas que foi dado, não foi fora de campo.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Para mim foi importante, porque eu fiquei tão admirado em estar no meio de outras etnias que eu via pela televisão, até comentei com ele aqui, isso para mim foi importante, e para os não indígenas é o mesmo.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 A convivência para nós é igual, eles são seres humanos como a gente, inclusive para você estou dando entrevista agora por gentileza, tanto é que a educação contribui tanto para você quanto para mim. [a relação com as pessoas de Recife e de Olinda foi] Muito boa, a gente teve a oportunidade de fazer contato com os guias lá, o pessoal está sendo gentil conosco, lá em Olinda mesmo o pessoal que veio conversar com a gente é bem educado, faz muitas perguntas, então está sendo muito bom para nós.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 [...] Tem uns que se dão bem com os índios, mas tem que cuidar da convivência dos índios com os brancos, com os índios não, hoje de manhã eu estava até falando com um cacique ali, ele até gostou, se achegar mais, nós irmãos índios e os outros povos também, para um se conhecer ao outro e chegar mais. Eu gostei do pessoal daqui, como dos índios quanto dos brancos, eu gostei porque todos os brancos do Recife ficam torcendo para os índios, enquanto na minha terra ninguém não faz isso.



2.19. O QUE PODERIA MELHORAR NOS JOGOS

Assurini/F/N/Atleta/29 Foi muito bom o que foi realizado. A gente veio aqui mostrar tudo que nós tinha pra mostrar.

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 Não, tá precisando não, tá tudo bem, tá muito mais melhor e vai melhorar mais pra frente.

Assurini/M/S/Liderança Artística Eu acho que para melhorar mais, eu acho que tinha que ter mais segurança, né, do jeito que nós tamos aqui é... aqui a cidade é grande, eu acho que, pra mim tinha que ter mais segurança. [...] É porque você tem este medo? É por que todo mundo diz que não é muita gente que gosta de índio, o branco, né, aí por isso que a gente tem medo.

Assurini/M/T/Liderança Indígena Ó, o que eu acho que deve ser feito aqui, na organização, é principalmente o local onde foi realizado as competições, tem uma estrutura boa para as competição, entendeu. No caso dos jogos, tem o jogo, né, o que ele devem ter é, principalmente, as etnias que tem é... aquelas bordunas, esses tipos de coisas assim, eu acho que não deve levar para o campo, entendeu. Só levar mesmo o material, no caso de enfeite, os cocar este tipo de coisa, mas agora arma, eu acho que deveria deixar, para evitar este tipo de coisa como o que aconteceu, né. A flecha, a borduna, entendeu. É no caso pra a participação nossa, principalmente isso é importante, porque este recurso tem

que ser enviado pelo menos um dia ou dois dias antes da gente sair da base, né, porque tem o dia, se for dia 24, a gente tem que sair, se for três dias de viagem, três dias antes. Então se a gente vai viajar amanhã, no caso, este dinheiro tem que tá disponível para nós um dia antes, entendeu. Porque a gente saiu de lá de Tucuruí, que tava previsto para gente sair numa segunda feira, a gente foi sair na terça-feira, não, na quarta-feira, então isso atrapalha, principalmente chega aqui já cansado, já encima de outra atividade, entendeu, atrasa, não só a gente sair de lá, que são os três dias, mas também possa acontecer do carro quebrar na viagem, furar um pneu, alguma coisa assim, então tudo isso contribui para que a gente chegue aqui atrasado, essas coisa assim.

Assurini/M/W/Atleta Pra melhorar não falta nada não, tá bom assim. [alojados] Foi bom. [...] A comida também tá bom, mesma comida que a gente come na aldeia. [...] tá bom também, porque todos os jogos é sempre na praia que a gente participa, né.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 Na verdade, assim, a gente tem muito que agradecer pelo acompanhamento que a entrevista que você tá fazendo com a gente, isso é mais um, um conhecimento, mais um ponto de avaliação que faz que tá acompanhando nosso povo, eu acho que é a gente fica, eu fico feliz e acredito que todos nós ficamos feliz, porque isso é um ponto de vista e é uma avaliação que faz diretamente e com nosso povo mais uma vez quero, quero, desejar a todos uma boa sorte e muito obrigado pela, pela entrevista. [...] É tê uma ajuda do governo pra nós, porque a gente sem ajuda não pode tentar não, tem que ter ajuda, porque tudo é dificuldade pra nós.

Atikum/M/A.R/Atleta/19 É isso mesmo, porque a gente [...] já veio pegando carro sem ter dinheiro pra pagar tudo, também a gente não tem material assim pra participar dos Jogos.

Atikum/M/J.F/Atleta Bom, deve melhorar as, tem muita coisa que tá desorganizado, como no caso de... quem manda aviso pra gente, não manda assim com tempo pra gente se preparar pra alguma atividades, nem disse totalmente quais eram as atividades que os jogos tinha. A gente veio sem saber e quando chegou aqui, aí foi que, aqui que a gente veio saber que tinha alguma, tinha várias apresentações, aí foi também gente era nem pra gente vim, muitos que tinha pra vim que era só pessoal de fora, né. Eu achei, eu acho isso é quase um tipo de discriminação como o povo [...] que só queriam os índios com quem, acho que só queriam os índios do Sul e dos outros estados.

Bakairi/F/D.K/40 Olha, eu não tenho reclamação de nada, nem do povo do Recife, nem de Olinda nem do local, nem do lugar, porque não é fácil tratar um montão de gente, é difícil! Então, eu não sei como dizer, então pra mim tanto faz. [...] Esses Jogos, não só na cidade, porque não na aldeia também, para outros que não conhecem. A gente só conhece aqui o povo, porque nós também não podemos fazer nossos jogos na aldeia, pra você também conhecer nossa aldeia, como nós vem conhecer você. Assim você tem oportunidade de conhecer nossa realidade...!

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural O que... a única coisa dos últimos Jogos dos Povos Indígenas que eu tava notando desde o início quando nós chegamos aqui em Recife foi quando... a parte higiênico. Os vasos lá do banheiro, tem muita água suja,

vai outro, pisa lá, os vasos, assim, sujos sem descarga, pouca água também nos banheiros. Então tem que começar... é uma coisa que tem que dar uma melhorada nos próximos jogos dos povos indígenas. [...] O alojamento também. Alojamento, aqui eu não sei como foi feito este aqui, mas nos outros últimos fizeram uma cabana, assim. Uma casa, assim, cada etnia tinha uma casa com uma distância meio longe, ficava até bom, porque ninguém atrapalhava o outro dormir, né. Mas a gente que ficou nos quartos, assim, a gente ficar assim cansado e incomodado com o barulho dos nossos parentes. Acabou a gente chamando atenção deles aí.

Bororo/M/V.T/Atleta Tem que ter [...] um acompanhamento, desde a saída dos atletas até aonde ela vai tá passando todo o período de Jogos. Por exemplo, primeiro você sai da aldeia, você sai da aldeia tem que ter um acompanhamento mais seguro... Nós tivemos um pouco de problema [...] o ônibus teve problemas, tivemos que ficar um pouco na estrada altas horas da madrugada. Neste sentido que eu vejo que a organização dos Jogos tem que ver esse ponto aí, que é o mais importante, a saída dos atletas até onde vão estar alojado. Agora onde encontrar o lugar tem que ver, principalmente quanto à higienização, por exemplo, banheiro, o próprio alojamento [...], pra nós é muito importante. A água, por exemplo, também, lá a gente vive num clima, aqui é totalmente outro clima, isso também causa alguns... Nosso organismo não está apto naquele clima lá ou então tá bebendo daquela água. Tudo isso é o que causa muito problema [...], com nossos parentes, na minha própria etnia também, diarreia, dor de barriga [...] a organização tem que prestar mais atenção nesses pontos aí. A saída e a estadia e higiene. [...] temos cozinheiros, temos faxineiros que limpam ali, aquele pátio, mas nos banheiros não vi [...]. Eu não vi isso e nem lá no alojamento [...], teve algumas reclamações [...], mas a gente leva pro lado do bom senso, isso não quer dizer que tá ruim, tá bom, mas tem que ser um pouquinho melhorado [...]. Eu não participei dos Jogos anteriores, mas pelo que meus colegas contaram que foi sim, foi diferente. Por causa que os alojamentos não era daquele jeito, era feito ocas... Várias oca [...], cada uma tinha uma etnia [...]. Que não era assim, inclusive essas ocas eram feitas e eram distribuídas redes [...] de dormir, onde todos dormiam na rede [...]. Eu acho que foi melhor. [...] Tem essa diferença [...], os Bororo não têm esta costume, de dormir na rede, passar a noite em rede. Mas é no chão mesmo. Tem esteira que a gente forra e a gente dorme, então da nossa parte a gente não viu problema nenhum, muito pelo contrário, a gente achou melhor, mais bom.

Gavião/F/D/Atleta/26 Eu acho assim a questão da comida deveria melhorar, da organização assim quando for servir a comida que é muitas vezes a gente tá assim, indisposta pra fica no sol quente, na fila, que acho que isso é um pouco desorganizado e assim, o ambiente onde a gente fica, como nós estamos ali dormindo no corredor, porque o espaço que eles separam pra gente não deu, e a gente tá dormindo assim no corredor, fora assim, tem muita coisa tá muito sujo, cheiro de coisa ruim lá, eu acho que deveria melhorar os banheiros também que são assim, não são bem organizado por causa da sujeira que tá lá, que a gente tá até sendo obrigado a banhar lá fora porque lá acho que não tem ninguém disposto a limpar o banheiro, acho que deveria melhorar.

Gavião/F/K/Atleta É como eu já falei, né, é nossa comida assim tá muito mal, porque tem muita gente que tem intestino fraco também, é diferente, ele como é nosso alimento mesmo natural. E nos apartamento também dá uma olhada assim, pro pessoal porque tem muita muriçoca aí, o pessoal tá reclamando.

Gavião/M/A/Atleta/35 Investimento, estrutura melhor também, [...] em termos de saneamento básico, porque todo índio [...] gosta de tomar banho de manhã, de tarde na beira do rio e deixa a gente num lugar afastado, sem água, também, um banheiro só. Tanta pessoa, né, há pouco banheiro. [...] dentro da comunidade da comemoração [...] Os dormitórios [...], banheiros, da alimentação quando a organizadora for fazer alojamento e onde vai ser a arena também, porque fica muito afastado, perde muito tempo indo e vindo, mesmo jeito, mas pouca coisa e às vez tem pouco tempo pra dormir, pra descansar pro outro dia. Isso tudo atrapalha também! Os atletas, eu quero destacar também, aí cortes, sugeri que a organização devia ser um pouco mais diferente com relação as etnias, se fosse assim, tudo um próximo do outro seria melhor, mas afastado assim atrapalha demais.

Gavião/M/J.K/Liderança Indígena A minha sugestão, eu acho que podia melhorar o nosso alojamento [risos] que quando a gente vem num sente a vontade, né, como na praia, cada um ter sua barraca, eu acho que é mais melhor do que num alojamento tudo junto, num lugar quente acho que seria melhor na praia, né.

Kambiwá/M/G.F.N (s/id) O espaço tá bom, agora é um pouco distante o local onde a gente tá alojado, o que cansa mais é essa caminhada, se fosse um pouco mais perto da arena ficava melhor, né. [...] Eles tudo são legal, tem pessoalmente dois que orienta a gente, sempre tá junto com a gente, muito bom não tenho que falar dele.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Bom...dependendo da organização, porque se, se a organização puder ouvir essa questão, melhora pra gente que num tá compreendendo acha que a única razão de nós reclamar, pra que eles pode melhorar.

Kapinawá/F/L/Atleta A relação foi muito boa, eles receberam a gente muito bem, sem desclassificação por ser índio ou por não ser. Receberam a gente muito bem [...], estão realmente de parabéns. [...] eu acho que foi bem organizado, foi tudo bem planejado, só eu acho que [...] falta mesmo é melhorar a dormida da gente [...], como a gente vê a etnia Pankará junto com Kapinawá e Pankararu no mesmo ônibus, a gente teve que ficar no mesmo quarto, os homens junto com as mulheres então eu acho assim, que deveria ter camas, não precisa trazer colchão, apesar deles ter dado colchonetes aqui, mas assim, que já tivesse tudo pronto, seria mais melhor do que a gente trazer.

Kapinawá/M/R/Atleta Não, aqui por atachê, tá bom, de dia tá bom, mas a noite sente incomodado, a gente vê que tem bastante barulho, tem gente que tá muito cansado das atividades, aí precisa dormir, outros foram competir, cansado das pessoas que vieram torcer e participar dos rituais, veio pra se televisionado, são essas pessoas que não tiveram aquele esforço físico, não tá na boa, mas a gente que chega cansado das competições, eles pedem, tem que dormir, eles janta como é o caso, chega janta primeiro, toma banho e aí dorme, né? Não adianta deitar, aí lá aquele barulho, ninguém dorme, aí quando é essa

hora tá com o olho ardendo, cansado aí vai pra arena, daqui a pouco vai pra arena e só volta lá pra 8 horas da noite aí vai desgastado, é desgastante e estressante. Acho que devia os organizadores do evento, os patrocinadores talvez aí essa questão, né!? Poderia sim. Só os atletas ficarem num canto, ou seja, se tem 10 atletas de Kapinawá, aqueles 10 atletas eles ficariam num campo separado pra que num fosse incomodados, ficasse lá e tivesse assim o seu momento de brincá e também, todo mundo parou e o dirigente “Ò, é hora de todo mundo dormir, e amanhã a gente tem atividade”, mas também lá na casa e nem mesmo ele, né, o dirigente pode dormir sossegado então, só essas coisas que a gente não estamos acostumados, então fica mais desgastante, quando é no final de toda a competição, a gente vai lá com uma baita dor de cabeça.

Kuikuro/F/K/Atleta/32 Campo bem organizado hoje. Eu gostei muito. Só que, o... o... aqui de muriçoca, eu não consegui dormir, só que tem ruim pra nós.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 O que podia melhorar na participação é... eu sempre achei bom, né. Acho que não, eu sempre acho bom, a primeira coisa, única que eu não acho bom é o alojamento que teve, sempre fica assim no meio da cidade, isso não é bom pra mim também, fica ali afastado na praia, né, aí fica mais bem pra mim, como foi em Parapani, a gente ficou na praia, aí é mais bom pra nós, pros índios pra gente tomarem banho no rio e outra coisa também, eu quero que organizadores façam é na época da seca, essa competição, os jogos indígenas quero que os jogos indígenas ocorre sempre no mês de outubro, setembro e outubro, novembro já é época de chuva, alaga as casas a gente ficou sem casa lá, a gente tava deitado quando acordou tava tudo alagado. Só tem a água da chuva, então isso de fato melhorar na organização, falta alojamento, a comida tá boa, a competição tá boa e ônibus tá boa e único que não está melhor, que não está melhor, né, o alojamento, como aqui, nós estamos, não é adequado não, um pouco, mas é bom, aqui é mais pior do que os outros, porque sabe porque que eu falei? Tem muita muriçoca pra gente, não gosta, né, não deixa a gente dormir esta noite, algum consegue dormir, alguns não consegue a isso é um lugar que é, né, não é o lugar de nós aqui tem mosquito, eu só posso falar assim, só o único jeito que eu não gosto, só falta melhorar o alojamento.

Manoki/M/J.M.A/Atleta Acho que a organização por enquanto tá bom, porque tudo que a gente não tem muita informação, eles traz para a gente ficar informado, é muito importante para nós.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 Olinda é um lugar bem organizado, o que eu fiquei mais triste é com a poluição da praia, o pessoal joga muito lixo e eu fiquei muito triste, porque a água é vida, já o pessoal de Recife são pessoas muito organizadas e não tenho o que dizer deles, porque é aqui que nós temos a FUNASA que trata da saúde da gente, temos a [...] FUNAI dá muita força a todos os índios pernambucanos, os hospitais daqui, todas as etnias de Pernambuco, o pessoal daqui vem se tratar e todos os hospitais que a gente chega somos bem recebido e se Deus quiser a gente vai chegar lá.

Pankará/G.P/Atleta O local onde a gente ficou eu acho que não é muito agradável, mas a gente participou e estamos aí, [...] Eu acho que o espaço lá na arena é um espaço

legal para a competição da tora, do arco e flecha, mas eu acharia que o futebol de areia devia ser realizado lá também.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 Esses jogos para a gente eu acho que está bom demais, é só treinar mais e melhorar [...] Aqui foi diferente porque teve aquele jogo de tora das mulheres pegar 100 kg e os homens 120 kg...

Pankararu/M/F/Liderança Indígena Do resto do país, vocês pode ver, vocês pode fazer uma análise na hora de chamar, é eu acho isso um grande desrespeito, que nem eu disse mesmo ali na reunião com próprio Carlos Terena ou é Marcos Terena, tá entendendo. Eu falei isso a ele que é um desrespeito e falei pro outros organizador que não pode acontecer e tá acontecendo e aconteceu, aliás, que é agora aqui.

Pankararu/M/G/Liderança Indígena Ó, pelo que eu tô prestando atenção não teve muita, muito não foi muito divulgado esse evento, pessoal que tão vendendo artesanato, muitos tão reclamando que não tá vendendo bem, não é pela questão do preço, é questão do público, a questão que a gente tá indo daqui para Olinda pra Arena, a gente chega lá, coloca o material, daqui a pouco quando tá começando a vender, já é hora de vir, essa é uma questão. Tem uma questão também do local que a gente está, tem muita muriçocas, né, muitos vêm de muito longe do Brasil. Pra nós não, que a gente tá aqui no estado, mas muito que vem do Norte, nos ônibus velhos, muitos até quebrados, aí esses são uma questões.

Pataxó/F/S/Atleta Esse ano foi muito diferente os jogos, que o melhor jogo pra mim que eu participou que eu participei foi Marapoani [ou Maraponã], foi um dos melhores, mas que todos é bom, né, porque a gente tá participando, mas um dos melhores que teve pra mim foi Maraponi. [...] A organização assim foi boa, foi boa, até então, até então pra mim eu achei que com certeza foi boa, mas assim eu acho que a gente poderia estar num lugar mais sagrado como se fosse oca, outros lugares é mais... aqui é totalmente que tá bom mesmo eu não tenho nada que reclamar, mas eu gostaria que fosse oca mesmo que é uma coisa tradicional do índio.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Bom, hoje o patchunukai que é uma luta que a gente não faz aqui, mas que a gente faz na aldeia. Tem o revezamento de corrida com tora, corrida com maracá que também a gente não fez aqui, arco e flecha, apesar da gente ter uma habilidade maior com armadilhas, mas também a gente pratica o arco e flecha, natação e canoagem. Mas não tem que ser no remo aqui e nosso tipo de canoa é diferente do que a que eles trouxeram. Eles remam de lado e a gente rema atrás da canoa, então dá muito mais velocidade. Se houvesse esta prática a gente ganharia fácil. Então este contato com a natureza é muito mais direto.

Pataxó/M/T/Atleta [...] meus pais sempre quando vão pros jogos, eles sempre fala que o público tá sempre presente com eles, assim como tá na arena muita gente, sempre quando os Pataxó entram na arena todo mundo aplaude, fica todo mundo alegre. [...] É sempre eles incentivam mais a gente, pra sempre tá fazendo a coisa mais melhor que a outra. Cada jogos [...] a gente vai querer só mais melhorar a nossa aparência pra eles e con-

tinuar sempre [...] Eu acho que [risos] precisa ter mais festa à noite, que não tem, sempre eles falam, ah, “vai ter festa hoje”, sempre à noite, nunca, nunca... Sempre teve, mas eles deixam sempre pra um dia antes do encerramento. [...] muito na expectativa que vai ter, conhecer mais, mais os povos.

Rikbaktsa/F/L/Atleta [...] em todo os Jogos que a gente participou, ela sempre foi mais cedo, começa às sete horas, o café às seis horas e também atleta que ia jogar. Atleta que ia pro campo jogar, primeiro jogo então, elas tem direito então de ir primeiro na fila tomar café pra ela podê ir e cada ônibus também tinha de sair hora [...], mas agora o ônibus [...]. Então esses jogos foi diferente que assim que cabava jogo ou cabava apresentações, em vez de dizer que tinha que ir embora pro acampamento, eles iam embora na frente, e às vezes assim jantava, almoçava assim muito cedo. [...] Pra mim tem que se melhorar mais é questão da água e do banheiro, [...] porque muitas vez a gente tá com pressa de tomar banho, pra fazer uma apresentação e gente tem que é pegar fila. [...] a casa ela tem que ser mais feita, [...] porque ontem choveu e molhou tudo, aí pessoal [...] trabalhou pra juntar [...].

Rikbaktsa/M/G/Atleta/22 Até agora achei muito bom, as pessoas que eu conheci são bem educadas, tá certo que tem aquilo, outro que não tem pensamento, né, positivo, só negativo. Então até agora tá sendo muito ótimo, tá sendo 10 aqui pra falar aqui. [...] É só tem duas coisa, primeiro é cumprir os horários que foi combinado [...], o horário combinado [...], está sendo outro [...] estrutura da casa que tinha que ser mais um pouco bem estruturada, como ontem aqui, deu uma chuva [...], já molhou todo mundo quase [...] todo o colchão, não tem condições de dormir, então era isso...

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 A diferença, né, do outro jogo essa que a gente faz é ficou muito melhor, porque participei um jogo lá, lá na aldeia, né, todo mundo foi lá e ficamos sem colchão pior que aqui, né, ficamos sem colchão, dormimos assim e a comida não era tão legal faltava comida, passamos fome lá, mas esses jogos acontecem aqui e muito melhor pra nós. [...] Melhorar, eu acho que é falta de organização, pra ter uma boa apresentação e a equipe, né, da organização também seria bom, é porque a gente vimo pra cá sofremo muito no caminho também e aí tem que mudar isso emprestamos um dinheiro lá e a coordenação da equipe não depositaram dinheiro pra nós então seria esta mudança, né, tem que ter um bom atendimento e pra que não aconteça mais nos próximos jogos.

Tapirapé/M/A/Atleta É ah, a diferença foi só a um campo [risos], agora o resto são todos iguais porque é antes nós só jogava futebol de campo memo o que é só arena, né. [...]O que [...] tem que melhorar é jogar no campo de futebol. [...] Ficaria melhor num estádio. [...] É porque na minha região lá não tem areia pra nós treinar.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Na minha avaliação... é... no jogo, é teria colocado, aqui né, todos nós, precisamos melhorar o nosso time, o nosso organização podemos melhorar todos o que tá na, no jogo podemos melhorar bastante, podemos melhorar alimentação, podemos melhorar é alojamento adequado, podemos melhorar é o saneamento básico, é

faz parte da saneamento da saúde também esse aí, precisamos melhorar que no jogo porque nós viemos participar.

Tenharim/M/V/Atleta/20 Rapaz, deixe eu só dá uma falada aqui em relação é a parte da alimentação. Eu acho até que durante nós estamos aqui avaliei que a alimentação correspondendo, correspondendo assim no número de pessoas tá, mas com relação ao preparo, num tá sendo, a gente vê que o feijão aqui... [...] A qualidade. A gente vê que o feijão não tá com aquela qualidade que a gente tá adquirindo lá, tá não, todas as coisas têm que ser de primeira, né? O feijão tem que ser de primeira, daquele que amolece bem, a gente tá mostrando até o feijão não tá bem mole, então isso aí prejudica a saúde da gente! Bom, aqui mesmo nesta localidade, né, eu acho que com relação é a parte do alojamento, aqui é eu acho que vai ter que melhora nos próximos, porque esses que vêm com a família não acostuma de fica deitado assim no chão, mas tinha que se um colchão com cama, né, você já alugava algum hotel, alguma coisa assim pra umas coisas mais adequadas pra... [...] Então, isso precisa ser melhorado, essa parte aí.

Terena/F/S/Atleta/17 É porque na aldeia a gente costuma se banhar direto, né, agora aqui até agora a gente não fomos ainda lá. A gente fomos para competir, mas pra tomar banho não. (S-T) É como, assim, na minha opinião o que eu vejo assim tá tudo bem, né, mas claro que a gente quer que os jogos, assim, a recepção, assim, melhore a cada jogos, que possa tá melhorando. Por mim, da minha parte, tá tudo bem, pode melhorar, mas pra mim tá tudo ótimo.

Terena/M/E/Artista/35 Melhorar na parte da... assim, onde nós fazemos, é... onde os indígenas fazem a parte de higiene, né, porque tem que ser, atender mais de mil índios nos jogos, tem que tá preparado para atender. Não somente no alojamento, onde que eles vão dormir, onde nós vamos dormir não é nada, mas a minha preocupação é... [...] Não aqui, onde que tomar banho, onde... é muito pequeno, não cabe muitas pessoas. Muitas vezes, as pessoas que estão organizando não dão conta de fazer limpeza naquele local, né. [...] tem que ter limpeza nos banheiros, isso é muito importante, porque como que nós vamos... não é por causa que somos índios, não, não é assim, nós somos... tem que ter higiene, né. Isso que eu que eu vi aqui. [...] A... pra nós seria o alojamento, quer dizer o nosso alojamento pra nós tá bom, mas só que seria melhor procurar abrigar bem, procurar fazer o melhor, para que nós, as tribos, as etnias para que possamos gostar do atendimento do pessoal que estão organizando esse evento, né, que na alimentação, porque muitas etnias consomem muito peixe, e no decorrer, no decorrer dos jogos não tem nada.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Olha, eu gostaria [...] que acontecesse esses jogos a nível regional. Regional porque a gente sai de lá da aldeia e muitos querem vir também. A gente gostaria que isso fosse acontecer lá na aldeia também, através dos estados. Cada estado promover [...]. E de lá a gente trazer uma participação no esporte a nível nacional. [...] nos últimos Jogos em Fortaleza, nós ficamos alojados ao lado da praia, bem ao lado do mar assim. Com outros atletas e a arena esta distância também. É longe, na parte central da cidade de Fortaleza e foi legal, outros jogos, assim, a gente também ficou alojado, foi construídas algumas ocas, separadas cada etnia com sua oca, então essas

são as diferenças [...] Uma coisa [...] é a questão do transporte, porque o transporte nosso foi bastante difícil. Você vê que quebrou duas vezes nosso ônibus, ficamos o dia inteiro no caminho, andamos mais um pouco, ficamos mais um dia inteiro. Eu sugeriria que os ônibus das etnias fossem das regiões, porque eu já participei de Jogos e que o ônibus nosso foi da nossa região. Então o ônibus que conhece a gente, que faz linha dentro da aldeia, conhece e eles se prepararam pra levar a gente. E pra chegar a Pernambuco parece até que o ônibus não foi preparado, quebrou, falta de manutenção, tudo, foi um problema sério.

Terena/M/T/Atleta/16 [...] na parte dos jogos, a gente não teve problema, mas na parte dos alojamentos é... Porque geralmente quando a gente vai para eventos é tudo dividido [...] chegou aqui fica tudo amontoado. [...] A gente chegou aqui domingo já era de madrugada, não tinha ninguém para nós recepcionar. A gente [...] encontrou um pessoal que nem daqui é, era de Mato Grosso, deu um jeito pra gente se ajeitar. Eu acho que isso ficou um pouquinho chato, mas a gente entende [...] A gente tá aqui, não tenho nada a reclamar, mas eu tô gostando muito de estar aqui em Olinda. [...] Olha, o segundos Jogos dos Povos Indígenas que aconteceu em Guairá, no Paraná, no ano 98, a gente [...] ficou hospedado [...], cada etnia ficou com um quarto, um banheiro. E também em Palmas, Tocantins em 2003, a gente teve uma recepção muito boa, não que aqui o pessoal tenha nos recepcionado mal, mas eu acho que a parte da organização pra gente ficar foi meio complicado. [...] Os banheiros todos.

Umutina/M/J/Atleta Acho que pra melhorar, né, acho que deveria ser mais assim, é assim jogos tradicionais de índio memo, que é mais bom e [pausa/pensativo] devia dançar mais as danças, assim ter um horário especial pra dançar.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 Tá sendo bom, muito bom as pessoas daqui de Recife e Olinda, bom demais para nós, eu acho que é muito bom para gente, muito importante. [...] Alimentação e alojamento e o lugar que a gente ficar.

Xokleng/F/L/Liderança Indígena/21 Na próxima vez, nós queremos que viessem mais. [...] O arco e flecha [...] Ela não tá assim... Handebol, vôlei, futsal [...] o nosso esporte tradicional era para ter mandado para o Marcos Terena para incluir nesses jogos, mas eu não tive tempo de mandar, que seria quase uma Peteca, mas não seria uma Peteca, eles fazem com bexiga de porco do mato, eles lavam aquilo lá e enche ele e coloca umas penas em cima, eles jogam quase que nem vôlei, mas é composto por duas pessoas, dois aqui e dois lá, isso aqui não está sendo realizado aqui. [...] Ele acabou de falar da energia, a gente não está carregando o nosso celular, sobre a água, eu sei que esse problema não é dos guias e sim da organização, eles estão tirando água da torneira para dar para a gente, tá dando disenteria em todo mundo, não só nas crianças. Foram hospitalizado ontem, até mesmo eu e por causa disso, não participaram do cabo de guerra feminino, porque todas elas estavam com isso aí. Eu gostaria que toda noite desse água para a gente, os nossos índios bebem muita água durante a noite. [...] Eu estava explicando isso agora, em Juiz de Fora tinha um fardo de água para cada atleta, a tarde também, então não houve esse problema, também estava quente lá. Outra coisa que eu queria dizer, que o pessoal trouxe

artesanato e eles não estão tendo acesso de comércio, tem pouca gente aqui que trouxe até mais coisas que nós. Então eu gostaria que eles fizessem um espaço de exposição aqui para, não só nós, mas todos fizessem a sua venda.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Eu acho que está muito ótimo, os jogos devido à viagem, o que eu senti que nós viemos em pouco, nós somos em 20, então eles revezam as modalidades, ontem nós perdemos o cabo de guerra porque os mesmos que foram no futebol é o que estavam no cabo de guerra, então, isso cansa muito os atletas, então acho que deveriam dar mais oportunidade para nós trazer mais pessoas de lá.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 A gente sugere que possamos trazer mais pessoas para revezar os atletas, por exemplo, ontem os mesmos que participaram do futebol foram os que fizeram o cabo de guerra, são dez homens que foram fazer as atividades, então é muito cansativo, a gente pede a oportunidade para trazer mais pessoas da próxima vez. [...] Foi diferente porque a gente jogou em estádios de exército, então eles que davam cobertura para a gente, dava um fardo de água para cada atleta, inclusive produtos para higiene pessoal. [...] Mais segurança para os povos indígenas e o comércio, principalmente o comércio, teve uns que vieram para fazer atletismo e outros vieram para fazer comércio e não tiveram oportunidade.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/22 A participação é muito boa, mas só aqui... água, não sei se é água tá causando muita doença, está insuportável, muito pernillongo, não dá para a gente dormir direito. [...] Não sei. Mais a questão do alojamento, ser mais organizado. A gente chega aqui na surpresa do alojamento, água, principalmente na parte da higiene pessoal, porque a gente precisa e tem muita gente que traz e não dura durante toda uma semana. Isso seria mais conveniente para nós.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 [...] hoje de manhã tava faltando energia para carregar o celular, ouvir música, isso faz parte da cultura, nós temos um CD que é indígena para nós cantar junto. E depois alimentação das crianças, falta leite [...] mesmo água tratada, essas águas da torneira tá deixando o pessoal com dor de barriga [...]. Colocar um pessoal em um lugar mais adequado [...], aqui tá bom, mas tem muito pernillongo, numa dessa entra um pernillongo da dengue... É um prejuízo.



2.20. AVALIAÇÃO DOS JOGOS

Assurini/F/N/Atleta/29 Nos outros jogos nós fomos, o local que nos ficamos era outro, outro local foi muito diferente, assim, teve canoagem, aqui eu acho que não tem canoagem. Achemo muito bom o local onde nos tamo, né, muito bom.

Assurini/M/S/Liderança Artística O alojamento, eu achei ele assim meio, meio incomodado, porque fica muito cheio, um lugarzinho assim fica muito abafado, assim

quente e também tem muita muriçoca aqui, a gente quase nem dorme de noite. O lugarzinho lá onde a gente joga bola ficou bom, agora a arena, também ficou bom, agora apaga, tem muito vento. Atrapalha a gente.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 De modo particular não tenho nada a reclamar, até porque assim, é Pernambuco, esse é um dos eventos que a gente participou também, que graças a Deus nos fomos bem recebidos é quando e quando Jogos lá que aconteceu eu não tenho nada, eu não, eu não tenho assim, alguma coisa, críticas, eu só tenho que agradecer o pessoal que realmente nos acolheram muito bem, também ficamos mais feliz porque Pernambuco... é saiu na frente com cabo de guerra, ontem foi a final, hoje a gente tá aí na arena liderança pra receber os nossos troféus, medalha também e é assim a gente volta muito feliz porque a nossa equipe que veio todo mundo participou, todo, o pajé, como liderança tanto o pajé como lideranças aqueles lado as lideranças, todo mundo participa, todo mundo dança, todo mundo festeja, foi uma festa bem bem animada, realmente estamos bem entrosados na hora do nosso ritual não teve nenhuma falha, assim eu fiquei feliz mesmo pelo... fiquei muito feliz pela [...] sabe que a gente veio é assim, foi dez e acho que não tem nada a reclamar.

Atikum/M/A.R/Atleta/19 Achei legal, tão só que a gente não tinha muito costume com o futebol de areia, aí ficou meio estranho também.

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 Foi a presença, a gente achou muito fraca, porque a gente se sentiu fraco nessa parte.

Bakairi/F/A/Atleta/16 Avalio muito bem a equipe, a equipe fica tudo reunido, a equipe tá de parabéns.

Gavião/F/K/Atleta Ah, foi muito bom, né. Nosso pessoal tava ansioso pra vim conhecer principalmente a cidade também, conhecer a cidade, como é que era...

Gavião/M/A/Atleta/35 Na avaliação de zero a dez, tá oito e meio.

Gavião/M/J/Atleta/20 Eu, assim na minha opinião, nós, entre índios, nós sempre se sentimos bem, né, porque nós somos todos iguais, mais em termos de vocês aqui, eu, os brancos sempre recebemos a gente bem... é quando a gente chegou teve gente que recebeu, levou nós pra alojamento, eu acho que isso aí, né, é o principal da competição que é, porque se ninguém recebesse a gente como é que a gente ia ficar, aí eu acho que essa parte aí do branco que eles faz muito melhor é bem educado com gente, muito legal.

Kambiawá/M/G.F.N (s/id) Ah, tá muito bom, ainda que trata muito bem a gente, sobre os outros povos não, a maior parte lá conhecia de outra reunião da educação que a gente veio junto, além disso a gente tem um conselho de professores que de cada povo, tem 3 representante que chama COPIPE, os professores do estado de Pernambuco é organizado por essa comissão, né!? E, portanto, a gente tem 2 encontros por ano, a cada povo tem um, aí chega e por isso tamos sempre junto, nós toda a liderança a maior parte nós estamos unidos e nós somos todo como se fosse um povo só. [...] Eu considero bom, porque a maior parte da gente que tão organizando é... são muito legal, eu não vejo nada eu tô gostando muito do pessoal, a torcida agita muito, dá muito valor, é o pernambuco

cano porque na hora de troca.... vê que tamos liderando, nem lá na arquibancada e maior barulho, né, e veja bem nós vamos pra final e ser campeão.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Bom, eu acho que nós índio, o local não impede o esporte, né, porque nós vive no mato, o cerrado é grande, com pedra, buraco, espinho, então eu acho que o local tá suficiente pro atleta, pode ficar por aqui.

Kapinawá/F/L/Atleta O local, gostei, é maravilhoso, não tenho que reclamar acho que de nada, de nada mesmo.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 Geraldão, arena, só não gostei do campo onde foi jogado futebol de areia, porque não tem estrutura de nada, todo mundo ficou lá morrendo no sol, sabe eu pensei que ia ser na praia... a gente fica debaixo dos pés de árvore, não luta, todo mundo lá, muita gente saiu com dor de cabeça, da casa da gente ficou com febre tudo.

Kuikuro/F/K/Atleta/32 Ah! Tudo bem, pra mim tudo bom, pra ver como índio, pra vive. Pra mim não tem problema, tem que ver índio, né, pra quem é índio, muito branco não conheceu índio não, ele não sabe como é índio, eu gosto pra ver isso, nosso movimento dos jogos lá na praia. Eu gostei muito, a gente presta bem no artesanato, bom que ele tá pegando assim, a gente tá conseguindo alguma coisa pra vender, então ele tá ajudando a gente também, eu gosto muito esse aí.

Pankará/G.P/Atleta O local onde a gente ficou, eu acho que não é muito agradável, mas a gente participou e estamos aí. Nossa relação com o pessoal de Recife é uma relação boa, porque sempre eles perguntam alguma coisa para a gente, está ótimo. Eu acho que o espaço lá na arena é um espaço legal para a competição da tora, do arco e flecha, mas eu acharia que o futebol de areia devia ser realizado lá também.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena Tá sendo muito bom mesmo, é assim eu vejo assim da representatividade dos outros povos porque eu pedi, eu pedi também os organizadores para Pankará entrar e fazer uma apresentação, foi excluído, eles estavam botando quem eles bem queria na parte da organização, foi excluído os Pankará, tavam botando [...], tava botando Gavião, então eu achei isso na organização um desrespeito porque outro pediu pra botá Pankará e eles fizeram de conta que sim, mas a realidade excluído porque eu acho que os povos indígenas [...] como povo indígena daqui da parte do Nordeste não não faz distinção com nenhuma etnia, não faz distinção com outro povo não índio que a gente se junta pra conversar. Eu penso dentro da organização como é uma parte dos, dos jogos indígenas nacional como tá acontecendo, que esse não é o primeiro, eu participei de um em Guairá, que eu participei, esse é o 2º que nós tamo participando em um número maior Pankararu, mas eu penso assim que na organização, dessa parte dos jogos indígenas nacional, ele tem que ter mais, aquilo mais, aquele amor mais com todos os povos [...]. Como vem Pankará, como vem Apiku, Kapinawá, é Pankararu e outros povos que tá aqui Apiku, Kapinawá, é Pankararu, kambiwá, esse assim que o povo dos organizadores, que eles viesse a tribo, se eu tô organizando pra vocês hoje, vocês querem ou não, penso nesse sentido, deles vim “apresentação hoje é de Pankará, apresentação é de Apiku

pra vocês hoje, apresentação hoje é de Kambiwá, mas não chegou nenhum momento disso, enquanto a gente a gente colocou Pankará pra fazer apresentação, eles fingiram que Pankará não existia, botava outras tribos. Então, desde o começo, que já começou um desrespeito com a gente nesse ambiente, um ambiente de acolher muita gente, muitos povos indígenas, muitas crianças adoeceram, muitas crianças, muitos adultos adoeceram também com dor de barriga, com diarreia, né, e eu, eu, eu, é muito bom o encontro dos povos indígenas, os jogos nacional, uma troca de cultura, conhecer a cultura de cada um principalmente pra onde tá acontecendo aqui no estado de Pernambuco, em Olinda, na Arena, aquele povão aplaudindo, mas é bom que todo o o povo do estado de Pernambuco, principalmente Olinda, Recife mesmo que tenha mais aquele carinho pelos povos indígenas pra conhecer mesmo, que índio não tem só na Amazônia não, índio também tem aqui, onde mora Olinda, as margens de todo o mar era toda indígena.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Sim, acho que não só o futebol tem algumas modalidades que a gente poderia tá convidando pessoas até da plateia para poder participar. No caso, o arco e flecha é muito fácil fazer isso, algumas modalidades que você tenha segurança é bom fazer. Não falo corrida com tora, você não vai mandar alguém que não tenha prática correr com a tora, é muito perigoso, mas eu acho que no futebol, fazer um amistoso entre pessoas de outras comunidades, enfim, é interessante, a gente até brincava aqui, que aqui em Recife tem dois grandes times, que é o Náutico e o Sport, eu falei: pôxa porque não pegou um dia de cada etnia e fazer um amistoso com um time desses, né, para poder fazer alguma coisa de diferente é interessante a gente pensar nisso também. [...] No caso, nossos jogos mesmo a gente não tem o que aqui tá tendo, aqui tem esta questão de ir para a final, quem vence vai para a final. Eu sou um dos organizadores, no caso eu coordeno os jogos da aldeia. Eu sou coordenador geral e lá eu tirei isso. Nós temos atividades como apresentação, não temos como competição. Se eu ganho no cabo de guerra hoje, eu não posso disputar amanhã pra saber quem vai para a final. Não, participei hoje, fiz a demonstração, arco e flecha a mesma coisa. Claro, tem modalidades que você consegue identificar quem é o melhor, mas isso não é um critério para a competição, isso é um critério natural do próprio jogo, no próprio evento a gente tira esta competição. [...] Bom aí tem uma coisa que é muito confusa é... Essa administração, os organizadores até estavam explicando pra gente... Quando envolve Município, Estado e Federação aí fica... Um diz uma coisa, o outro diz outra, o que não pode, o que pode! A gente acaba sendo prejudicado neste sentido, porque a gente não tem uma participação maior, mas eu acho que se houvesse uma gestão transparente, criteriosa, no que diz respeito ao recurso, no que diz respeito ao local definido, onde as pessoas vão se acomodar. Aqui, por exemplo, não tem suporte para tanta gente, então tomar banho aqui de manhã é uma festa, tem que ter um humor daquele para poder ficar tranquilo. Então, eu acho assim, deve ter um critério de avaliação de onde vai ficar, de como vai ser esta logística, não simplesmente fazer pensando neste lado político de tentar ser: “ah eu sou bonzinho pra os índios, porque fiz os jogos”, não é bem assim! Eu acho que a gente tem capacidade suficiente para poder

administrar uma coisa desse porte também, porque a gente entende o que o outro quer, a gente consegue fazer isso. E quando envolve político, o discurso é muito bonito, cada um faz uma oratória que é uma beleza, mas na hora da prática a gente perde muito, nesta questão, da organização.

Pataxó/M/T/Atleta Um bom lugar é [...] eu não fui muito assim, pra conhecer a praia de Recife, eu não dei muito bem não [risos] com esse negócio das praias, mas é linda as praias, muito linda. Ontem mesmo teve passeio, fui conhecer os rios, os manguezais, que tão acontecendo com os rios daqui, que o povo daqui não tão preservando muito, jogando muito lixos nos rios, a gente conheceu a praia que tem aqui, lá na frente, tipo um paredão lá, que eu achei muito interessante aquilo ali, que lá também na cidade o mar tá quase também entrando lá, sempre tá aumentando mais.

Rikbaktsa/F/L/Atleta Ah, que não foi, foi só o mar, onde é pra gente tomá banho, não tem lugar, quer dizer tem lugar, mas tem muita gente, nós quer toma banho no mar, mas não tem lugar. Já, só que nos outros lugares que foi que tinha mar era diferente. Era mais raso.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 É... para mim, eu acho que nós somos seres humanos temos que assim é se conhecer, né, e conhecer as pessoas diferentes e conversar assim e até porque a gente nunca viu e como a gente tamo aqui, né, e pra mim é muito bom conhecer esta cidade e pessoas vem aqui, eles também quer conhecer os povos indígenas nós também quer conhecer muita gente também.

Tapirapé/M/A/Atleta Olha, eles, eles tão gostando eu pelo menos o que eu, ele me falou é porque que eles tão gostando mais é da venda dos artesanatos deles porque lá, lá na Bahia, Fortaleza, não vieram assim não se via que é por isso que tem a cobertura que não sei, então é isso que tão gostando de Pernambuco do Recife.

Tapirapé/M/G/Atleta Nós, Tapirapé assim, desse apartamento aqui eu acho que uma organização boa, né, e uma organização tem voluntário pra acompanhar os indígenas, eu acho que um controle que não tá criando um maior prejuízo, na cidade, né. Porque é uma cidade grande, eu acho que uma cidade que tem uma população que gosta dos povos indígenas que vai na arena, que dá um agito lá pro povos indígenas, né, gostei deles sim.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Na minha avaliação, é eu vejo muito é a cultura diferente com eu falo, a da dança diferente, pintura corporal diferente, é língua diferente, então essas, essa é a minha avaliação, eu fico muito feliz, né, porque eu já aprendi algumas palavras do outro etnia, então isso é muito importante pra nós aprender a língua, a língua diferente dos nossos parentes, então isso é pra na minha avaliação foi muito ótima essa participação de todas as etnias aqui nos jogos.

Tenharim/M/L/Cacique Bom, lá pra nós é um excelente, porque fica na beira do rio, né, nós pensava que era fora do rio né, agora pra nós que num... a gente já convive muito com a beira do rio, a gente quase não tem muito costume assim, região seca, então por isso que quando nós fomos vê. [...] Não dá pra beber, né, é uma diferença [risos]. Não

pode beber, alguém falou. [...] Então, então pra isso eu quero dizer pra você que pra nós foi um lugar de recepção muito excelente, agradece muito isso aí.

Terena/F/S/Atleta/17 Bom, pelo que, pelo meu ponto de vista, o que eu tenho visto aqui que a gente foi recepcionado super bem, não só aqui, mas como todos os jogos que a gente participa, a gente tem recebido um calor imenso de Recife, vocês recebem a gente muito bem, com todo carinho, com todo amor, porque tem cidades que às vezes não liga, né, mas é meio difícil a gente encontrar cidades, assim que...os atachês também são super legal, e eu tô achando muito bom esta cidade de Recife que foi escolhido pra isso, né. [...] Muito bem estudado aonde foi colocado aqui.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Lá na arena? Lá... eu achei interessante, achei legal, porque eu acho que é um local que tá, assim, aberto pro público, né, aqui de Recife, Olinda e pra nós também interessante, porque a gente veio aqui conheceu o mar e muitos não conheciam. Então, essa troca foi muito legal, porque a gente tá indo embora, levando uma boa imagem da cidade aqui.

Umutina/F/C/Associação de Mulheres Umutina Eu agradeço, lindo tudo, lindo tudo que veio pra gente, as comidas, as meninas da cozinha, os coordenadores que coordenaram estes eventos eu agradeço eles de coração com minha equipe.

Umutina/M/J/Atleta Ô, eles estão participando de tudo as atividades daqui, todo mundo gosta de brincar, de participar de tudo e isso aí.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 Uma coisa que aconteceu aqui, nós não estamos gostando, porque, porque o pessoal está mal organizado, era para a gente jogar em campo gramado, mas quando a gente chegou aqui mudou a ideia e nós jogamos de areia, ninguém acha bom. [...] Da areia, nós não gostamos não, o meus jogadores não acham bom não, não sabem jogar, porque já acostumaram de jogar no campo gramado, não é só o meu povo não, tem muito parente que está reclamando também.

Xikrin/M/R/Atleta/26 A gente fica tranquilo aqui no Recife, a gente se encontra, fica alegre, conversa com os parentes, é a gente come junto, almoça junto, janta juntos. É só com os Xikrin mesmo que eu jogo, não só contra nossos parentes, quando a gente chama, eu sou atleta, quando alguém me chamar que vai ter que pagar adiantado para mim, eu sou o lado mais forte da minha aldeia, eu sou lateral esquerdo, sou canhoto.

Xokleng/F/L/Liderança Indígena/21 É um bom local, pelas modalidades que estão sendo praticadas é um bom local, agora se fosse praticado o futsal já não era um bom local. [...] Pelo menos os guias turísticos estão sendo muito gentil com a gente, eles estão mostrando o que é certo e o que não é certo. Como o Marcos acabou de explicar aqui, eles conhecem onde o lugar é perigoso e onde não é, então por isso que foram escolhidos para serem guias, estão sendo muito gentil com a gente.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Está bom, para mim está tudo bom para mim. [...] Foi um pouquinho diferente, nós trouxemos artesanatos e fizemos feira de artesanato no centro e aqui não tem, o pessoal aqui parece que tem pouco interesse, no que eu estou vendo para comprar. Não sei se está um pouco fora do centro, talvez se levasse

em uma casa cultural, não adianta fazer exposição aqui porque vocês não deixam o pessoal entrar, então não vai ter venda, só isso a diferença. O futebol não é surpresa para nós, porque lá é muito praticado, agora corrida de tora a gente tá aprendendo para a gente aprender também.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 Sim, está bem adequado, o que eu não gostei foi porque ficou contra o vento, a pessoa lança a flecha às vezes o vento segura, cai muitas vezes antes do alvo.



2.21. AS ACOMODAÇÕES E ALOJAMENTOS

Assurini/F/N/Atleta/29 Achemo muito bom o local onde nós tamo, né, muito bom. Nós gostamos do local. Nos outros jogos nós fomos, o local que nós ficamos era outro, outro local foi muito diferente, assim, teve canoagem, aqui eu acho que não tem canoagem.

Assurini/M/S/Liderança Artística Todos tão falando que a comida tá bem boa mesmo, a comida que tão fazendo. O alojamento eu achei ele assim meio, meio incomodado porque fica muito cheio, um lugarzinho assim fica muito abafado, assim quente e também tem muita muriçoca aqui, a gente quase nem dorme de noite. O lugarzinho lá onde a gente joga bola ficou bom, agora a arena, também ficou bom, agora apaga, tem muito vento. Atrapalha a gente. [...] Não, nos outros jogos quase foi assim também, porque lá em Belém no Pará teve jogos lá, foi quase assim, mas lá ventava muito, lá entrava naquelas praia, na areia. [...] Não é a primeira vez que eu participo desses jogos, mas para fazer apresentação cultural, mas saí mais duas vezes, que foi em Bertioça.

Assurini/M/T/Liderança Indígena Olha, as instalações onde a gente vai ficar, eu acho que ela tem que ser bem estruturada entendeu, porque tem local que a gente vai que ela é, a gente fica dentro de colégio entendeu, então ter um local apropriado. No caso aqui, ô, a gente teve uma noite que choveu, aí molhou tudo aí. A gente deve que saí pra aí e não queriam deixar a gente dormir aí dentro do ginásio, mas eu acho que conversaram aí e a gente acabou dormindo por ali mesmo pelo corredor, porque aqui não tinha condições, entendeu, de dormir. Então eu acho que quando for feito estes eventos, ele tem que pensar muito no alojamento, entendeu, dos atletas, porque a gente nunca vai adivinhar quando é que vai chover, então a gente não vê, eu ainda não vi o índio dizer assim, olha hoje não vai chover num céu bem bonito quando a gente pensa que não vem chuva, então a gente não controla a natureza. [...] Muitas vezes a gente tem, mas um problema dentro da organização, tem evento que a gente foi que praticamente não dava pra gente ficar naquele local, por causa do dormitório que era inadequado, faltava água, entendeu, má organização mesmo da equipe da organização do evento.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 Tranquilo, nós não temos o que falar, pra nós foi tranquilo, foi. As cozinheiras também, nós temos que aplaudir que trataram muito bem de nós também.

Atikum/M/A.R./Atleta/19 Não foi dos melhores, mas também não foi dos piores não, acho que assim só a questão dos banheiros que era pouco banheiro pra muita gente, ficou meio estranho. A alimentação, apesar de ter muita gente que passou mal, acho que foi bom, pra mim foi bom.

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 O comezinho era meio lá meio cá, depois melhorou, depois foi uma beleza, né, maravilha, não vou falar mal do apoio, apoio foi bom. [o futebol] Também foi beleza, foi nota 10.

Atikum/M/J.F./Atleta Não, pra mim foi bom, pelo menos não tenho o que dizer não, foi bom, só o problema é que a gente não tem costume com esse, a muriçoca a gente não tem, não tem esse tipo de coisa, mas dá pra gente levar, né, que [...] tem várias, várias, tem que participar de tudo mesmo[...] tem que habituar.

Bororo/M/V.T./Atleta Deveria ter também um grupo também só para o alojamento, por exemplo, tem várias etnias, várias etnias, como indicaram voluntários para estar acompanhando a gente lá no... na ida na arena, lá onde a gente joga bola, né, da mesma maneira deveria ser indicado duas pessoas por etnia, só pro alojamento, por etnia, eu acho que só uma já basta ou um, uma pessoa. Isso ia ser importante, um fora dois por etnia também dá, também. Uma pessoa, duas pessoas, pelo menos fica aquela coisa, fica mais organizado, né. Nós mesmos estamos fazendo esta parte também, do alojamento, a gente tá varrendo, juntando o lixo e jogando no lixeiro, porque a gente não pode deixar acumular também isso não do nosso... nossa casa não é assim.

Gavião/M/A/Atleta/35 Não, a recepção foi boa sim, só se queixa do banheiro mesmo, banheiro e alojamento, o alojamento, né, tem o exemplo de Marabá. Marabá era todo assim, né, aqui era a praia, aí alojamento era aqui bem na beira da praia, né, a arena bem do lado [...] jogavam, terminavam, almoçava do lado de lá e voltava [...].

Kapinawá/M/I/Atleta/20 Eu creio que o alojamento... o alojamento, porque a gente saiu de tão longe pra vim aqui e no primeiro dia dormir no chão limpo, porque eles tratam a gente como se a gente fosse algum bicho, eu não creio que seja assim, acho a organização tem que mudar, tem regras que aí... sobre a cozinha tá tudo bem, agora só que se sobre o alojamento eu não gostei, não gostei, creio que deveria se mais melhor o alojamento.

Kuikuro/M/T/Artista/22 E pra melhorar o próximo tem que alojamento vem mesmo. Assim, bem fechado. Porque a gente tá sofrendo mesmo, a gente tá sofrendo mesmo aqui Recife, tem muito bichinho, é mosquito né, a gente tá sofrendo mesmo, a gente tá sofrendo, tem que ver também, tem que organizar bem antes de vim participar desses olimpíadas, tem que é ver alojamento mesmo, pra não sofrer, né, pra não ter algumas coisas, porque se vai ser assim no próximo ano... Acho que não vai gostar mais. Eu tenho medo pra pegar... vírus, né, e pra levar pra aldeia, cada povo tem que levar, porque tá saindo muito sangue da gente, daqueles mosquito, tá pegando sangue da gente, né, saindo

sangue, isso que é o problema, será que a gente vai levar algum vírus pra aldeia, pra não levar, eu tenho medo pra não pegar, né, algumas doenças e eu vejo no jornal, né, quando os brancos fica viajando pros outros lugar traz doença pra de volta, porque eles nem sabem que eles têm um vírus já, ele traz, mesma coisa a gente, tem que voltar com vírus pra aldeia. Tem que ter organizado isso antes de ter jogo.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Dos eventos que já participei esse ficou a desejar, o alojamento não seguiu um critério que tem que ser feito que é... você deixar cada etnia no seu espaço, fica muito confuso misturar etnia. Se acontece um incidente de sumir uma camisa, pô, se é algum do meu grupo que de repente, sei lá, pegou ou escondeu, se eu culpo o outro sem saber, já vai gerar um constrangimento do caramba, então se cada um está no seu lugarzinho, próximo, mas que tenha um alojamento de uma etnia ou de outra, isso facilita, entendeu. Até para melhor se organizar e não haver esta questão de você... que nem aqui, tem algumas comunidades que as mulheres vão tomar banho, ficam nuas, é mais tranquilo, eles entendem isso como normal, tem outras que não, elas já vão olhar com diferença, como é que vai ser isso. Até a gente mesmo, como é que a gente vai lidar com isso? Então, acho que... enfim, este alojamento aqui não tem estrutura para tanta gente. [...] Alguns que eu participei sim, cada etnia tem um alojamento, então cada grupo fica... por que a gente sabe que tem grupo que não bate um com outro, então você não vai botar os dois vizinhos, tem que deixar um pouco distante, porque a provocação é uma coisa muito natural. São todos guerreiros aí, então entender como ofensa é daqui pra li, mesmo com atleta. Mas a gente começa com deste princípio: se a gente conseguir primeiro mudar a concepção dos jogos pro líder, então você vai quebrar um monte de atritos. Acho que começa primeiro com o líder, quem organiza o grupo, porque se o líder, ele tem poder de decisão, de ele falar: fica quieto e ficar todo mundo quieto, então beleza. Então começaria daí, de começar a mudar este conceito através do líder. O líder é quem vai dizer como é que eu vou me comportar fora da minha aldeia.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 Eu acho que deveria melhorar é porque a gente a costuma mais dormir na rede, né, e no primeiro dia que eu dormi, fiquei muito cansada, cheguei, né, acabou de chegar e mesmo assim dormindo no chão fiquei cansada, seria assim dormir de rede mesmo. Assim no colchão mesmo e muita muriçoca também, né.

Tapirapé/M/A/Atleta Gostamos dele, mas precisa melhorar a os banheiros, limpar pra nós, porque nós temo, nós tamo muito, muita pessoa, a gente, cada um quer banhar, vai gastando a água aí, aí de repente a água para de novo, aí tem que esperar a água de volta, então tem gente que não tá dando banho. Quando a gente quer tomar café, tem que esperar água, né, de manhã cedo memo aconteceu muita coisa assim com a água, né, porque quando tava dormindo, queria escovar, mas a água não tinha, vale então nesse caso também é importante melhorar, mas o lugar que também é boa pra nós, precisava assim só limpar o banheiros, o chuveiro porque lá a água não entra, né, ali estão cheio de água, ali precisa de rodo também pra nós, se alguém não quer limpar aí ele daria todo o

material pra nós, nós memo ia limpar pra nós memo, porque a gente tem que a gente ter uma pessoa que se interessado pra limpar essa sala pra nós, né.

Tapirapé/M/G/Atleta Um local que a gente tá morando, né, não é bem boa não, porque a gente estamos sofrendo aqui nós estamos sofrendo aqui é a picada de inseto, muriçoca, por exemplo, tem muito muriçoca aí, tem vez que a gente não dorme mesmo, só saindo assim, brincando assim aí fora, porque se tivesse mosqueteiro tenho certeza a gente dormia bem. Esse único problema mais o local é boa, o problema são os insetos mesmo.

Tenharim/M/L/Cacique Bem, as instalações, também, né, na parte da, como aqui as pessoas tão se sentido com alguma falha, então isso, com o tempo, com certeza cada realização vai, vai ter uma modificação, né, eu sempre falo que, por exemplo, que esse aqui foi a primeira, né, lá na frente a gente vai, pode ser que o governo pode tá olhando mais, melhores, né, alguns... Mas acomodação pra nós foi ótima, porque Tenharim não tem esse negócio de: Não, porque é... O Tenharim, ele que competi daquilo que ele veio atrás, o índio quase não olha isso. Então isso que a vantagem do índio, não porque eu tô mal acomodado aqui, não, não é, ele que compete aquilo que ele veio atrás, então qualquer parte onde ele tive não visa muito isso, então mais em termos de convivência do lugar que tá muito, o clima que mudou um pouquinho, né, [risos] isso aí é assim, em qualquer lugar.

Tenharim/M/M/Atleta/26 Ginásio é muito bonito [...] mim, somente com pessoas do Recife, né, quando a gente chega, recebe bem a gente. Pergunta pra ele quando a gente tá com dúvida e explica pra nós. Como eles não conhece também o Amazonas... tá sendo mais relacionamento com pessoal daqui, bonito pra mim.

Terena/M/E/Artista/35 Iluminação tá bom. O que eu falo, onde nós dormimos, nós costuma dormir fora. Mandaram nós dormir dentro aqui do ginásio, do... lá, só que muito quente, é muito quente nós não consegue dormir e muitos estão dormindo fora, assim, do ginásio, porque fica mais a vontade e... só. [...] Nos outros jogos, alguns foram melhores, né, mas tem que ter melhoria. O que eu falava pra você, alguns já teve, mas outro anos não tem, outro ano tem.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 Olha, eu achei assim, até legal, mas a gente ficou, assim, distante por que a gente tá aqui alojado num local, eu não sei se foi proibido deles entrarem aqui e a gente sair também, mas a gente ficou meio distante, a gente só tem contato com nossos atachês que são as pessoas daqui e eu acho que eles são o espelho aí da cidade. Trataram a gente muito bem, receberam a gente e eu acho que através deles a gente pode dizer que tá sendo muito bom esse relacionamento.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 Muito bom, o local que a gente está aqui é muito bom, muito frio, muito ventado, tem banheiro, tá muito bom, mas o lugar que a gente dormiu não está muito bom não, muito ruim. [...] Achei muito ruim, o lugar que nós ficamos não é bom para nós, porque tem muita muriçoca e não consigo dormir direito e nós estamos acordando direto, a noite inteira. [...] Não tem como a gente mudar aqui, nós temos que mudar para um pessoal que não tem muriçoca, mas eu já falei para o pessoal aqui, não tem como a gente mudar, eu já falei muitas vezes. [...] Aqui que está

muito mal organizado, tem lugar aqui fora que é muito bom, mas, aqui dentro, o lugar que a gente fica é muito ruim, porque nós já participou muito de vários lugares muito organizado, alimentação, banheiro, só que aqui que está faltando água e o lugar que a gente dorme é muito ruim. Eu lembro que já teve um acontecido há muito tempo em outra cidade que aconteceu isso.

Xikrin/M/K/Liderança Indígena/33 Eu estou achando que o alojamento, eu tô achando ruim, muita muriçoca, só a comida que está bem, só a muriçoca está atrapalhando.

Xikrin/M/R/Atleta/26 É mais ou menos...tá faltando alojamento de palha, que é melhor, a gente dormiu aqui no ginásio e não conseguiu dormi, só barulho aqui dentro

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Também está bom, está tudo bom aqui para nós. Só vou dizer uma coisa no lugar que a gente ficou só faltou energia, porque nós temos um radinho para escutar, um celular para carregar a bateria e não está sendo ligado, quando liga dá choque na gente, só isso, o resto tá tudo ok.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/22 Muito bom. [...] nos outros jogos, eu não participei, é a primeira vez que nossa tribo está participando. [as instalações] Não está muito bom não, como eu falei, principalmente no alojamento.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 Só falta luz e energia para carregar as coisas, só isso, tem muito pernilongo durante a noite, e de dia também e o local que foram realizadas nos jogos, está sendo muito bom, muito seguro.



2.22. SUGESTÕES PARA OS GOVERNANTES

Assurini/M/S/Liderança Artística Eu acho que podia melhorar mais assim, no negócio de cabo de guerra, arco e flecha, na lança também [...] Para melhorar, eles podiam ajudar assim a gente, os prefeitos, governador também. [...] É levando professores, professor, professora [...] saúde também, com enfermeira, doutor.

Assurini/M/T/Liderança Indígena Eu acho que este nosso governo [...] tem que [...] investir mais na saúde e na educação, eu acho que deve investir muito na educação, porque a gente tendo a educação e a saúde, eu acho que o resto a gente corre atrás e resolve. Não criar muitas leis também, porque lei em cima de lei cria uma lei pra não ser cumprida não adianta. Então, acho que eles têm que pensar bem, refletir e ir na base ver o que os índio estão precisando [...] tem que ver realmente se vai contribuir para o desenvolvimento das comunidades indígenas no geral mesmo [...]. Eu acho que devia criar... não ser só estes jogos indígenas, mas também [...] criar uma coisa assim que nós pudesse participar dos jogos mundiais também, preparar os atletas ou ter algum contrato com talvez uma universidade para que possa tirar um atleta indígena para competir [...] fazer a preparação dele.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 O que ele falou é quadra esportiva, né, teria que ter quadra esportiva... É um, é um padrão também, pra toda vez que saísse dum campo também tivesse, quando tá naquela agonia de ficar na casa de um, na casa de outro. [...] Muito coisa, o nosso recurso que tá lá é muito pouco nossa ajuda mais de nós é de Deus, porque nós vive da roça viu e chega o tempo de trabalho nós não temos ajuda de ninguém só de Deus, vive sofrendo que nem agora este ano que vai terminando nós não tiremos nada viu, aí nós fica esperando o governo não ajuda, ele que deveria ajudar, mas ele não tá ajudando não. [Ajuda] No milho pra nós plantar, no feijão, no [...] no recurso pra ajudar nós, que nós não temos condições de jeito nenhum. [...] É em tudo que viria ajudar a gente, então nós não temos tendo assistência de nada.

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 O apoio que eles podiam dar era continuar sempre, sempre uma festa como esta e dar condições pra gente vim, e dar uma condições também pra gente continuar, ajuda cada vez mais a gente praticar as festas indígenas.

Atikum/M/J.F/Atleta Pra melhorar, tem que... justamente o entendimento com as pessoas pra, porque lá eu acho muito assim, que lá, tá um lugar muito isolado, não tem os representantes, são totalmente meio... meio isolado mesmo, não [...], não tenta buscar melhoria pra nós, assim existe um representante que tem atualmente [...] pra tentar melhorar a aldeia.

Bakairi/F/A/Atleta/16 Ajuda assim... principalmente na nossa região e a nossa comunidade também, a gente precisa mesmo é da saúde dos mais velhos, das crianças, a gente fica preocupado porque os brancos não estão se preocupando com os índios, falam que índio não trabalha assim.

Bakairi/F/D.K/40 (s/id) Eu acho que se esforça mais, né, abrir, abrir a escolinha, construir uma escolinha, qualquer coisa assim que possa orientar mais pro jogo as crianças, que vem de hoje, né, acho que é isso.

Bororo/F/E/Atleta Podia mandar... lá praticamente tá precisando de várias coisas no esporte. [...] Lá na aldeia a gente pratica pouco na quadra, porque nossa quadra já tá feia, tá precisando reformar ela, lá tá precisando de mais voluntários pra ensinar as pessoas, os jovens a brincar e precisando de alguns... de algumas coisas pra brincar.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural [...] Da nossa parte acho que o governo tem que ajudar os povos indígenas, conscientizar eles para que não caiam na ideia do desmatamento pra colocar soja. Porque hoje ainda tá acontecendo no Mato Grosso, lá no Paresi, Campo Novo, lá tá tendo muito problema por causa da soja. Ali, o índio fica doente, as crianças nascendo deficientes, então por esta parte aí, o Governo tem que olhar não para o dinheiro, mas para a vida humana e olhar para o futuro de nossa geração e também olhar para este lado já ajuda bastante nossa cultura, porque na medida que acabamos com nossas árvores, acabamos com a nossa água, a nossa tradição vai se afundando pouco a pouco. Ele tinha que arrumar, apoiar principalmente o local que eles mais gostam, o campo de futebol, cobertura da quadra e também [...] o material de esporte, mas até agora não sei se você já ouviu falar do Segundo Tempo [...] lá os Salesianos, os missionários,

conseguiram o Projeto do Segundo Tempo na nossa aldeia, então neste Segundo Tempo vai vários kits do esporte, a bola, a rede, tem as camisetas pra poder participar do Segundo Tempo. No caso, os alunos estão participando. Melhorou bastante, porque os alunos envolveram muito com os esportes através dos professores, os professores ajudando eles, orientando, e também acaba conquistando a educação também esportiva.

Bororo/M/V.T/Atleta Eu acharia o seguinte, que estamos indo no caminho certo. Os jogos, desde quando ela tá sendo praticado, eu acho também que os governos investissem um pouco, assim, na... em esporte mesmo, isso traz mais convivência com o povo não índio. Até passar um pouco para estas pessoas que o índio tem também... não é como a maneira que pensam, nós não somos agressivos, nós não somos sem educação, muito pelo contrário, obviamente que nós temos um jeito de ser, uns são um pouco mais alegres, outros são um pouco mais quietos, mas isso não quer dizer que nós somos agressivos, e o esporte ele faz este intercâmbio, né, essa interação, né, tanto quanto a parte da própria etnia, as etnias, como também da pessoa branca, né, isso causa uma certa união, é assim que tem que ser assim que temos que ser. O Brasil tem que ser assim, a união, com certeza se unir branco com índio, todos com o mesmo pensamento o futuro de nosso planeta, ela está... estará mais próximo, isso eu tiro da minha vivência, né, porque isso é claro pra mim, então é isso.

Gavião/F/D/Atleta/26 Eu acho que eles deveriam valorizar mais a cultura indígena e investir mais no povo indígena, que muitas vezes o povo brasileiro assim, que são do governo, eles nem dão muito valor, as pessoas de outros países que dão mais valor pra nós índios do que o próprio brasileiro, então eu acho que deveria investir mais na população indígena.

Gavião/F/K/Atleta Ter mais respeito por nós, [...] prestar mais atenção no nosso pessoal, muitas vezes acontece acidente assim não tem muita atenção e muitos ficam doentes também, precisa mais atenção mesmo pro pessoal.

Gavião/M/J/Atleta/20 Eu acho que ele devia assim valorizar mais os índios [...], foram os primeiros habitantes a pisar aqui no Brasil e eu acho que eles devia procurar nós, vê se a gente tá precisando de alguma coisa, alguma reconstrução nas reservas que são demarcadas, você não tem assim, pra gente ficar mais tranquilo com nossa tradição e nossa cultura.

Kambiwá/M/G.F.N (s/id) Trazendo projeto de melhoramento sustentável dentro de cada povo, e também dá uma ajuda nos esportes, os esportes na área indígenas é muito precária, as prefeituras não entra com parceria nenhuma, aí fica, a gente só tem ajuda assim de ano em ano quando tem esportismo indígena, né? Ajuda maior transporte, maior alimentação, mas saiu fora desses instantes, aí já a ajuda. [...] Acho que... nesse da comunidade pra jogar é mais transporte padrão, e os melhoramento dos campos.

Kanela/F/F/Atleta Então... Eles devem observar que nós, povos indígenas, a gente tem várias coisas que a gente preserva ainda. E a gente tem medo de perder nossa cultura e deve cuidar disso porque a gente precisa disso, a gente não quer perder a nossa identidade, a gente não quer perder o nosso valor e a gente pede pras pessoas que tem interesse, que possa ajudar nós.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Há muito tempo que nós viemos procurando como criar um projeto para melhorar a questão da cultura indígena, mesmo na área de esporte também.

Kapinawá/F/L/Atleta Eu acho que sim, poderia fazer... é... aumentar, dar um jeito de aumentar as escolas, as rendas familiares, né, incentiva um pouco mais pras aldeias, pras etnias, porque eu acho que os brancos tão tendo mais chance do que os índios, porque os índios, os brancos tem computa... eles podem fazer computação, tem computadores em casa e a gente, índio, a gente não tem nada dessa parte, muitos não entendem e eu acho que eles podia incentiva mais, dar essa oportunidade pra os povos indígenas de toda região, né, não só aqui de Pernambuco, mas dos outros índios, acho que deveria dar uma chance, aumentar as escolas pra os índios, não se desloca de suas aldeias pra ir estudar junto com os brancos, porque os brancos desclassifica, fica falando: “Ah, você não pode tá aqui junto com a gente porque você é índio, só quem pode tá aqui e a gente que somos brancos”. E a gente esquece que a gente fica um pouco magoado e faz de tudo, a gente pensa: “Ah, não é nada, eu vou deixá prá lá, vou fazer de conta que não tô ouvindo eu preciso disso pra, porque a gente tenta assim a gente sai com... com objetivo de sair da etnia pra ir pra cidade estudar junto com os brancos, porque a gente quer fazer o melhor, a gente quer trazer o melhor de lá de fora dos ritos brancos pra dentro da nossa aldeia. Na área de saúde, na área de lazer de tudo. A gente precisa incentiva, porque principalmente pra professores porque tava indo professores brancos pra ensinar os índios lá na aldeia e a gente tá vendo isso, porque os índios mesmos possam ensinar para os outros na escola, na área de educação, de agente de saúde, de enfermagem, de tudo isso, a gente tá fazendo de tudo um pouco, a gente tá tentando pra gente pode levar, incentivar, levar tudo isso pra aldeia.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 Creio que se ampliasse uma área moderna pra gente, pra gente, [...] jogando num campo de barro ou alguma outra área diferente, e que seja só da gente mesma, um canto específico pra aquilo uma quadra de... um minicampo, várias modalidades, uma piscina, modalidades, aquáticas enfim é isso.

Kapinawá/M/R/Atleta Acho assim, que o que nós tá precisando é que o governo, com essa nova lei, né, eles assinaram agora, eles tem que cumprir, a gente tem que fazer valer, eles mesmo deviam olhar no papel e cumprir o que tem que ser feito, né, porque o nosso poder, eles deviam olhar pra isso e dar, né. Uma coisa também que eu acho muito importante que o governador e os governantes tivessem olhando, a causa, essa causa indígena, ajudando no resgate da cultura deles, de uma forma mais... mais abrangente, que abrangesse um todo e não o meio, porque indígenas no Brasil hoje têm muitos, então, precisa de apoio do governo, só que nem todos tem, se um tiver, o outro não tem, acho que de cinquenta, tira dois ou três que tem apoio real do governo, que tá recebendo de qualquer maneira. A gente tem órgãos federais que deviam, que trabalham em defesa do índio e que devia lá estar falando indígena e tá trabalhando “não índio”, isso num tá certo, eles deviam tá vendo esse caso também, né [...]. Na parte da ciências, a gente tem

nossa medicina, o governo podia tá vendo esse lado porque a FUNASA, ela coloca medicamentos que vem do governo só que, muitas vez, ao invés de fazer bem ao índio, faz mais mal ainda, né, como é meu caso, eu tenho rinite alérgica e eu vou lá, quando eles vêm eu vou e eles dizem: “ Isso aí num é nada, tome isso aqui que vai servir”, eu tomo e é mesmo que nada, não tem nenhum efeito, não produz nenhum efeito, então a gente tem nossa medicina no mato, então o governo está nos aviciando com esses químicos, com esses produtos, com esses remédios que não tão servindo pra gente e nosso remédio está lá na natureza, estão esperando lá [...]. Então o governo eles poderia, na parte de futebol, como não é nossa cultura, como eu já falei, mas está dentro do nosso país, todo o mundo inteiro tá vivendo o futebol, né, modalidade com bola, né, aí aquela questão que o governo poderia está investindo em quadras na nossa aldeia, minha comunidade precisa de quadras, de uma quadra lá. Eu vou até ta vendo com a Prefeitura, esse ano, ver se eu consigo, mas é muito difícil, lá a gente não recebe nada da Prefeitura, lá se não for alguma coisa vinda pela, pelo Governo Federal, pelo governo do Estado, pelo município não vem, certo. Tem muita gente boa lá e eu sei que as Prefeituras recebem, como meu povo fica em três municípios eles podem estar recebendo pra ser investido com comunidades indígenas e eles não faz isso, a gente vai lá e só encontra cara feia. “ A gente vai fazer isso e vai fazer aquilo”, mas aí num faz, como é o caso do poço artesiano, tem comunidade indígena de Pernambuco que precisa de poço artesiano e aí ele fica levando carro pipa. Passa ano, mês e mês, colocando água com carro pipa, onde que somando tudo no final do ano tem gastado dinheiro com manutenção, com tudo, com salário do motorista, vai ter gastado dinheiro que daria para perfurar dois ou três poços artesianos na região. Tem que ver, tem que ver esses erros, os governantes tem que ver esses erros que tá acontecendo, com pouco dinheiro dá grande investimento, não adianta você comprar um produto por um valor, a nota fiscal, né, ta lá em cima, num foi tudo aquilo, tem que erê, tem que ter fiscalização em tudo isso, porque comeu uma parte, né, e trabalhou outra. Além do que, já pagou pra ele faerê, então tá errado, a gente tem que ver, tem que corrigir tudo isso e eu vejo isso lá no meu município, num dá pra fica calado[...].

Kuikuro/F/K/Atleta/32 Bom, tá dizendo: a saúde do governo, Funasa né, Funasa, a gente gostou pouco do lado, ele errou assim, né, não é assim, trata bem, tem problema de lá também a gente não gosta nosso chefe da Funasa.

Kuikuro/M/J/Cacique/54 O governo nosso, a FUNAI, eles cuidam da gente, quando a gente tem problema, a gente vai na FUNAI levar papel, a gente vê, quando a gente precisa ir para Brasília, a gente vai na FUNAI, quando a FUNAI precisa falar com a gente, falar com o ministro, a gente vai na câmara, assim que funciona, o problema tem muito os índios, lá na Roraima os índios tem muito problema, que o homem branco chegou de helicóptero nas aldeias dos índios, botou exército militar, daí o índio morreu, muito triste, aí tem que resolver em Brasília, tem muita comunidade passando... tem que levar documentos, tem que levar a assinatura toda, assim que funciona, em Xingu inteira, a região inteira, tudo marcado, não tem problema, o Xingu tem uma barragem em cima, eu queria

tirar esse porque a única alimentação nossa são os peixes, a caça, tem gente que não acha caça, direto o peixe... tinha lugar que era muito fundo hoje é raso, apareceu a praia, tem uma transportadora que leva mercadoria para aldeia dos outros, saco carregado, que vai no raso, encana, fica preso lá [...] naquele tempo era ótimo, hoje mudou tudo.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Então o, eu queria dizer pra organização, pros organizadores dos Jogos dos Povos Indígenas, como eu sou atleta, sou maratonista, eu sempre pensei, né, que o organizadores eu vi no orçamento da Funai, tem 80 mil em dinheiro pra gastar pra realizar os eventos, né, então sempre pensei, como eu sou maratonista eu quero que apoio da organização dos jogos indígenas, como eu já fui participar da corrida de reis lá em Cuiabá, eu fui por minha conta, lá eu pensei, né, que a Funai me ajuda, o organizadores dos jogos indígenas eu tenho dúvida não sei se eles dão apoio, dá patrocínio pra nós, eu sou atleta não sei outros povos, que tem também atleta que tá precisando patrocínio, por isso que eu quero deixar recado aos realizadores dos jogos indígenas que o presidente do comitê intertribal, eu quero resposta mesmo, que dá pra ele contar, se ele pode me patrocinar ou não, tô com dúvida ainda, essa assim é meu recado. Será que eles dão patrocínio pra gente participar alguma competição, né, como eu já consegui o patrocínio hoje, né, o prefeito de Guarantã do Norte de Mato Grosso, ele vai me patrocinar pra eu participar da corrida de São Silvestre este ano no dia 31 de dezembro, em São Paulo, por isso eu sempre penso né, tem, tem Funai pra mim patrocinará, o que que a Funai faz com os atletas, eles tem 80 mil pra gastar, era só isso, né, que eu queria deixar pra vocês. [...] Então eu sempre espero que o governo do nosso estado, né, o estado tem governo, então nós na minha ideia assim, diferente, né, tranquilo, né, mas eu quero que o governo que reconheça a nossa terra, porque às vezes os governantes falam que ‘ah, aquela terra indígena não é deles’, mas aquele território indígena é tradicional mesmo, aonde o pai nasceu, assim é hereditária, a terra é hereditária, então, por isso eu sempre peço pra o governador em cada Estado, onde tenha um índio, eu quero tudo isso na minha aldeia, na minha aldeia Kuikuro, lá governador chama Blairo Maggi, grande produtor de soja, aí daqui a pouco não sei, né, primeiro que eu vi, né, que aquele governador, nosso governo do Mato Grosso, não gosta índio, que acaba com território indígena, daqui a pouco, gostou índio e ficou com amizade com índio, tem o nosso chefe, grande líder do Xingu é Aritana, que chama Aritana, ele ficou com amizade com Aritana, eu peço que essa amizade, ele tá com amizade, assim como a gente faz amizade, ele tá com amizade pra ele aproveitar nossa cultura, pra acabar nossa terra, por isso que eu sempre penso neles ficá com amizade com cacique, isso tudo errado pra mim, amigo é amigo, não faiz nada, só ajuda, contribui.

Kuikuro-M/T/Artista/22 Acho que o governo, né, pra nós, quando tem votação, por exemplo, a gente lutou, né, pra votar pro Lula, e a gente vota pra eles, pra eles ajudar a gente também, pra ter demarcação das terras, pra não ter poluição dos rios, pro desmatamento, queima, tudo aqueles ambientes e pra eles aumenta terra também, tem que ter. Fica forte mesmo, porque se nós mesmo, não se... tendo muita coisa, as muitas coisas tá

acontecendo, a barragem tá tendo lá no Rio Xingu, traz perigo para nós porque vai no rio, fica todo raso, os peixes tão morrendo, esse tá acontecendo no Xingu mesmo.

Manoki/F/L.A (s/id) Quem nem... no nosso caso, até hoje a gente tem briga por causa daquela terra, estão ameaçando a gente, mas a gente não deixa de cobrar, porque aquele lugar é onde nosso povo sempre morou, cresceu, foi aonde que eles foram e tocaram eles de lá.

Manoki/M/J.M.A/Atleta Eu acho importante ele estar ajudando, apoiando o esporte que a gente pratica muito.

Manoki/M/O (s/id) Eu acho que as autoridades têm que ter mais atenção para a sociedade não índia, dar mais atenção para toda a sociedade brasileira, o mundo inteiro, essa é uma grande importância, falta isso acontecer... eu falo aqui não só pelo índio mas por todo o povo do Brasil inteiro.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 Investir mais, porque é um meio de conscientizar os jovens do caminho certo e o caminho errado, investir mais na participação destes jovens.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultural/38 Primeiramente eles tinham que liberar, fazer um projeto, alguma coisa, para liberar bola, redes, para estar liberando para a aldeia, porque é muito difícil a gente ter dinheiro para estar comprando essas coisas, o voleibol, eu acho que os poderosos deveriam pensar mais nisso, poderiam ajudar, incentivar os indígenas para participar dos jogos.

Pankará/G.P/Atleta Que os governantes pudessem olhar os índios de uma forma diferente, de uma forma não criticar, a sociedade branca critica muito o índio e que os governantes pudessem melhorar a qualidade da moradia de cada índio, para que aconteça isso, com urgência para que ficamos mais firme e forte na nossa força e a gente mudar este quadro.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 Tem que investir, ter mais acesso de vestes, a gente quer que se fortaleça.

Pankararu/F/I/Atleta Assim dá apoio é não só como precisar da gente pra poder votar nele, mas sim apoiar melhor aos indígenas e não indígenas.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena É pra melhorar o encanto dos povos indígenas que o Governo do Estado e do Município, junto com o Governo Federal, que o Governo do Estado pedisse ao Governo Federal pra nós fazer o nosso jogo indígena a nível de Nordeste, assim chamar o povo de Pernambuco, chamar o povo de Alagoas, as tribos de Alagoas, chamar o tribo da Bahia, chamar o Potiguara na Paraíba, chamar, chamar de Aracaju (...) chamar os de Minas Gerais, chamar daqui de Espírito Santo, também que faz parte do Nordeste, porque eu vejo, eu tô vendo que só tem a parte do Norte, os jogos, tão tendo mais índios do Norte, não tá tendo dos outros Estados do Brasil, cadê Minas Gerais? Cadê Paraíba? Cadê Aracaju? Cadê Alagoas? né, não tá tendo essa interação, tem interação quando não por Estado, mas a nível de Nordeste só tão aqui é 5 etnias do Estado de Pernambuco e uma da Bahia, os outros todos do Norte, os índios vieram todo de

lá do Norte, com fronteira com a Bolívia, fronteira não sei quem, tá entendendo, trazer os povos. Por que não trazer a massa dos povos indígenas do Nordeste? Não tô desrespeitando, não tô discriminando, não tô desrespeitando os outros parentes né, se é pra ter essa integração, uma integração social dos povos e povos indígenas [...]. O organizador de um modo geral com o governo, com o Governo Federal, pra fazer com toda as etnias, tá entendendo?

Pataxó/F/S/Atleta Eu acho assim, que eles devia olhar muito pro povo indígena, não só pra minha aldeia, mas sim, mas pra todo índio brasileiro que tem, que os índios precisa deles, como eles precisa da gente também. Então só que eles não ligam também, nem todos ligam pra isso, eles só liga em ganhar, de ficar lá na boa, de ficar lá na cadeira boa e a gente cá embaixo que tá sofrendo e eles não vê esse lado da gente.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena Esta atual gestão a gente tem conseguido um espaço interessante, esta coordenação estadual foi isso. Nós temos agora duas oportunidades para assessoria parlamentar, uma estadual outra federal, então eu tô como diretor de turismo e estou me mudando para Brasília para trabalhar como assessor parlamentar, então a ideia é tentar colocar o máximo de pessoas envolvidas nisso, se eu saio da secretaria de turismo, a gente tentar vê alguém que possa estar assumindo este lugar ou que esteja um pouco mais envolvido, mas tem avanços interessantes. Na Bahia, a gente tem conseguido isso, agora nesta semana vai ter... teve na semana passada o encontro dos caciques da Bahia. Na segunda-feira próxima agora, nós vamos para o encontro de presidente de associações de cooperativas, aqui mesmo do nosso grupo, três vão ter que ficar pelo caminho, vão ter que ficar em Salvador para participar deste encontro, então é bem interessante poder discutir isso. [...] É uma faca de dois gumes, porque assim, depende muito do grupo. Nosso grupo, tem contato há muito tempo, tanto é que nós temos muito mais facilidade com o português do que algumas comunidades. O que eu acho que a gente tem é... isso é muito particular, eu acho que tem a ver mudar o assistencialismo, parar de tratar a gente como coitadinhos, mesmo sabendo que a gente tem fragilidade em algumas coisas, mas tentar provar para o índio que ele também tem sentimento, que ele tem... que pode ter autonomia fora da aldeia, uma autonomia não como algo protegido, algo que seja intocável, mas que ele possa entender que ele está sujeito a errar e acertar, então a gente não pode só buscar o lado que: “A eu sou índio, eu sou bom, eu sou verdadeiro”. A gente tem também que entender que tem pessoas no nosso grupo que também fazem coisas erradas, então acho que tem que ter uma mediação nisso e esse contato com a cultura não indígena, nos permite também ter um traçado paralelo disso, para poder entender quais são as tecnologias hoje que a gente tá podendo usar a nosso favor. Que o outro tá fazendo que a gente pode ter de interessante, é internet, é câmera para filmar, pra registrar, é a máquina fotográfica. Enfim, a gente tem que usar alguns artifício também para nos proteger e, enfim, sair dessa coisa que a gente não pode fazer certas coisas. No Brasil, é muito engraçado, porque das diversas etnias que tem no país, o brasileiro ainda consegue olha para o índio como um ser ignorante ou como uma coisa exótica, ele se pinta é exótico, é

bonitinho. [...] a gente não tem que vir aqui só para dar o show, mas tentar mostrar que as apresentações que nós fazemos é uma coisa interna, mas que o outro pode entender como parte dele também, né, então tem que haver esta relação. [...] eu acho que os jogos podem ser pensado sem esta questão de competição, até porque... eu não participei dos anteriores, porque eu era convidado como organizador, não como atleta. E o que eu vejo é que algumas etnias ainda carregam este sentimento de que: se eu perdi este ano, no outro ano eu vou descontar, então, eu acho que se você conseguisse fazer a questão de só as demonstrações e tentar buscar com cada povo o que ele tem de atividade na aldeia e povo ser transformada como uma atividade esportiva. No nosso caso mesmo, eu acho que nós resgatamos, tipo, umas cinco modalidades que a gente nem lembrava. Os mais velhos foi que de brincadeira falou: ô isso aqui não é desse jeito. A luta, a gente fazia uma luta muito parecida com o uca-uca que faz nos jogos, aí os mais velhos falou: não, não é desse jeito não, é de outra forma. Então tem brincadeiras que a gente faz lá que se transformou em atividade esportivas. Mas aí é aquela coisa, não é para ganhar, é para poder apresentar para o outro o que a gente tem de diferente. E o legal é que a gente consegue mostrar o que a gente tem de diferente, até para o próprio Pataxó. Entre as aldeias por estarem distantes, o que ficou guardado com os mais velhos que as outras que estão em lugares mais urbanos não conseguiram manter e como é que a gente faz esta ligação, então aqui eu vejo este sentimento. Tem povos aqui que quando vai jogar com a gente mesmo: ah esse ano eu vou ganhar de vocês. Este ano a gente ganhou dos Xavantes, foi o primeiro ano que a gente ganhou dos Xavantes, mas alguns falaram assim: pô, ganharam dos Xavantes. Acho que tem que parar com essa coisa que eu ganhei. Não, tem uma coisa, aí é muito particular de cada povo e que eu acho que aqui deveria ser mudado é porque quando ganha ou não, quem perde nunca vai... poucas vezes vai festejar com quem ganhou. Hoje mesmo, os Bororo ganhou da gente, eu fiz questão de ir lá dançar com eles. Quer dizer, falei vocês vão pra lá, acho que se começar a ter este trabalho com os líderes e aí você tem que ser muito criterioso como os líderes. Ô nós vamos fazer um trabalho para que seu grupo entenda que mesmo perdendo, você pode ir lá, abraçar o outro, pode festejar. A gente pode vir lá da arena pra noite juntar todo mundo fazer uma grande roda e dançar. Não eu chegar com a cara feia porque eu ganhei, ou porque eu perdi ou alguma coisa desse tipo e não falar com o outro, quer dizer, você não consegue quebrar esta distância, porque entre a gente há uma distância é porque é do Nordeste, é porque fala português, é por que.. enfim, são coisas particulares das etnias. [...] Acho que o primeiro passo é deixar que a comunidade organizasse a modo dela, acho que você pegar um padrão, um modelo pronto não vai funcionar, a comunidade tem que entender o que é interessante para ela. Ou tentar tratar o lado cultural, não como um lado folclórico, algo que se venda para a mídia, né, acho que é muito engraçado quando a gente vê as fotografias que saem dos eventos que a gente participa, mostra um lado, assim, de uma beleza que muitas vezes a gente não está nem preocupado com esta beleza toda. Há algo por trás disto que não é só a beleza, você vê muita foto, você vê muita informação, mas você... até para quem faz a

foto é difícil identificar o que significa aquela pintura, o que que diz aquele cocar, qual a simbologia. É mais uma questão de estética que o não índio vê como: ah que bonitinho, ele está de cocar, ele está pintado. Mas tem que tentar mostrar quais são estes valores, o porquê que eu me pinte. O porquê daquela pintura ser daquele jeito. Então, eu acho que tinha que ter uma relação de mostrar assim ó: vocês podem fazer dessa forma, vamos organizar para vocês fazerem do jeito de vocês. Aí sim, você vai respeitar a diversidade cultural de cada povo. Acho que é assim.

Pataxó/M/T/Atleta Sempre eles, sempre no dia do índio lá eles ajudam, eles contribuem, e tem uma empresa também lá que sempre contribui com o alimento, com o alimento, sempre eles, sempre ajudam, muitas pessoas lá empresa, prefeito sempre ajuda.

Rikbaktsa/F/L/Atleta O que eles poderiam fazer era assim, ajudar pra melhorar assim questão do esporte, é as outras atividades, e também melhorar a questão do rio, porque lá no município tem, é assim um rio que não poderia ser poluído. [...] Não, não tá poluído, mas nós tem que, ele tem que fazer pra esse rio não ser poluído. [...] É pra pedir voto aparece, mas depois que ganha a eleição. [...] desaparece, muitos só ajudam, muitos só quer [...]

Rikbaktsa/M/G/Atleta/22 Precisava assim, apoiar mais os esportes indígenas, que não, não, desse condições, e tem dá mais estrutura nas escolas, não tem essa condição, não dá apoio, as estradas, que a gente tem estradas que chega até lá na aldeia agora, não tá, não tá arrumado, não tá dando apoio assim, então assim, só na hora da eleição, eles chega lá pedindo voto, né, então teria que mudar nesse sentido.

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 Eles têm que ter o bom censo pra atender a nossa comunidade, geralmente os povos indígenas e teria, né, que atender os pedidos da comunidades o que a comunidades precisa, mas não fazer tudo isso não porque o governo fica quer levar os povos indígenas assim na ideia dele, né, nem que fazer alguma coisa assim que a comunidade indígena precisa, fica muito difícil pra nós isso pra mim é muito ruim, né.

Tapirapé/M/A/Atleta Hum, é, neste caso aí o governo brasileiro tem que, agente precisa de todo jeito a precisa no campo acho que um gramado faz tempo que mandou fazer um campo com gramado que não sai, assim, porque nós precisa aprender fazer mais esse esporte, aí na minha versão. né, porque nós não temo professor, assim, pra ensinar o treinamento pra ele treinar como alguns índios já tem esse treinador na aldeia né, nós não temo isso agora até hoje nós não temo treinador na aldeia como da educação física, temos que fazer educação física também pra se preparar, então isto, isto pra mim é muito importante pra criança aprender melhor jogar o futebol.

Tapirapé/M/G/Atleta Hum... tinha que mais assim, pensar na realidade nossa não só pelas informações da comunidade de cada comunidade indígenas, né, os governantes devia pelo menos tá participando de um evento, por exemplo esse jogos indígenas, onde muitos Estados os indígenas estão presentes aqui e vê a realidade de cada pessoa, como são os povos, né, aí os representantes de cada de cada povo devia tá é reunindo com aqueles

governante propondo a proposta. Qual seria bom, né, um intercâmbio assim, antes conversa com o governante, os indígenas tinham que reunir pra formar uma proposta única pra que o governo aprovasse uma coisa que todos os indígenas gosta, por exemplo, e essa porque algumas vezes e os indígenas não gosta de uma coisa e muita vezes gosta, né, e aí tinha que melhorar isso e com o governo mesmo, já olhando pra cara dos outros, assim que gosta mais pela a informações não se resolveu nada, né. [...] Quando eu digo pelas informações, por exemplo, com certeza, por exemplo, o governo vai ter informações pra ele através de imagem por exemplo, de televisão mas não vai tá informando tudo as coisas que tá acontecendo aqui, umas partes então eles tinham que vir aqui olhar todas as coisas todos os eventos assim.

Tapirapé/M/O/Atleta/20 Que o governo brasileiro queria é colocar é uma seleção indígena do Brasil pra que a gente fique, fica como é como profissional, né, a gente preocupa também é pela esportiva, porque também a cultura indígena pela governo tem que fazer um contribuição com o indígena, fazer material didático, registra todo que nós precisamos, precisamos registrar pela escrita também, né, então isso também o governo tem que fazer conosco.

Tenharim/M/L/Cacique Hoje não posso dizer, né, mas com povos indígenas no Brasil, que eles incentive mais, olhar mais, por exemplo, vamos supor, eu tava conversando ali com a representante da Funai, uma entidade que tá mais no dia a dia, né, que eu fiquei um pouco triste quando chegou, porque nós tivemos parente que não puderam participar do evento, que não chegou convite a ele, é, os Moratiraã, não conseguiram vir porque na minha região, tá falando da minha região, onde eu convivo lá, que não puderam vim, porque não chegou convite. Os Morã também não chegou convite e os Apurinã não tiveram, porque eu tava assim, vendo e tava até assim, conversando, então tem várias etnias que não estão aqui ainda, daquela região, né, eu vim do Pará, que a moça tava conversando comigo, que veio, tão até ali no fundo são do Pará. Que vieram de mais longe, aí aqui de Rondônia, tem os Cinta Larga que não puderam vim, não sei se eles já participaram alguma vez e tem os Suruí também, não tá aqui, então tem várias etnias que faltaram aqui. Não sei se foi convidado, talvez não tenha o custo suficiente pra...

Tenharim/M/M/Atleta/26 Olha, primeiro lugar, nós precisa muito ajuda dos governantes, do Deputado Federal, Estadual, principalmente no município que tem que dá valorização pros povos indígenas, porque a gente precisa mais recurso pra convidar outras etnias que mora longe, pra que a gente faz um jogos, porque sem recurso a gente não sobrevive. Sempre pede apoio do governo do estado, do município, pra que esteja ajudando o outro na parte financeira.

Tenharim/M/V/Atleta/20 O Governo tem que fazer principalmente na área esportiva, ele tem que se aproximar mais e atender e dar prioridade uma região onde nunca aconteceu, nunca investiu. É principalmente as parcerias com o governo do estado, com a prefeitura até [...] o Ministério e os governante [...] nossa região, é uma região aonde tem bastante indígena, no Estado do Amazonas [...], tem aldeia, tem aldeia tem 7000, 8000

habitante no local. É muita gente e a tradição deles são diferente e nunca foi apresentada aqui, nenhum desses evento aqui. Na minha região mesmo, nós temos na base de 5 a 7 etnias, só na região, aí tem outros municípios no estado [...] chega na faixa de 78 a 90 etnias, só no estado do Amazonas.

Terena/F/S/Atleta/17 Eu acho que deveria ter mais incentivo [...] que eles olhassem mais pra os povos indígenas, porque ultimamente nosso governo..., os nossos políticos, nossos líderes [...], não estão ligando muito pra nós, não sabem o que nós passamos na aldeia, as necessidades que nós passamos [...] eu acho que teria que ser assim, tudo igual! Assim que nós ajudamos ele também, quando tem eleição, eles [...]tem que olhar pra nós também [...], a gente não quer ser diferente... Então teria que ter mais atenção, porque, afinal de contas [...] tem pessoa que não aceita [...], a gente somos donos desta terra, e os brancos querem tomar, não são todos pacíficos, os governantes, eles não estão dando toda atenção que a gente merece.

Terena/M/E/Artista/35 O governo deve olhar mais para os povos indígenas [...], qualquer etnia possa ter um espaço dentro dos brancos, porque quando o branco vê algum índio crescer nos estudos, se formar em alguma coisa eles procuram não deixar! E o governo tem que cada vez mais incentivar os povos indígenas. [...] Dê escola! É muito importante para os povos indígenas, porque hoje em dia [...] não são mais aqueles índios de antigamente, hoje os povos indígenas tem uma noção diferente do que os mais velhos. E [...] os povos indígenas precisam é ter mais atenção na parte da educação, na parte de saúde, isso que é um dos mais importantes. [...] Aí o governo levar estas atividades para as aldeias ou de abrir espaço pra eles. [...] no Mato Grosso do Sul, tem várias etnias e tem bastante índios fazendo faculdade. Se abrisse faculdade indígena no Mato Grosso do Sul, seria ótimo, ser só para os índios, mas estamos em luta, um dia vai acontecer isso. Não pode desistir, é isso que é nossa reivindicação, ter uma faculdade somente para indígenas...

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 São vários problemas que tem nas aldeias, embora a gente tenha muitas coisas boas, mas também nós temos problemas, principalmente na questão de demarcação de terras. Lá na nossa região dos Terena, a nossa área tá ficando muito pequena, comparando com muitas outras aqui do Norte, nós temos uma área lá de 6.600-6.451 hectares, pra aproximadamente 5 mil índios na região onde eu moro. [...] isso dificulta lá em nossa comunidade porque [...] acaba dificultando pra confecção de artesanato, a prática da caça e pesca que fica muito pequena [...] que o governo, onde há estes problemas de território, procurasse resolver estas questões. E o nosso lá tá em andamento [...], então a gente gostaria que eles olhassem para esta questão das terras. [...] Olha, eu acho que isso muita coisa depende da gente também lá na aldeia, a gente sonha lá que na aldeia ter quadra esportiva, mas desde que nós tenha índios capazes de tá lá gerenciando, ensinado as crianças, nós temos vários professores na nossa aldeia que são pedagogos, mas nós ainda não temos professores de educação física e em outras áreas. A gente precisa primeiro chegar neste ponto pra gente ter esse apoio do governo, a gente espera que futuramente tenha este apoio. E esses Jogos, porque esses Jogos que acontece [...]

é muito importante pra nós, porque a gente não gostaria que acabasse, porque só gostaria que continuasse e melhorasse cada vez mais.

Terena/M/T/Atleta/16 [...] bom, eu acho que primeiramente, [...] na aldeia muitos conflitos são causados por eles, o governo, pela parte política. Então, eu acho que promovendo eventos culturais dentro da aldeia, porque geralmente a gente sai e traz a cultura pra fora. Lá na aldeia o povo fica brigando, fica intriga. Então, [...] eu acho que um evento dentro da aldeia, dentro da região, eu acho que seria o essencial pra gente estar melhorando.

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 O trabalho do governo Lula é muito bom, nós gostamos do governo Lula, está muito organizado, tanto para os índios também, o trabalho dele é muito bom.

Xikrin/M/K/Liderança Indígena/33 Nós estamos pensando assim, em melhorar lá na aldeia, eu acho que é bom para gente, só a FUNAI que está ajudando, parece que o governo não está ajudando, parece que o governo é contra a nossa cultura.

Xikrin/M/R/Atleta/26 O governo que a gente... lá na minha aldeia o prefeito ajuda nós, para comprar caderno, lápis, quando a gente precisa de alguma coisa para a festa ele vai mandar um pouco de refrigerante. Quando a gente ganha algumas vitórias e a gente vai comemorar lá e pouca coisa.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Eu acho que deveria mudar tudo isso, porque lá para nós falta muito [...] que se interessam pela prática de esporte [...] lá no sul tem três etnias: Xokleng, Kaingangue e Guarani, lá nós somos esquecidos pelos governantes [...] sei lá o que acontece, nós somos praticamente esquecidos.[...] Essa questão eu sempre coloquei em fóruns e conferências e um dia eu tive oportunidade para o Carlos e o Marcos Terena, em Curitiba, eu ganhei essa oportunidade, aí eles ficaram de fazer um projeto para que os Xokleng participassem dos jogos indígenas que estão acontecendo agora. Primeiro nós participamos do campeonato indígena de Futebol, em Minas Gerais, na cidade de Juiz de fora e o que eles prometeram para a gente em divulgar nossa cultura já está acontecendo, eles já estão providenciando para nós, então isso é muito bom para nós, eu agradeço muito esses dois líderes que estão comandando aí, o Carlos e o Marcos Terena.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/22 Levar para mídia, para mostrar e os povos indígenas tem mais capacidade, a mesma capacidade do branco, eles não tem preconceito, porque tem que mostrar a cultura da gente, tudo aquilo, levar para frente, às vezes tem outros índios de outras tribos e não sabe, não conhece.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 Eu acho que a mídia tem que melhorar o interesse que se tem pelos povos indígenas. O governo tinha que ver que poderia não só fazer o campeonato brasileiro, mas os brasileiro indígenas também, e para incentivar e botar um atleta indígena ao lado de um famoso e nós temos lá na reserva indígena pessoas que jogam muito melhor até do que estes profissionais, mas não é mostrado lá fora. Então o governo tem obrigação de fazer essas coisas.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 [...] pedir mais apoio para o governo, arrumar mais o centro comunitário, que possa vir acontecer esses eventos lá na nossa reserva, que não precisasse sair fora como nós estamos aqui, isso seria melhor para nós.



2.23. O QUE VAI MUDAR NA ALDEIA DEPOIS DOS JOGOS

Assurini/F/N/Atleta/29 Que mude um pouco [...], que as mulheres que nunca saiu pra cá para conhecer e ela vai contar pra outras... O importante é a gente saber como é também, aí a gente faz assim, traz um pouco da mulherada que nunca vem para mostrar para elas como é que é, aí as outras que já viu que não vem e já vinha outra pra poder conhecer como é.

Assurini/F/Y/Liderança Cultural/48 [...] eles querem aprender mais artesanatos também. Aprender fazer. Principalmente essas novas que não aprenderam a fazer ainda, a gente tá ensinando aprender fazer artesanato. E essa senhora que tá com o coco aí, tá fazendo essa coisa pra ela. Pra elas usarem foi feita comigo mesmo. Eu mesma faço. Quando eu vou sair pra os jogos, eu vou lá, puxo conversa com elas. Ó, eu vou fazer os artesanatos, vou levar. Aí a gente pergunta pra o torinho, quanto o pessoal vai, pra trazer o certo, né. Por que às vezes ninguém sabe, quantas pessoas vai, quantas não vai. Quando chega aqui, às vezes o artesanatos nem dá pra as meninas todas, né. Aí as outras fica sem usar, como agora nos jogos, né. Eu não sabia que vinha tudo esses completo, eu não trouxe direito os fios, contados por elas. Muitos fios não usou, por que não tinha, né. não sabia que vinha tudo completo, né. Foi tudo em cima da hora lá, aí não sabia, veio tudo assim.

Assurini/M/S/Liderança Artística Vai mudar que a gente vai começar a se preparar fazendo [...] outro coisa assim, como estes assim, aprender a fazer mais artesanato [...] que nossos parentes faz.

Assurini/M/T/Liderança Indígena A gente vai trabalhar pra que a gente mesmo estamos trabalhando muito sobre nossa cultura mesmo! E num projeto que a gente tem lá dentro... Quando a gente chegar lá vai ter muito trabalho, por que a gente tem também a roça, nossa roça comunitária e as roça também familiar, entendeu. Então o que a gente tá saindo daqui, pra nosso trabalho lá é plantar a roça tudinho.

Assurini/M/W/Atleta O que vai mudar... A gente vai chegar, vamos dançar de novo. Quando a gente chega, a gente dança lá pro pessoal. O pessoal que ficaram, aí a gente vai ficar junto, sempre dançando junto.

Atikum/M/A.G.O./Liderança/60 O que vai muda, muitas coisas que nós num fazia nós vamos fazer também, entendeu? Quer dizer, nós estamos aprendendo com eles, eles vieram, tá sendo uns professor pra ensinar nós e muitas coisas que nós num via e hoje nós vimos agora e nós temos de lutar pra aprenerê com eles também.

Atikum/M/A.R/Atleta/19 Bom a gente vai tentar, vamos buscar praticar outros esportes que até a gente até então não conhecia, como a corrida de tora, o arremesso de lança e outros .

Atikum/M/A/Liderança Indígena/58 Ah, vai mudar muito porque aquele que não sabia tem que tratar de aprender, se decifrar, saber que é indígena porque se o camarada nunca aprende se indígena só aprende a beber cachaça, pois nunca ele vai pra frente, né.

Atikum/M/J.F/Atleta Bom, realmente, acho que tem um apresentador, preparador... Pra levar a gente mesmo pra treinar corrida ou como futebol de areia, mesmo que isso aí é muito importante, e é um futebol pesado, acho que podia mudar muito isso aí, tem que ter uma pessoa que se encaixe pra mudar.

Bakairi/F/D.K/40 (s/id) [...] Nada! Normal.

Bororo/F/E/Atleta [...] nossos comandantes podem ensinar mais crianças a serem como nós, batalhadores.

Bororo/M/P/Liderança Esportiva e Cultural [...] a compreensão [...] e desenvolvimento de política indígena, principalmente que tem que dar uma melhorada. [...] isso levar daqui pra poder melhorar lá.

Bororo/M/V.T/Atleta [...] lá vai ser um momento de muita alegria, principalmente por causa que é a primeira vez que somos campeões [...]. Então a comunidade vai ficar muito contente com isso e eles vão dar mais apoio ainda do próprio líder, que é o Paulinho, assim, no sentido de treinar mais [...] As pessoas ficar mais fortes, cuidar do corpo, resistência, obedecer mais os ensinamentos de nossos avôs. Porque tradicionalmente também temos as práticas de ter força, resistência, de não cansar e não sentir fraqueza! Aí temos uma infinidade de práticas, de atividades que tem que fazer. Não dormir altas horas da noite [...], acordar cedo, antes do sol nascer, correr, vomitar pra ficar forte, tirar todo o ar que tem no pulmão, nas juntas, tudo isso. Então isso vai fazer que [...] une essa nossa cultura ainda mais [...] com o objetivo de não perder, de tá sempre ganhando, melhorar as pontarias, tudo isso.

Gavião/F/K/Atleta Nossa aldeia mudar só mesmo a nossa cultura [...] pegar mais experiência.

Gavião/M/A/Atleta/35 É treinamento.

Kanela/M/R/Liderança Indígena Não. Não, não houve alguma mudança.

Kapinawá/F/L/Atleta Vai mudar sim! [...] eu tenho certeza quando a gente chega lá, a gente vai ter que pensar, vai ter que passar tudo o que aconteceu aqui e o que não aconteceu pro Pajé, prá Liderança, pro Conselho Tribal. [...] a gente vai procurar um meio da gente incentivar mais [...] não dizer assim: A gente foi lá participar, vamos parar! A gente vamos só continuar o ano que vem quando tive perto da gente ir novamente [...] a gente tamos aqui ainda e quando chega lá, vamos dar continuidade.

Kapinawá/M/I/Atleta/20 Acho que vai porque, se a gente levar os Jogos [...] a gente continuar o que tá fazendo o que tá fazendo aqui continua fazendo... Acho que vai mudar muito, vai incentivar muitas pessoas lá.

Kapinawá/M/R/Atleta Não, com certeza, vai ter uma grande mudança depois desses jogos, porque sai daqui eu vou tá com compromisso [...] a responsabilidade de passar tudo pra quem fica nos esperando, que ficou torcendo pela gente [...] parte da aldeia lá pega TV, algum jornal e passou a gente! Foi televisionado, então lá torce, gente torcendo pra que a gente venha e regresse logo com sucesso, tudo ok! Ao chegar na aldeia de meu povo, eu vou dirigir pra todo mundo: Oh, aconteceu assim, assim... Mas vamos treinar mais que a gente vai levar modalidade nova pra gente apresentar lá pra isso eu preciso que você treine, vou passar tudo direitinho. Vai mudar porque alguns jovens vai se interessar, às vezes até uma questão da mídia tá em cima, tá publicando ao mundo, tá nos jornais, vai pros jornais de TV, de comércio, da banca... Quando nosso jovem índio vê, puxa vida! Os parentes tão tudo aqui... Treina então! Tão lá em Recife, a gente vai assim levar pra nossa aldeia, uma carga grande na mente, cabeça, no papel, no corpo, no físico... É assim foi que eu vim, assim que eu tenho que fazer, foi isso que eu aprendi que eu tenho aqui, eu vou levar pra lá.

Kuikuro/F/K/Atleta/32 Bom, quando eu vou lá na aldeia, a gente vai treinar também. A gente vai gostar muito de organizar, quando vai ser mais encontro. Tive mais, convida a gente! A gente vai também, vai ser os Jogos também. Ela falou assim.

Kuikuro/M/Y/Atleta/24 Isso não vai mudar nada [...] a gente vai continuar esperando o convite da organização dos Jogos Indígenas [...] porque a gente gosta muito desde começo. Quando a notícia chega lá na casa organizadores, todo mundo quer vir, tudo mundo fica ansioso pra vim, mesma coisa a gente, pegar cada um pra vir pra participar.

Kuikuro-M/T/Artista/22 Não acho que não vai mudar não. Nós, os Kuikuro, não vai mudar não. Vai chefe normal mesmo. Eu não sei se outros povos vai chegar diferente, se vai mudar muita coisa pra eles...

Manoki/M/J.M.A/Atleta Muda bastante, porque cada um vai para o lugar, depois demora encontrar de novo, porque uma aldeia é longe da outra e é muito difícil a gente estar conversando, é difícil para nós.

Manoki/M/O Muda, porque, por exemplo, estamos indo embora com saudade da aldeia, do pessoal, da família, chegando lá a aldeia fica alegre novamente, porque quando a gente sai a aldeia fica muito vazia, então quando a gente chega, volta a ficar igual a gente deixou, volta ficar animada de novo.

Pankará/F/E.S.G/Liderança Cultural/38 Eu acho que o que pode mudar é que a gente vai levar e repassar para todas as crianças, todos os jovens, incentive eles, para que possa se organizar também, para que a gente possa realizar de maneira bem clara.

Pankará/F/M.L.F/Liderança Cultural/38 O que a gente aprendeu aqui a gente vai repassar para eles e com certeza nos próximos jogos a gente vai detonar.

Pankará/G.P/Atleta A gente pode levar mais conhecimentos, mudar as regras dos jogos, se adaptar aqueles esportes, os professores podem levar para sala de aula várias atividades esportivas na educação física.

Pankará/M/M.C/Liderança Indígena/65 Pode melhorar, porque a gente vai dizer para eles como é, e da próxima vez, pode trazer mais e melhorar mais a situação, acredito que melhora porque a gente vai passando pra aldeia.

Pankararu/F/I/Atleta Nós vive a nossa vida normal, como dia a dia, assim é depois quando vim ocorrer os Jogos o ano que vem, aí dois meses faltando, treina.

Pankararu/M/F/Liderança Indígena Ah [...], não muda nada, que a gente tá sempre com aquela alegria de nosso povo, buscando mais para se interagindo mais com a sociedade não índia, com o negro, de um modo geral... Buscando [... para levar] aquele conhecimento para dentro da área, explicando como que é, e muito bom também que [...] os povos venham conhecer as outras tribos [...] é [...] tanto preconceito e da discriminação na gente do nordeste que, às vez, o índio negro que tem uma parte com o índio [...] o negro, o branco com o índio... Ele fica se sentindo, se excluindo, mas não é isso [...] tem essa parte do índio do nordeste que não é mais índio, mas o índio é aquele que tá dentro de si que tá no sangue, tá no seu cantá, tá na sua identidade, tá na onde você mora, e [...] seu conhecimento, sabe de onde veio. Esse quer dizer, o indígena não interessa se ele seja vermelho, loiro, negro, amarelo, branco, seus traços de índio mesmo, não interessa nada disso, interessa que ele tenha dentro de si a sua cultura [...] é se pintar, é ter orgulho onde ele mora, de sua terra, ele sabe sua história [...] sua raiz [...] seu antepassado, isso que segura a identidade de cada um pros indígenas, não interessa cor de jeito nenhum, interessa que ele tenha esse orgulho, de pegar seu maracá, dele pegar o seu cachimbo, como ele queira seu linguajar dele falar, cantar isso não interessa pra mim como Pankararu [...] que eu canto dentro de nossas escolas. É diferenciada mesma, 10 povos de Pernambuco, a gente ensina as crianças, ensina a pintura corporal, ensina o que é um campeô, ensina o que é um [...] guerreiro, ensina o que qué dizer puxar o cipó, ensina o que é a pintura corporal [...] com barro branco [...] que a gente bota ali na própria natureza e a gente ensina toda aquela parte do respeito ao meio ambiente, pelos velhos, por qualquer um dentro da nossa tribo.

Pataxó/F/S/Atleta [...] Vai mudar muita coisa, primeiro que é primeira vez que a gente somos campeão dos jogos, então vai mudar muita coisa, a gente vai tá levando esse carinho esse prazer pro povo Pataxó que tá lá.

Pataxó/M/K/Liderança Indígena [...] A gente participa já há 8 ou 9 [Jogos] e a gente entendeu isso como uma oportunidade de refazer uma leitura em relação a cultura! Claro, que a gente tem algumas coisas que a gente toma o maior cuidado e acaba fugindo um pouco do que a gente quer, isso é muito curioso e eu tenho um embate muito grande com a aldeia por conta disso. Que são as influências que a gente leva daqui. Já tem parentes Pataxó pintando com a pintura Xinguana, pintando o rosto, fazendo pintura Kayapó. Aí já compra um adorno diferente, aí já leva pra aldeia, aquilo começa a ser bonito. Aí aquele parente que já não tem: pôxa, o meu não é tão bonito que nem o dele. Tem essas influências que são interessantes, mas que tem que ser tomado um cuidado. Eu falo no sentido da gente não perder a nossa principal característica. Diz assim: “O que que me

caracteriza como Pataxó?” Isso é uma coisa que a gente vem segurando, tanto que quando a gente organiza os jogos internos não pode ter adorno de etnia nenhuma. Se não for Pataxó não entra. É um critério já de eliminar. O cara chegar com um cocar Kayapó, ele fica em casa, mas ele não vai para o evento. Então isso é uma coisa que a gente tem sido criterioso, neste sentido.

Pataxó/M/T/Atleta Sempre pra onde a gente vai, sempre aprende muita coisa, que o que gente vê aqui a gente pode tá fazendo lá na nossa aldeia. Eu mesmo me muito feliz em tá aqui, incentivar, eles sempre vai mais crescer minha cultura, a primeira vez que eu venho, tô alegre, tô feliz de tá aqui conversando como você agora e tá [risos ambos].

Tapirapé/F/I/Liderança Indígena/30 Levo, levo, levo meu conhecimento, é conhecimento das pessoas, é presente da cidade mesmo (risos). [...] quem é casado responde pra mulher, fala aconteceu isso, fala pro irmão, e quem é solteiro comenta, comenta com os outros, comenta fala que foi muito bom, uma região diferente... [...] Vai sentir falta dessa cidade aqui e muitos povos a gente vimos dos brancos também e vai sentir saudades sim. Nós vamos levar um presente pra nossa família...

Tapirapé/M/G/Atleta Vai mudar sim, com as crianças, por exemplo. Eu trabalho numa escola, aí lá na escola eu vou tá transmitindo alguns jogos dos povos indígenas, por exemplo, corrida de tora vou treinar as crianças carregar tora nas costa e quem sabe praticar, porque lá no ensino infantil eu trabalho e educação física [...] carregar uma tora nas costa, então treinar as crianças, se as crianças adorar com certeza essa corrida de tora vai tá dentro da nossa cultura.

Tenharim/M/L/Cacique O jovem, eles vão melhorar, praticar mais que sabe que lá na frente, vão precisa competir com outros parentes. Então isso motiva muito, então por esse motivo você sabe que vai influenciar, busca mais o conhecimento, cada um pensasse, não eu vou praticar nisso aqui, porque eu quero competir com os parentes, tem que vê esse lado! Então ele incentiva mais! Porque às vezes, eu tava vendo que tem gente que num tinha condições de joga, porque perdeu um pouco, né! Eu não sei também, porque cada etnia tem uma coisa diferente, isso eu quero dizer bem claro por causa, porque essa pessoa que não foi treinada nunca fez isso...

Tenharim/M/V/Atleta/20 Provavelmente vai muda, vai muda sim! [...] Rapaz, eu acho até que, durante nós estamos aqui, avaliei que a alimentação correspondendo, correspondendo assim no número de pessoas, tá! Mas com relação ao preparo, num tá sendo. A gente vê que o feijão aqui... E a qualidade, a qualidade do feijão? A qualidade. A gente vê que o feijão não tá com aquela qualidade que a gente tá adquirindo lá, dá não! Todas as coisas têm que ser de primeira, né? O feijão tem que ser de primeira, daquele que amolece bem, a gente tá mostrando até o feijão não tá bem mole, então isso aí prejudica a saúde da gente.

Terena/M/J.A./Liderança Indígena/44 [...] é a experiência que a gente pega de outras etnias, porque a gente chega aqui, a gente encontra aqui, por exemplo, um índio cinegrafista que tava aí conversando com a gente ontem, que lá na nossa aldeia não tem.

E que por outro lado esse cinegrafista também percebeu que na nossa comunidade tem um advogado formado. Então essa troca, ela é muito boa pra nós, porque a gente volta pra casa sabendo que todos nós índios temos capacidades e condições de está aí, trabalhando e competindo de igualdade com qualquer pessoa. Por que eu mesmo, na minha juventude, eu imaginava que o branco era a pessoa que sabia mais um pouco e isso eu herdei dos meus avós. Por que meus avós diziam que os brancos sabiam de tudo e a gente não. Então quando a gente volta desses jogos percebe que realmente a gente tem a capacidade, que só depende de nós mesmos.

Terena/M/T/Atleta/16 [...] Quando termina os Jogos você já fica na expectativa de ter outros. Porque chega lá o pessoal fica curioso, [pergunta] que etnia que foi. Então, o pessoal, mais ou menos já fica esperando a gente... Então, eu acho que a cada lugar que a gente vai, troca de experiência é o que mais conta para mim. Tipo a cultura dos Paresi, eles passam, cada um tem seu rito, tem a sua cultura, tem a sua língua. Então, acho que isso é o que mais vale pra mim. Nos Jogos eu posso entrar em contato com duas etnias. Porque nem sempre você pode interagir com todos. Então, acho que cada Jogos que passa você vai conhecendo e espera os outros pra conhecer mais povos.

Umutina/M/J/Atleta Eu acho que a mudança [...] eu vou chegar lá, vou passar tudo o que tá acontecendo aqui, tudo o que está acontecendo os alunos, as pessoas de fora que vieram...

Xikrin/M/I/Liderança Indígena/35 [...] depois de voltar para minha aldeia, nós vamos fazer teste. [...] Não, muda não. Tem que mudar [...] voltar e treinar muito lá para esse próximo jogo, a gente tem que ganhar alguma coisa, a gente tem que mudar a ideia quando a gente for jogar de novo. [...] Chegando lá a gente tem que mudar para os que estão ficando lá que nós até agora não ganhamos nada, a gente tem que falar o que aconteceu aqui com nós, a viagem, a alimentação, os jogos, tem que contar tudinho que aconteceu com a gente aqui.

Xikrin/M/K/Liderança Indígena/33 Depois dos Jogos a gente vai embora para aldeia, depois tem festa na nossa aldeia, se a gente ganhar no cabo de guerra tem festa, se a gente não ganhar não tem festa.

Xikrin/M/R/Atleta/26 Não. Não muda, a gente vai ficar tranquilo mesmo.

Xokleng/M/B.V/Liderança Indígena/27 Muda muito, o pouco que a gente aprende a gente leva, dá para ensinar muito as crianças. Isso muda muito para nós. Tanto é que está na mídia, o pessoal que está assistindo a gente aqui em Pernambuco, vai acreditar mais nas coisas e ter mais esperança de realizar, então isso é muito bom para nós. Sim, isso vai fazer muita importância para nós, a gente vai apresentar lá também, mesmo se você aprendeu alguma coisa com os povos indígenas você vai levar para a sua família e apresentar ou contar, o mesmo nós vamos fazer. Para mim foi bom, apesar da gente ter perdido, foi tudo ótimo.

Xokleng/M/K.V/Liderança Indígena/27 [...] mais interesse, interesse de realizar mais coisas.

Xokleng/M/V.K/Liderança Indígena/36 O que pode mudar é os outros querer participar, querer treinar, isso aí.



3. As vozes dos organizadores

Neste tópico avaliativo, trazemos as falas dos entrevistados, das quais destacamos quatro aspectos relevantes apontados pelos responsáveis pela organização das atividades que envolveram os indígenas durante esta edição dos Jogos dos Povos Indígenas. Entre os entrevistados, cinco são indígenas e dois não indígenas, totalizando sete pessoas, cinco delas atuantes na organização pelo Comitê Intertribal. Dos indígenas três são do Comitê Intertribal (ITC) Carlos Justino Terena (ITC/CG/CJT), responsável pela coordenação geral do evento e um dos mentores dos Jogos dos Povos Indígenas, que avalia este evento juntamente com sua filha e sobrinho, Maiara Elluke (ITC/ME) e João Terena (ITC/JT); e dois jovens lideranças indígenas que também participaram na organização do evento: Alexandre Pankararu (LI/AP) que atuou na Comissão de Avaliação e como um dos gestores locais na articulação com os povos indígenas de Pernambuco, e Anapuará Muniz Pataxó (IO/AMP), também conhecido como “Eric Muniz”, responsável pelo “Índios on-line”, que trabalhou na Equipe de Imprensa, em especial na imprensa indígena. Entre os membros da equipe de organização duas mulheres experientes na gestão dos Jogos dos Povos Indígenas trabalharam pelo ITC: Tainá Alencar (ITC/TA), responsável pela organização cultural indígena realizada no Evento, e Nelma Moraes (ITC/NM), gestora de marketing do Evento, atua no apoio ao ITC na relação com a imprensa e na divulgação dos Jogos, com apoio do governo do estado de Tocantins, na relação com a imprensa.

Ainda trazemos, como dados de avaliação, fragmentos das falas dos avaliadores que apontam questões das relações e dificuldades com a inesperienza com os Jogos dos Povos Indígenas. As falas são dos entrevistados durante avaliação do trabalho realizado, são os voluntários que compunham a Equipe de Avaliação (EA). Essa reunião de fechamento dos trabalhos contou com a maioria dos voluntários responsáveis pela coleta de dados apresentados neste documental dos IX Jogos dos Povos Indígenas.

O procedimento adotado, para orientação e superação das dificuldades apresentadas no processo, consistiu na realização de reuniões e encontros diários entre os membros da Equipe de Avaliação, a Coordenação e Assessoria para avaliação, a fim de dar suporte teórico-metodológico que contribuísse com a superação das dificuldades que se apresentavam no processo de estranhamento entre os entrevistados e os entrevistados.

As falas a seguir, portanto, tanto trazem reflexões sobre o processo de construção de um saber sobre os povos indígenas, evidenciada pelos membros da Equipe de Avaliação, quanto sobre o processo de trabalho coletivo proporcionado durante a coleta de dados para avaliação institucional deste Evento.

Nas falas dos representantes institucionais responsáveis pela estrutura e funcionamento dos Jogos, em Pernambuco, evidenciam-se também conflitos e processos de aprendizagem. Alguns trazem experiências acumuladas em outras edições dos Jogos, outros atuaram desde antes de o evento acontecer, contribuindo institucionalmente na construção do evento desde a fase de negociação, com instâncias governamentais, até a fase da construção do próprio espaço onde os indígenas foram recebidos e acomodados com, além da alimentação, atendimento à saúde, e onde atuaram como atletas e protagonistas de seu povo.



3.1. O VIVER DA GESTÃO COMPARTILHADA

ITC/CG/Carlos Justino Terena Quando nós fomos ver lá, não tinha aquele dinheiro que a administração que se paga para as ONGs [...], mas eles não deixaram, o estado foi lá e deixou o dinheiro para os brancos e para os índios ele não deixou. Ai você começa a olhar, perai um pouquinho, os caras querem fazer uma conspiração, esculhamba com a gente. Também nós tivemos uma falha no nosso contador, quer se mudou para São Paulo, morando em São Paulo e a gente não pode administrar, mas o primeiro diagnóstico foi, pô os caras fazem para os brancos e para os indígenas não. Como é que é isso daí? Qual é o peso disso? Ai perguntei isso para a Rejane, perguntei isso para o Rodrigo: “Ah, esquecemos, nós não sabia!” Esquecimento bom que vocês fizeram. Ai você fica olhando para a cara do branco: “Desculpa!”, fala [...]. Atrasa o dinheiro [...]. Você pode ver todos os jogos, que o Governo Lula resolveu foi tudo fora de época, tudo em novembro. Atrassou o campeonato de futebol que era para ser o ano passado acabou escorregando para esse ano no meio da chuva, por causa desse atraso. Não sei como é a função de recurso. Nunca mais foi como antes. Feito na época da chuva, fora de lua, foi quebrando [...]. Acho que isso contribuiu também um pouco para a coisa não anda bem equilibrado. Assim essa moça, a professora [Ivone que trabalhava no ME], ela começou a interferir dentro das nossas decisões. [...] a gente chegava lá para a outra professora, a outra diretora [e falava...], olha a funcionária está se intrometendo muito nas questões indígenas, ela é mulher ela não pode fazer isso [...], depois ela é branca, isso vai dá problema [...]. Parece que quanto mais falava, mais complicava. [...] ela] começou a ligar para etnias querendo fazer reuniões sem o nosso conhecimento [...] teve situações difíceis para administra depois [...], começou a querer viajar para as áreas indígenas, começou a tomar conta [...], e como ela falou nos últimos jogos lá no Mato Grosso [...]. Quando os diretores souberam que a tocha ia passar lá, já tava tudo armado [...]. Então fizemos a passagem da tocha e a Ivone esteve lá e disse eu sou Diretora dos Projetos dos Jogos Indígenas. [...] Ai se a gente pega um, por exemplo, assim que não gosta dele como é que a gente vai administra isso? [...] todas as secretarias para saber quem queria os Jogos Indígenas?

ITC/João Terena [...] tinha muita gente na Coordenação, tinha pessoal da prefeitura, pessoal de secretarias, o pessoal do Ministério veio com uma equipe grande também, veio gente da Funai, Funasa [...] e ninguém sabia dizer de qual organização era, se dos Jogos, da Funai, da Funasa. É importante que essas pessoas participem, mas acho que eles devem ter um papel mais executor, secundário, precisa centralizar mais as ações ou no Marcos ou no Carlos [...] porque quando há muita gente falando os participantes confundem. A gente que é do comitê e todo ano participa das etapas estaduais, já temos mais ou menos o perfil das pessoas que podem trabalhar ou que não podem. Então, faltou foi um pouco de sintonia. Quando a gente chegou, a gente não fez aquela reunião inicial de todo mundo e isso faltou, reunião de Comitê, do Ministério, da Funai, o pessoal dos atachês porque eles ficaram muito perdidos [...] eles ficavam todos os dias perguntando o que tinha que fazer. E, na parte cultural, faltou um suporte da instituição governamental daqui dos municípios [...] porque a gente não conhece Recife, não conhece Olinda, então acho que lá na Arena ficou muito distante, o pessoal não conseguiu vender o artesanato, então a gente precisava mais desse suporte. Ontem a gente fez um passeio pra ver se conseguia vender essas peças. Mas, por outro lado, a cidade foi muito receptiva com a gente, foi muito caloroso tanto lá na arena, quanto lá no Geraldão [Ginásio] e tanto no caminho da arena para o Geraldão a gente sempre foi muito recebido.

ITC/Tainá Alencar [o limite] principal é disputa que acontece entre quem organiza, quem realiza, quem idealizou e quem não idealizou e nessa disputa o tempo vai correndo e vai passando e quando o evento acontece é em cima da hora, a organização sempre trabalha na emergência e é complicado. Quando o dinheiro não chega e as etnias têm que sair das aldeias, a gente não sabe o que fazer, às vezes está na mão de outra pessoa, é um dificultador. As gestões vão mudando, às vezes chegam pessoas que nunca trabalharam com isso ou têm uma outra visão: “é do índio, é para o índio, então não precisa ser um som tão bom”. A comida não tem que ser tão boa, a gente encontra essas visões também. Dos que chegam de fora, então vai mudando e tudo vai saindo dificultado, a gente vai tentando ensinar as pessoas, algumas que a gente vai tentando mudar a cabeça, a gente consegue, algumas não. Isso vai tornando o processo mais moroso e [...] vai se arrastando até no nível do Ministério. Quando vê, chegou, como que é ou não é... E está todo mundo correndo a apagar o mesmo incêndio. Isso é um dificultador grande que acontece também por causa da disputa, não sabe onde vai fazer... Se vai ou não vai!

ITC/Maiara Elluke Achei bem complicado essa questão, a gente foi super bem recebido, a população é super calorosa, foi ótima, mas acho que faltou um pouco de infraestrutura, ainda mais nossa parte da comunicação, a gente ficou meio perdida [...] não tinha com quem falar direito, as assessorias daqui não estavam muito preparadas para lidar com isso, para disponibilizar o material, acho que ficou meio complicado para a gente trabalhar com recursos bem restritos, acho que ficou muito longe, sempre atrasava pra sair do Geraldão, para ir para lá. Acho que precisava concentrar na praia de Recife, essa logística do transporte ficou um pouco prejudicada por causa dessa distância. Quando a gente lida

com pessoas, acho que sempre vai ter esses tipos de dificuldades também, mas, fora isso, a alimentação foi muito boa, me surpreendeu a infraestrutura de alimentação. Acho que foi legal e comportou tudo [...].

RA/Equipe de Avaliadores Quando eu participei da reunião com a imprensa, acho que tem que ser repensado essa reunião, porque a imprensa não está respeitando o espaço do Evento. A oca era para os índios fazerem o ritual, eles entram na roda tirando foto, no momento em que eles estão cantando. Não sabem que, para eles, aquilo tem um significado, para a imprensa só a imagem que importa [...]. No local do evento, os organizadores estão pedindo para a imprensa se afastar para realizar as atividades, o pessoal da imprensa está entrando no meio da prova para capturar imagens, principalmente a Rede Globo que acha que tem o poder para eles, até a questão da sala de imprensa, eles descarregando imagens, atrapalhando o trabalho de todos de outras impressas. Então acho que na próxima edição deve fazer um local isolado para imprensa e não permitir que ultrapassem esse local. Tem também a questão dos pesquisadores, porque eles entram e fazem e não perguntam nada, a gente também não sabe quem são e o que querem, por que estão pesquisando. Acho que isso até na questão da avaliação, porque é importante quando a gente está falando de uma prática tradicional ter uma imagem, a gente não está criando imagem para eles, eles estão capturando as imagens individualmente, para eles ou para empresas ou instituições e não há uma preocupação com a questão da avaliação ter isso também: “como se organiza? Quem é que vem? Quando vem? Pediu permissão para quem? Eu acho que isso não está colocado, acho que o Comitê que autoriza é ele que convida os pesquisadores, fico pensando assim: Quer dizer se eu tivesse dinheiro, máquina fotográfica, uns 3 ou 4 bolsistas eu podia chegar aqui e fazer a festa, de imagens, de entrevistas, de tudo, iria embora e não preciso nem dizer nem muito obrigado para ninguém. Se eu me bancar, eu posso fazer isso? Dá essa impressão: Que está aberto para qualquer um que chegar. A gente vê alguém da comunidade que chega, essa questão já foi relatada, das mães tirar as crianças da frente do cara que não se toca e fica tirando fotografia impedindo a criança de brincar, ficar fotografando pessoas que estão aqui coletando dados, seja ela uma instituição universitária, seja uma outra instituição, ONG e tudo mais, acho que isso está muito aberto.



3.2. AVALIANDO AS RELAÇÕES

ITC/João Terena Quando a gente chegou com dois, três dias de antecedência, era preciso que a prefeitura passasse a relação das universidades interessadas e daquelas que não estão interessadas também, a relação das escolas, dos projetos, que a própria prefeitura pode estar desenvolvendo porque a gente quer levar, convidar, ir lá pessoalmente e convidar essas pessoas, fazer uma palestra, uma orientação, de repente levar um cacique,

levar uma liderança. Então, acho que na parte de comunicação é importante isso, falar com o pessoal das rádios, das TV, com os jornais impressos, os sites, porque tudo isso só contribui, só traz esclarecimento que, infelizmente, muita gente não conhece [...] os povos indígenas [...] a gente quer mesmo é interagir com as entidades de educação e desenvolver, trabalhar [...]

ITC/Maiara Elluke Acho que concentrar mais as informações num grupo só, ter muitas pessoas trabalhando, o pessoal da Funai, o pessoal da Funasa, o pessoal do Ministério, a gente perguntava para um e ninguém sabia onde que ia ser a programação, ou senão quais os veículos de comunicação que a gente pode estar divulgando aqui, então as informações são muito dispersas.

RA-Equipe de Avaliadores Eu ouvi falar: “Se ele me respeitar, eu respeito, mais se ele não respeitar, eu não vou respeitar”. (C) Quem falou assim? (E) Foi o líder dos Xavante. Ele disse que na questão dos conflitos é partir para a flecha, tem que espantar mesmo aquele que não está dentro das regras, a lei do mais fraco, até na questão dos jogos, se tiver desrespeito a gente tem que espantar. (E) Com relação aos Assurini, foi um líder, conseguimos 2 homens e 2 mulheres, o líder fala tranquilo mas quando a gente foi entrevistar o atleta e o artista Assurini, um mais jovem de 19 e outro de 27 anos, tinham dificuldade de falar, quando a gente perguntou sobre como estava sendo a relação entre o não índio com o povo de Olinda e Recife registravam medo. Eles não dizem assim, diziam que não tinha vontade de falar porque não gostava de ficar perto e de conversar com não índio porque tinha medo, porque não sabia o que o não índio poderia fazer com ele, o mais novo não queria nem falar. Foi só porque o líder disse: “é você!”, então ele veio à força falar, porque o líder disse que tinha que falar. O mais novo, de 19 anos, com essa história do medo, travou a entrevista, eram respostas muito curtas, a gente tinha que ficar repetindo e explicando para tentar trazer a resposta para a pergunta, então nós tínhamos que ficar insistindo na pergunta para obter uma resposta. Quando perguntamos o que deveria melhorar aqui nos Jogos, ele respondeu que era a segurança porque no alojamento ele nem dorme direito com medo de acontecer alguma coisa, então isso travou bastante a entrevista. Em outros casos, como dos Assurini, eram muito diferentes as respostas do líder para a resposta das outras pessoas, em alguns pontos o líder dizia que era de um jeito, outro valorizava mais, falava mais, mas a valorização sobre alguns pontos era diferente, o líder valorizava mais sobre o aspecto esportivo e os que eram artistas, por exemplo, valorizavam mais o aspecto tradicional. Teve essa diferença dos entendimentos sobre as coisas.

ITC/Nelma Moraes Eu acredito que os limites ainda estejam em conjunto com o preconceito e a discriminação, nós temos uma grande dificuldade, nesse sentido. Por exemplo, em vários lugares que nós vamos realizar os jogos, o que ocorre? As pessoas dizem: “Eu nunca vi um Índio” [...]. Então eles não têm o conhecimento, então existe uma certa distância que nos dificulta [...] essa ausência de conhecimento, no geral na sociedade, é que nos limita, essa interatividade para realizar os Jogos.



3.3. ASPECTOS RELEVANTES PARA A ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS

ITC/CG/Carlos Justino Terena [...] nós temos uma copia do nosso regulamento. O que diz no nosso regulamento? Nós vamos escolher o estado que nós temos afinidade com o que tenha um programa com comunidade indígena social, que respeita os índios, que não invade a área dos índios, [...] que não tem muito conflito. Temos uns princípios básicos lá para escolher um estado. O que aconteceu? A Ivone queria levar os jogos para o Maranhão, nunca entendi o porquê ela queria levar para o Maranhão logo numa cidade chamada Barra do Corda, que é uma área de conflito, ela não conhece. [...] Então vamos deixar, vamos ficar rindo daqui para ver o que vai acontecer. [...] Daí o Marcos falou, não vamos deixar fazê isso. Vamos tentar levar para Recife. Vamos buscar outra alternativa. A gente fala isso para o Ministro. Por isso que a gente veio para cá em detrimento do Maranhão [...], mas na verdade a gente queria voltar para o Pará. [...] Mas aí o Marcos veio para cá para fazê o contraponto do que a Ivone estava fazendo em relação ao Maranhão. Assim que começa essa história aqui. Sandra Soares. Ela é responsável por trazê os Jogos para cá. Nem sabe disso. [...] Ela é amiga do trabalho por isso que veio escorregando pra cá, quando se fechou aqui, não tinha como recua politicamente para ir para outro lugar. [...] Aí quando chegou para cá, você conhece essa história que eu já contei. Começou essa brincadeira. [...] Todo dia a gente tá acertando, como eu falei com a questão de ir para Recife [toda uma dificuldade para definição, principalmente na liberação dos recursos que gerou atrasos e muitos problemas]. [...] tem custo benefício na intenção da gente. Acho que praticamente é isso meu depoimento, eu estou falando assim no sentido de acerto, porque eu estava lá em Olinda e todo mundo elogiou o evento, tudo bem organizadinho, bem certinho, bem afinadinho e tal, não sabe o que está acontecendo nos bastidores.

ITC/Tainá Alencar Tem que começar a definir, entrar no calendário, ter algumas pessoas mais centrais que continuem, o Carlos e o Marcos já são bem centrais há muitos anos, pensaram tudo, isso acabam ficando, mas às vezes eles não têm tanto poder de negociação, das grandes decisões em relação aos jogos. Não podem captar dinheiro para fazer alguma coisa, não podem fazer uma planilha de trabalho que o Comitê possa cumprir. Por exemplo, o Comitê não tem esta autonomia hoje e nem essa capacidade de fazer o evento sozinho, isso seria uma solução. Se unir mesmo e definir que vai gerenciar por algum tempo, não por um ano, para poder programar melhor, para poder pensar nos prazos, definir regras, o dinheiro não chegou para tudo, volta, não vamos colocar os caras na estrada para passar fome, a gente não pode fazer isso, passou o tempo da gente fazer isso, são 9 anos. São 9 edições, então, por no papel o que deu mais certo, o que deu errado, até hoje, o que aconteceu de mais errado, o que não pode acontecer nunca mais, e é enfiar na cabeça dos gestores deste evento. Não só dos gestores públicos e levar como missão, como trabalho,

remunerar bem as pessoas que trabalham nisso, a gente vê que as pessoas que trabalham mesmo, trabalham por amor, por coração e daí você fica sujeito... “se eu posso, eu vou, se não posso, eu não vou” [...] se eu estou ganhando mais em outro lugar, vem um outro que sabe menos e daí começa a atropelar, fica as coisas para fazer, ficam os indígenas passando algum tipo de necessidade [...] o que a gente quer é mostrar a importância dos povos indígenas para esse evento e esse evento para o país.

ITC/João Terena Na parte geral precisa de as organizações dos Jogos sentarem junto, conversarem, ver o que cada um vai fazer, que posição cada um vai jogar, pra não ficar esse tumulto, muita gente dizendo ‘fulano falou que pode ir, mas não sei quem é, não conheço’, e preparar as atividades culturais, regional, da cidade, local. Por outro lado, vieram apresentações culturais dos projetos da prefeitura, pessoal de Recife com as apresentações culturais indígenas, então isso foi um ponto positivo. [...] – É, a gente sentiu um pouco a ausência de uma estrutura de comunicação, principalmente para Fórum Social, que foram quatro dias, foram discussões importantíssimas, tivemos a participação muito, muito pertinente de algumas lideranças das mulheres, lideranças jovens, tínhamos lideranças da Funai, de antropólogos, de professores. Então, no Fórum, acho que faltou as prefeituras, o governo do Estado, porque são assuntos importantes, são temas relevantes e a gente que é do Comitê gosta de ir nas universidades convidar o pessoal nas escolas, nas entidades, órgãos governamentais e o nosso público é esse. O jovem da universidade, não indígena, para conhecer um pouco da nossa cultura, para interagir, para tira dúvidas, desmistificar alguns pensamentos, conceitos, às vezes, preconceituosos. Faltou um pouco desse suporte, a gente gostaria de ter chegado e já ter alguma agenda, não conseguiu construir isso [...] ficou com pouco público, acho que houve uma falha de comunicação do pessoal da programação do esporte com o pessoal do Fórum. Mas, por outro lado, a cidade foi muito receptiva com a gente, foi muito calorosa, tanto lá na arena, quanto lá no Geraldão e no caminho da arena para o Geraldão a gente sempre foi muito recebida.

ITC/Maiara Elluke Dar voz ao índio, dentro dos fóruns, dos debates é uma das principais vertentes, além do esporte, a questão política de estar dando voz para o índio é muito importante. Acho que o fórum é uma porta que dá voz pro índio, que o índio tem a oportunidade de falar para todo mundo ouvir, eu acho que precisava de uma importância maior, dentro dos Jogos, o Fórum podia ser mais importante. Mas a questão econômica também é importante, movimenta toda uma estrutura aqui dentro da cidade, muitas pessoas vêm pra cá pra conhecer, gente de fora do país, os Jogos são um evento muito importante e deviam entrar para o Calendário Nacional.

RA/Avaliadores Sendo que a gente conseguiu entrevistar algumas etnias que têm até televisão na aldeia enquanto algumas outras não. Existe uma contradição muito grande, enquanto umas permitem, outras não, quando o pessoal de Olinda observou que o índio tinha máquina digital, para eles foi um susto de início [...], eles elogiaram muito o artesanato porque mesmo com o recurso limitado que eles têm, o artesanato é muito

bem feito, muito bem trabalhado. Essa questão do artesanato é relativa porque antigamente a gente tinha acesso bem restrito, antigamente a gente tinha acesso a uma etnia X e hoje nós temos acesso, com os Jogos, a várias etnias que a gente nunca tinha visto e nem ouvido falar. Eu levei a gravação para eles [os alunos] ouvirem, aproveitei a aula de história [...] uma professora [perguntou...] por que os colégios não ficaram sabendo? Deveria ter um convite para as escolas, para os professores de geografia e história, [perguntou] se eles podiam estar participando deste Fórum [...] E disseram para o próximo ser mais divulgado.

LI/Alexandre Pankararu [Sobre as dificuldades] Transporte é negócio de muita dificuldade, foi na questão de saneamento básico, a questão da higiene dos banheiros. Só que o transporte foi mais marcante, foi mais expressivo. A questão do transporte é ter uma articulação mais antecipada e os motoristas já terem um conhecimento maior da área, ter reuniões com eles, onde eles vão pegar, estou anotando os motoristas, mas as pessoas que vão transportar os indígenas, ter um conhecimento de onde vão pegá-los, até onde vão levá-los, precisa ter uma articulação mais antecipada do que teve neste. E a questão da higiene mesmo é a limpeza (risos), aumentar a equipe, mas a questão da limpeza foi só nos primeiros dias, agora aumentou o número de pessoas para fazer a limpeza dos banheiros. Como teve a feira do artesanato, dá para uma visibilidade maior do que a gente faz, como a gente vive, então mostra outra realidade como muitas pessoas não têm conhecimento, pessoas que vivem na cidade, que têm o conhecimento do ser indígena através dos livros, que contam as histórias como fossem mitos, os indígenas faziam, pescavam, caçavam, ainda temos outros veículos de meio de sustentabilidade, então a gente mostrar isso pra uma sociedade não indígena presencial acho que vai ter algum impacto, principalmente para as pessoas que vivem aqui em Olinda e em Recife, que está mostrando realmente como nós vivemos. Eu queria colocar na avaliação para ter participação de mais povos indígenas do Brasil, mas é coisa é sonho, porque hoje nós estamos em vinte e seis, coisa assim, então se estivessem presentes todos os estados, acho que ficaria bem melhor.

IO/Anapuará Muniz Pataxó Eu acho que falar da política do esporte em geral, integrando a política do esporte indígena é diferente porque, no geral, no Brasil, aquela política do esporte, nessa deve aparecer a política do esporte indígena. É diferente, é um processo diferente, não é o esporte indígena que vai ser integrado na política do esporte geral, mas essa que contempla a política do esporte indígena. Se isso não acontecer, é possível acontecer uma ruptura, segregação. Mas falar de uma política geral que tem também o esporte indígena é diferente, pois criar uma maior integração, inclusive para os povos indígenas. Pode ser melhor aceitar a presença de um órgão estadual que não existia quando eles estavam aqui, eles têm como... Primeira referência o próprio povo e depois vem o Estado. É isso!



3.4. AS POSSIBILIDADES CRIADAS

ITC/CG/Carlos Justino Terena [...] Pô amigos, isso aqui não é jogos de brancos, não é jogos estaduais, nós estamos falando dos jogos não tô falando de estados como vocês estão acostumados [...]. Então a pessoa pensa muito assim como modelo para todo mundo e não existe isso, você criar um modelo para fazê uma política voltada para os indígenas? Não existe isso! [...] por exemplo, eu tenho muito cuidado quando convido uma etnia, eu estudo muito o comportamento dele, de conhecimento e interação com o branco. Porque é perigoso chegar a trazer aqui como já aconteceu com a gente também os que nos trouxemos e sumiu [...] porque eu diagnostiquei sem querer ser psicólogo ou não, eu diagnostiquei que ele já tava absorvendo muito rápido, em pouco tempo, costumes de outros povos, costumes de brancos. Ai chegou la eles já estavam usando walkman já não queria mais pintá, já tava de bonezinho [...] vamos deixar ele na aldeia dele para gente fazer um diagnóstico. Então a gente não pode chegar e falá, nós vamos querer uma política dos povos para todo, porque é diferente, por isso que não dá certo [...]. Porque o xavante é uma realidade, o karajá é outra realidade. Você vai ver, aqui é uma escola legal pra você entender isso, porque você conversa com cada povo, é diferente em tudo, na cultura, crenças, até alimentação, tratamento. Você tem que pensar como é que vai fazer uma política para um grupo sem generalizar para todo mundo [...], sem falar no fator que é importante, o grau de relação com o não-índio. [...] Então o que nós temos que fazer? [...] criar pilotos [...] o que nós temos são questões sociais. [...] Então se a gente não impõe isso como uma forma educativa, até os filhos, também a gente sabe disso, você não consegue resultado. Por exemplo assim eu discuti aqui no primeiro dia com os atletas, eles chegaram de chuteira aqui, falando para mim. Carlos eu queria saber onde a gente pode treinar, porque a gente vai joga futebol e a gente quer treinar. Tudo de chuteira. Vocês estão de chuteiras? Não tem futebol com chuteiras aqui, sabe que no regulamento tá futebol de areia, [responderam], mas nós não sabemos jogar futebol de areia. [Eu disse], então não joga, fica sentado olhando, quando for no outro jogo você aprende e joga! [...] porque é o processo educativo, vamos tirar a chuteira do cara, vamos diminuir o futebol. [...] Nossa intenção no futebol é acabar com esse negócio. Daí ele começa a discutir comigo. Ai eu falei, irmão é o seguinte, irmão você é líder? Ele falou não! Então você fica quieto que eu tô conversando com a liderança. Ele baixou a cabeça e ficou quieto. [...] Então eu acho que nós podemos fazer essas coisas [...]. Começar sempre do zero, [...] você sabia que o número dos terenas são só três? A gente não conhece o zero? Mas a gente consegue fazer uma panela tão redondinha, assim bem feitinha redondamente, usando a nossa matemática de círculo, você sabia disso? [...] Vocês para fazer uma panelinha tem que ter uma forma, para fazer isso. A gente não! Vocês para fazer a marcação como é que consegue fazer certinho porque é a geometria, a gente [...], parece que fica tudo carimbado, certinho. Você entendeu? Então temos que começar do zero, do zero não do um.

ITC/Maiara Elluke A importância maior é a questão do resgate das culturas, da cultura que está morrendo, nesse deslocamento de todas essas etnias. A gente está sempre dando uma autoestima maior, dando um fôlego maior para os índios terem orgulho de ser índios. Conversei com várias etnias, todos falavam que os filhos estão deixando a cultura [... no] contato com muito não índio, vão tendo outros interesses, então os Jogos é um momento de eles terem orgulho de ser índio e de ter uma oportunidade de mostrar o quanto é bonita a cultura para não deixar morrer. Muitas pessoas nunca viram índios de verdade, acho que é um choque mais para elas do que para os próprios índios. Acho que a gente traz essa mensagem de amor, de respeito às diferenças [...] e a maior contribuição que a gente tem pra dar aos não índios, para poder conhecer outras culturas, é ver o quanto é importante respeitar o outro, respeitar a diferença. [...] Eu acredito que dá uma maior visibilidade. Etnias que nunca participaram quando chegaram aqui, sentem essa questão do orgulho [...] eu existo perante a sociedade [...]. Eles têm voz, falam o que precisa e o que não precisa. Voltam, acho, mais orgulhosos da própria cultura.

ITC/João Terena Nos Jogos, todos os fatores são importantes, contribuem muito para o desenvolvimento das comunidades, acho que a maior valor é o cultural. E os povos indígenas nos dão uma lição muito importante, de como é bom e fundamental na preservação dos costumes, do meio ambiente, de saber viver em comunidade, de saber conviver com as diferenças. As pessoas em geral costumam pensar que o índio é no singular, mas não, a gente entende que existem populações indígenas, comunidades tradicionais e uma pluralidade, uma diversidade de cultura, de costumes, de hábitos, de maneiras de pensar, de falar, então, acho, que o maior valor que a gente tem é o valor cultural, é o intercâmbio. Fico muito feliz quando eu vejo vários parentes, de várias etnias se integrando, se interagindo, é curioso pra saber a dança do outro, a música do outro, acho que para mim um maior valor é esse. A questão do valor político também é importante, porque algumas lideranças são fortalecidas, algumas lideranças são desenvolvidas e a preocupação que eu tive com relação a essa 9ª edição foi com a formação de lideranças jovens, era uma coisa de renovação, uma coisa de espiritualidade mesmo e valor social, é exatamente isso que eu falei, a integração, a comunicação, a interação entre as diversas etnias. Reencontrei vários jovens que, em edições anteriores, vi e ainda eram crianças, ainda estavam acompanhados de seus pais, dos caciques e hoje eles estão aí, desenvolvendo, participando, querendo contribuir, então o maior é o aprendizado que a gente fica.

ITC/Tainá Alencar [...] as atividades culturais passam por mim em algum momento antes de chegar na arena. [...] Os Jogos são importantes pela promoção das culturas indígenas, a integração entre os povos, coisa que não acontece todo ano, quando se encontram para trocar os esportes, conversar sobre todos os assuntos... É nosso objetivo principal a interação entre os povos que participam, os que não se conhecem, os que vêm para cá a primeira vez, que se sentem valorizados, a gente observa que as etnias que vêm pela primeira vez, quando elas voltam, vêm mais animadas, produzidas, se preparam para apresentar para o público não indígena, então, quando elas chegam primeiro elas perce-

bem um diferencial nas outras, ou “porque eles estão dançando tão animados e nós somos tão baixinhos com vergonha” então, vão soltando-se aos poucos com mais força, com sua cultura então a gente sente a autoestima levantando, a etnia se sentindo melhor e tendo prazer em mostrar sua cultura para os povos indígenas e não indígenas. Para o local, é importante porque atrai visitantes, a imprensa, mídia espontânea é grande, a gente sabe que vem e fica apenas registrando os jogos, acaba circulando e registrando as belezas do lugar, acaba passeando e falando de cultura local também. A questão política, que alguns olhos se voltam para aquele estado que está realizando os jogos, acolhendo todas estas etnias e essas pessoas basicamente.

ITC/Nelma Morais A proposta é que a sociedade pelo menos busque o conhecimento antes de fazer alguma crítica sobre os povos indígenas [...] nós estamos fazendo no Fórum Cultural são os workshog, é a revitalização cultural dos Jogos Indígenas, o próprio Comitê tem feito isso. A importância de divulgar esse intercâmbio. [...] O registro da história dos Jogos é que a gente vem numa luta desde 90 realizando os Jogos, numa parceria podemos deixar que políticas a serem implantadas. [...] a gente tem toda uma estratégia a ser trabalhada [mas], o indígena na parte burocrática não tem conhecimento [...]. São dois mundos diferentes com muita limitação. Mas nada que, somando esses dois mundos, a gente não possa vencer essas dificuldades.

IO/Anapuará Muniz Pataxó O trabalho, eu acho deve ser sobre isso, criar uma condição de dar possibilidade de apresentar os povos indígenas como entidade, mostrar as diferenças, mas sem mostrar o fenômeno como folclore. Não é um fenômeno, deve ser uma maneira de mostrar que existem também na realidade, que é a realidade indígena. O Brasil tem a variedade mais ampla dos povos indígenas e muitas vezes as pessoas não sabem mesmo as pessoas brasileiras. Sabem que há povos indígenas, mas não conhecem a variedade e a importância. Esse evento pode trazer essa finalidade, pode levar a um conhecimento ativo e real.

ITC/João Terena [...] Então acho que é um evento que mexe muito com você, estava conversando ontem, no penúltimo dia, com algumas pessoas, muita gente triste já, o pessoal da cidade, os voluntários, fotógrafos, muita gente já querendo saber como é que a gente faz para participar do próximo. Porque fica uma coisa muito do coração e o que as pessoas não indígenas têm hoje é muita falta de amor, muita falta de respeito, de coração, muita falta de respeito comum [...] são mais ligadas em coisas materiais, são muito inseguras, quando elas encontram as comunidades indígenas e passam a conviver com elas 2 ou 3 dias, elas percebem que ali há uma cumplicidade muito grande, há uma fraternidade muito grande, que, infelizmente, está se perdendo em nossa sociedade, então a pessoa fica mais feliz, ela se sente útil, ela se sente amada, ela se sente compreendida, se sente parte de uma comunidade. Acho que é isso que as pessoas se encantam muito, ficam muito fascinadas por algumas etnias, há muita gente já chorando, já triste, então acho que, que essa edição dos jogos é pra mim isso, é emoção, é coração, e hoje é o dia de despedida, as despedidas são muito ruins, mas, por um outro lado, a gente tem um olhar sobre o futuro

[...], a gente fez um encontro de jovens, justamente pra chamar o pessoal para participar, para estimular. A gente tem muita expectativa com relação à juventude indígena, e o tema de nosso encontro foi ‘desafios da juventude indígena’ porque, ano que vem, muitas etnias vão fazer os jogos deles nas aldeias, os jogos por regiões, então a gente fica muito feliz de saber que esse trabalho está sendo multiplicado no sentido de valorização do ser humano, no sentido de respeito ao próximo, à natureza, aos costumes, às tradições, porque os povos indígenas são esses, é um pouquinho do povo brasileiro, e isso a gente constrói todo dia.

ITC/Nelma Morais [...] tem sido muito bom trabalhar esse lado cultural dos indígenas [...], conhecimento foi somado [...] culturalmente foi muito bom. [...] eu vejo um fato muito positivo, porque eu já vi que meu equilíbrio já está com maior influência dos povos indígenas que têm contribuído para minha melhora.

ITC/Maiara Elluke Eu me sinto muito bem, é um momento que tenho para conhecer os parentes, a gente mora muito longe, pra rever pessoas que a gente já conhece, então a minha participação mesmo é muito emocionada como filha de uma liderança indígena, não só nesse âmbito de rever os parentes é como a gente fala, mas também de intercâmbio com os outros profissionais de minha área de comunicação, conheço muitos fotógrafos, muitos jornalistas, então acho que isso é muito rico também. Não é só uma experiência profissional, mas de vida, sou muito grata de ter essa oportunidade de estar junto com eles, a gente aprende muito. A gente acha que, às vezes, eles não têm o que ensinar, que eles são retrógrados, mas, para mim, ter esse contato é muito vivo, é muito importante, gosto muito (risos).

ITC/Tainá Alencar É por amor, eu comecei em 2000 em um evento que chama “Evento Nacional dos Índios” que é puramente cultural, eu comecei a trabalhar nos Jogos que também é esportivo, mas eu continuo trabalhando nesta parte cultural e fui me envolvendo com esses povos e me interessando muito mais, hoje eu trabalho só com isso, só com indígenas o tempo todo a fim de manter essas culturas vivas e manter o desejo deles de ver a cultura ser o que sempre foi, esse é o meu objetivo. Objetivo é reencontrar essas pessoas e ver o olhar delas mudando ou mudado, ouvindo eles dizer: “Sou Kaiapó, você está me vendo? Você viu a posseira que eu fiz hoje? Você viu minha pintura? Vem cá, deixa eu te pintar. Se torne Kaiapó um pouquinho, mostre essa parte de índio que está em você. O sentido é esse: Ver neles e continuar a vontade de ser indígena que tem neles e encontrar a parte indígena que tem em mim.

IO/Anapuará Muniz Pataxó [...] destaco a importância de uma educação bilíngue para os povos indígenas, que pode ser sustentável para os povos brancos, para que saibamos as expectativas dos povos indígenas. [...] um povo pode desaparecer sem ter sua própria língua. Educação significa para mim também ensinar o perigo do desaparecimento de uma língua, do uso da língua. [...] Pode ser uma boa ideia desde que seja um CD visual. Escrita não pode ser, eles são orais. Um CD visual permite ver bem e demonstrar a intensidade de seu discurso, isso pode demonstrar que cada pessoa tem uma identidade étnica, cultural e social.

ITC/CG/Carlos Justino Terena [...] Alguns anos atrás, por exemplo, na época do Pelé, não tínhamos muita liberdade, nós chegamos lá e falamos, na época do FHC, falamos lá com o Pelé. Oh! É o seguinte, nós queremos fazer o Projeto Segundo Tempo, o esporte solidário. [perguntaram] Vocês querem fazer aonde? [...] Vamos fazer o Aldeia Solidária lá em Dourados nos Kaiwa, onde os Kaiwa têm um grande índice de suicídio. Mas no meu subconsciente e do Marcos a gente conversava isso, talvez ele nunca falou isso para mim nem eu nunca falei para ele, estava a questão realmente do suicídio, mas o que o futebol o esporte tem a vê com o suicídio? Eu nunca estudei esses desdobramentos, mas lá no meu subconsciente estava isso. Então nós implantamos o Esporte Solidário como projeto piloto, no Governo do FHC com os Kaiwa, e eu tenho comprovação, você pode ler nos relatórios do Ministério, deve estar lá, eu tenho comprovação do jornal também, porque eu tenho o meu relatório, nós conseguimos acertar o que nós não vimos. Porque enquanto o Projeto Aldeia Solidária teve naquela região, o índice de suicídio teve lá embaixo. Daí que nós entendemos que nós estávamos trabalhando em cima dos futuros suicidas, seriam as crianças e atingimos assim, marcas muito boas e uma coisa que eu achava que ia atingir só 20 anos depois. Eu tô falando só dos Kaiwa. Com o Terena ali é diferente, é outra história. [...] Xavante é outra realidade, entendeu? Karajá é outra realidade, kaiapó é outra [...]. Então não queira correr em apressar dizendo que você vai resolver os problemas sociais, não vai resolver. Agora, uma das coisas que eu estou mapeando aqui, essa é uma coisa que eu guardo segredo comigo, já conversei com várias lideranças e criamos algumas situações assim em termos de eventos dentro das aldeias. Por exemplo, os kaiapó. O kaiapó falou comigo, os kaiapó que foram embora: “Carlos, nós queríamos fazer os Jogos dos Kaiapós”. Ele começou a contar a história deles. Ele me deu um relatório de 3 ou 4 pastas, nós podemos fazer isso, porque isso interage com isso, isso daí você cria uma visão só do Kaiapó. Xavante disse, oh Carlos, a gente poderia fazer isso, totalmente diferente do que o kaiapó falou pra mim, você entendeu? Então um dos [projetos] pilotos que eu quero fazer, por exemplo, assim, é o grande encontro do povo Guarani. Não é para fala de política como estão acostumados a falar, não é para falar de religião como costuma falar, não é para tentar resolve os nossos problemas não! É para brincar, interagir, ver como é que vai sair daí. O que nós vamos fazer? Vamos cantar as músicas guarani [...], vamos fazer várias atividades que é do grupo, pra vê que, ai sim que começa a tirar o diagnóstico desse povo, entendeu? Lá, podemos fazer com os paresi, mas tem que chegar lá e conversa com os paresi: olha eu quero isso. Você vai falar, não é isso que você quer. Entendeu? Uma das grandes questões de erro também que acontece é você querer ouvir os indígenas e pergunta pra eles o que querem? Cada um vai querer o interesse próprio dele, mas poucos vão querer o interesse coletivo muitas vezes o seu clã, porque são vários clãs, isso também é uma outra situação. Se eu não chego aqui e implanto os Jogos Indígenas e falo, você vai ter que correr de tora [...]. Então não vai participar. Mas ele corre de tora, se ele correr de tora, todo mundo tá correndo de tora. Se eu não falar paresi você vai ter que voltar a fazer o futebol de cabeça, ele não ia fazer! Eu conheci o futebol de cabeça em 1950, 1940 preto e branco. Ainda faz isso daí? Algumas pessoas fazem, brincam lá.



4. As vozes dos voluntários

Nesta parte, trazemos as vozes dos não indígenas que participaram dos IX Jogos dos Povos Indígenas. O grupo responsável pela coleta de dados para avaliação deste evento entrevistou homens e mulheres que voluntariamente trabalharam no acompanhamento às etnias, em todas as ações desenvolvidas, na Arena, no Geraldão, nos translados para as provas e passeios realizados em outros locais. Essas pessoas foram os Atachês, que estiveram sob a coordenação do professor Genivaldo, cuja responsabilidade pautou-se em “procurar garantir que cada etnia seria acompanhada por no mínimo de 3 atachês e passar para eles o apoio necessário para que pudessem cumprir o papel de apoio às etnias” (GENIVALDO, entrevista, nov. 2007).

Os atachês, pessoas de diferentes idades, experiência e sexo, em sua maioria jovens, além de acompanharem os indígenas nos translados entre o alojamento e os locais das provas esportivas e a Arena, em Olinda, cuidaram da saúde, das demandas de passeios pela cidade para conhecer outros locais, envolvendo-se com todo o grupo e com ele construindo uma relação muito próxima.. Ao final dos trabalhos, as emoções nas despedidas evidenciaram a construção de amizades que ficarão eternizadas na memória de ambos. Houve troca de endereços e telefones, de presentes, numa harmoniosa festa de encontro e reconhecimento com e no outro.

Em relação a esses entrevistados, apresentamos os primeiros nomes e a etnia sob sua responsabilidade, pois, diferentemente das questões elaboradas para os indígenas, não houve preocupação com a identificação de idade e gênero como dados relevantes para a avaliação da participação dos atachês. Não temos, infelizmente, dados de todos os participantes do processo, principalmente pela dificuldade que os voluntários pela coleta de dados tiveram em conciliar as entrevistas com os indígenas nos diferentes tempos e espaços de encontro, principalmente fora do espaço e tempo do descanso, no alojamento. Dos entrevistados, os dados foram reunidos e apresentados em cinco pontos de avaliação.



4.1. O TRABALHO VOLUNTÁRIO DO ATACHÊ

Renato Freixelas – Coordenador dos voluntários Mas falando da questão dos voluntários, não gosto muito de atachê porque é francês, eu achava que ser “os naturezas”! Os

voluntários deveriam ser manados de natureza boa, são pessoas boas, pessoas humildes, que estão aqui. Mas são estudantes universitários, [...] de projetos sociais da Prefeitura de Recife [...] e o segredo [...], eles se entregaram de corpo e alma. Tem uns que estão dormindo lá por falta de passagem, não que a gente não tenha disponibilizado transporte, mas é que eles não querem realmente [ir]. [...] Se eu não for responsável pelos voluntários, se não atentarmos para o estado emocional de cada um deles, para as condições de gênio deles também, para as condições de saúde deles também, eles não vão poder dar conta do recado, o trabalho é muito cansativo: das 7h [da manhã] às 10, 11 horas da noite. Ontem mesmo, eu saí lá do Geraldão às 11h da noite, com uma van lotada de voluntários que ficaram aqui para pegar ônibus mais próximos para as suas casas, alguns não queriam ir, algumas meninas não queriam ir. Está tendo um envolvimento muito grande e emocional entre os voluntários e as etnias e isso está me preocupando, porque a gente sabe que o branco é muito mais emotivo nesse aspecto do que o indígena [...], tem a cultura dele [...]. Eles têm tido uma garra, uma disponibilidade de horário, de tudo! Muito, mas muito legal!

Atachê da etnia Assurini/Jailson Salustiano A princípio não sabia nem se ia aceitar mesmo, mas senti uma necessidade de participar de uma coisa bem nova e meio ilustrativa do que a história relata para gente de como são os índios, eu decidi ficar e optar pelo papel de[...]que fosse mais próximo deles e que me pudesse dar[...]ter o contato, ver como é que eles se comportam, se é realmente aquela historinha que a gente via crescendo, vinham contando pra gente. E você vê que é muito diferente, eles têm uma necessidade muito mais sensível do que a gente que vem urbanizado, de uma metrópole, mais concreto do que natureza, a gente consegue encontrar, às vezes, a gente perde, perde um pouco dessa sensibilidade que a gente tem e perdendo essa sensibilidade, a gente, acho que perde um pouco também da importância pela vida do outro, acho que por mais que eles se escondam da sociedade assim, digamos assim, urbanizada, mas eles têm profundo afeto, acho que por cada um da sua tribo e cada um da sua tribo tem profundo afeto cada um por cada um. [...] Através de um convite da minha diretoria, pelo diretor, me enviando as colocações pelo monitor Felipe Marques, convidou a todos os monitores inclusive a mim para tá vindo aqui, para tá sendo apresentada a proposta na reunião, para participar como voluntário dos IX jogos indígenas aqui em Recife.

Atachê da etnia Bororo/Patrícia É porque trabalhei aqui no Geraldão, né, no ginásio, como monitora de esporte e lazer, aí o pessoal me convidou novamente pra, pra tá participando como voluntária pra ser attachê nesses jogos, pra adquirir experiência também e pra preencher mais o meu currículo também. [...] Tem um motivo da experiência que tá sendo única, eu pensei que ia ser chato, trabalhar de graça, não sei o quê assim, que eles passaram muito “- não fale! não dê tchau! Não aperte a mão!”, não sei o quê, não toque nos filhos deles [...] mas a semana todinha com eles tá sendo totalmente diferente do que o povo passa pra gente.

Atachê da etnia Gavião/Ilza Vanessa Bem, primeiro, houve o convite da diretora,

né, da parte de esportes do Geraldão, em relação a gente acompanhar esse grupo e em seguida também pelo meu interesse de haver um intercâmbio com pessoas nativas.

Atachê da etnia Kanela/José Mello da Silva Porque eu vi o trabalho que havia nesta cidade, de números de voluntários para que pudessem trabalhar com os índios.

Atachê da etnia Kanela/Marcos Antônio Faustine Fui convidado pela prefeitura para ser attachê. Porque foi uma experiência nova, lidar com outras pessoas, outro tipo de língua, fazer novas amizades.

Atachê da etnia Kuikuro/Daniela Agreli Eu encontrei um amigo meu que era voluntário e eu falei pra ele que eu tinha interesse em ser e ele convidou pra eu vir aqui.

Atachê da etnia Manoki/Isabel Cristina Através do curso que eu faço de esporte e lazer e para cumprir a carga horária como voluntário, eu aceitei porque um curso deste não é fácil se encontrar por aí, então a primeira oportunidade eu tive que aproveitar.

Atachê da etnia Pankararu/Aline Eu cheguei a ser attachê através do pró-jovem do curso de esporte e lazer que eu estou fazendo e adorei muito a oportunidade de participar, de ser attachê com essas entidades que é totalmente diferente da gente e a gente poder se introduzir com eles que é uma oportunidade muito boa para a nossa formação de esporte e lazer.

Atachê da etnia Paresi/Salamieco Pelo motivo de trabalhar muito com o público nos festivais, aí acharam que a gente era indicada e pediram para participar também, eu aceitei porque foi interessante saber algumas coisas que estão acontecendo, mas a experiência é a que fica para mim.

Atachê da etnia Pataxó/Ivan Porque gostei do trabalho deles, o desempenho deles, a atitude deles, já tive um conhecimento deles lá na comunidade.

Atachê da etnia Tapirapé/Patricia Eu cheguei aqui, estou trabalhando porque o lugar que eles estão dormindo é no meu trabalho, então eu estou aqui como voluntária, acompanhando eles até Olinda, porque a cidade que eu moro é na cidade de Olinda, vendendo até os artesanatos deles, ajudando no máximo eles e acompanhando também nos passeios turísticos como na casa de São José, só acompanhando e também aprendendo um pouquinho da cultura deles, fazendo troca, trocando brinco por brinco, o que é muito bom, fazendo outras coisinhas também. [...] Bom, aceitar eu aceitei [...] não é porque eu diga que está na minha carga horária, mas está sendo no meu trabalho e como eu tenho que vir no Geraldão todo dia e não está tendo aula, eu cubro minha carga horária participando dos jogos indígenas, se tiver minha carga horária e mais os jogos eu também não poderia participar porque eu trabalho em outro lugar e no Geraldão, mas todos esses eu estou gostando de trabalhar, uma experiência nova, outra cultura e estou adorando eles, pelo menos minha tribo é maravilhosa.

Atachê da etnia Umutina/Elaine de Souza Aceitei por motivo que, que até é assim, mas um motivo de ajudar, um apoio aos indígenas né, os jogos indígenas.

Atachê das etnias Kaiapó, Karajá e Umutina/Alexandro Eu fui attachê Intertribal, assim eu passei por várias etnias, eu não fui, coloquei em uma só, porque infelizmente a

Messe era grande e os operários eram poucos, então eu fui, abracei a causa de corpo, alma e coração, oito dias fora de casa, tá é [...] eu cheguei aqui com a roupa do corpo mesmo, como se diz, literalmente falando, e fiquei assim um mês vestindo com camisetas do evento, calção dos índios consegui [...].



4.2. A IMPORTÂNCIA POLÍTICA, CULTURAL E SOCIAL DOS JOGOS

Coordenador dos Voluntários/Renato Freixelas [...] vamos começar pelo social. Essa integração, vamos dizer, dos brancos e dos índios, está acontecendo de maneira muito harmoniosa, muito tranquila e a gente entende que [...] tanto o branco ganha, como o indígena também ganha e também sem falar que a questão social também passa por eles mesmos, de uma maneira interna, porque afinal são várias etnias, vários povos, vários estados do Brasil. Cada um com sua língua, cada um com a sua cultura e isso faz com que o aspecto social seja bastante relevante e eu acredito que esses Jogos sirvam para ajudar bastante na questão social e a gente avança na própria questão cultural [...], cada etnia demonstrando a sua cultura demonstrando o que o seu povo faz, não só para o branco mas para eles mesmos [...], não só aqui na arena, mas como também no Geraldão [...] eu fiquei impressionado como eles comemoram as suas vitórias, eles não pulam, eles saem para a dança, de uma maneira muito legal. [...] não ofende o outro eles não vão de encontro ao adversário como nós brancos fazemos, às vezes até com palavras agressivas, tirando onda com a cara do outro, provocando o outro. Eles não, eles celebram realmente a vitória, não só no futebol, que eu acho que não deveria estar nos Jogos dos Povos Indígenas, mas qualquer outra modalidade esportiva e celebram de uma maneira muito legal e quem perde fica triste, mas você vê que não é uma derrota, uma tristeza de “estou derrotado, estou acabado”. Então, essa questão cultural é muito importante e a gente está aprendendo muito com eles [...] até leva isso para nossas crianças, para professores, para nossas escolas, para nossos jovens. Eu acho que o índio, nesse aspecto, está dando um exemplo muito positivo para a gente e as pessoas também, estou vendo aqui na Arena como a coisa é interessante. [...] com relação à questão econômica, todo mundo ganhou, a infraestrutura foi montada, vários serviços foram prestados não só pelos empresários pernambucanos, mas [outros, por exemplo...] os ônibus [...] de Goiânia [...] é mais perto para distribuir [...] são quase 60 motoristas que estão aqui atuando só na questão da operação, enfim a questão econômica material, água e toda infraestrutura [...] a cidade ganhou, os hotéis estão cheios [...] no hotel onde eu estou, tem muito turista, muito repórter e eu acredito que aqui tem mais de 100 repórteres estrangeiros, inclusive uma coisa interessante, por exemplo, aqui tem muito mais jornalistas europeus do que nos Jogos Pan Americanos que [...] não tinha equipe européia [...]. Aqui tem muita gente de vários países fazendo esse tipo de trabalho,

isso gera economia, hotel, são serviços prestados, táxi, comida, e restaurante movimentam muito. Acho que Recife e Olinda ganharam muito com isso, Pernambuco ganhou com isso e o Brasil ganha muito com isso. [...] a questão política, está no dia-a-dia, presente o tempo todo, imagina você o que vive a prefeitura de Olinda, a prefeitura de Recife, o governo do estado de Pernambuco, o governo Federal, com vários Ministérios, o Comitê Intertribal têm que se entender, têm que afinar, têm que dialogar o tempo todo. Enfim, eu acho que está todo mundo também ganhando nesse aspecto, crescendo. Nesse aspecto, no primeiro momento eu fiquei muito preocupado com esse balaio de gato, essa cadeira com 5 pernas, como sabia isso, como e que seria os interesses políticos de cada um, cada um ia puxar para um lado... Foi harmônico, está sendo harmônico e dificultoso, é busca de entendimento constante, mas o que eu notei aqui dos Povos Indígenas é que quando a coisa está difícil, a boa vontade prevalece e aí, nesse aspecto, a gente tem avançado muito. Tivemos problemas operacionais, como os outros já devem ter relatado, muito sério, mas até agora a gente não tem tido nenhum problema. Vamos dizer assim, mas que não tenha sido superado, nenhum problema que tenha sido tão grave, que depois não possa haver um sorriso, uma confraternização, não possa haver uma celebração, como bem dizem os povos indígenas.

Coordenador dos atachês/Gevanildo Eu acho que, em primeiro lugar, a gente percebeu aqui foi das etnias compreenderem que existem níveis de compreensão cultural diferente e eles buscarem o resgate da sua cultura, o resgate das etnias, cada um “de nações diferentes”, isso leva algumas etnias que já tinham se afastado muito das suas tradições a ter o desejo de conhecer e resgatar suas tradições. Para a gente que não tinha o contato com essas etnias foi um momento impar, histórico, porque a gente não tinha condições de sair daqui, encontrar tanta diversidade, tanta cultura, ainda resguardada por esses povos.

Atachê da etnia Assurini/Jailson Salustiano Pra mim, é uma importância mais profunda do que ética mesmo, acho que é a questão deles com toda a sua naturalidade e despojamento de certas coisas materiais, quando se é apegado a tantas coisas, acho que eles trazem, nos seus jogos não, mas digamos assim, é, nos jogos também, mas digamos assim, nos seus rituais mostrados com arco, é[...] com arco e flecha, com lança, com apresentações culturais, com celebrações após a vitória de cada um e de celebrarem juntos a vitória do outro, acho que isso pra mim é o mais profundo e que representa que[...]que é algo muito mais que ético, uma coisa ética fica à margem do que eles mostram aqui pra gente, hoje que o nono dia do que eles mostram pra gente aí.

Atachê da etnia Bororo/Patrícia Dos jogos pros índios vou tirar por mim, porque eu não tenho o pensamento deles, pra mim eu acho que é importante pra eles, no caso aqui em Pernambuco, pra eles mostrar e pra mídia também em si, vou falar em questão de mídia sempre bota, tacha o que eles sempre querem tachar, eles bota pra eles na televisão que índio é [...], eles quem mostra que índio também tem cultura, sabe se divertir, sabe jogar futebol [...]. E ele tem comportamento de dor, sofre, ri, brinca e canta, dança como a gente, vê as danças deles, do modo dele, tem índio até forrozeiro, também, pra

mostrar que veio aqui pra Pernambuco pra mostrar também o que há em cada etnia deles, acho que isso pra eles é importante, pra mostrar o trabalho artesanal deles também, ver e divulgar o que realmente é um índio.

Atachê da etnia Gavião/Ilza Vanessa Eu acredito que há uma aprendizagem muito grande de ambas as partes né, esse intercâmbio não só através dos jogos, mas de toda cultura, é a relação humana mesmo entre pessoas diferentes.

Atachê da etnia Kanela/José Mello da Silva Em relação aos índios, é uma maravilha; em relação a exemplo, é uma das piores coisas que eu já vi no tratamento do ser humano, porque eu acho que os 9º jogos indígenas, o povo que está comendo dinheiro da FUNAI, do transporte, não está dando condições para que haja uma instalação correta, eu acho isso um absurdo e desrespeito, e muito mais desrespeito aos voluntariados, porque eu acho que nós somos voluntários sofremos muito desrespeito [...] enquanto as pessoas daqui entram na folia e não quer nem saber quem é, eu acho, que os voluntários foram muito desrespeitados aqui em Pernambuco, eu acho que Pernambuco tem muito mais a oferecer. Em termos de experiência, sim, mas de qualidade péssima.

Atachê da etnia Kanela/Marcos Antônio Faustine Olha, economicamente eu acho que é viável, mas politicamente não posso informar, culturalmente idealíssimo, principalmente pela cultura, eles têm a cultura deles, nós também que não conhecemos, e também tem uns atletas que nas etnias eu vi gente jogando futebol maravilhoso, acho que melhor do que algum time aqui da cidade.

Atachê da etnia Kuikuro/Daniela Agreli Eu acho que não só para os índios, mas para o povo branco, assim, também é importante porque aproxima mais todo mundo, todas as etnias, tanto indígena quanto a dos brancos e também a mantém viva né, cara! E mostrar pras pessoas, desmistificar muitas coisas que as pessoas pensam a respeito dos índios e [...] tá mostrando mesmo, né, a cultura indígena prá todos assim e tá mostrando que o esporte tem um valor muito grande assim na vida de todo ser humano.

Atachê da etnia Manoki/Isabel Cristina A cultura deles bastante apreciada, apresentada, muita gente não conhece os jogos indígenas como a gente viu, futebol de cabeça, canoa.

Atachê da etnia Pankararu/Aline Assim uma importância muito boa, porque a gente tá vendo que é uma cultura diferente pra gente, é uma identidade totalmente diferente e a gente acaba assim [...], logo que eu cheguei, eu fiquei meia né, mas a gente foi se introduzindo, isso é muito bom, porque a gente vai vendo o quanto é bom a gente se introduzir com o pessoal.

Atachê da etnia Paresi/Salamieco Do lado político, é bom porque eles ficam um pouco mais conhecidos e na divulgação das etnias, dentro da cultura deles, eles se sentem prazerosos de mostrar a cultura deles e de conhecer a cultura de fora, olhando pelo outro lado, para eles foi muito importante, a gente escuta, eles também escutam mesmo, levam a sério mesmo as disputas, para eles significa também muito prestígio.

Atachê da etnia Pataxó/Ivan Só cultural.

Atachê da etnia Tapirapé/Patrícia Quanto à política, dentro deles eu estou aprendendo a política deles também, quanto à questão de cacique, pajé, até questão de poder dentro da própria tribo também, tem uns que estão querendo ser caciques, tirando poder de outros. Quanto ao social, eles estão aqui instalados no Geraldão, são várias etnias e algumas correspondem querendo trocar amizade, outras se escondem, mas pelo menos estão todos olhando para as outras, aprendendo com a cultura das outras. Quanto ao cultural, à questão da dança, do artesanato deles e econômica, vamos dizer, é o que eles vendem, vão vendendo o artesanato deles para fazer novos produtos e mostrar a cultura deles, porque cada região tem sua cultura diferente.



4.3. DIFICULDADES ENFRENTADAS

Coordenador dos atachês/Gevanildo Acho que o principal foi a gente não compreender de fato quem estava no comando, sempre que surgia a necessidade de alguma informação, nós tivemos que passar por várias pessoas, do conselho indígena, da FUNAI, e muitas dessas informações a gente tinha que [...] pela nossa experiência a gente ressignificou, tentou dar uma solução porque elas não chegaram e tinha um desentendimento, um desentendimento muito grande na coordenação e o que dificultou muito para a gente. [...] Em primeiro lugar, os atachês reclamaram muito de serem abandonados e mal tratados porque como havia essa organização e havia uma insistência muito grande de nossa parte por buscar as informações, a gente encontrava o povo da coordenação estressado, agredindo, isso provocou a saída de dois atachês que reclamaram muito de terem sido mal tratados; outra questão, que foi muito forte por conta desta organização, foi os próprios indígenas, porque eles não compreendiam o que estava acontecendo e num primeiro momento eles achavam que eram os atachês que não queriam dar as informações, não queriam contribuir, os atachês não podiam porque a gente não encontrava as informações e a gente não conseguia subsidiá-los.

Atachê da etnia Assurini/Jáilson Salustiano Eu vou dizer com toda a sinceridade, eu neste momento aqui, posso dizer convicto, sem nenhuma sombra de dúvida, pode surgir uma mais tarde, uma depois ou daqui a pouco, mas eu agradeço por estes jogos estarem acontecendo aqui e agradeço por estar participando e fico muito feliz por tá cooperando como voluntário pelo pouco da experiência que a gente obtém na diretoria, como nos eventos que fazemos, festivais de juventude, esporte do mangue e de poder dar este suporte aí, me sinto feliz. [...] Eu acreditava que no começo ia ser bem assim, bem... Bem estranho que ia causar desânimo e frustração, mas os dias foram passando e eu vi que tudo que estava surgindo de dificuldade, tipo meio que de fora, poderia participar, mas meio que de fora e aprendendo com isso, sabe como que é, absorvendo isso de uma

forma diferente, não com dificuldade, mas como algo que eu possa, que eu me manifestando contra isso, eu possa crescer com ele, então acho que as dificuldades que surgiram aqui, acho que não só eu mas todo mundo sentiu, mas eu acho que para alguns foi muito mais difícil suportar isso aí, mas eu agradeço a Deus por ter ficado assim, dentro, mas de fora podendo ver isso com um olhar de alegria por estar aprendendo de uma forma bem suave, então eu acho que as dificuldades que surgiram foram muitas sim, para cada voluntário, mas acho que a capacidade de cada um e limitação conseguimos é[...] ajudar a toda organização a tá desenvolvendo estes jogos, tão próprios como o Rodrigo falou em uma reunião que estava para não acontecer por causa das dificuldades dois dias antes do evento e isso acontecendo e daí, foi daí que eu tomei a convicção mais uma vez que, o que a gente fez aqui, cara, foi batalha mesmo, velho, fomos guerreiros e, entre aspas, nem percebemos isso mas conseguimos, junto com a organização, dar suporte necessário para o evento para tá acontecendo da mesma forma

Atachê da etnia Bororo/Patrícia A dificuldade foi da linguagem, né, dos costumes deles, ontem mesmo, logo de cara a gente encarou um costume, ontem mesmo, logo de cara a gente encarou um costume totalmente diferente.

Atachê da etnia Gavião/Ilza Vanessa A maior dificuldade encontrada, principal, foi a falta de informação, então a gente chega aqui, se identificava com a etnia, mas não tinha onde recorrer, o que a gente ia recorrer, ninguém sabia dar informação, então, eram informações importantes, como cuidar de crianças que estavam doentes com febre, pessoas que foram hospitalizadas e a gente não tinha disponibilidade de veículos pra levar até o hospital não, não. Dificilmente vinha a presença da Funai ou da Funasa, órgãos responsáveis, né, por essas pessoas e outras da secretaria, principalmente do Estado, tratando muito mal os atachês que, por sua vez, são todos voluntários.

Atachê da etnia Kanela/José Mello da Silva Os índios encontraram muitas dificuldades, mas para eles foi uma experiência nova, boa, um encontro de culturas e etnias, os índios para mim foi um espetáculo dos seres humanos trabalhar. [...] Enquanto eu estava presente, todo tipo de dificuldade houve, o problema era solução, sem detalhes.

Atachê da etnia Kanela/Marcos Antônio Faustine Foi a informação. Não foi informado, a gente teve que usar nossa criatividade, nosso jogo de cintura, informação aqui ninguém sabia dar não, a gente chegava aqui você vai ali[...] e chegava lá ele não estava, porque ele ficava circulando, uma pessoa só para comandar uma área de uma dimensão dessa, eu tive que bater cabeça logo no começo, aí depois eu fui me adaptando. Usando com o jeitinho, fui conhecendo as pessoas. [...] Não, nenhuma. Pelo contrário, a etnia que eu estou responsável é maravilhosa, os kanela, levar para o shopping, tem uma linguagem bacana, muito bem.

Atachê da etnia Kuikuro/Daniela Agreli Com os indígenas mesmo, eu não tive nenhuma dificuldade, nenhuma, eles são muito educados, pessoas maravilhosas, assim encantadoras mesmo. [...] Então, eles são pessoas simples e tão fáceis de lidar assim que, mesmo acontecendo um monte de falhas assim no evento, eles quase não reclamam de

nada mais, o que mais reclamaram prá mim foi das muriçocas mesmo, dos pernilongos, eles quase não reclamam de nada mesmo eu acha que eles estão muito mal alojados, muito mal tratados, não por parte até dos atachês, mas por parte da organização do evento mesmo. Assim de tratar eles como bichos mesmo, assim sabe? Num ter um valor que eles são seres humanos como nós assim. [...] Eu acho que foi muito mal organizado, muitas coisas assim, de falta de água pras pessoas, assim de ter dia de não ter água prá ninguém beber, você ter que ficar correndo atrás das coisas que eu acho que cada um teria que ter já o seu próprio lugar assim: “Oh, você é responsável por isso, isso, isso.” Não tem isso, entendeu? Você quer uma coisa, tem que perguntar pra mil pessoas até você conseguir chegar naquele objetivo. Assim, eu achei muito mal organizado o evento mesmo, em diversas áreas assim, parece que quem mais tinha que ter responsabilidade até por tá recebendo uma quantia, né, recebendo, não fazem muita coisa não. Acho que quem dá o sangue mesmo é mais os atachês e os voluntários mesmo assim que no final das contas dá o sangue mesmo. Acho que foram eles mesmos.

Atachê da etnia Manoki/Isabel Cristina Me relacionei muito bem com eles, não tive problema nenhum com eles. [...] Assim, eles queriam sair e não podiam, essa foi a dificuldade deles, mas o resto de alimentação eles mesmos[...]quando não dava para comer aqui eles mesmos bancavam a comida deles, sem problema nenhum.

Atachê da etnia Pankararu/Aline As dificuldades são poucas, mas tem assim, como a gente por ser atachês, a gente tá como, tipo voluntário, né, isso, e as dificuldades ficam muito, porque a organização assim tá muito acima da gente, e a gente fica um pouco pra baixo, muito esquecidos. O pessoal indígena às vezes dá mais valor do que o pessoal da organização, eles adoraram a gente, tudinho, mas a organização não tá muito pra gente, entende, fica mais assim procurando saber o que a gente tá fazendo, o que a gente vai fazer e a gente tem que tá passando por isso, assim a valorização é pouca por a gente ser voluntário, entendeu.

Atachê da etnia Paresi/Salamieco São várias, como a comunicação. Como a organização deixou falhar quanto à comunicação mesmo, tem muitos mandando e poucos obedecendo. Seguindo em frente, eu acho que a organização deixou a desejar muito. [...] As maiores dificuldades deles é por parte da organização, como os alojamentos, falaram dos alojamentos, não acharam local adequado para acolher os indígenas aqui e uma das falhas foi a falta de comunicação e o estresse, eu, muita gente estressado, alguns tomaram a dor dos atachês, porque não aguentaram ver como os atachês estavam sendo mal tratados, logo no início, graças a Deus parou, falaram que eu sou esquentadinha demais para isso, essas coisas [...]deixou a desejar muito quanto à comida, eles disseram que foi até bom, legal a comida, eles disseram que queria conhecer a cidade mas não teve uma organização no passeio, as pessoas das etnias que não fossem para os jogos, eles não podiam sair e aqui eles não organizaram nada, então faz parte da organização geral mesmo. [...] Foi porque, quando disseram na primeira reunião, disseram que a gente tinha quer ter na ponta da língua aonde eles iam, que horas iam, porque eles gostam de se manterem informados, e

não fizeram isso para a gente, se colocaram a gente para ser a referência deles, então eles cobravam a gente [...].

Atachê da etnia Pataxó/Ivan Porque a turma não se une, comunidade, colegas, foi divulgado [...] na televisão pros colegas vim assistir.

Atachê da etnia Tapirapé/Patrícia Encontrei sim, a dificuldade principal, estou sozinha no horário da tarde desde segunda, porque no domingo ainda foram 2 caminhando comigo até Olinda, sendo que nos outros horários sempre estou sozinha, sendo que de manhã tem a professora da manhã e 3 atachês da mesma etnia, enquanto outros só está com 1 ou 2. Eu acharia que deveria ser distribuído melhor esses atachês, 2 ou 3 para cada turno [...] Bom, a minha Tapirapé, não tive nenhuma não, eles são ótimos, obedientes, porque quando eu chamo eles se reúnem, todos vêm para o ônibus, eu tive a colaboração do cacique, uma pessoa da FUNAI me auxiliando, não sei se é funcionário da FUNAI, mas está ajudando, fazendo a chamada dos índios no ônibus, até o pessoal lá em Olinda, quando quer ir no banheiro, eu peço a autorização do cacique para levar as meninas no banheiro, eu vou com um grupo, fica esse rapaz vestindo a camisa da FUNAI tomando conta, esse rapaz não é atachê, para mim eu sou sozinha para fazer tudo.

Atachê da etnia Umutina/Elaine de Souza Seria a organização, né, que tá deixando muito a desejar e, é assim, é você procurar uma pessoa que manda pra outra pessoa que manda pra outras pessoas, então fica uma coisa muito complicada assim pra eu que trabalho com eventos também grandes, também grandes, de grande porte e a gente tem o costume de uma organização bem legal, bem afetiva, pra uma coisa, pra uma coisa, que tá deixando muito a desejar aqui, né, assim você vai procurar material de limpeza, de higiene pessoal, uma coisa que eles não disseram pra etnia se era necessário eles trazer, sempre foi necessário, é, eles, no caso, eles vieram pensando que tinha tudo aqui, todo o suporte seria pra eles então, ficou muito a desejar, porque eles caem em cima de nós como atachê que a gente procura o recurso e não tem.



4.4. SUPERAR DIFICULDADES PARA PLANEJAR OS JOGOS

Coordenador dos voluntários – Ministério do Esporte/Renato Freixelas Eu detectei algumas coisas [...] que merecem um momento de reflexão, merecem uma maior discussão, pretendo colocar no relatório e enviar para o Comitê Intertribal e disponibilizar junto ao Ministério do Esporte. [...] não são coisas tão graves assim, até posso dar um exemplo: se você quer oportunizar de maneira assertiva a participação de um atleta de uma determinada atividade, você não pode, por exemplo, fazer o que está sendo feito aqui [...] não pode mandar a pessoa lançar, fazer 3 arremessos com a lança seguidos. Não é copiando o branco, mas não acredito que seja a maneira mais correta. Seria como: ele

faz o arremesso, entra na fila, espera chega a vez, faz outro arremesso, porque, nesse tempo, ele pode descansar o braço dele, descansar a musculatura, receber uma informação do seu treinador ou do seu chefe, entendeu? Aí pode melhorar a sua performance [...] a gente não quer distribuir medalhas [...] quer que as etnias também tenham a oportunidade de melhorar a sua performance, porque vai contribuir com a melhor caça, melhor rapidez, quando ele estiver pescando, caçando, correndo... Quer dizer então, dá pra dar uns toques [...], uns toques de quem já fez outras competições, que sabe que isso poderia cooperar. [...] Outra coisa, por exemplo, é a questão do cabo de guerra, essa história de cabo de guerra deitado no chão da areia, ninguém sai do lugar, então fica um espetáculo até certo ponto pobre de visual, quer dizer é legal [...], mas podemos discutir essas questões também [...] a regra básica é o cabo de guerra ser de pé, [... se fizer] parado ele vai ser tensionado pra lá ou para cá. Quer dizer, eu estou dando uns exemplos [...], porque é muito legal, é muito gostoso, mas eu acho que pode contribuir mais. Então tá ótimo, ninguém mexe nisso, mas se quer melhorar a performance pode, que, se quer dar um espetáculo melhor, dá para dar um intervalo, dá para descansar um pouquinho e dá para fazer uma coisa bem legal.

Coordenador dos atachês/Gevanildo Eu acho que, primeiro, é necessário entender qual é o papel de cada grupo, cada entidade que participa da organização, qual o papel, por exemplo, da FUNAI, para que ela possa assumir de fato a sua responsabilidade. Qual o papel, por exemplo, da FUNASA? Que apesar da gente saber que é saúde, mas de fato, que saúde é essa? Que forma de atendimento? Cada órgão que está na organização saber como ele vai atuar. Certamente essa luta que a gente percebeu aqui pelo comando, que causou toda essa dificuldade no trabalho da gente, toda essa dificuldade vai acabar, vai melhorar muito, vai viabilizar essa coisa bacana que é para todos os que participam.

Atachê da etnia Kanela/Marcos Antônio Faustine Meu grupo de secretariado, da minha secretaria, nós somos muito amigos, então um ajudava o outro, até que formamos um conjunto que deu muito bem. Olha, tem que melhorar um pouquinho [a organização], melhorar o horário do pessoal sair para os jogos, horário mais acessível, eles marcam um horário, quando a gente vai ver está 1h ou 1:30h de atraso, tem que ver as etnias, nosso litoral é muito quente, tinha índio que reclamava do sol quente, sempre achavam que tinham que ir mais cedo ou mais tarde, reclamaram muito isso, eu dizia que era da direção, eu não podia fazer nada, eu acho que deveria ser mais requisitado isso.

Atachê da etnia Kuikuro/Daniela Agreli Oh, a maioria dos problemas quem solucionou eu vi que eram pessoas que nem da área eram, entendeu! Vamos supor a gente mesmo já comprou coisas de papel higiênico, água, de ficar pegando garrafa de refrigerante enchendo em bebedouros pra ficar dando água pra eles dentro do ônibus, [...] Umias sugestões assim que eu diria, né, que eu acho que faltou muita coisa, assim, cultural e tal, e conscientização tanto ao branco quanto ao povo indígena, assim. Porque que nem, aqui só teve copo descartável, então, o tanto de lixo que foi gerado com copo descartável esses dias com 1500 pessoas que estão aqui diariamente, foi enorme. Uma dica que eu diria,

assim, que eles poderiam dar uma caneca por pessoa, porque caneca é coisa reciclável, e deixa a pessoa responsável pela caneca dela durante todo evento. Só isso já economizaria muito copo descartável e até poluição do ambiente, né, não foi falado de ecologia, em hipótese alguma, em momento algum. Os eventos culturais também, tirando as apresentações indígenas que teve, não teve mais nada assim, às vezes a gente queria ficar assistindo os vídeos da aldeia, né, que é um projeto indígena, eles “tesouraram”, não deixaram exibir os filmes depois de um certo horário assim. Eu acho que também o que ele comentou de sujeira, sabe? Banheiro sempre sujo, alojamento sujo, porta quebrada. Não, eu acho que faltou muita coisa mesmo, assim, uma conscientização ecológica, social em diversas áreas. Eu acho que a galera tinha que pensar além, não só por pra vender artesanato e jogar. Eu acho que podia rolar uma conscientização maior assim. É isso!

Atachê da etnia Manoki/Isabel Cristina Assim, eu acho que devia ter uma reunião com os organizadores, um mês antes pegar estes voluntários para organizar eles, ensinar eles como ser attachê, porque eles não explicaram, disseram que era um bicho de sete cabeças, disseram para não chegar abraçando, beijando, não olhe muito, não fica rindo do lado deles, é mentira, eles brincam comigo, eu beijo todos eles, não tem nada a ver, é totalmente diferente, eles fizeram muito escândalo, “não se assustem!”

Atachê da etnia Paresi/Salamieco Na minha opinião, o que deveria ser feito, já que os attachês eram voluntários, já que colocaram os voluntários para responder, ser a referência deles, então eu acho que deveria ter um da organização como a nossa maior referência, e não ficar um jogando para o outro, e não aquela pessoa que esteve na organização fez uma reunião com a gente, colocasse a par realmente de tudo, porque na prática as coisas realmente são diferentes do que eles falam, mas a turma que está aqui é uma turma adequada, boa parte já tem experiência com isso já, já sabe muito bem o que é isso, deveria ter uma reunião para conversar melhor, não tratar a gente mal, porque trataram muita gente mal aqui, muita gente[...]teve pessoas que desistiram de ser voluntários porque foram tratados mal, o maior erro deles foi este, aqui a gente não está sendo pago, está fazendo um favor para eles, então eles tinham que estar nos tratando bem [...].

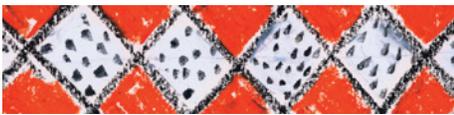
Atachê da etnia Pataxó/Ivan O problema é que eles não querem sair pra conhecer os lugares, os chefes não deixam, porque chegavam tarde da noite, tarde da noite, de madrugada, aí não deixa não deixa [...].

Atachê da etnia Tapirapé/Patrícia Acho que, no próximo, ter uma reunião e dizer: “você vai ser o attachê dessa tribo e não pode faltar, assumiu um compromisso tem que honrar”, ter mais de uma pessoa, como eu falei, porque pode acontecer de ter que sair mais cedo, ter médico marcado, cirurgia ... pode estar doente no dia[...]então a pessoa fica sozinha, se eu ficar doente vai ficar sem attachê nenhum, eu acho que eu sou insubstituível, então tem que ter uma outra pessoa para ficar no lugar de reserva. Quanto à questão da organização, quando muda a tabela dos horários, passar para a gente tudinho, porque a gente fica correndo atrás de um e de outro para saber que hora tem o ônibus, sobe e desce escada, “aonde tem o kit? [...] são quantos?” fica tudo lá na lista e o nome da minha etnia

não estava na lista dos kits, arranjou a camisa e o short para os homens, das mulheres foi só a camisa, tudo sem lote, sem biquíni, porque não estava escrito na lista de chamada.

Atachê da etnia Umutina/Elaine de Souza Tipo assim, eles deveriam ter visto em cada etnia, quantas crianças tinha, horário certinho, porque criança não é adulto, né, crianças sempre têm fome, tem sempre que ter aquele lanchinho, tem que ter aquela coisa diferente, é [...] assim ter dito a eles, a organização, se não ia ter sabão, se não ia ter sabonete, se não ia ter nada, avisasse lá antecipadamente na aldeia que eles tinham que trazer isso com ele, a higiene pessoal essas coisas, é essas coisas, esses materiais. Bom e o alojamento, é a questão do alojamento é que é assim, eles não são acostumados, muitos ficaram doentes, a questão do calor, né, é a água de início que tava tomando era muito, tinha muito cloro, muito forte, os mosquitos, as mordidas de mosquito, essa coisa então, tudo isso prejudicou muito eles, os indígenas.

Atachê etnias Kaiapó, Karajá e Umutina/Alexandro É, eu acho que do transporte dos atachês, dos atachês, eu acho que aqui, aqui em Recife, nós, a empresa metropolitana de transporte urbano, né, que é uma empresa do governo, eu acho que uma coisa, que teria dado certo, se a secretaria de transporte tivesse conseguido passe fácil, porque naquele cartão magnético pra que nós pudéssemos ir em nossas casas e tal, etc. Então teríamos um grupo maior de voluntário e atachês, e, com certeza, teríamos dado uma cobertura, um apoio, uma assistência maior do que foi dado, uma cobertura, um apoio, uma assistência maior do que aqui foi dada, claro que muita gente saiu reclamando, por falta, enquanto umas etnias eram bem atendidas, bem aceitas, bem assistenciadas, outras então ficaram a desejar, mas é porque não tinha, né, demanda de pessoas pra dar, né, essa cobertura, infelizmente, então eu acho que, por parte da organização, deveria ter pensado nisso, facilitar, em viabilizar o trabalho do atachê, né [...].



4.5. A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO COM OS INDÍGENAS

Coordenador dos atachês/Gevanildo Para mim, é um sentido que tem uma profundidade muito grande, porque eu sou afrodescendente, faço parte de um povo que sofreu também muita discriminação, preconceito, regime escravocrata. Se relacionar com essas etnias é relacionar-se com o povo que tem desejo de liberdade, numa relação com a natureza, sempre aprendendo, no candomblé, umbanda, isso veio das tradições africanas.

Coordenador dos voluntários/Ministério do Esporte/Renato Freixelas [...] Em relação a essas pessoas que durante esses dias estão acompanhando os Povos Indígenas, [...] eu participei de um momento em que a pessoa se emocionou na partida da etnia [...], porque criou-se um vínculo [...] E não foi só ele que se emocionou não, eu estava na hora, eu fui lá dar um abraço no Davi que é a liderança do povo kaiapó, aí eu fiquei muito emo-

cionado, procurei não me manifestar assim de maneira muito maior do que tava dentro do meu peito, procurava sorrir, bati fotografia, dei uma camisa do meu Município para o Davi, dei um boné pra ele levar [...], ele me presenteou com um colar, nós trocamos e-mail e nós vamos nos comunicar. É o povo que eu me afinei muito, me identifiquei muito com o povo kaiapó, fiz inclusive uma pintura caiapó no braço, se você reparar não tenho anel, não uso brinco, não uso relógio, não uso nada, nunca tive pintura, não tenho nenhum, as minhas tatuagens são cicatrizes de operação de cirurgias, mas eu fiz questão de colocar uma pintura do povo kaiapó aqui e é isso aí! [...] eu não sei como vai ser no dia da partida de todas as delegações, eu acho que a emoção vai ser muito grande. Eu tenho trabalhado o estado dos meus voluntários, eu costumo dizer para o organizador, eu não estou preocupado com os indígenas, eu estou preocupado com os meus voluntários, porque a partir do momento que eu me preocupo com os meus voluntários, eles vão desenvolver um bom trabalho e atender bem os indígenas. [...] Cada um desses voluntários que ganharam o direito de acompanhar essas etnias, cada um deles vai levar para a sua casa, para o seu ambiente de vida, sua escola, sua universidade, seu local de trabalho, uma experiência de vida incrível realmente. E eu não entranhei o choro dos voluntários na hora que o kaiapó partiu, não... Eu não estranhei porque, o tempo todo, eu senti o empenho desse voluntário estar com aquela etnia, estava se sentindo inclusive um indígena. Então, quer dizer, eu tenho que tomar cuidado, de vez em quando eu tenho que chamar o voluntário do lado, tenho que conversar. Agora eles estão fazendo um trabalho, eu não vou dizer profissional, eles também estão celebrando junto com os indígenas esses Jogos.

Coordenador dos voluntários Ministério do Esporte/Renato Freixelas [...] eu acordo emocionado, eu durmo emocionado, eu não tenho dormido direito porque eu fico pensando o dia inteiro, eu não sei se eu trabalho, se eu bato fotografia, se fotografo, se filmo, se escrevo [...] eu não tenho tempo, eu não tenho emoção, não é o Renato que está aqui. [...] aí soma isso com saudade da família, muita pena do meu pai que tem 82 anos, eu acho que meu pai [...] adoraria estar aqui [...] meus filhos [...] eu queria trazer minha família toda, meus amigos todos, muita emoção, muito legal, muito gostoso [...] com certeza eu vou estar [...] nos X Jogos dos Povos indígenas [...] vou, como alguma coisa [...], de repente os kaiapó podem me aceitar como técnico de futebol deles [...].

Atachê da etnia Assurini/Jailson Salustiano Que precisamos cuidar cada vez mais uns dos outros. Eu diria também que, pra mim, velho, tá sendo uma benção, eu acredito que não é algo de acaso não, isso na minha vida não, acredito em providência e acho que tudo que eu vivi aqui, conseguindo observar a galera de uma forma assim, sem buscar problemas pra mim mesmo diante do evento aí, dos problemas que ele apresentava, acho que foi bem gratificante pra mim, me sinto [...] acho que a vontade com o evento aí, acho que até o final a galera vai ter muito que aprender e tá expondo isto em outros eventos aí, que a vida possa colocar na vida, de que o ginásio possa colocar na vida de cada um mais na frente, é isso aí.

Atachê da etnia Bororo/Patrícia Trago pra mim o costume deles: é a união deles, é a comunicação, aqui é como família mesmo, pai e mãe que, quando tem muitos filhos,

não sai daqui, fique aqui, não sei o quê e o filho não obedece eles, eu obedeci ao cacique, o pajé ou o representante da tribo como tem algumas etnias que têm alguns representantes, aí eu sempre obedeci [...] e sempre quando quer alguma coisa, é pra perguntar a ele, o pessoal que tá responsável por ele, no caso o pajé ou o representante mesmo, eles ficam lá, se o povo sai pra algum lugar, tem que pegar com ele, pra entrar na casa dele ali no alojamento, pedi com licença, apesar de agora o povo [...] nem preciso pedir com licença, a gente já gosta de você[...]

Atachê da etnia Gavião/Ilza Vanessa Eu aprendi que cada dia que passa, não só com os indígenas, mas com relação a todos os povos é preciso haver respeito, respeito em todos os sentidos, não só pelo fato de ser uma pessoa indígena, mas como também ele é uma pessoa humana e é preciso assumir o compromisso para tal.

Atachê da etnia Kanela/José Mello da Silva Como eu disse, para mim, como ser humano, como etnia, como afrobrasileiro, encontrar a minha etnia indígena foi ótimo, foi a melhor experiência do mundo como voluntário, vou levar para o resto da minha vida, fora isso nada mais a declarar.

Atachê da etnia Kanela/Marcos Antônio Faustine Para mim, foi uma experiência maravilhosa, experiência essa que eu não sei se eu vou ter mais ainda na minha vida, eu gostaria de ter mais outra experiência dessa.

Atachê da etnia Kuikuro/Daniela Agreli Eu fiquei [...] eu já tinha admiração pelo povo indígena, eu fiquei mais encantada ainda e [...] eu conheci muita gente bacana também, dos voluntários, conheci muita gente bacana mesmo aqui esses dias e eu quero participar de todos os jogos possíveis que eu tiver oportunidade na minha vida, porque eu gostei muito assim, é muito bacana assim, dancei, cantei com os indígenas, é muito lindo a cultura deles assim, muito interessante.

Atachê da etnia Manoki/Isabel Cristina Foi ótima para mim, uma experiência imensa, primeira vez que eu estou aqui, estou sentindo um deles, queria me levar junto, estou me sentindo da família deles.

Atachê da etnia Pankararu/Aline A experiência é muito boa, porque eu não tinha nunca passado por essa experiência e agora estou passando, que é uma experiência pessoal de forma [...] e eu venho introduzindo, pra minha formação, é, nunca tinha visto, e é muito bom a gente está introduzindo, como eu cheguei aqui com medo até de falar um ‘oi’ pra eles, eu acabei me introduzindo numa boa.

Atachê da etnia Pataxó/Ivan Pelo menos eu aprendi mais que é o dia do índio. Gostei!

Atachê da etnia Tapirapé/Patrícia Além de um pouquinho da cultura, um pouco das danças, eu aprendi umas palavrinhas também, como “estou com fome [...]” a questão do respeito, porque eles têm muito respeito ao líder deles, ao cacique, as mulheres também são bem na deles, a questão é que eu posso até confiar neles, eles são desconfiados no primeiro dia, mas quando eles sentem que a pessoa é amiga e está fazendo para ajudar [...] quando perguntavam aonde tem água, ao invés de dizer, eu ia lá, levava, “pode me ajudar”

eu ia ajudar [...] então é a questão da ajuda, da troca também, por exemplo, eu dei um copo d'água e ganhei um brinco de presente, se fosse assim eu ia dar tanta água para ele [...] mas não vou abusar não, eles me deram muitos presentes, também dei muitos presentes [...] é uma troca, até as amizades, algumas índias perguntaram se eu sentia saudade [...] disseram que sou muito alegre e perguntaram se eu não gostaria de ir com eles, “você parece uma pessoa da etnia que não veio [...].”

Atachê da etnia Umutina/Elaine de Souza Rapaz é [...] muita coisa em relação à vida deles, à cultura deles, né, o jeito deles agir, tipo assim, muita gente acha, assim, que índio é aquela coisa do mato, é aquela coisa que não sabe nada e, tipo assim, na minha etnia tem gente que faz faculdade, tem gente que é professor, tem gente que sabe várias coisas que até você vê assim, poxa o povo aqui da cidade tá mais atrasado do que tudo na vida (risos). Então, pra mim, foi mais uma experiência assim até de incentivo, de correr atrás dos objetivos, né, porque eles com tantas dificuldades lá, mais eles nunca param, sempre tá lutando por alguma coisa e, assim, do que foi falado que a gente não podia entrar em contato, não podia isso, não podia aquilo, com eles foi totalmente diferente, foi uma coisa que eles mostraram que eles passaram pra gente era uma experiência, o legal, então, que eu estou levando pra mim como uma, sei lá, uma segunda família, pessoas muito, muito legais, muito legais, adorei eles.



5. As vozes dos participantes



5.1. A VOZ DO PESQUISADOR

Os entrevistados que participaram da avaliação dos IX Jogos Indígenas atuaram no evento de diferentes formas. A Giovanna Gnerre, acadêmica da Universidade de Roma-Itália, atuou como voluntária na Equipe de Avaliação dos Jogos. O Professor Dr. Manolo Hernandez, da Universidade Politécnica de Madri-Espanha, que palestrou a convite do Comitê Intertribal, participou como palestrante da Mesa intitulada: Esporte Tradicional Indígena, autoestima e afirmação étnica, durante o Fórum Social Indígena. Em sua palestra, discorreu sobre o ócio na história das sociedades ocidentais, desde a Grécia, em que o jogo aparece como base da cultura, intrinsecamente ligado ao sagrado. A Nina Kanchaba trabalha numa ONG Cleborlink que trata de divulgação e comunicação das questões indígenas, de Nova York, Estados Unidos da América.

5.1.1. A PARTICIPAÇÃO NOS IX JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS

Pesquisadora/Giovanna Gnerre Landini/Itália Estou aqui no Brasil há um mês e fiz um curso na Universidade da Paraíba, na universidade estadual, sobre a questão do impacto das políticas públicas no meio ambiente [...]. A universidade aceitou muito bem essa proposta de participação, porque acho que os jovens que não são índios devem conhecer uma cultura tão importante para o ambiente e a realidade mundial. Meu objetivo é aquele de procurar informações reais e tentar criar um curso, um espaço na minha universidade [...] sobre a questão indígena, junto a questão das minorias, porque na Europa nos temos muitas minorias e é possível criar uma situação para falar, também na Itália de um argumento tão importante [...]. A relação ancestral entre o ambiente e os povos indígenas, acho que é fundamental saber e conhecer o papel da cultura indígena, não se pode pensar uma preservação sem conhecer.

Pesquisador/Manolo Hernandez/Espanha Para nós a importância, neste caso é prioritária, porque estamos há três anos fazendo estudos dos Jogos Indígenas em um projeto [...] [entre a] Universidade de Campinas/Unicamp e a Universidade Politécnica da qual nós pertencemos [...] esse ano faz três anos, e estamos participando fazendo estudos

etnográficos [...] [...] o que queremos é estudar e conhecer a diversidade cultural que existe na América Latina, nesse caso concreto é o Brasil, mas acredito que podemos pesquisar em qualquer outro país da América Latina, já que teria a mesma riqueza dentro das comunidades indígenas que vivem na América Latina.

Pesquisadora/Nina Kanchaba/E.U.A estou aqui para assistir os Jogos, também para filmar um pouco e gravar umas imagens, com fotos [...]. [...] eu estou trabalhando a nível global com uma ONGs com movimentos sociais, onde eu represento uma que chama Cleborlink, que trata de comunicação, divulgação, informações sobre questões indígenas, também estou de consulta para essa organização para uma outra organização internacional das mulheres e trabalhei muito com um projeto de iniciativa equatorial que está apoiando um trabalho de grupos de base na região tropical. Então, eu tenho um interesse profissional e pessoal pelas questões indígenas e encontrei [...].

5.1.2. AVALIAÇÃO DOS JOGOS E SUA RELEVÂNCIA

Pesquisadora/Giovanna Gnerre Landini/Itália [...] é falar do direito a auto-identificação, se fala muito do direito a autodeterminação, mas eu acho que para os povos indígenas é mais importante falar do direito a auto-identificação, que significa que não existe um índio sem o seu povo e que não existe um povo sem sua terra, e o esporte é uma coisa que vai desenrolar num contexto natural, que é parte da vida, de um todo.

Pesquisador/Manolo Hernandez/Espanha Este é um momento [...] que eu acredito que toda sociedade, sobretudo na parte ocidental estão de acordo em que não devemos somente defender essas culturas, mas tentar trabalhar um pouco as reivindicações dos índios e dá-lhes ou devolver um pouco do que tiramos deles [...]. [...] acredito que o que DOS JOGOS deve ser o que eles querem que seja [...] o ideal é que isto siga sendo como são, são puros, representa o que são os índios, os indígenas sua cultura e neste caso, o caso são seus povos.

Pesquisadora/Nina Kanchaba/E.U.A Eu acho muito importante [...] E os jogos são uma maneira de combinar algo que todo mundo conhece e algo que nem todo mundo conhece, que são os povos indígenas, em participar os povos daqui do Brasil, então eu pensava fácil a maneira de comunicar um encontro como este, porque nós temos muito que aprender [...]. [...] eu estava pensando sobre a tradução de alguns idiomas indígenas que eles falam, que não é possível se comunicar com eles, por exemplo, porque eles não falam português [...] a inscrição, porque para que os organizadores dos jogos saibam quem está aqui e de onde vem e depois será muito interessante ter uma orientação, algumas horas, 2 ou 3 horas de ficar junto e discutir o que está acontecendo e o que vai acontecer e que estamos fazendo aqui para conscientizar... como assim dizer, esse encontro com a mídia que aconteceu antes dos jogos [...] ter um encontro para falar, para que os organizadores descrevam o que vai acontecer. [As dificuldades observadas foram] a distância. Todo este trânsito, é muito tempo para chegar até ao Geraldão, Arena, [...] por outro lado é bom que gente di-

ferente pode assistir os jogos, [...] eu estava pensando sobre a tradução de alguns idiomas indígenas que eles falam, que não é possível se comunicar com eles [...]. O lugar e a comida está bom. [...] a inscrição, porque para que os organizadores dos jogos saibam quem está aqui e de onde vem e depois será muito interessante ter uma orientação, algumas horas, 2 ou 3 horas de ficar junto e discutir o que está acontecendo e o que vai acontecer [...].



5.2. A VOZ DO ESTUDANTE

Na apresentação dos dados das entrevistas, trazemos a avaliação dos estudantes que participaram dos IX Jogos dos Povos Indígenas. São estudantes de jornalismo da Universidade de Brasília e uma estudante de Educação Física da Universidade Estadual de Pernambuco. Do jornalismo, são quatro jovens, sendo dois homens e duas mulheres, e da Educação Física, uma jovem.

Durante o evento, os jovens do jornalismo estiveram registrando com suas câmeras fotográficas e de filmagem, com seus gravadores, todo o evento. Registraram as atividades políticas, no Fórum, durante as manhãs, atividades culturais e esportivas e ouvindo em suas entrevistas os organizadores e demais participantes indígenas e não indígenas.

5.2.1. OBJETIVO DA PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS

UEP/Pernambuco/Géssica Minha função foi aqui na arena na parte de organização de material, organização da arena, preparação pras modalidades e eu fiquei sempre como apontadora [...].

UCB/Brasília/Juliana [...] a gente veio mais pra crescer como jornalistas mesmo, esse é um projeto muito bom, só que chegando aqui a gente viu que foi muito além do profissional, assim foi uma experiência muito boa, em todos os aspectos.

UCB/Brasília/Lucas Viégio [...] estou aqui nos jogos para fazer a cobertura do evento, realizando um trabalho para TV e coordenando uma equipe de mais seis pessoas.

UCB/Brasília/Tamires Amaral [...] nós somos [estudantes] jornalistas de multimídia, a ideia é essa, eu comecei impresso, mas já filmei, a Ju também, ela ia apresentar, mas ela já escreveu, uma que tava escrevendo, fotografou, a gente tem isso, é a segunda equipe, a primeira foi pra, pra copa da Alemanha, primeira foi copa da Alemanha e agora nós viemos para os jogos indígenas.

UCB/Brasília/Vinicius Loures [...] cobrir o evento, fazer matérias, fotos pro site que tem da própria universidade e também a universidade tem parceria com o jornal de Brasília [...] e outros meio de comunicação, então é uma oportunidade única dos alunos aprenderem melhor viver como é que é uma cobertura de um evento desse porte [...].

5.2.2. A EXPERIÊNCIA NOS JOGOS

UEP/Pernambuco/Géssica [...] gente aprende então a aguçar essa sensibilidade da gente, uma nova perspectiva de uma nova intervenção do profissional de Educação. Física é excepcional [...]. Eu acho que é difícil você sintetizar um momento como esse, mais uma palavra que seria essencial falar neste momento seria a diversidade você aprender a lidar com o diferente, porque aqui a gente tem o momento específico dos jogos, mas quando a gente sai daqui [...] nós temos pessoas com pensamentos diferentes, com ideias, com costumes diferentes, não só aqui neste momento, mas em qualquer outro contexto, na universidade, quando a gente tem pessoas de vários níveis da sociedade então acho que é isso, o importante é você aprender a lidar com o diferente enquanto pessoa, enquanto futura profissional da Educação Física.

UCB/Brasília/Juliana [...] antes eu pensava, eu tinha muito orgulho de ter nascido no Brasil, mas assim a gente ainda, fica desanimada com tanta coisa, tanta corrupção, tanta coisa ruim, feia que a gente vê na TV, mas depois dos jogos acho que mais eu vou carregar é essa questão dos nossos antepassados, eles estiveram aqui antes de nós e eles são muito organizados, eles são muito bonitos, são muitos ricos, e acho que isso foi o que mais me marcou assim, esse orgulho, nossos antepassados são eles, e eu tenho orgulho disso, acho que isso foi o que mais me marcou pessoalmente.

UCB/Brasília/Lucas Eu vou falar pela minha experiência esportiva, eu já cobri vários tipos de eventos esportivos, panamericano, de jogos indígenas foi a primeira vez, uma experiência fantástica, o que eu adquiri de conhecimento que eu vou embora e ninguém vai tirar, você começa ver as coisas e muda seu jeito de pensar a gente vê como são eles tem uma cultura muito vasta e tem que ser divulgada.

UCB/Brasília/Tamires A ser jornalista, porque até então a minha vivência era só na sala de aula, mas não basta. O mais importante é você viver na pele mesmo, que nem o nosso caso, apenas [...] dois grupos de jornalistas tinham acesso ao Geraldão, é imprensa mesmo, [...] nós acompanhamos tudo, íamos no ônibus com os índios, a gente conversava com eles, trocava ideia, trocamos e-mail, foi essa convivência mesmo de correr atrás da pauta, de perguntar pra um, perguntar pro outro, alguém com má vontade mais vai atrás, aprendi a ser jornalista, foi isso.

UCB/Brasília/Vinicius A riqueza da cultura deles, da cultura indígena eu acho que, que é, foi a vivência desses dias aqui, realmente foi bom pra minha profissão e pra minha vida, é uma cultura muito rica, muito variada, e eu acho que a gente [tem] muito que aprender com ele, os primeiros, os verdadeiros brasileiros, que quando os portugueses chegaram aqui, eles, os índios já estavam aqui, então é acho que foi válido.

5.2.3. IMPORTÂNCIA DOS JOGOS

UEP/Pernambuco/Géssica É uma vivência assim excepcional, porque é diferente de tudo que a gente está acostumado, não só a ver, como a viver, e na faculdade a gente aprende muitas coisas em relação à técnica, em como organizar momentos como esse, por exemplo, e mais a viver momentos como os jogos indígenas que se apresenta é uma perspectiva totalmente diferente do que a gente vivência na faculdade, ele não é esportivo, ele não é com a perspectiva do esporte mais ele tem momentos que apresentam como esportivas, não é um momento de lazer mais ele proporciona um prazer não só pra quem pratica a atividades, não só para os indígenas, mas para quem vem assistir na verdade, não tem a perspectiva da saúde, mas ele proporciona um bem estar pro índio e assim é maravilhoso está participando de momentos como essa diversidade cultural que se apresenta aqui nesse momento [...].

UCB/Brasília/Juliana Olha, foi fantástico, porque eu não tinha conhecimento dos jogos, mas eu achei muito legal porque é uma diversidade cultural enorme, tanto pra eles, que as etnias se encontram, são etnias diferentes, quanto pra nós que afinal somos uma outra etnia, a etnia dos brancos, e foi lindo, foi muito rico culturalmente, foi excelente experiência profissional, de vida, foi muito importante, é bom ter eventos desse tipo, porque mostra a diversidade cultural do país.

UCB/Brasília/Lucas Eu acho que a importância desses jogos é muito grande, porque eu até ouvi comentário “eu não sabia que tinha tanto índio no Brasil”, então é uma coisa que não é divulgada, a imagem que se tem normalmente nas escolas, em lugar que não se tem índio por perto, que índio é aquela coisa de livro, do passado... da época do descobrimento, então isso é muito importante, as escolas principalmente tem que rever e isso faz com que o branco, como eles chamam, é bom para ver que índio não é bicho, índio não é selvagem, não é nativo, são pessoas que chegaram e numa forma de viver diferente de nós [...].

UCB/Brasília/Vinicius Conhecer uma cultura totalmente diferente da nossa é, conhecer os costumes diferentes, conhecer religiões é diferentes, as danças, os próprios esportes, eu não conhecia é a corrida de tora. Tive a oportunidade de ver então essa interação dos povos indígenas com o homem branco, muito enriquecedora.

5.2.4. AVALIAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS

UEP/Pernambuco/Géssica Acho que na verdade, um maior problema era a gente identificar cada etnia, como lidar com cada um, porque cada um teria, tem sua especificidade, cada um vai ter os seus costumes e alguns eles têm um certo receio, quando nós vamos nos dirigir a eles, porque, por exemplo, quando estamos dentro da arena, fazendo anotações, fazendo as marcações, pontuação, e eles vêm até a gente a primeira pessoa que eles procuram somos nós [...] e assim a maior dificuldade é você identificar cada um [...].

UCB/Brasília/Juliana Olha, a arena ficou fantástica, eu dou nota 10 pra arena, agora o Geraldão deixou a desejar, [...] eu acho que a questão do alojamento deles ficou meio delicada, quando choveu eles tiveram um baita problema. A questão da higiene dos banheiros e acho que foi o marco assim pra mim, acho que eles mereciam um pouco mais de atenção, de cuidado, com relação a isso [...] porque eles vêm pra cá, eles tem contato com outras bactérias, outros germes que podem fazer mal pra eles [...]. Agora com relação aos jogos, a arena, a alimentação, eu acho que estava tudo ótimo, muito bem organizado [...].

UCB/Brasília/Lucas O evento foi bonito, uma estrutura razoável, gostei mesmo, não só da parte física, mas das pessoas que estavam na organização, a dificuldade maior que a gente teve foi a questão da internet, que a gente não conhece tornar isso uma ação factual. [...] agora uma sugestão que eu deixaria, é que o governo deixasse o evento um pouco mais divulgado, não só por parte do governo federal, mas também o governo estadual [...] A sugestão seria melhorar a estrutura e buscar uma parceria maior com relação ao investimento.

UCB/Brasília/Vinicius [...] a estrutura montada aqui na arena em Olinda foi satisfatória, agora o alojamento dos índios lá no Geraldão, achei muito precário [...] é tanto em questão da alimentação, no espaço físico lá, não estava bem muito bem higiênico, a comida não era da melhor qualidade, e eu acho que podia ter dado uma infra-estrutura melhor pra eles que vem de tão longe, tem etnia, etnias que vieram do sul, outras do Mato Grosso, viajaram cinco dias de ônibus sabe e chegar aqui e ficar num lugar naquelas condições, eu acho que é complicado, então com relação a hospedagem deles eu acho que deveria melhorar, em relação a arena aqui [...] não tenho nada a dizer.



5.3. A VOZ DO PÚBLICO

A Comissão de Avaliação também buscou saber com o público que participava dos Jogos durante as apresentações na Arena, na Praia de Olinda, sua avaliação do evento. Embora o número de pessoas tenha sido grande em todos os dias, a coleta de dados com entrevistas ao público se deu próxima ao final do evento, quando a equipe de voluntários da Comissão já havia realizado as entrevistas com todos os indígenas. Foram entrevistados 32 pessoas, homens e mulheres. As entrevistas mais próximas do final do evento possibilitaram informações mais significativas sobre o próprio evento, pois já haviam tido várias apresentações culturais, a venda do artesanato, e, também, a participação de pessoas que tiveram oportunidade de ir a outros espaços para além da Arena, no contato com os indígenas. Não foram feitas entrevistas com os alunos e professores que também visitaram a Arena e o Geraldão para conhecer os indígenas participantes dos Jogos.

5.3.1. INFORMAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DOS JOGOS

Ancelmo Pereira [...] eu soube através da imprensa daqui, dos jornais do [...]. É curiosidade, porque gosto da cultura [...]. [...] agora é terceira vez [nos Jogos].

Andréia Fiquei sabendo hoje que eu vim à praia com os meus meninos, aí quando eu cheguei ali, [...] vi aquele tumulto assim das pessoas, depois eu perguntei a um banhista, aí ele me falou que tinha um festival de índios aqui na praia, aí foi quando eu fiquei sabendo [...]. Ah, eu escutei um apito ali, e aí ele chamou pra ver também.

Ayrone Ah! ixi!. (...) tinha uns palco aqui, aí eu vim aqui, estou assistindo. [...] três dias!

Andréia Nos jogos é hoje, hoje é a primeira vez.

Camila Bertolo Camila Bertolo Fiquei sabendo por uma amiga minha e também por minha vizinha. Ah, porque eu nunca tinha visto índio e vim ver porque eu também gosto. Cinco vezes.

Carmem Eu moro aqui em Olinda. Divulgação, pela prefeitura. Porque eu me interesso por questões indígenas, e já trabalhei um tempo com lingüística indígena né, eu tenho trabalho nessa área. [já vim] Duas vezes com essa.

Débora Hanna Eu vi na televisão uma entrevista. Ah, porque eu queria ver eles, os índios! [Já vim] Duas com esta!

Deivison Gomes Bom, eu sou garçom, trabalho aqui vai fazer uns quatro meses, de repente foi do nada, a gente viu os ônibus passando, e depois a gente começou, a saber, de pessoas, boca por boca, sabendo dos eventos né, que não teve realmente uma divulgação tão grande desse maravilhoso evento, foi assim que eu soube. Porque o índio faz parte da cultura da gente, como os negros, os escravos que realmente está no nosso sangue, então eu vim prestigiar e ver o evento. Eu já vim quatro vezes já, com hoje.

Denis [Participei] Dois dias

Diogo Galvão Ser algo diferente que não acontece aqui, conhecer um pouco, o que dá para conhecer um pouco da cultura deles, e esse contato mesmo, são pessoas diferentes, ver os artesanatos, ver que jogos são esses, como eles são diferentes. Eu fiquei sabendo, divulgado mesmo é, nas entradas das cidades e também aqui, e eu moro aqui pertinho não tem como não saber. Olha, hoje é a primeira vez [...].

Dione dos Santos É, foi através da televisão, que nos comunicou, que havia este evento, grande evento, muito bom, ótimo. Pra conhecer as nossas origens que veio deles, o trabalho deles, é muito interessante, [...] é diferente assim a cultura deles, é demais os trabalhos deles, como eles se comunicam [...]. [Vim] Duas vezes.

Dona Nina Foi porque eu vi, foi! Olhe, eu vim porque a gente faz parte da terceira idade [...] aí eu passei por aqui e vi [...] quando foi ontem eu vim, gostei e ela disse, eu vou também, então eu disse vamos pra gente ver [...]. [Vim] Dois dias.

Felipe A prefeitura divulgou aqui que ia acontecer esse evento, antes de começa. Porque deu vontade de vim e eu gosto de apreciar a cultura brasileira. [Vim] Primeira vez.

Gislaine Maria Através do meu irmão [...]. Ele viu através de outros colegas deles, que disseram para ele que vinha pra cá, e ele me avisou. Gosto, [tenho] muito interessante. Essa é a terceira vez que eu estou vindo.

Jailson Eu vi na televisão, sim vi na televisão, tinha visto, aí estava vindo do trabalho, aí até ia para casa de minha amiga, aí quando o ônibus passou aí na frente que eu vi a movimentação [...].

Jude Eu fiquei sabendo através da imprensa escrita, jornal de grande circulação, jornal de comércio. Primeiro pelo interesse que eu tenho... Na verdade são nossos irmãos primeiros, nós temos a ascendência indígena, nós temos familiares ainda morando em aldeia Pankararu, no sertão de Pernambuco e aí a questão indígena me atraía particularmente. Eu vim essa é a segunda vez, primeira eu vim na competição de lança [...].

Ladjane Fiquei sabendo de um pessoal lá do Gavião. Curiosidade! Vim três vezes, foi três vezes [hoje].

Lúcia Olha, eu fiquei sabendo através de minha mãe, não soube através da imprensa, inclusive achei um absurdo, um evento tão lindo, uma ocasião rara a gente encontrar esse tipo de artesanato [...] como eu gosto muito da arte indígena então eu vim.

Lúcia Carneiro Através da reunião dos idosos, das idosas da praia. Curiosidade, porque eu gosto, porque eu amo esta nação índia, eu acho isso muito bonito.

Manoel Bem, eu que trabalho aqui na praia, com a limpeza urbana aí [...] eu soube da notícia aí da rapaziada, e para mim foi uma surpresa de está aqui vendo este povo que veio é, estes índios participando aqui nessa grande festa [...].

Marcos [...] Através de amigos que estive uma vez aqui e eu vim só dar uma olhadinha rapidinho. Curiosidade, curiosidade só.

Maria das Dores Foi por uns panfletozinhos. Porque eu era louca pra conhecer os índios pessoalmente e hoje tive essa oportunidade e achei tão bonita que não perdi nenhum dia. [...] Todos os dias, desde sábado.

Maria de Fátima Não, porque assim, a turma comentando, né, que ia ter os eventos, né, primeira vez que eu venho e achei lindo, achei lindo [...].

Maria dos Anjos Eu fiquei sabendo por que minha irmã trabalha na prefeitura de Olinda, aí ela disse que estava tendo esses jogos, porque ela ficou responsável em trazer uma turma de alunos. Eu vim, eu venho porque eu acho bonito e a gente tem que vim e respeitar, porque tem muita gente que está vindo e não está respeitando. Vim segunda, terça, quarta, quinta, pretendo vir amanhã e sábado no encerramento.

Maria Josefa Através da televisão. [Eu vim] três vezes.

Mateus [...] porque passou na televisão e eu descobri. Ver as presenças deles.

Mateus Desde o começo.

Odete Televisão, televisão. Ah, porque eu vi todo mundo vindo, eu também vim ver como era.

Rafael Foi quando eu passei uma vez aqui voltando do trabalho, eu vi uns negócios montados, eu perguntei por curiosidade, que negócio é esse aí falaram que eram os jogos

dos índios, as olimpíadas. Curiosidade mesmo, pra saber como que é a cultura deles aí. Essa é a primeira vez [que eu vim].

Reginaldo Frasano [...] Foi pelas pessoas que vieram e passaram para gente e por curiosidade eu vim saber como é. Eu vim por curiosidade, porque a gente nunca tinha vindo [...]. Eu estou vindo dia de sábado, né.

Senhor Tavares (...) fiquei sabendo pela televisão, pela Globo anunciando. Porque na minha vida eu nunca vi os índios de perto... Gostei e fiquei vindo todos os dias. Oito dias [que participo].

Valda [...] Por acaso eu passei por aqui e vi armando esses quiosques e essa arena aí, porque não vi nenhuma divulgação desse projeto, desse é evento. [...] por curiosidade, porque minha filha trabalha numa escola e a feira de ciências vai ser sobre os índios, sábado. Ela me pediu pra vim aqui ver se tinha alguma coisa pra comprar, algum objeto para comprar lá na escola.

Zuleide Eu fiquei sabendo através do folder que estavam nos outdoors lá em Recife e minha amiga aqui ficou sabendo e aí a gente veio para abertura [...]. É curiosidade e vontade de também aprender e também ver essa questão da cultura indígena, que a gente fala tanto na cultura afro e tal, mas não vive a cultura indígena, né? [Vim] Sábado, domingo, segunda, terça, até hoje desde sábado.

5.3.2. OS SABERES APRENDIDOS SOBRE OS ÍNDIOS DO BRASIL

Ancelmo Pereira É a cultura deles e também o artesanato, muita coisa bonita e a união deles, o respeito e também o artesanato também me chamou a atenção, muito bom. [...] e assim que eles ir aos jogos como se fosse pra uma guerra, e tivesse assim os adereços, as danças, o toré, essas coisas que me chamou a atenção.

Andréia Não ainda não, é que eu cheguei agora, eu ainda vou dar uma olhadinha por aí, é que eu cheguei agora.

Ayrone [...] Oxe! Umás danças, tipo umas danças assim, as flechas, quando eles jogam as flechas [...] Cabo de guerra, cabo de guerra, é muito arretado!.

Camila Bertolo Ah, o que eu descobri assim, que os outros me diziam assim que eles comiam esse negócio cru, esse negócio, mas eu perguntei a eles, eles disseram que não comiam, pronto só isso.

Carmem Olhe é muita pretensão dizer que eu não descobri nada, porque passei muito tempo trabalhando nessa questão, tive contato e tudo em outro momento e aí [...] estou aprendendo muita coisa, mas é difícil dizer, ainda sou aprendiz [...]. [...] O que eu aprendi é que [...] cada dia que passa a gente entra em contato com eles, estão aprendendo a viver como a gente sabe, apesar de tratar eles como uns bobos, eles tão deixando, estão se impondo mais, percebi isso que eles estão se impondo mais, isso é bom, porque já vi tratamentos horríveis com eles, e tratar [...] mero informante, como se não tivesse vontade própria, até aconteceu um caso de um lá que se revoltou e se revoltou para aldeia [...].

Débora Hanna Ah, que eles têm, aqui eles jogando, eles tem muita raça, não sei o quê. Assim, eu pensava, assim, não, porque a única curiosidade que eu tinha era pra conversar com eles, é que eu queria saber como eles falavam e tal, mas até agora não conversei com eles, aí eu não sei.

Deivison Gomes Que são diferentes raças, qualidades, culturas, e jogos, respeito, tudo em geral.

Denis Pouquíssimo, pouquíssimo, porque hoje foi que eu tive mais tempo pra participar, e olhar, prestigiar este evento, mas do que isso, eu não tive, não tem como dizer, né?! Eu acho muito importante, porque reúnem mais, todos eles e ajuda um a entender o outro, a participar mais, a ter mais vontade de iniciativa de participar mais de todos esses eventos é isso, o que eu penso.

Dione dos Santos O que que eu descobri? Agora tu me pegaste.... essa tatuagem que eles usam eu achava que seria uma coisa definitiva, mas é pintado isso que é curioso, eu pensei que fosse como a nossa aqui, que fazem, fabricam e tudo, mas não a deles são natural. É disso que eu gostei, eu vi um fazendo ali, achei curioso e fui olhar eles se pintam, gostei, bacana, viu, Olinda está de parabéns! [...].

Diogo Galvão Olha é eu já vim na minha cabeça sabendo que não, que eram povos diferentes, eles não tem um biótipo, não são pessoas iguais não é, não são aquelas pessoas que a gente está acostumada a ver nos livros, todo mundo igualzinho não, são pessoas diferentes cada um com cor diferente também, estilo diferente, então já vinha pensando nisso e comprovei, são pessoas bem diferentes, não são iguais, não são iguais, cada um tem a sua cultura.

Dona Nina Bem o que eu achei curioso, o jeito deles, assim as pinturas quando eles saem com aquelas coisas todas.

Felipe Oxe!, até agora nada.

Gislaine Maria O que eu descobri sobre eles é que são pessoas humildes, que eu achava que, que não eram pessoas humildes. Apesar de tudo eles são educados, coisas que muita gente desconhece deles [...]. Quando a gente vai falar com eles, ou pegar nas crianças deles, eles permite e eu acharia que eles não permitiam está entendendo, mas eles deixam pegar nas crianças deles, e conversa normalmente com a gente. Sei lá, eu ouvi o pajé dizer que não se bate em criança, porque a gente aqui bate em criança, e eles não batem [...].

Ladjane [...] Agora está melhorando, porque antigamente não tinha esporte [...].

Lúcia Carneiro Ah, de dias melhores para eles e para os meus netos, é que eles tem que ser preservados, eles não podem acabar não, esse aqui é a vida [...] parece que eu estou no dia do descobrimento do Brasil, eu me sinto assim, só falta as caravelas chegando e o Pedro Álvares Cabral descendo.

Jude São nossos irmãos, acho que não tem uma descoberta, tem uma complementação de saberes que a gente já carrega, [...] saberes escolares, no meu caso específico, saberes que a família transmitiu, e aí essa diversidade dos povos indígenas é uma coisa mais linda,

eu nunca tinha participado de um evento com tantos povos indígenas juntos, e a gente vê a diferença entre eles, físicas, de costumes é muito interessante.

Maria das Dores Ah, muita coisa, a cerimônia do casamento, a cerimônia do batizado, a cerimônia da morte, a cerimônia do noivado, muitas coisas, que eu tinha muita vontade de vim. [...] gostei muito do cabo de força [...] gostei de ver a força deles, tem brincadeiras que eles viravam no chão e puxava com aquela força toda, gostei.

Maria dos Anjos [...] descobri nada não. [...] o jeito deles viver e tudo a gente tinha assim uma noção, mas a gente está vendo que eles são bem mais culturados do que a gente pensava. Realmente eles falam, têm muitos, que realmente entende a nossa língua e tudo, eu acho, gostei, gostei muito mesmo [risos].

Mateus Não sabia que ele fazia arco e flecha, não sabia que eles faziam futebol.

Rafael Eu descobri nada...

Reginaldo Frasano Muitas coisas, a gente procurou ver aquelas, aquelas tábuas, eles fazem aquelas tábuas de carne, aqueles batedor assim que você bate e muitas coisas que eu não sei nem o nome, a gente vê, mas não sabe o nome [...].

Senhor Tavares Ah, descobri na parte da língua deles, que a língua deles é tupi-guarani, [...] as outras tribos falam português.

Valda Não sei que foi que eu descobri. [...] eu passei pouco tempo, porque eu já venho vindo lá da faculdade, cheguei aqui já com pouco tempo, esse horarizinho, dessa meia hora só que eu estou aqui, não deu, só vi algumas danças.

Zuleide A tranquilidade, eu acho que a gente vive no corre-corre, trabalho manhã, à tarde e a noite, e eles são bem tranquilos, são leves, livres, soltos, isso aí eu achei maravilhoso. É porque a escola passa pra gente a vida toda, índio é preguiçoso, índio não gosta de trabalhar, índio é isso, é aquilo, é aquilo outro e eu estou vendo que não tem nada a ver, os livros, os professores tem que mudar a sua prática, mudar a sua fala, que não tem nada ver com o que a gente aprende na escola 20 anos atrás com o que a gente está vendo aqui, vendo e ouvindo também.

5.3.3. O QUE GOSTOU E SUGERE-SE PARA A ORGANIZAÇÃO

Ancelmo Pereira Gostei do sábado, que eu estou esquecido agora, mas eu gostei do sábado. [Sugiro melhorar] A infraestrutura e aumentar mais o espaço, achei o espaço até pequeno [...].

Andréia A competição da canoagem. [Melhorar] A organização mesmo, um pouco de organização seria melhor [...].

Ayrone Está massa! Melhor que antes [referindo-se ao dia anterior].

Carmem A interação da população [...]. Ai meu Deus! [ter] Mais divulgação, eu soube por que eu trabalho próximo aqui, até porque eu soube disso sábado [...].

Camila Bertolo Do que eu mais gostei foi dos atletas, da criatividade deles, como os colar, gostei mesmo dos colares, dos brincos, são muito bonitos. [...] Eu acho que poderia

ser melhor é, mesmo assim, esse negócio deles que eles se apresentam podia ser melhor, porque ali, onde eles se apresentam, não está dando certo não, o vento, perto da praia também, e além do mais, como você está perguntando, e a areia que é insuportável, a areia quando eles estão “coisando” vem pra cima da gente, tudo mais.

Débora Hanna O cabo de guerra, ih, de tudo! De ver eles correndo[...]. [...] eu só não gostei de ficar no sol, para ver eles no sol, tinha que ter algum lugar, assim, especial para o entorno, para gente ver.

Deivison Gomes Tudo, tudo realmente, a cultura chama a atenção, assim as raízes, tudo fascina. [Sugiro] Mais divulgação e mais respeito pelos nossos irmãos índios.

Denis Eu acho que foi tudo, foi é um conjunto de participações, tanto a cultura, tanto os jogos, as danças, os costumes, tudo foi importante eu acho. [Para melhorar] o pessoal invade a arena, poderia achar um meio desse pessoal não invadir, certo que é também parente, mas comemorar, fora da arena, só aqueles que estão participando

Diogo Galvão [...] eu estou gostando do clima de ver as pessoas diferentes, é artesanato, os jogos, está tudo diferente, então é bom, e porque está sendo aqui e porque para cidade é algo diferente.

Dione dos Santos Dos artesanatos deles, gostei de ouvir eles conversando, os trabalhos deles são belos, eles são bem educados, são dóceis né!. [...] está na altura do trabalho deles, está bacana, eu estou gostando [sem sugestões].

Dona Nina Olhe eu gostei de tudo, o que mais gostei foi na hora da corrida [...] as índias com aquelas madeiras no ombro, aquilo ali foi muito importante, eu gostei. Não [sugiro nada], pra mim tudo aqui agradou [...].

Felipe Do artesanato. [Sugestão] Mais segurança [...] Pra todo mundo que está muito fraca.

Gislaine Maria [...] é a dança, a dança deles é muito, é muito bonita mesma. Acho que não têm melhor, eles fazem tudo muito bem [sem sugestão].

Jailson Rapaz, o que foi que mais me impressionou, eu vi uns índios, uns índios muito fortes, que você vê na televisão aqueles índios, umas índias muitos bonitas também [...] e também com um artesanato bem diferente também, de exemplo, aqui esse colar aqui [...] em forma de pena, em forma de uma flor, muita coisa diferente, saber que tem isso e que você não vê também. O que falta melhorar a organização aqui, a infraestrutura, a arena está legal, mas aqui ao redor talvez por ser na praia, melhorar um pouco, por exemplo, na questão dos banheiros [...], lá em cima se você quiser você tem que subir lá em cima, acho que o local para eles exporem os artesanatos poderia se melhorar também [...].

Jude Achei muito bom, muito interessante, as diferentes formas como eles pegam aquelas lança, achei muito interessante [...]. Eu sugiro mais divulgação [...], acho que a estrutura está legal, sabe está bonito na beira da praia, bem a vontade, mas acho que peca em muito na divulgação, a gente não vê, eu procuro no jornal do comércio que eu sou assinante, eu procuro informação sobre o evento e não tem.

Ladjane A dança. Rapaz, não tenho nem ideia [para sugestão], estou por fora (risos).

Lúcia Carneiro Acho a estrutura ótima, nunca aconteceu uma coisa dessas, nunca tinha visto e eu moro há muito tempo em Olinda, e está, e estão de parabéns [...].

Lúcia Olha, eu achei a gentileza deles, muito educados, muito gentis, acolheram muito bem a gente, outra coisa também, você vê acha interessante as várias etnias, tudo junto, isso me chamou muito a atenção. [Como sugestão] Eu acho que um pouquinho mais de espaço, ficou tudo muito assim em cima um do outro, então fica difícil a gente circular entre eles pra gente poder observar os objetos e comprar.

Manoel Do evento? Realmente vieram umas pessoas que eu nunca vi pessoalmente, eu vejo assim na TV, na televisão, e ver os índios, foi o índio o meu principal. Ah, está ótimo, porque aqui é um lugar que tem bastante espaço [não tenho sugestões para melhorar].

Marcos São as danças, as danças dos índios. Não [tem sugestão para melhorar].

Maria das Dores Ah, o que eu mais gostei foi a corrida da tora [...]. Porque eles mostram que eles são uns guerreiros, carregando aquelas toras fortes e deu certo tudo né. [Para melhorar] Eu achava que devia ser pago, para não haver tanta gente, cachorro e tanta coisa, devia ser um negócio pago, mas não que não fosse tão caro, que fosse um negócio mais organizado.

Maria de Fátima [...] achei bonito as danças, as corridas, eles correndo tudinho, a língua deles também eu achei bonito. [para melhorar...] organizar mais tudinho, tem muita gente que veio lá em cima, sol, não dá né! Muita gente quer ver, mais é essa arquibancada pra turma.

Maria dos Anjos De tudo, a dança é muito bonita, o artesanato eu já conhecia porque eu tinha tido em Belém, em Manaus, então já tinha visto já ao vivo. A dança é bonita, os jogos, os esportes enfim tudo eu acho muito bonito. A organização está boa, entendeu, agora questão de horário, eu acho que é também muito cansativo, do Geraldão para cá, realmente quatro horas o pessoal não está chegando, só chega quase perto de cinco, né, [...] hoje mesmo vai ser muito cansativo, que eles estão aqui e vão voltar, aí o que tem pra melhorar, acho que era o povo respeitar mais.

Maria Josefa Estou gostando [...] está interessante [...] Está legal [...].

Mateus É arco e flecha, o futebol das mulheres e esse daí do remo. Não faltou nada, eu só queria ficar na frente.

Odete São os índios, porque eu gosto, porque eu sou de Alagoas. [Para melhorar] Ah, isso aí eu não sei responder viu, eu não sei, se eles viessem todo ano era bom!

Rafael Eu gostei foi da diversidade, das tribos aí, isso aí mesmo. [Sugestão] Vir mais vez aí, botar mais jogos, botar futebol para ver se eles sabem jogar bola.

Reginaldo Frasano Olha, eu estou gostando daqueles jogos, jogos de cabeça, que eu nunca tinha visto, para mim é um jogo muito engraçado, não sei se você chegou a ver, jogando com a cabeça né, incrível!. [...] também tem esse jogo da flecha também [...]. Oh, veja só melhorar [...], essas camisas que o governo federal, ele manda para doar, vamos

dizer assim se eles doar, aqui eles fazem como se fosse assim um brinde, mas não é um brinde, ali eles jogam, ontem consegui uma camisa, ontem pisei no pé de uma moça, sei que não vai poder dar para todo mundo.

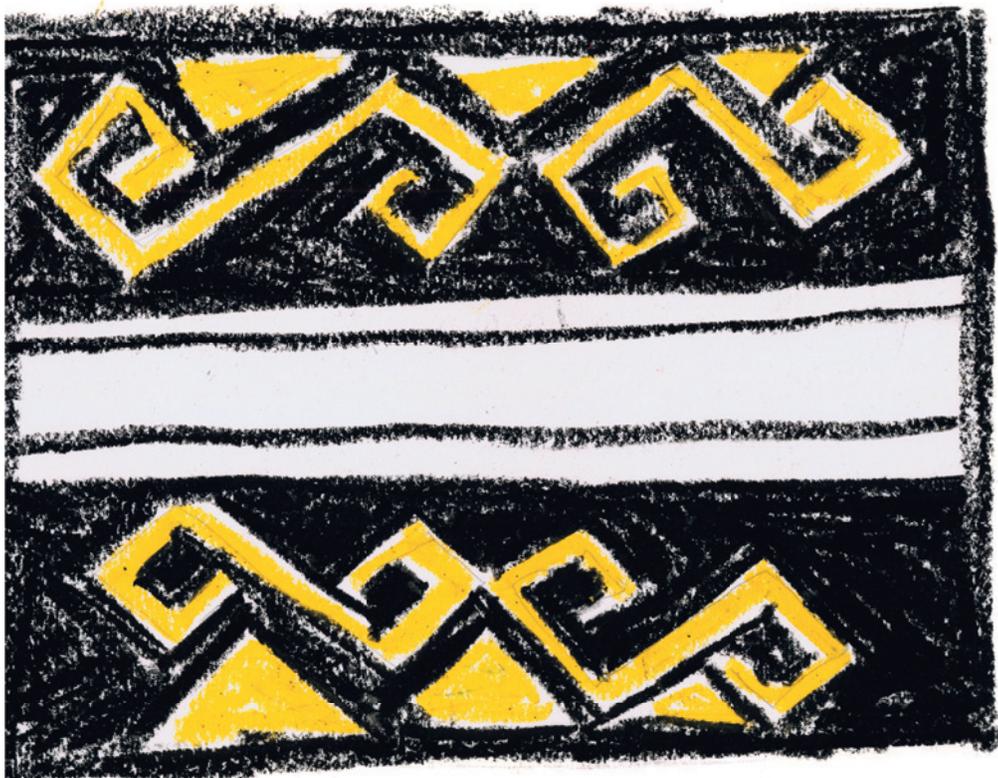
Senhor Tavares O que eu mais gostei arco e flecha. [...] tinha que acertar no olho do peixe, aí o índio acertou no olho do peixe, achei aquilo muito bonito, minha filha tem 7 anos de idade e admira também do arco e da flecha também. [...] não precisa melhorar nada, está tudo muito gostoso, ótimo.

Valda Ail, estou encantada, nunca tinha visto uma coisa tão linda assim, realmente eu estou encantada com as danças deles, com as histórias deles, eu não sabia que existia esses índios, essas coisas assim nossa está vivo! [...]. [Como sugestão] Olhe primeiro lugar mais divulgação, a organização está ótima, excelente, a segurança e tudo, mas a divulgação e o apoio das autoridades [...].

Zuleide O que eu mais gostei fora das atividades, foi o comportamento das crianças, a liberdade, me deu até uma invejinha sabe ver as pessoas da gente tão presa, e as crianças deles são muito livres, e dentro dos esportes o que mais achei interessante foi a tora, a corrida de tora [...]. [...] Acho que a questão do tempo, inclusive a abertura mesmo foi divulgado um horário, a gente chegou aqui viu crianças cansadas, as famílias saindo, e muitos perderam o início porque ficaram cansada com relação à espera, né, foi isso o resto, ótimo.

PARTE III

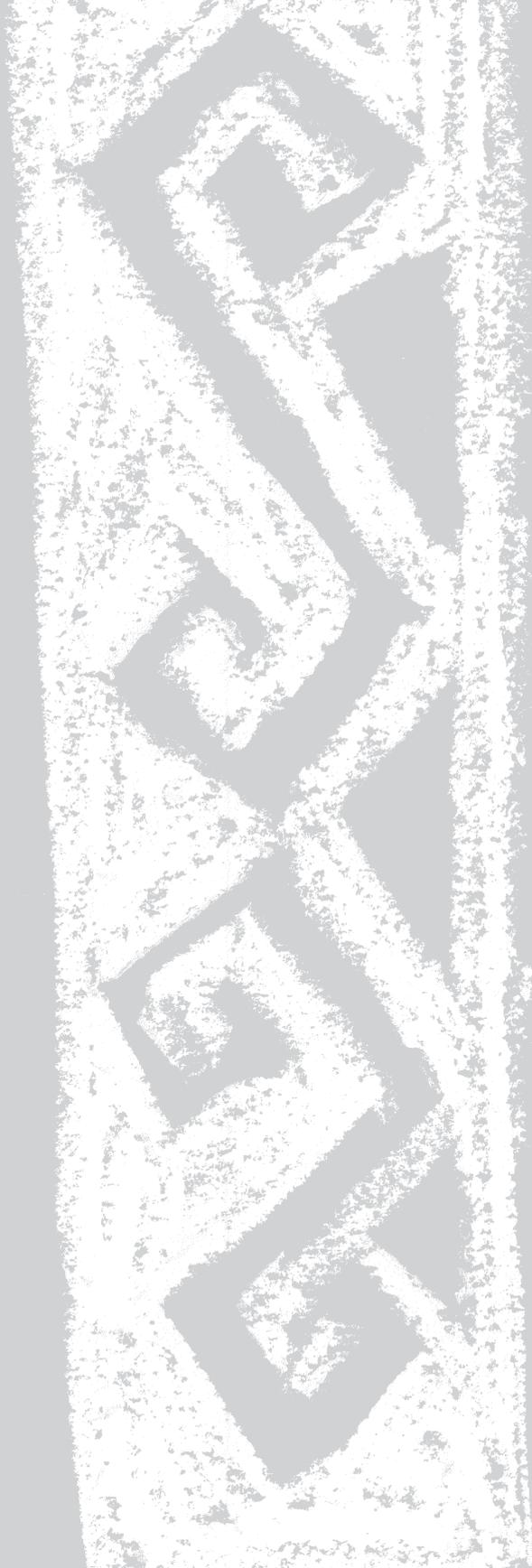
IX jogos dos povos indígenas: avaliação institucional



“Nenhum povo pode deixá-lo perecer antes de haver tomado consciência, inteiramente, de sua originalidade e de seu valor, e antes de tê-lo memorizado.

Isto é uma verdade geral, porém mais ainda no caso desses povos que se encontram na situação privilegiada de viver seu passado no momento exato em que, para eles, um futuro diferente se delinea”.

Claude Lévi-Strauss
antropólogo





Os primeiros textos que compõem esta Parte III referem-se ao olhar dos gestores institucionais. Sua organização traz o resultado das entrevistas, pontuando os aspectos relevantes da avaliação para os organizadores dos IX Jogos dos Povos Indígenas, como já explicitado na apresentação desta obra.

1. O viver da gestão compartilhada

SNDEL-ME/Rejane Penna Rodrigues Podemos iniciar este assunto no âmbito interno do Ministério do Esporte e da SNDEL. Nós não entendíamos a ausência de políticas da diversidade cultural, que no nosso entendimento teriam toda a relação com o desenvolvimento do esporte e do lazer o qual é de nossa responsabilidade. E, num momento assim, de sintonia com a SNEED, também entendíamos que a diversidade cultural tratada na relação com o público escolar deveria ficar sob a responsabilidade daquela Secretaria, e a que se relacionasse com a sociedade como um todo poderia ser tratada por nós. Esse foi um momento de muita maturidade, porque a SNEED não estava abrindo mão de um poder, de uma relação, de um conhecimento. Ao contrário, os gestores estavam buscando melhorias para que, de fato, a política do Ministério do Esporte pudesse ser cada vez mais articulada e aprofundada. Desde então, procuramos estar junto aos outros ministérios e instituições que deviam ser parceiras nos Jogos, por já terem acúmulo tanto em relação aos jogos quanto por terem visto que a sua ausência na organização dos mesmos dificultava seu desenvolvimento. Vários ministérios, como o Ministério da Saúde, o Ministério da Cultura, o Ministério da Educação e o Ministério da Justiça foram procurados através de seus segmentos. Juntos, começamos a construir uma relação também com os parceiros do lugar onde estão acontecendo os Jogos (Pernambuco, Olinda e Recife). Na verdade, o Governo de Pernambuco trouxe para o Estado os Jogos, sendo que a sede mesmo ficou entre Recife e Olinda, dividindo essa responsabilidade. Com isso mais dois interlocutores entraram no processo. O grupo, duas prefeituras, o governo do estado, vários ministérios e o Comitê Intertribal, começou de fato o trabalho e a aproximação não só com vontade de realizar um bom evento, como também de superar as dificuldades, pois este evento é muitas vezes maior que o reconhecimento em termos até orçamentário que ele recebe. Ao mesmo tempo que fomos demandados para auxiliar na realização dos jogos, tínhamos preocupação também com o Comitê Intertribal, pois não queríamos nos apropriar do que não era nosso. Esse sentimento gerou, no início, certa instabilidade

nas nossas relações. Porém, quando estamos confiantes quanto à importância da atividade, como de quem são seus protagonistas e qual é o papel do serviço público nesta ação, a gente não tem dúvida de que, com o passar do tempo, essa relação vai se estabelecer da melhor maneira possível. E foi de fato o que aconteceu. Hoje, na finalização dos IX Jogos dos Povos Indígenas, vemos todos os interlocutores participando da discussão e avaliação dos Jogos, com postura de respeito de uma instituição pela outra, com maior valorização e compreensão do outro. Este é um bom início de convivência que pode nos ajudar a, junto com os povos indígenas, cumprir o nosso papel de Governo Federal e auxiliá-los naquilo que de fato eles precisam, da maneira como eles entendem que precisam, e não da maneira como nós achamos que eles devem fazer. O ensinamento maior que tivemos aqui é esse: aprender a ouvir, a observar, enfim a construirmos juntos. Hoje não dá para dizer que encerramos nossa missão. Considerando o ser humano em que nos transformamos a partir das vivências nos jogos, a nossa postura daqui para frente está modificada. Crescemos no processo e este é um sinal muito positivo. Achamos que hoje ainda é muito prematuro tomar grandes decisões, estamos sinalizando algumas coisas, as mais elementares, as que saltam aos nossos olhos, as mais óbvias que demos conta de compreender nestes Jogos. Mas temos certeza que ainda iremos assimilar muita coisa vivida aqui. O que mais emociona é justamente o sentimento, a afetividade muito grande que tínhamos com os povos indígenas e que aumentou ao conhecê-los. Temos muito respeito por eles, e, por isso, nos sentimos autorizados a estar junto na construção de uma política para eles e com eles, porque querer ser útil e poder contribuir com esta causa.

SNDEL-ME/Cláudia Regina Bonalume Esses jogos nos forneceram muitos dos elementos que a gente precisa para construir uma política pública de esporte e lazer que realmente atenda as necessidades dos indígenas e que não seja uma adaptação da nossa política atual à realidade deles. Uma política que precisa ser intersetorial.

SID-MINC/Sérgio Mamberti Nós, do Ministério da Cultura, através da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, estamos trabalhando com a cultura indígena desde 2004 e temos visto esse processo assumir uma dimensão extraordinária, que se expressa muito claramente neste conagraamento aqui. Estamos juntos com o Ministério do Esporte para apoiar a cultura indígena e esses cidadãos brasileiros. Este Evento possibilita a aproximação das culturas, vamos dizer, dos brasileiros brancos com os não brancos, aproximamos, justamente, dessa riqueza cultural vinda através dos povos indígenas, cultura que durante esses 500 anos foi desprezada. Por isso, considero da maior importância a iniciativa do Ministério do Esporte e de todos os apoiadores no sentido de, juntos, darmos grandeza cada vez maior a este evento. Tanto no Esporte como na Cultura, estamos tentando inserir projetos culturais, apresentações culturais [...] O compromisso cada vez maior do Governo Federal, dos governos estaduais e municipais é o elemento fundamental para que se tenha uma estrutura e, ao mesmo tempo, divulgação cada vez maior, com mais gente participando.

Prefeitura de Recife/Jamerson Almeida Primeiro tem a questão política. No meu ver, os povos indígenas foram muito massacrados ao longo da história do Brasil; é uma população que ainda vive com muito sacrifício, uma população que tem uma riqueza cultural e uma relação com a natureza que nós temos muito, muito e muito que aprender. Os jogos indígenas, para nós, significam um retorno à mãe terra, às nossas origens, que temos que cuidar mais dos nossos indígenas, que preservar a sua cultura e proporcionar a eles uma vida digna, em consonância, com tudo que essencialmente é e deveria ser propriedade deles, que foram saqueados, explorados, assassinados ao longo da história. Eu me sinto feliz na condição de representante da prefeitura da cidade de Recife por ter contribuído de alguma forma, embora muito pouco, para realizar este momento de encontro entre eles, com indígenas de diversos pontos do Brasil. Na verdade, mesmo com todos os avanços do Governo Lula, nós temos ainda que investir muito mais nas demandas indígenas. Dessa experiência aqui, a gente sai com uma aliança muito fortalecida. As lutas deles também são hoje consideradas como nossas lutas também. A grande experiência para nós gestores com esses Jogos, eu diria que foi uma grande experiência no nível político.



2. Avaliando relações

MJ–FUNAI/Terezinha Gasparin Maglia O mais importante que vejo nesses jogos é a questão cultural, é a integração entre os povos indígenas. Eles quase não se visitam e, nesse evento, eles tiveram oportunidade de uma convivência. Dá para ver que eram 26 povos que estavam aqui, povos que muitas vezes levam anos para se encontrar, para viver a integração entre eles. Principalmente o que eu acho é que o povo brasileiro tem que começar a enxergar que o Brasil tem muitos índios. Muita gente vinha me perguntar se esses são índios mesmo, ou só estavam fantasiados de índios. Os jogos são importantes para o povo brasileiro enxergar que os nossos índios são índios mesmos. São pessoas de carne e osso como nós, porém de uma cultura totalmente diferente. Eles vivem de forma diferente, têm sua maneira de viver e são felizes onde vivem, lá nas aldeias. Eu que percorro muitas e muitas aldeias por esse Brasil afora, percebo a diferença que existe entre o índio e o não índio [...] apesar de todo o massacre, apesar de tudo o que eles viveram nesses anos, eles ainda preservam sua cultura e aqui demonstraram que a cultura ainda está enraizada, apesar de tudo que passaram nesses 500 anos. Eu acho que a questão política também vai mostrar que os indígenas continuam lá nas aldeias com seu povo e aqui junto com o branco. Por isso, foram maravilhosos esses jogos.

SNDEL-ME/Cláudia Regina Bonalume Os Jogos foram uma riqueza para nós como pessoas. Aprendemos convivendo com uma cultura tão rica, uma variedade tão grande e que, ao mesmo tempo em que nos desafia, nos deixa curiosos. Para os povos indígenas, eu acho que os jogos é um momento de integração, momento de encontro, de convívio entre eles, de um povo com outro, convívio que eles têm muito pouco, embora dentro de uma mesma etnia, de um mesmo povo, eles convivam muito. Tudo entre eles é compartilhado. A gente sente que de uma etnia para outra, há momentos muito ricos de aprendizagens e de estímulos. Aqui eles enfatizam a identidade deles, eles têm muito forte isso do “se mostrar”, mostrar quem eles são, qual é a cultura deles. E os jogos servem de estímulos à valorização dessa cultura. Sentimos também que a prática esportiva, como acontece com todos os processos da sociedade, vem sendo influenciada também pelo processo de globalização, que faz com que eles se voltem mais para a cultura do branco, uma tendência que a gente percebe muito forte em algumas etnias, menos em outras. Aí entra a questão do próprio esporte e lazer indígenas, da importância do resgate desse esporte e lazer e de não abandoná-los em troca dos esportes e lazer que eles veem na televisão, que conhecem pela internet. Com a valorização das tradições indígenas, a gente percebe que eles passam a querer praticar de novo seus jogos, a confeccionar uma flecha, um arco, a

reviver culturas que vinham se perdendo entre eles. Já para as populações de Olinda e Recife, que puderam ver um pouquinho desses jogos, eu acho que também vem à tona a questão do respeito ao diferente, ao diferente que esteve aqui e que tem uma cultura própria. A gente espera que isso possa ajudar o povo a se voltar para os diferentes que estão aqui na própria cidade, no dia a dia dela.

SID-MINC/Sérgio Mamberti Vejo que, a cada ano, os jogos têm sido mais uma expressão de conagração e de participação da sociedade, o que é muito importante. Acho que sempre teria um pouquinho mais participação, pois o fato de o evento se deslocar pelo Brasil é muito importante [...] mas acho que a ideia é de que ele sempre realmente [...], e cada vez mais, passe a incluir debates [...].

SNDEL-ME/Leandro Casarin Dalmas Nunca aprendi tanto na minha vida em um curto espaço de tempo. Desde a época que a gente estava pensando nos jogos, lá no começo, tudo foi muito novidade na minha vida. Essa coisa de aprender a lidar com a política pública, com a gestão, com o trato específico do indígena, de pesquisar quem são, porque são, pesquisar na história, levantar arquivos científicos, tentar conhecer quais etnias, fazer esse mapeamento, isso para mim foi um crescimento de vida, de pessoa, de identificação do indígena como diferente, e não como grupo homogêneo [...] Cada um tem sua própria organização social, sua língua, seu tronco linguístico, sua especificidade, sua forma de lidar com o outro, seu artesanato, suas danças e rituais. Então isso pra mim foi muito importante, eu conheci muitos seres humanos indígenas junto aos não indígenas também. Eu gostei demais de ter conhecido as pessoas que trabalharam com a gente [...] Se eu tivesse morando aqui, eu botaria a camisa de voluntário e ficaria com certeza de attachê, de voluntário. Que bom poder trabalhar assim.

3. Aspectos relevantes para a organização dos jogos

SNEED-ME/Júlio Filgueira Sobre os limites observados na realização destes IX Jogos Indígenas, eu destacaria dois. O primeiro deles é que a edição nacional merece ser antecedida de jogos regionais, isto é, feita de forma sistemática. O Ministério do Esporte já está planejando para que sejam realizadas seis edições regionais, e talvez já tenhamos uma edição no ano que vem, em 2009. A realização dos jogos regionais de maneira sistemática vai permitir um número maior de etnias participantes, já que o número que participa da etapa nacional ainda é restrito. Os jogos regionais, penso, podem modificar essa situação, por isso essa é a primeira medida de aprimoramento que deveríamos buscar. A segunda que eu destacaria é o planejamento e sua antecedência. Ainda nos ressentimos, nesta edição dos jogos, de um maior tempo de preparação, de um maior envolvimento das cidades-sede, de uma maior preparação do deslocamento dos povos indígenas. Evidente que o evento é um grande êxito e, sem dúvida nenhuma, que eles vão conseguir seus objetivos, mas eu acho que fica esse aprendizado para as próximas edições.

SNDEL-ME/Cláudia Regina Bonalume Os problemas foram muitos. Agora, avançando nesse processo, a gente consegue perceber que esses problemas se deveram principalmente pela falta de experiência e de conhecimento acumulado que nós não tínhamos em relação aos jogos. Nós tínhamos o Comitê Intertribal, que tem esse conhecimento, que conhece, mas, ao mesmo tempo, tinha uma certa dificuldade de seus representantes por julgar que a gente não compreendia algumas coisas que eles nos passavam, conforme a cultura deles, e que achavam que nós estávamos compreendendo, mas não estávamos. Essa dificuldade de diálogo reforçou a importância desse processo de avaliação, que estamos fazendo, registrando tudo que vem acontecendo para que a gente não cometa esses mesmos erros e consigamos compreender melhor o que os indígenas nos dizem, quando eles apontam alguma coisa. Tivemos muitos problemas em relação à parceria com o Governo do Estado, para o estabelecimento do convênio. Esses problemas causaram as maiores dificuldades, atrasos no transporte, na saída das aldeias o que acabou gerando problemas para a vinda dos indígenas que estiveram aqui, e até mesmo a não vinda dos Wai Wai. Esses problemas foram solucionados na medida em que ficou clara a questão dos limites que tivemos para o estabelecimento do convênio com o Governo do Estado, que assumiu isso, financiando e pagando todas as despesas. Acho que, a partir do momento em que o processo foi desencadeado, que ficou claro o que iria acontecer, o Governo do Estado de-

cidou pagar, e aí as coisas foram agilizadas. O problema é que isso só aconteceu muito próximo ao início dos jogos e após a saída de algumas etnias das suas aldeias. As que se anteciparam tiveram alguns problemas que a gente não teve mais como resolver. Para atender as demais etnias, juntamos esforços do Governo do Estado, Governo Federal, Prefeitura de Recife, FUNAI e FUNASA. E, dentro do possível, resolvemos todos os problemas. Eu acho que hoje muito pouco ficou para trás e tudo não foi melhor, realmente, porque a questão do convênio só ficou clara uma semana antes do início dos jogos. Acredito que essa seja a principal dificuldade quando a gente trabalha coletivamente. Trabalho no qual a gente acredita por ser mais democrático, mas que dá muito mais trabalho, exigindo uma pré-disposição maior de todos os envolvidos. Foi uma aprendizagem para todos.

MJ–FUNAI/Terezinha Gasparin Maglia Foi a primeira vez que eu participo junto da organização. Eu trabalho com os povos indígenas no Ministério da Justiça há 22 anos, porém nos jogos é a primeira vez. Então, acho que foi uma experiência muito ampla pra mim [...] e pro povo aqui de Pernambuco, que conviveu diretamente com eles.

SNDEL-ME/Leandro Casarin Dalmas O primeiro problema foi o da maior participação indígena. Teve a participação do Carlos e do Marcos Terena, que são os idealizadores dos jogos, mas eu senti falta de outros indígenas na organização, porque hoje aqui temos 30 etnias [...] gostaria de ter tido a participação deles na construção dos jogos: o que querem dos jogos, que manifestações culturais apresentar, o que querem de alojamento, alimentação... Se eles pudessem ter voz na construção dos jogos [...] haveria uma democratização da informação, formação de quadros indígenas, a organização deles pra não depender muito do não indígena para fazer tudo [...] são eles que sabem melhor lidar com os jogos do que nós. Então esse foi o primeiro problema. O outro é essa relação do indígena com o não indígena, em termos institucionais. Por exemplo, tivemos problemas interinstitucionais com as entidades: Ministério do Esporte, Governo do Estado, prefeitura de Recife, prefeitura de Olinda, Comitê Intertribal, Funai e outras entidades envolvidas na organização. Isso muitas vezes dispersava informação; muitas vezes tinha questão político-partidária envolvida e aí um não se comunicava com o outro; às vezes, um jogava a responsabilidade para o outro; tivemos a questão do orçamento e com isso muitos indígenas chegarem na estrada sem dinheiro de diária, os ônibus quebrando no meio do caminho, indígenas chegando aqui sem ainda termos uma infraestrutura básica para recebê-los... Tudo isso aconteceu em consequência da falta de organização prévia para captar o recurso necessário para a realização dos jogos. A gente ficou organizando tudo durante os jogos. Essa questão tem que ser bem pontuada. Se tivéssemos a verba previamente, a gente teria mais tranquilidade pra trabalhar, esse é um outro ponto. E tem um terceiro ponto que eu acho que é estrutural: a questão da própria especificidade do trabalho indígena [...] que nós não indígenas muitas vezes não sabemos: o melzinho na água, a coisa do leite para as crianças, a especificidade do alojamento, de alternativas culturais, de lazer pra eles enquanto ficavam no alojamento, as saídas dos alojamentos. Muitas coisas a gente teve que aperfeiçoar durante os jogos, enquanto [...] as coisas aconteciam. O mesmo aconteceu nas

áreas da saúde e da segurança. A gente começou a perceber algumas coisas que falhavam um pouco na infraestrutura e tinha que resolvê-las, buscando o trato específico com os indígenas. A gente tem que melhorar para os próximos jogos, pra que esses problemas não aconteçam e que os indígenas sejam tratados humanamente, que saibamos recebê-los bem, assim como eles sempre nos recebem quando a gente vai conversar com eles.

ME/Consultor/Rodrigo Terra Tem muita coisa que a gente pode fazer melhor nos próximos jogos, muito, muito mesmo. Tenho feito uma série de anotações desse meu trabalho aqui, principalmente nesses últimos dias, observando o que acontece na arena, no alojamento, na feira de artesanato, procurando entender, ouvindo, vendo e construindo já uma proposta futura que pode ser melhor e mais organizada. Uma série de coisas pode ser melhor organizada e uma parte considerável delas não demanda nem muito recurso e, sim, mudanças administrativas [...] nos preocupando, acima de tudo, com o bem estar dos indígenas, que são o centro dessas atividades. Eles passaram por alguns sofrimentos, algumas dificuldades que não há a necessidade de eles passarem aqui. Acho que a gente precisa delimitar a questão do número e temos bastante clareza sobre as características de vida das etnias. Por exemplo: os Xicrins não largam a família deles, trazem seus filhos, suas esposas, as esposas trazem seus maridos. Enfim, vem o núcleo familiar mesmo. Então a gente tem que estar o tempo todo pensando nisso, contabilizando isso do ponto de vista da organização para que possamos ter as condições melhores de recebê-los [...] por isso acho que a gente precisa ter muita clareza do número exato dos indígenas presentes nos Jogos, ou pelo menos o mais próximo possível, porque com esse número a gente tem condições de construir a estrutura adequada para recebê-los. Outro grande limite, por parte da organização, que não é do Comitê Intertribal, é o pouco contato que temos com lideranças indígenas e as etnias [...] Isso gera a necessidade de um critério mais claro sobre quais etnias irão participar e quais as que não vieram. Sabemos que são cerca de 220, duzentas e vinte etnias, e aqui só temos 28: por que são essas as participantes? Existem vários limites de ordem política, esse é um evento muito grande que demanda uma série de organismos envolvidos e trabalho com várias entidades e poderes. E não é fácil conjugar todos esses interesses do mesmo jeito. Um evento dessa natureza, com essa grandiosidade, precisa que todos esses entes estejam efetivamente envolvidos. Por isso, eu acho que a gente precisa ter um grupo de trabalho há mais tempo comprometido com o evento, que entenda o que é o evento para dar o devido valor aos Jogos e empregar a quantidade de energia e de recursos suficientes para que possamos desenvolver o evento com sucesso. Um outro limite é a relação dos parceiros com o Comitê Intertribal – suas grandes lideranças Carlos e Marcos Terena. Eles têm uma experiência maravilhosa e são realmente as pessoas que iniciaram este processo há muitos anos atrás, de 15 a 20 anos. São idealizadores dos Jogos. Os outros líderes de povos respeitam a liderança deles. Marcos e Carlos Terena trabalham numa lógica organizacional, administrativa que não é a nossa lógica. A gente tem que ter um cuidado com isso, tem que compreender isso, entender toda a logística do evento e a logística dos não índios. Daí na hora das licitações e dos contratos, toda

a burocracia interna dos governos são burocracias que não acontecem na lógica indígena. Com isso, é muito difícil organizar, porque enquanto a entidade pensa numa lógica, todo o resto da estrutura que envolve o Comitê Intertribal está construindo as ações noutra lógica. Essa relação não é fácil, precisa ser muito bem pensada e estabelecer, com clareza, os papéis de cada um.

Prefeita de Olinda/Luciana Santos Para mim, os limites são mais financeiros do que de outra natureza. Porque aqui temos um espaço privilegiado na beira da praia. A responsabilidade nossa aqui diz respeito à arena e ao envolvimento do entorno. Pedimos ao governador policiamento, mobilização dos agentes de trânsito, o controle urbano da limpeza. Como vemos, o principal limite é financeiro. Felizmente, conseguimos realizar plenamente o evento. Tivemos um grande problema por causa das arquibancadas que, pela falta de estrutura, o espaço não havia obtido anuência do CREA. Assim, tivemos de construí-las. No mais, sentimos uma grande alegria por podermos sediar os jogos, inclusive num momento muito importante para Olinda que, no próximo mês de dezembro, comemora 25 anos como Patrimônio da Humanidade. Nada mais significativo do que ser Patrimônio da Humanidade e ter um momento, como este, da manifestação cultural indígena.

Prefeitura de Recife/Jamerson Almeida Vejo que o primeiro grande limite foi o planejamento. Planejamento que desse conta de prepararmos melhor essa articulação entre Governo Federal, as duas prefeituras e o Governo do Estado. Foi uma correria e um esforço muito grande pra que fosse viabilizado com sucesso. Por exemplo, a gente teve que esticar a nossa equipe até o limite, num período de final de ano, ou seja, tem a carga de um ano de trabalho e tudo precisa ser considerado quando você vai realizar um grande evento como esse. Mas a capacidade de superação de todos foi muito grande [...] Eu acho que a questão do planejamento precisa ser melhor articulada pra que os entes envolvidos tenham a capacidade máxima de oferecer o seu melhor. Agora a gente sabe que isso é a força da dinâmica política, ela não é da forma que a gente gostaria que fosse e, diante dessas circunstâncias, eu faço uma avaliação que o evento foi bem sucedido, agora, para os próximos, acho que precisa corrigir, a começar de um planejamento com uma brevidade de uma articulação. Acho que foi acertada a ideia de se ter uma Comissão de Organizadora e uma Comissão de Avaliação com vários entes, com as várias instituições envolvidas e protagonizando agora, mas foi tardia [...].

Governo do Estado de Pernambuco/Sandra Soares Sou representante do governo do estado do Pernambuco na Comissão de Organização/Programação. Considero um fenômeno os jogos indígenas, porém estão longe de ser uma ação de estado, de políticas públicas, de uma intervenção realmente de um trabalho que seja efetivado sistematicamente. A gente verifica que a ação dos jogos é uma ação pontual, que acontece de tempos em tempos, de tantos em tantos anos, mas que não tem uma construção, um movimento que vai acontecendo gradativamente, que culmine com uma festa, uma grande celebração. Ele é um tipo de evento que a gente compreende, marca, define uma data tal, um estado tal,

um local tal e lá acontece essa congregação. Porém, o acho importante, porque se a gente for fazer uma verificação, pelo menos aqui no estado de Pernambuco, na área de esporte e lazer, a gente não tinha nenhum tipo de atividade até o ano passado, quando a gente começou a implantar uma dinâmica dentro dos povos indígenas do estado de Pernambuco [...] Como uma ação de política, construída com eles, nos povos [...] eu não vejo esse movimento [...] não há uma construção com os povos que vão participar. Pelo que a gente sabe é convite, os povos vêm participar durante dez dias e vão embora. A gente não vê bem o que isso representa economicamente para as etnias que estão aqui; a gente sabe que a feira de artesanato é um ponto de vendas do comércio. É a pintura, a questão da comercialização da festa que dá um dinheirinho para eles, mas que também não foi feito nenhum tipo de cadastro, nenhum tipo de apoio, não se vê, como é que pode se fazer essa venda melhorar. Agora dentro do estado em que isso acontece, a gente percebe um movimento do meio turístico: a movimentação nos restaurantes, nos hotéis e na cidade modifica um pouco durante o período dos jogos, mas também não é uma dinâmica organizada com um começo, meio e fim. Ela simplesmente monta-se e se encerra. Acho que aí estão os pontos nevrálgicos que têm que ser encaminhados com uma dinâmica que chegue ao local [...] é a avaliação com todas as esferas, se foi bom para um, o que se pode ser melhorado para o ano seguinte. Um ponto fundamental, Freud já dizia: é o desejo que rege a humanidade, você tem que ter o desejo pra fazer as coisas acontecerem. Além dos jogos serem uma ação de política pública, quem mexe nessa esfera tem que gostar do que está fazendo, tem que se embrenhar no que é que está fazendo, tem que conhecer os povos [...] Não é simplesmente pegar o recurso e colocar o recurso lá e aí vem toda a burocracia do que é esse recurso, de onde vem, dos parceiros, como é que funciona, como é que você capta o recurso, como é que você faz prestação de conta. Os povos indígenas, que organizam esse movimento, não conhecem isso, eles não percebem isso. Esse é um ponto delicadíssimo, porque na hora 'H' nós não pensamos que estava previsto no plano, mas eles não conhecem como fazer, o que está previsto como contrapartida, as esferas que organizam, de onde é que você tira recurso, o que estava e não estava previsto nos planos. Tudo isso vai gerando uma certa dificuldade durante o processo, nada que durante o movimento não possa ser realinhado e ir concluindo. Eu estive nos Jogos de Fortaleza e estou agora aqui em Pernambuco e as questões no trato financeiro são muito semelhantes. Eu acho que é muito por aí mesmo, do planejamento que é feito para atender a todos os prazos e não fazer tudo naquela agonia, naquele desespero, e finalmente acontecer e posteriormente avaliar e encaminhar esse relatório de avaliação para todos os órgãos que colaboraram com o evento. Por exemplo, até esse movimento de avaliação eu já percebi em outros momentos e nunca vi o fechamento. Pela primeira vez eu estou vendo um movimento mais concreto, mais sólido, mas aguardando o fechamento, que seja em formato de um CD ou da publicação de um livro. A gente tem que dar um retorno para toda sociedade envolvida e os participantes também. Afinal, são eles que fazem a festa toda, acho que tem que ter um zelo com essas etnias que viajam, se deslocam dez dias ou doze dias

para chegar num local 'X' e depois voltar para casa. A gente tem aí uma história de mais de 200 povos no Brasil. Poderia ver quais etnias que participaram nessas novas edições, aquelas que repetiram, aquelas que vieram mais de uma vez e não vieram mais e porque não voltaram, esse evento aqui o que tem de diferente na participação desses povos. Isso é um convite para a equipe de avaliação que estuda este fenômeno nacional. Das cinco regiões do país, quem e porque está presente, quem é sempre convidado é uma coisa que a gente pode tentar responder nesse trabalho. Acho que o primeiro movimento seria já definir a data e o local como aconteceu em outras situações, dos próximos jogos entendeu. O estado que for receber esse evento já teria noção do que vai começar a preparar para lidar com a burocracia, de onde vem o recurso, e quem tem o recurso acerta com o índio e define as ações tanto de uma política de um calendário nacional, atendendo esses povos dentro de suas aldeias também [...].

Prefeitura de Olinda/Ana Moura Eu acho que o grande problema mesmo é o financeiro, a gente sempre trabalha com menos zeros [risos], é em todos os níveis sempre a gente tá muito cansado pra fazer alguma coisa, então temos que fazer com muita criatividade pra dar soluções, e essa criatividade [...] é tão sugada, porque vivemos num excesso de trabalho e [...] tendo de ser muito criativo pra poder você produzir. Acho que isso é foi uma grande dificuldade. A outra que eu acho é que às vezes o que cria mais dificuldade é o relacionamento humano [...]. No dia-a-dia da nossa vida eu acho que um outro fator que sempre complica nas ações de trabalho: ser mais flexível, ser mais humilde, conseguir chegar mais perto para entender o outro, trabalhar em equipe, em conjunto de verdade [...] nós temos dificuldades de fazer isso.

Governo do Estado do Acre/Shirley Torres de Araújo O maior desafio que as pessoas têm enfrentado é o encontro das administrações: administrações do branco e administração do povo indígena. Eles têm a sua forma de realizar as coisas e nós a nossa. O grande desafio é você fazer com que essas duas organizações consigam se entender e realizar grandes festas como esta que acontece aqui em Pernambuco. Na realidade, eu acho que o estado de Pernambuco passou por um grande desafio que a administração acreana não passaria. A começar pelo início dos jogos sem o mínimo de 60 dias antes da parte burocrática estar resolvida. Eu admiro o envolvimento do estado de Pernambuco, mas eu acho que o estado do Acre [...] não assumiria essa grande responsabilidade sem antes a parte burocrática ter sido resolvida. Para você ter uma ideia tivemos índios com 2 ou 3 dias de viagem, parando porque os recursos não chegaram até eles para que continuassem a viagem com alimentação. Isso é uma questão puramente administrativa. Então eu acho que o maior problema que eu verifiquei foi esse. O Estado estar inadimplente e não ter conseguido resolver o seu problema burocrático, assinar o convênio a tempo e, assim mesmo, assumiu o evento dentro do prazo determinado. O segundo problema é que nós vamos ter que procurar sempre meios e mais meios de conhecermos os indígenas, o centro desse ato. Eu ainda não consegui ver um verdadeiro envolvimento das pessoas que estão administrando em relação a eles. Eu quero entender isso, para que a gente não cometa esse

mesmo equívoco. A gente vai tentar lá no Acre buscar superar esse limite. E o terceiro é em relação aos parceiros. Todos têm que conversar mais. É muito importante a conversa com o Comitê Intertribal, Ministério do Esporte e o Estado que vai receber, FUNAI, FUNASA todos os parceiros. Então têm que conversar durante bem mais tempo.



4. As possibilidades criadas

SNDEL-ME/Rejane Penna Rodrigues Então, se nós formos pensar em termos de processo, ele se iniciou há muito tempo atrás com o reconhecimento de que havia uma Secretaria que gostaria de desenvolver políticas mais aprofundadas e que poderia fazer isso dentro da dimensão do esporte e do lazer, em parceria com a Secretaria Educacional. Reconhecemos que temos um compromisso com o povo indígena, mas principalmente sobre o aspecto educativo das crianças e dos jovens e de um entendimento de que estava faltando, enquanto estrutura governamental, um aporte maior, um interesse maior da gestão pelos jogos dos povos indígenas. Esse é um dos pontos altos no processo desses jogos, quando eles não perdem os seus autores e tendo o reconhecimento e protagonismo de quem os criou. Na verdade, uma coisa que sempre entusiasmou as pessoas que estão na gestão da SNDEL é ver possibilidades de alcance maior dos jogos, para além daquilo que de fato está colocado. Nesse sentido, os jogos são importantes, mas também o que pode acontecer no intervalo deles, com maior abrangência junto aos povos indígenas. Essas ações ainda estão aquém da necessidade, por isso buscamos o maior conhecimento e divulgação possível das nossas descobertas sobre esses jogos. Isso pode ajudar para que a própria Secretaria tenha mais instrumentos efetivos para a construção de uma política de fato dos povos indígenas, no que se refere ao esporte e lazer dentro do conceito indígena e não no conceito dos não indígenas. Acreditamos nisso desde o início das discussões destes Jogos. Não que estivéssemos utilizando os jogos, mas estamos valorizando como parte de um processo de construção política que está só iniciando. Eu diria que a realização desses jogos, na verdade, antecipou para a Secretaria um ano no que de fato deve acontecer a partir de 2008, quando formalmente os Jogos dos Povos indígenas passam a ser uma ação executada pela SNDEL. Somos responsáveis pelo desenvolvimento dos Jogos Indígenas, só que, a partir de 2008, nós teremos um acúmulo suficiente para de fato iniciarmos uma política. Hoje temos a clareza de que podemos fazer uma política diferenciada para os indígenas. Mais do que isso, podemos colaborar para que os jogos indígenas tenham mais estrutura, menos desgaste e que consigam que toda essa riqueza que trazem não só do convívio entre os indígenas, mas, principalmente, a troca de experiências com os brancos e os não indígenas. Essa foi uma importante lição que aprendemos aqui nos Jogos de Olinda e Recife, aqui em Pernambuco. A comunidade que não é indígena mal conhece os povos indígenas. A maior parte do conhecimento socializado vem dos estudos escolares, quando tratam dos primeiros habitantes do Brasil. Estudos que, na maioria das vezes, tratam os indígenas como pessoas que viviam de maneira primitiva, usando a caça, a pesca e a vida na floresta

para sua sobrevivência. Como se isso estivesse terminado com o tempo e não mais existissem indígenas em nosso País. Na verdade, nós devemos muito ainda para esses povos, que reúnem mais de 200 etnias e 180 línguas. Eu aprendi, com toda essa experiência de gestão, que realmente pouco conhecemos sobre os povos indígenas. Temos que respeitar e valorizar esses brasileiros e brasileiras, aprofundando o conhecimento sobre eles e ampliando o diálogo com eles para propormos uma política pública específica para esse grupo.

SNEED-ME/Júlio Filgueira Darei aqui um testemunho muito particular, eu sou filho de espanhóis de primeira geração, meus pais, meus avós, bisavós, tataravós são todos espanhóis. Eu e meus irmãos somos a primeira geração de brasileiros e o testemunho que desejo dar é o do sentimento de reencontro com algo que não tem a ver com a história da minha família, porque é espanhola, mas que tem a ver com o redescobrir o Brasil a partir daquilo que eu quero para o meu país, a partir daquilo que penso. Então a sensação muito particular que tenho, num momento como esse, é de redescoberta, de achar que os povos indígenas nos ajudam a ver dentro de nós mesmos um Brasil que merece ser preservado.

SNDEL-ME/Cláudia Regina Bonalume Eu tinha um acúmulo grande em termos de realização e coordenação de eventos, mas aqui foi possível reforçar a crença de precisamos observar muito, que a gente precisa aprender. No caso dos indígenas, nosso papel é muito mais de facilitar a participação deles e aprender com a forma com que eles vão fazer, do que realmente os preocupam: a parte espiritual, esportiva e cultural. Claro que a parte da infraestrutura é uma responsabilidade nossa e não poderíamos estar aprendendo num evento desses, teríamos que estar realmente mais afiados, pois tivemos aqui todos os problemas que eu já mencionei antes. Mas eu acho que a grande aprendizagem foi sobre a questão da cultura indígena, essa é uma questão importante porque nós estamos acostumados a trabalhar com a política pública de esporte e lazer, considerando a divisão de tempo de trabalho, obrigações, espiritualidade, lazer, tudo fragmentando e tudo dividido como a cultura não índia faz. Para os indígenas, é diferente, tudo anda muito junto e a gente não pode querer separar todas as dimensões da vida nem aqui em um evento como esse [...] A partir do momento em que eu compreendi, eu me tranquilizei muito em relação ao evento em si, aos jogos em si, não em relação à infra-estrutura [...] Me dei conta de que tenho que esperar acontecer, ver como acontece, compreender e aprender. No processo, não adianta querermos vir aqui colocar as nossas regras, pois estamos nos relacionando com uma outra sociedade.

SID-MINC/Sérgio Mamberti Eu tenho um pouco de Tupi-Guarani, sempre tive curiosidade por essas etnias. Durante toda minha infância, acompanhei a trajetória do antropólogo estudioso indígena Villas Boas através da revista O Cruzeiro. Depois acompanhei o resultado das aproximações entre o povo branco e os indígenas [...] Nos anos de 1980, era a única solução para os povos indígenas [...] Acompanhamos a luta deles, a sua garra. E o governo Lula e outros governos que aqui se colocam, têm valorizado e garantido seus direitos como cidadãos plenos. Então, há leis que contabilizam as ações mais no campo cultural [...], a intenção é de se ter um resultado para mostrar, para haver

um resgate do passado dos povos indígenas, ou seja, estão participando da modernidade, porém o passaporte mesmo é justamente a sua tradição cultural, eu acho que o fato de eu estar pessoalmente, poder dar minha pequena contribuição, já que sou Secretário da Identidade e da Diversidade Cultural me deixa muito feliz e gratificado por estar participando deste evento.

MJ-FUNAI/Terezinha Gasparin Maglia Ahhh!!! Não tem, não tem como em uma palavra dizer o que significou estar aqui, foi maravilhoso para mim essa convivência com eles, já participei de outros eventos indígenas, mas os jogos foi a maior integração que eu já participei, porque o Kuarup que a gente sempre participa é um ritual maravilhoso de integração, não tem palavras pra dizer o que eu sinto, entendeu? As mensagens que eles estão transmitindo hoje para nós não índio, para o nosso povo todo, a questão do desmatamento, enfim, eles trouxeram uma mensagem da floresta, que nós devemos preservar e que a gente deve manter enraizado. Isso, eles mantêm enraizado lá e nós (não eu mais o mundo todo, o Brasil todo) temos que começar a mudar a questão da conservação de matas e dos jogos, da cultura...

SNDEL-ME/Leandro Casarin Dalmas O que eu andei percebendo no contato com os indígenas é que os jogos têm uma importância que é imensurável para quem não está dentro dessas relações, sabe? A gente tem um pouco de entendimento sobre a importância disso no direito, na garantia dos direitos ao lazer, ao esporte e à cidadania. Os jogos são importantes para resgatar as manifestações culturais indígenas que estavam se perdendo pelos muitos contatos com os não indígenas, pela cultura de massa e a televisão que está chegando nas aldeias e pela própria especificidade de cada etnia, longe uma da outra, não tendo uma comunicação muito próxima. Esses jogos indígenas, além de resgatar essas manifestações culturais, se tornam um espaço de democratização da informação, de troca de conhecimento, de troca cultural, da pessoa, o conhecer como que é o outro e se identificar como indígena, de ter as características de ser índio, de se autoafirmar e de valorizar a sua identidade indígena; a partir desse encontro ter contato com o outro, fazer contato, ter comunicação, pensar eles mesmos a própria política para eles, em termos de cidadania, de direito, de dança, de manifestações culturais, outros projetos [...] a juventude documentando as manifestações culturais com interesse em fazer isso, em formar sua juventude pra ela mesma estar captando, preservando e perpetuando sua cultura no campo da imagem, do cinema. Acho que para os campos do esporte e lazer isso é muito importante, porque a gente tem a possibilidade de, através do lazer, estar influenciando na democratização e valorização dos aspectos culturais, do artesanato, da dança, dos ritmos tradicionais, dos rituais, dos esportes e a partir disso valorizar e identificar a questão do ser índio. Essa é uma coisa que vem se perdendo com a cultura de massa, que vai homogeneizando os modos de pensar e de agir [...] eu percebi bastante essa questão da importância pra eles da identidade deles, e uma delas foi nessa geração de renda, porque eles fazem artesanato, eles se preparam muito pros jogos, se preparam enquanto comunidade pra estar aqui e estar se revertendo nas comidas nas aldeias, nas vestimentas e em tudo [...] além

dessa geração de emprego e renda, tem a própria questão de eles estarem conversando com eles a respeito de seus direitos, da cidadania, através do fórum social indígena, que foi um espaço bem legal de articulação deles, onde teve a possibilidade da juventude falar dos direitos, do esporte e do lazer. Eles tiveram contato com vários temas importantes para eles estar disseminando dentro de suas etnias e verem que mesmo cada aldeia estando longe uma da outra, eles são unidos na causa indígena, pelas reservas, as lutas pela natureza. Isso é uma coisa imensurável como eu falei. Só quem estava lá no dia-a-dia que viu as trocas entre eles, como por exemplo, os Pataxós dançando com os Xicrins a mesma dança e ao mesmo tempo já vinha outro, o Kuikuiro que puxava outra, os Kuikuiro que já puxavam uma dança e todo mundo já dançava e interagia naquela do ser índio, da manifestação cultural mesmo. Isso pra mim é o mais rico e maior aprendizado nos jogos. Outra coisa é a simplicidade e a humildade dos indígenas que são muito humildes, não têm valores materiais grandes, se adaptam a situações bem tranquilos, não são muito de reclamar e são amigos, muito humanos.

ME/Consultor/Rodrigo Terra Eu acho que é uma oportunidade para população aqui de Pernambuco, no caso dos IX Jogos dos Povos Indígenas, de conhecer um pouco da diversidade cultural do Brasil [...] uma oportunidade também das etnias se encontrarem, dos povos indígenas apresentarem um pouco da sua cultura para outros povos, deles poderem conhecer a cultura dos outros povos, dos parentes como eles chamam, deles poderem rever os amigos dos outros povos, contar as suas histórias para esses amigos, ouvir as histórias desses parentes, levando toda essa nova experiência para aquelas pessoas que ficaram, lá ansiosos para saber essas notícias. Eles não se veem o ano inteiro, porque moram distantes e de não têm acesso fácil aos veículos de comunicação, nosso número de telefone, internet [...] isso é motivo de celebração e é uma oportunidade muito importante de revelação ao povo da cidade e do não índio, de ter o contato direto com essa diversidade cultural com essas pessoas que representam efetivamente a origem de nosso país. Esses jogos são importantes também do ponto de vista cultural, econômico [...] a venda do artesanato é oportunidade para eles de estarem mostrando um pouco da sua cultura com orgulho em vende o colar, a pulseira, o artefato que eles produzem do mesmo jeito que eles tem orgulho de fazer a pintura no braço, que são bem características de cada etnia. Uma outra questão importante que eu percebo é a questão econômica dessa venda, eles dependem dessa venda, a gente ficou sabendo que durante meses eles se preparam para poder vir para cá, investem tempo, possivelmente até recursos financeiros, para produzir esse material todo na perspectiva de gerar renda não só para uma pessoa, e sim para todo um grupo que não pode vir; esse recurso que vai ser produzido aqui com a venda do artesanato para que eles está gerando economia local, fazendo com que esse dinheiro possivelmente até pague parte do seu sustento. Eu fico muito empolgado, muito emocionado mesmo com a causa indígena quando a gente percebe, olha nos olhos deles e percebe a crença deles na cultura deles, no povo deles, na forma que eles criam os filhos. Enquanto gestor de política pública, enquanto uma pessoa que está preocupada com política pública

neste país, acho que a gente não conseguiu ainda construir uma política clara na questão do esporte do lazer para as comunidades indígenas. Com essas experiências todas que estamos absorvendo aqui, a gente tem o dever de começar a pagar essa dívida, a gente pode construir junto com os outros entes, com o Comitê Intertribal, com as comunidades indígenas, com os povos com as lideranças tantas e tantas que existem nesse país, que não é fácil de ser paga, mas pelo menos podemos iniciar esse processo.

Governo do Estado do Acre/Shirley Torres de Araújo Aqui a gente tem a maior demonstração de uma mistura de culturas, e quando você vê aqui 35 etnias num momento como esse, no momento dessa entrevista em que os Kuikuros estão ali dançando e toda a plateia foi convidada e foi dançar junto com eles. Isso é prova de que esse evento realmente chama a atenção da comunidade para a história do nosso povo, porque nós somos esse povo. Nesse momento, aqui se reúnem os povos indígenas pra juntos fazerem essa festa. Essa foi uma oportunidade de aprender o agir com paciência, porque você não pode querer avançar sem ter toda uma estrutura junto. Então o que mais aprendi aqui foi esse jogo de paciência, de calma para conseguir entender que as coisas acontecem na hora certa. Um bom exemplo foi a abertura, pois eu sou uma pessoa muito metódica com horário, sabe, era para começar às 4 (programa escrito que eu seguia) e para os indígenas para começar no pôr do sol. Começaram os jogos às 5 e tudo deu certo. Disso eu estou tirando uma lição, conhecer melhor o outro.

Prefeita de Olinda/Luciana Santos Penso que o principal ganho é, sem dúvida, o cultural. A possibilidade do acesso de tantas pessoas que, muitas vezes, só leram ou só ouviram falar, ou por um documentário de televisão ou pelos livros e aqui têm uma chance de ter uma aproximação grande com os costumes, com o jeito de ser dos povos indígenas do nosso país. Em Olinda, cuja tradição é muito grande e, ainda hoje é chamada de a velha Marinha dos Kaetés, havia os índios Kaetés e Tabajara, inclusive um dos grandes líderes, um dos marcos da história do Brasil, teve berço em Olinda, que foi [...] resistência à ocupação holandesa [...]. Penso que tudo isso é um momento de resgate da história, a possibilidade de as pessoas, a partir disso, entenderem e terem respeito, compreensão, fortalecimento e a defesa do fortalecimento de políticas que possam garantir a continuidade da tradição indígena, esse é um momento ímpar para todos nós. Fico muito comovida e emocionada, porque tenho uma relação antiga com a população indígena de Olinda. Pernambuco é quarto maior estado de população indígena no Brasil, fui presidente da comissão dos direitos humanos da Assembleia Legislativa quando era deputada e tive a chance de conviver com as reivindicações, as pautas de lutas da comunidade indígena. Presenciei aqui coisas muito dolorosas para mim, como o assassinato do líder, do cacique Xukuru Chicão, ele convivia muito comigo na demarcação das terras indígenas aqui em Pernambuco e fico o tempo todo me lembrando dele, me lembrando dos Xukurus porque foram momentos muito ricos e de muito aprendizado, quando aprendi a dança, o toré e, a partir disso, comecei a ter uma motivação muito forte e perseverança de me colocar sempre à disposição dessa luta.

Prefeitura de Recife/Jamerson Almeida Em primeiro lugar, é importante contextualizar os jogos dos povos indígenas no momento em que o Brasil está vivendo, um momento em que eu avalio como um período que está sendo muito importante no país no sentido do resgate da rearticulação das possibilidades das forças populares no Brasil inteiro terem condição de traçar um projeto pro país, onde as forças democráticas populares estão à frente do governo brasileiro, com possibilidades da gente redesenhar a distribuição da renda, redesenhar a atenção do estado e aí a entrada as várias comunidades que compõem essa perspectiva democrática popular que nasce no país. Aí, entra qual a atenção do estado que está sendo dada para as favelas, entra o papel das cidades, entra o papel dessa nova configuração da classe trabalhadora mais heterogênea, mais complexa, que vai desde os sacoleiros, dos favelados, dos desempregados a uma classe média que está a cada dia mais achatada no seu poder aquisitivo, de consumo, de reflexão da situação, das contradições em que o país vive. Se eu fosse falar dos povos indígenas antes dos jogos, eu falaria que talvez outras coisas mais superficiais, mais depois de ter convivido dez dias com essas populações que participaram dos jogos, eu vejo que a situação é ainda mais grave, no que se refere à afirmação da identidade cultural, à afirmação política e, sobretudo às condições objetivas de vida dos povos indígenas. Alguns vão passar 10 dias de ônibus e mais 8 dias de barco, mas nem sei quantos dias... a gente nem sabe quantos. Os povos indígenas, como povos originários do nosso país, nos deixam numa preocupação muito grande, com as várias pobrezaas que a gente tem no país. Os jogos nos ajudaram a compreender um pouco mais, ainda que superficialmente, dessa configuração cultural e, sobretudo das condições de vida dos índios. Nos capacitaram para entender melhor o que é o nosso povo, na nossa nação essa diversidade, o contraste entre o que os índios ainda preservam de uma vida muito diferente da nossa, nos centros urbanos. Chamou muita atenção o trato corretivo que ele dá para as relações, nunca se dirigem muito feliz porque também a gente também, está trabalhando muito coletivamente aqui e a gente sentiu que existia uma identificação com a nossa luta aqui em Recife. Fora isso, tem todo o aprendizado técnico, que estávamos tendo oportunidade de viver. Nosso grupo que está participando dos jogos e dessa pesquisa está extremamente empolgado com o aprendizado em relação a esse estranhamento e isto está sendo também uma parte importante na formação dos nossos quadros de gestores, pesquisadores e lideranças também. Quando eu vi aquelas mães com as crianças no colo fazendo tudo junto com elas, me identifiquei muito porque eu também faço muito isso, e eu acho que aprofundou ainda mais a minha sensibilidade em relação à classe trabalhadora brasileira, a formação social, cultural a nossa identidade como classe trabalhadora e ainda mais uma nova perspectiva que extrapola aquela visão sindical de classe trabalhadora. Me ensinou e reforçou o sentido lúdico que nos temos aqui, eu vi o tempo todo, em enxerguei o tempo todo no deslocamento que os índios faziam para as refeições em filas celebrando o tempo todo, a gente aqui é muito assim e tem a junto a luta política com a celebração todo dia [...] Não é à toa que vários antropólogos e vários sociólogos, Florestan Fernandes, entre outros, falavam tanto dessa diversidade e de a nossa

revolução e é uma revolução diferente. Acho que também me fez ver o pedaço, mais um pedaço latino americano que nós temos, da América Latina como um continente, com uma forte marca indígena. Nós estamos na nossa fronteira ao norte da América Latina mais perto de Caracas de extremo e no próprio Brasil que tem comunidades indígenas.

Prefeitura de Olinda/Ana Moura Acho que esta é uma oportunidade única, porque [...] tivemos a oportunidade de ver e ter acesso às etnias, só se você for um pesquisador ou empresa de televisão que consegue esse tipo de imagem. Eu, pelo menos, já vi muito isso em televisão, em filmes, mas de perto, minha família, meus filhos conhecer indígenas, seria impossível praticamente. Foi então uma oportunidade muito interessante. Os jogos foram mais uma conquista pra Olinda, que trabalha muito com a cultura, a população vive isso. Para os índios, achei que foi muito bom porque eles conheceram esse mar bonito que nós temos, essa praia. Com todas as dificuldades que temos aqui, oferecemos o espaço para a arena e acho que ficou muito bom, a população está muito feliz. Foi interessante observar que os índios têm um tempo diferente do nosso, e isso é bom, porque a gente tem um tipo muito apressado e fica naquela angústia. Eles chegam com aquela calma, com aquela tranquilidade. Os Jogos também enriquecem a questão do trabalho de equipe com os três níveis de governos.

Governo do Estado de Pernambuco/Sandra Soares Eu sou formada em Educação Física e trabalhei durante muito tempo com os portadores de deficiência. Minha vida foi dentro das piscinas com deficientes com paralisia cerebral, crianças que tinham problemas com câncer, etc. Sempre fui da minoria e acho que é muito bom quando a gente tem aqui o circuito de vôlei de praia etc, aí você vê os atletas que têm recursos, têm marketing, assessoria, etc, etc. E você aqui vê as crianças indígenas, que se deslocam com seus pais, com problemas de saúde, de educação, aí você vê brasileiro tanto quanto eu, tanto quanto você, tanto quanto nós. E falta tanto para o Estado fazer para esse povo, acho que é muito nesse sentido mesmo, o que me toca é a dinâmica do que eu posso fazer enquanto gestora para essa população que está aí precisando, que já foi dizimada durante todos esses anos e a gente precisando fazer tanta coisa. Eu falo dos negros, eu falo do povo que ganha aí menos de 1 salário mínimo, eu falo dos pais, dos assalariados que têm no Brasil inteiro, não é só o trato indígena. Acho que tem muita, muita, gente aí, muito povo brasileiro que está precisando de um zelo. Aqui é mais um apoio, o que posso colaborar para receber bem [...] se a gente puder fazer isso na forma mais sólida, mais concreta estruturar isso melhor, e realmente mexer na vida desses povos que vieram para cá de uma forma efetiva, permanente aí, sim, acho que a gente está fazendo o melhor papel.



5. Avaliação do IX jogos dos povos indígenas: exercitando a síntese das discussões realizadas

Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

Coordenadora da Comissão de Documentação e Avaliação dos IX Jogos

Estamos fechando um ciclo de avaliação iniciado no momento da sinalização dos IX Jogos dos Povos Indígenas. O desejo é aprender com o processo desta construção e reunir elementos que registrem a memória do evento, buscando contribuir para que se crie um lastro capaz de colaborar com a realização de futuros jogos com maior qualidade.

Esta avaliação considerou, como ponto de partida, a retrospectiva histórica destes Jogos no Ministério do Esporte e o envolvimento da SNDEL, desde 2007. A questão indígena é hoje, nesta Secretaria, tema de pesquisas, programas e outras ações políticas, científicas e de tecnologias de gestão desenvolvidas pelos seus dois Departamentos.

Na IX edição destes Jogos, participamos da Comissão de Avaliação e Documentação, realizando esta coordenação em conjunto com o Marcos Terena, do Comitê Intertribal, sempre atento e participante de todo o processo avaliativo.

O resultado sintetizado no presente texto resultou da avaliação dos conteúdos dos dados levantados por meio de pesquisas documentais (registros de reuniões realizadas nas fases de planejamento e realização dos Jogos, relatórios dos Jogos, protocolos do Ministério do Esporte), bibliográfica e de entrevistas realizadas com lideranças e atletas indígenas, autoridades, gestores, atachês e públicos presentes em Pernambuco.

Esta avaliação deflagrou-se com a discussão do objetivo geral dos IX Jogos, cujo projeto baseou-se nas versões anteriores do evento. Objetivo segundo o qual os Jogos buscam “resgatar e valorizar os jogos esportivos indígenas, promovendo congraçamento e intercâmbio entre as etnias participantes, fortalecimento da identidade cultural desses povos e confraternização digna e respeitosa dos índios com a sociedade não indígena”.

Uma primeira análise deste objetivo apontou para o fato de ser muito amplo e complexo, considerando que são muitas as etnias, moram em localidades distantes, além de que este evento envolve muitos setores e parceiros sociais, com diferentes leituras e acúmulos de experiências com os Jogos Indígenas.

Em uma segunda observação, pudemos ler o quanto os Jogos estão integrados às bases legais de conquista de direitos pelos indígenas, podendo ser fundamentados, quanto aos direitos indígenas, pela:

Constituição federal brasileira de 1988, artigos 231 e 232.

Convenção n.169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 07/06/1989, homologada pelo Governo Brasileiro por meio do Decreto Presidencial 5.051, de 19 de abril de 2004.

Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas de 07/09/ 2007.

E quanto aos direitos ao esporte e ao lazer pela:

Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948.

Constituição Federal de 1988, artigos 6 e 217.

Política Nacional de Esporte (Brasil, 2005).

Essas orientações legais destacam:

1. Mudanças históricas no campo de medidas legais atribuídas aos indígenas e suas demandas reconhecimento de suas diferenças, suas manifestações culturais, formas de organização retiraram o fundamento legal do exercício generalizado da tutela e reconheceram a capacidade civil e o protagonismo dos indígenas.
2. Reconhecimento de que todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios; tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor.
3. Reconhecimento de que os indígenas têm o direito de manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural, conhecimentos tradicionais, expressões culturais tradicionais e manifestações de suas ciências, tecnologia e culturas, compreendidos os recursos humanos e genéticos, sementes, medicamentos, conhecimento das propriedades da fauna e flora, tradições orais, literaturas, desenhos, esportes e jogos tradicionais, e artes visuais e interpretativas; têm direito a manter, controlar, proteger e desenvolver sua propriedade intelectual do dito patrimônio cultural, conhecimentos tradicionais e expressões tradicionais.
4. Afirmação de que, conjuntamente com os povos indígenas, os Estados adotarão medidas eficazes para reconhecer e proteger o exercício desses direitos.

Neste contexto, os Jogos dos Povos Indígenas são uma importante ação, requerendo continuidade de realização e ampliação da abrangência, envolvendo a diversidade das práticas indígenas em suas atividades.

Em uma terceira perspectiva, o objetivo geral dos Jogos mobilizou-nos a mergulhar nas demandas sobre questões encaminhadas ao Ministério do Esporte, de modo a entender o conjunto de suas reivindicações. Afinal, era preciso termos maior clareza da dimensão que essa proposta representa na Política Nacional do Esporte.

Pesquisando os protocolos do Ministério do Esporte no período de 2001 a 2007, encontramos várias demandas indígenas que podem ser agrupadas nas seguintes categorias:

1. **Ações legais** (I Conferência Nacional dos Povos Indígenas; Criação de Fundo Especial; seminário sobre a atuação da Advocacia Geral da União nas questões indígenas; criação de comitê gestor local de política pública indígenista; aprovação legal de comunidade indígena como pessoa jurídica; criação de coordenação específica para assuntos indígenas; inclusão no PPA do Ministério do Esporte de ações de etnodesenvolvimento para indígenas brasileiros).
2. **Programas sociais** (Esporte Solidário, Esporte na Escola, Segundo Tempo, Vida Saudável, Esporte e Lazer da Cidade).
3. **Infraestrutura física e material** (construção de vila olímpica indígena, implantação e modernização de infraestrutura pública de esporte e lazer; de quadra poliesportiva; de centro de lazer, esporte e cultura; doação de materiais esportivos para esporte escola; remanejamento de recursos alocados em estados para atender municípios com aldeias indígenas).
4. **Participação/apoio em encontros, seminários, oficinas, exposições sobre questões indígenas** (Festival Turístico, de Esporte e Cultura dos Povos Indígenas; Oficinas esportivas em terras indígenas; Simpósio cultura corporal dos povos indígenas; Jornada internacional de esporte/cooperação com povos indígenas; Encontro leitura e escrita sociedade indígena; Exposição de trabalhos artesanais indígenas; Encontro nacional de mulheres e jovens indígenas; Encontro de jovens indígenas de fronteiras).
5. **Publicações** (difusão da Revista dos Povos Indígenas, apoio à publicação de documentários e livros sobre as ações indígenas).
6. **Pesquisas** (Projetos: Perfil antropométrico da população indígena; Produção do conhecimento sobre práticas corporais indígenas e suas relações com jogos indígenas no Brasil; Jogo, celebração, memória e identidade: reconstrução da trajetória de criação, implementação e difusão dos jogos indígenas no Brasil 1996 a 2007; Políticas públicas de esporte e lazer em comunidades indígenas do Paraná).
7. **Preservação patrimonial** (revitalização de monumento das nações indígenas).
8. **Apoio a eventos propostos por indígenas** (Jogos amistosos com cunho esportivo cultural, Jogos indígenas regionais, Copa das Nações Indígenas, Taça de Futebol das Nações Indígenas, Campeonato Nacional de Futebol das nações Indígenas, apoio à seleção brasileira indígena de futebol, Jogos Indígenas com participação internacional, **as nove edições dos Jogos Nacionais dos Povos Indígenas**).

Ampliando esta avaliação dos IX Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, considerando todos os dados reunidos, destacaram-se as seguintes discussões.

O REPENSAR DA PRÓPRIA AVALIAÇÃO DOS JOGOS

A síntese final da avaliação dos IX Jogos coloca em destaque, inicialmente, mais perguntas que respostas sobre essa experiência. A começar por duas perguntas indígenas:

Por que essa avaliação? Vocês querem é relatar e sistematizar os jogos? Os jogos não podem ser sistematizados, dizem os indígenas, porque cada índio traz a sua contribuição. Esse processo é importante sim para o Ministério, mas não é para o índio.

Essa foi uma primeira colocação dos representantes indígenas questionando o processo de avaliação vivido nos IX Jogos. Processo questionado, especialmente considerando, segundo eles, que os produtos finais das avaliações realizadas em outros Jogos não foram divulgados para as etnias e nem influenciaram nas ações indígenas no campo do esporte e lazer.

À medida que esse debate foi avançando nas reuniões de avaliação, outros argumentos foram sendo pontuados por indígenas e não indígenas.

Para alguns indígenas, os Jogos são vistos como ação afirmativa, que dão visibilidade à questão indígena, à sua luta política pela sua própria continuidade. Isso porque os jogos representam, na essência, uma estratégia para responder à lentidão das conquistas legais para os indígenas no Brasil. Muitos indígenas ainda não perceberam que o poder do índio está na política e os Jogos podem ajudar a sensibilizar especialmente a juventude indígena, melhorando sempre a organização do Fórum realizado durante os Jogos.

Muitos depoimentos da avaliação destacavam a necessidade da potencialização desse evento como um espaço político para os povos indígenas. Segundo indígenas, o governo, que, por um lado, é visto como “inimigo” na demarcação de terras, é aqui reconhecido como parceiro para viabilizar ideias de conquistas de direitos pelos povos indígenas.

Com isso, os Jogos geram ciúmes institucionais e, por isso, a sua visibilidade pode representar o tensionamento de forças no sentido de retirar essa iniciativa da coordenação do Comitê Intertribal, seu idealizador.

Outras perguntas foram postas durante todo o processo dos Jogos: **como garantir que as práticas tradicionais indígenas sejam preservadas? De que forma podemos aproveitar o potencial dos Jogos para pensar uma política mais ampla nesse sentido?**

Essas questões motivaram reflexões realizadas durante as avaliações, resultando argumentos importantes, que relacionamos a seguir.

SOBRE OS ARGUMENTOS RELACIONADOS AO VIVER DA GESTÃO COMPARTILHADA

Os jogos trazem à tona a relação índio e não índio, parceria que gera tensão, mas ao mesmo tempo leva à negociação que requer respeito às diferenças. Com isso, todos aprenderam que, para tratar o diferente, é preciso tratar diferente.

Marcos Terena diz que percebe certa sensibilidade do Ministério do Esporte e desta gestão da SNDEL para com a questão indígena numa perspectiva mais próxima da do índio e lúdica, o que ele ainda não percebe na relação com outros Ministérios. Agradeceu a participação da FUNASA e destacou que este ano pela primeira vez viu o envolvimento da FUNAI.

Vários representantes institucionais afirmam que esta foi a primeira vez que participou de uma ação integrada, que gerou um grande aprendizado como gestor e como cidadão. Sentiram, porém, que faltou maior contato dos indígenas com a população e gestores locais.

SOBRE OS ARGUMENTOS RELACIONADOS ÀS RELAÇÕES

Outras falas ressaltam a importância do encontro entre os “parentes”, com as outras etnias para a recuperação e ressignificação de práticas que muitos indígenas não tinham mais contato. Da necessidade de o não índio respeitar a conversa índio-índio, sem muita interferência.

Os jogos fizeram sucesso entre os indígenas. Os atletas indígenas estão cientes que vêm representar seu povo, para mostrarem ao público presente sua identidade e a cultura indígena.

O intercâmbio e a integração entre as etnias e delas com os não índios foram aspectos destacados na avaliação. Integração que ocorreu a começar pelos rituais e convivência na Arena como “aldeia”.

SOBRE OS ARGUMENTOS RELACIONADOS À ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS

No olhar indígena, não é possível analisar sistematicamente os Jogos. Cada evento é único e, para eles, certamente os próximos Jogos serão um recomeço. Assim é para o índio.

Por isso, será sempre um desafio a execução articulada. Para que esta supere os problemas vividos com o planejamento, todos sugerem que sejam definidas as competências do Governo Federal, das demais instituições envolvidas no processo, apontando, no entanto, que a operacionalização do evento deva ser de responsabilidade do Comitê Intertribal.

Sugeriu-se a formação de uma equipe administrativa (orçamento); equipe operacional e uma equipe política com maior aproximação entre o Comitê Intertribal e a equipe do Ministério, considerando a experiência acumulada do Comitê.

Nesse sentido, Pernambuco foi “a superação”, pois foram muitas as questões políticas que emperravam os processos, muitas dificuldades com o estabelecimento de convênio com o governo Federal, mas, mesmo assim, os Jogos aconteceram.

Como os envolvidos não conheciam os Jogos, ficou difícil o planejamento repercutindo na articulação. Mas o evento foi um sucesso. Sua festa de encerramento foi considerada por muitos a melhor de todas as edições, mostrando o sentimento vivido pelos participantes.

Um planejamento mais antecipado foi a solução mais apontada para a superação das dificuldades vividas e o aprimoramento dos próximos anos. A preparação dos atachês com

antecedência e adequadamente foi outra sugestão destacada. Problemas com transporte dos indígenas também precisam ser evitados. Não pode voltar acontecer o retorno para a aldeia sem participar dos Jogos como ocorreu com os Wai Wai e Matis. Precisam ser garantidas condições mais adequadas para atender aos indígenas (hospedagem, estrutura, alimentação, saúde, feira de artesanato, lazer dos indígenas vivido no encontro com os “parentes” etc.).

A modificação da programação sem divulgação com antecedência para os indígenas também atrapalhou muito e precisa ser evitada. Programação que foi muito discutida: para uns indígenas há necessidade da eliminação do futebol

Quanto ao orçamento necessário à realização dos jogos, foi lembrado que, entre 1996 e 2007, houve um vácuo em que não houve tratativas com o Ministério do Esporte para a realização dos Jogos, o que agora se modifica com a inclusão dos Jogos nas ações do Ministério. O Comitê Intertribal também agiu equivocadamente nesse período por ficar na expectativa apenas desse recurso. Sugere-se a busca de apoios pela Lei de Incentivo do Esporte que garantam os recursos necessários.

Falou-se sobre a dificuldade de escolha das etnias, que não é possível revezar todas, dadas as dificuldades orçamentárias e o fato de muitos não conhecerem os jogos.

SOBRE OS ARGUMENTOS RELACIONADOS ÀS POSSIBILIDADES CRIADAS

A continuidade dos Jogos foi o assunto mais tratado, sobretudo pelo fato de comunidades e lideranças indígenas começarem a se conscientizar do risco dos Jogos Tradicionais se perderem.

Em defesa desta continuidade, apontam para oportunidade que este evento representa para: o encontro com os “parentes”; recuperar da identidade dos povos indígenas, como ocorreu com etnias de Pernambuco durante esta Edição de 2007; preservação da cultura das etnias e fortalecimento da autoestima dos índios; a participação familiar (aspecto que é ausente no projeto e que foi fortemente destacado na realização dos jogos); imbricar os jogos às políticas públicas gerais (saúde, alimentação, educação, segurança e outras) assim como consolidar a aproximação de confiança estabelecida entre lideranças indígenas e o Ministério do Esporte nesta gestão.

E, por fim, os participantes das avaliações sugeriram:

1. Como os Jogos acontecem de dois em dois anos, em 2008 será realizada a Copa de Futebol Indígena e outros eventos regionais;
2. Os próximos Jogos dos Povos Indígenas aconteçam em regiões onde se concentram maior número de etnias, ampliando a possibilidade de participação indígena (como Pará, Mato Grosso, Acre, por exemplo);
3. Os Jogos continuem a integrar em sua programação o Fórum Indígena, buscando envolver cada vez mais os jovens e estudiosos da região sede do evento;

4. Na Semana do Índio, haja sempre exposição dos Jogos dos Povos Indígenas no Memorial Indígena em Brasília, com a realização de seminários com atletas e apresentação dos produtos frutos das avaliações deste evento (como exposição fotográfica, documentário, livro e CD);
5. Divulgação da participação do Comitê Intertribal no convênio com a Universidade de Madri (museu indígena); na Reunião do Fórum Permanente da ONU sobre questões indígenas, em Nova York no período de 21/04 a 02/05, em que o Brasil é mais forte no que tange ao elemento lúdico, com possibilidade de participação do Ministério do Esporte;
6. Organização de publicações indígenas bilíngues;
7. Fomento de ações educativas de preparação das etnias para virem aos Jogos, garantindo as competições lúdicas que predominam nessas competições, aliadas a atividades políticas de formação dos índios, a serem realizadas em aldeias, como projetos piloto, no ano de 2008;
8. Contatos com os Wai Wai e Matis para realização de jogos nessas etnias com o apoio da SNDEL, sugestão concretizada com os Wai Wai no mês de dezembro de 2008, por meio da realização do “Ponto de Encontro de Esporte e Lazer Indígena, reunindo cerca de mil participantes.

Por fim, a avaliação poderá se constituir fator de reformulação, busca de soluções e de otimização de oportunidades se ela for, de fato, lida, discutida e reelaborada a cada nova experiência. Compreendida não como receita, mas como mecanismo de inclusão de todos os atores envolvidos no contexto analisado, valorizados por seus modos diferentes de jogar, brincar e viver os jogos jogados.

IX jogos dos povos indígenas 2007

Realizadores

Ministério do Esporte
Governo do Estado de Pernambuco
Prefeitura Municipal de Olinda
Prefeitura Municipal de Recife
Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena

Apoiadores

Ministério da Justiça Fundação Nacional do Índio FUNAI
Ministério da Saúde Fundação Nacional de Saúde FUNASA
Ministério da Cultura Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural
Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade
Caixa Econômica Federal
Polícia Federal
Polícia Militar Federal
Polícia do Estado de Pernambuco
Universidade Estadual de Pernambuco
Universidade Federal de Pernambuco
Universidade do Estado do Mato Grosso

Maiara Elluke, sua filha, e João Terena, seu jovem sobrinho, que segue os passos da família como articulador político da juventude indígena, na coordenação do fórum da juventude, como representante dos estudantes do país. Suas avaliações são particulares, pois já assumem na organização do evento pontos estratégicos da organização política do Comitê Intertribal. Também são pessoas importantes para nos ajudar a compreender a complexidade do trabalho desta instituição indígena pelas falas de duas parceiras de trabalho de Carlos e Marcos: Tainá Alencar, contratada pelo ITC que nos Jogos fica na organização da programação cultural, cuja articulação se estabelece com as lideranças indígenas para organizar os horários e dias de apresentações de cada etnia; Nelma Morais, voluntária no trabalho de marketing do Evento, com o apoio do governo do estado de Tocantins, onde trabalha, para contribuir com a articulação da programação com a imprensa local. Sua preocupação também é garantir que as pessoas tenham acesso ao evento e ao contato com os indígenas participantes e agenda do Comitê com a imprensa.

Representantes institucionais nas comissões

MINISTÉRIO DO ESPORTE

Rejane Penna Rodrigues
Júlio César Monzú Filgueira
Sílvia Regina de Pinho Bortoli Cláudia Regina
Bonalume
Leila Mirtes Santos de M. Pinto
Leandro Casarin Dalmas
Renato Freixelas
Consultor: Rodrigo Terra
Pesquisadoras convidadas:
Beleni Saléte Grando (Unemat)
Joelma Parente M. Alencar (UEPA)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA - FUNAI

Saete Miranda
Pedro Ortale
Antônio Costa
Antônio Fernando
Moacir Santos
Terezinha Gasparin Maglia
Moacir Santos
Frederico Campos
Hiran Viana
Estela da Funai-PE

MINISTÉRIO DA CULTURA

Sérgio Mamberte
Américo Cordula
Cristiane Dias
Paulo Melo
Jorge Clésio
Andréa Pereira
Tarciana Portella
Mauro Lira
Marcondes Secundino (FUNDAJ)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Armênio Bello Schimidt
Tiago Almeida Garcia
Raquel Martins

MINISTÉRIO DA SAÚDE - FUNASA

Antônio Carlos

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Nelson Pereira
Amara Cavalcante
Angela Mota
Diogo Prado
Francisco Demétrius Luciano Caldas
Francisco Luciano Caldas
George Braga
Kelly Mello
Leonardo Lima
Lorena Suassuna
Luisa Abreu e Lima
Marcus Vinicius Sanchez Lima
Maria Betânia Padilha Cursino
Maria José da Silva
Rafaela Valença
Rita de Cássia Braga
Sandra Sales
Sandra Soares
Sérgio Campelo
Sinara Maranhão
Willian Ribeiro

PREFEITURA DE OLINDA

Luciana Santos
Adriana Assis
Ana Moura
Eliadiana Flavia Pereira Leão
Karla D. Leite Moury Fernandes
Rodolfo Lira
Sidney Mamede
Paulo Hermes Barbosa de Aguiar

PREFEITURA DE RECIFE

Jamerson Almeida
Eduardo Granja
Antonino Fernandes
José Nildo Alves Caú
Renata Lucena
Isaac Junior
Dionete Rocha Leite
Fabiano Guerra Costa
Rafaela Rafael
Carol Melo
Firmo Neto

GOVERNO DO ESTADO DO ACRE

Shirley Torres de Araújo

**COMITÊ INTERTRIBAL MEMÓRIA
E CIÊNCIA INDÍGENA (ITC)**

Marcos Terena
Carlos Terena
João Felipe Terena
Maíara Elluke
Tainá Alencar
Geremias Xavante
Wilson Matos da Silva
Tatiana Ujacow
Manolo Hernandez (Convidado)

CONSELHO NACIONAL

DE MULHERES INDÍGENAS (CONAMI)

Maria Helena Azomezohero
Maria Auxiliadora Lopes Bakoromugo

JOVENS LIDERANÇAS INDÍGENAS

João Felipe Terena (coordenador)
Cristiane Pankararu
Marciano Guarani
Mariká Kuikuro
Samira Terena Xavante
Tauã Terena

ASSESSOR JURÍDICO DO WARÁ

Ubiratan de Souza Maia

LÍDER TRADICIONAL INDÍGENA

Lísio Lili

REPRESENTANTE INDÍGENA DE PERNAMBUCO

Wilton Tuxá

CONSELHO NACIONAL

EDUCAÇÃO INDÍGENA E CONSELHO

DE PROFESSORES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA

Telmo Makuxi

COMITÊ ESPORTIVO INDÍGENA DE PERNAMBUCO

Alexandre Pankararu

GOVERNO DO ESTADO DE TOCANTINS

Nelma Morais (convidada ITC)

Voluntários nos esportes

Ana Paula de Andrade; Ângelo Santos; Cantalice Neto; Carla Martins; Cícero Adriano Melo Figueiredo; Cláudio Cavalcanti; Clodoaldo Rodrigues; Danilo Franklin; Danyele Moura; Eduarda de Souza Brito; Elisadai Monteiro; Erika Marques; Francisco Xavier dos Santos; Gleyson Queiroz; Iury Andrade; Jacqueline Maux; Jaqueline Soares; Jeferson Douglas; Jeová Jr.; Jessyka Mary V. Barbosa; Joelle Feijó; José Félix; José Otávio Sabino; Juliana Barbosa; Juliana Campos; Juliana Clara; Juliana Virgínia; Karina Lira; Luanna A Cheng; Luis Eduardo Costa; Marcos Bezerra; Maria Jaidene Pires; Pablo Lobo; Rildo de Souza; Rivaldo Arruda; Rogério Santiago; Sarah Tavares; Taysa Guimarães; Vânia Fialho.

Voluntários na avaliação

Adriana Barbosa Ferreira Marques dos Santos; Adriano Melo Figueiredo; Alessandra de S. Pereira; Ana Rochele; Aracele Firmino; Arthur José Medeiros de Almeida; Beleni Saléte Grando; Carla Juliana Silva; Cícero; Débora Alice Machado; Janine Furtunato Queiroga Maciel; Jaqueline Soares da Silva; Joicele Moreira; Josuel Salvador de Arruda; Joyelli Moreira da Silva; Juliana Cecília de Carvalho; Juliane Suelen Gonçalves Rabelo Galvão; Julian Alexandre de Araújo; Karla Santos; Maria Leonilde da Silva Gomes; Manuela Pedrosa Almeida; Mariana Lins de Oliveira; Patrícia Raffi Rodrigues; Renata C.S. Lucena Borges; Rúbia Rebeca Botelho Santos; Sérgio Gomes Pena Santos; Maria do Socorro Pereira de Souza; Wanderley; Virgínia Limeira.

ISBN 978-85-88696-73-0



CENTRAL DE
TEXTO



9 788588 169673 0



Ministério
do Esporte

